# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.129 | DOMINGO, 11 DE SETEMBRO DE 2022 | R$ 9,00


Gabriela Biló/Folhapress

## GASTO COM OBRAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL CAI 80% NO GOVERNO BOLSONARO, E SÓ 12 CRECHES SÃO ENTREGUES NO PAÍS

Thalia Santos sai de madrugada para deixar filha em outra casa e trabalhar, no DF; em 2021, MEC deu R$ 101 mi a prefeituras para projetos de educação infantil, ante R$ 495 mi em 2018 Cotidiano B1

# Bolsonaro é quem mais ataca mulheres, diz eleitor

No Datafolha, presidente também é apontado como mais hostil à democracia

Jair Bolsonaro (PL) é percebido como o candidato que mais ataca as mulheres, o que mais ataca a democracia e o que mais mente na campanha, segundo o Datafolha.

Em relação às mulheres, ele é visto como hostil por 51%, e à democracia, 45%.

Seu principal oponente e líder das preferências até agora, Luiz Inácio da Silva (PT), é considerado nessas mesmas posições por 12% no caso das mulheres e por 26% no da democracia. O eleitorado feminino tem sido refratário ao mandatário.

Para 40%, o presidente lidera em mentiras na corrida ao Planalto. Nesse caso, a diferença em relação a Lula, citado por 31%, é menor.

Os dois adversários empatam, com 29% cada um, quando se questiona quem mais ataca os cristãos.

Na pesquisa, feita nos dias 8 e 9 e com margem de erro de dois pontos a mais ou a menos, 48% dizem dar muito peso à igreja ou à liderança religiosa ao definir o voto. Cresceu desde 2018 a fatia para a qual o noticiário é relevante na escolha. Política A4

MÔNICA BERGAMO
Marcos Uchôa trocou a Globo pela política, se diz desapontado e critica a esquerda C2

Geração Z e novas reflexões sobre sexo reduzem cenas de nudez em filmes C4

Vestimentas da Rainha Elizabeth 2ª contribuíram para a sua estabilidade C7

**Esporte** B7
Polonesa Iga Swiatek vence US Open e coroa temporada de vitórias

### Charles 3º é proclamado rei dos britânicos

Ao lado da rainha consorte, Camilla, e do filho William, Charles 3º tornou-se rei em cerimônia no palácio de Saint James, Londres, repleta de ecos medievais, relata **Ivan Finotti**. A Coroa confirmou que o funeral da rainha Elizabeth 2ª acontecerá no próximo dia 19. Mundo A13

Rei Charles 3º firma juramento à Igreja; atrás, o filho William e a mulher, Camilla Victoria Jones/AFP

### Ex-presidente liga morte de eleitor em MT a adversário A8

### Investimento sobe com setor privado, mas não supera pico

Puxada pelo setor privado, a taxa de investimento da economia brasileira passou de 14,3% do PIB no segundo trimestre de 2017 para 18,7% no mesmo período de 2022, com destaque para construção e softwares.

O indicador, porém, está há nove anos abaixo do recorde de 21,5% em 2013, quando o motor eram os recursos estatais. O empresariado diz que, sozinho, o mercado de capitais privado não é suficiente. Mercado A17

### Privatização ajudou ex-estatais a crescer e enfrentar crises A20

Aponte a câmera do celular no código acima e baixe o novo aplicativo da Folha

### Veneza dá Leão de Ouro a zebra e coroa figurões

O longa "All the Beauty and the Bloodshed", de Laura Poitras, foi o grande vencedor do Festival de Veneza de 2022. Cate Blanchett foi eleita a melhor atriz por sua atuação em "Tár". Foi a premiação menos previsível em anos. Ilustrada A16

### Influencers contam a 'vida real' de um imigrante nos EUA

De forma amadora e com pouca edição de vídeo, expatriados brasileiros começaram a se tornar influencers de "vida real" ao mostrarem a rotina de quem trabalha nos EUA de faxineiro, babá ou na construção. Mercado A22

***Marcos Lisboa***

### *Política nacional sofre cartelização*

A concessão de privilégios a grupos organizados foi retomada com vigor e tudo indica que veio para ficar. O Executivo foi conivente com a captura da gestão pelo Congresso, que encampou a agenda patrimonialista. Mercado A24

EDITORIAIS A2

*Presidente pesado*
Sobre a corrida ao Planalto, segundo o Datafolha.

*Europa sem gás*
Acerca de impacto econômico da guerra na Ucrânia.

ATMOSFERA
São Paulo hoje
19° 12°

ISSN 1414-5723

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Presidente pesado

### Distância entre Lula e Bolsonaro cai lentamente no Datafolha, a despeito do uso da máquina pública

A mais recente pesquisa Datafolha confirma o progressivo, porém moroso, estreitamento da diferença numérica entre os dois principais candidatos à Presidência.

Embora a distância seja a menor desde maio, observa-se desde o início da campanha um quadro de poucas mudanças, no qual Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a menos de um mês do pleito, mantém os mesmos 45% das intenções de voto da sondagem da semana passada, ante 34% de Jair Bolsonaro (PL), que oscilou dois pontos para cima.

Para notar uma tendência mais consistente de crescimento das intenções de voto no atual mandatário, é preciso considerar um período maior de tempo.

Há quatro meses, ele marcava 27%, enquanto Lula tinha 48%; em julho, foi a 29%, variação ainda dentro da margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Nas duas sondagens seguintes, em agosto e início de setembro, ficou nos 32%.

O movimento é acompanhado por uma melhora paulatina da avaliação do governo, como costumeiramente ocorre em períodos eleitorais. Desde o início do ano, a parcela dos que consideram a administração federal ótima ou boa se elevou de 22% para 31%.

Bolsonaro avançou muito pouco, porém, na redução de sua acachapante rejeição, que alcança 51% do eleitorado —não muito diferente do pico de 55% apurado em junho. O contingente dos que dizem não votar em Lula em nenhuma hipótese é bem menor, embora tenha subido de 33% para 39% desde maio.

Não por acaso, o petista mantém vantagem na simulação de um hoje mais provável segundo turno, de 53% a 39% —cifras quase idênticas às da pesquisa anterior (53% a 38%). A diferença, no entanto, caiu de 29 para 14 pontos neste ano.

Tudo considerado, são evidentes as fragilidades de Bolsonaro na busca pela reeleição, a despeito do desembolso descomunal de dinheiro público em medidas eleitoreiras. A elevação do Auxílio Brasil a R$ 600 e a deflação produzida pela redução de impostos sobre combustíveis surtiram efeito modesto, até aqui, nas intenções de voto.

A aprovação a seu governo ainda é inferior à obtida em 2014 pela petista Dilma Rousseff (36%), que se reelegeu a muito custo e não concluiu seu segundo mandato.

O presidente continua muito mal entre eleitores mais pobres, mulheres e nordestinos. Entre beneficiários diretos ou indiretos do Auxílio Brasil, Lula lidera por 56% a 28%.

Convém não subestimar, todavia, as vantagens do incumbente na disputa eleitoral —ainda mais tratando-se de um que não mostra nenhum escrúpulo na exploração da máquina pública e até de um evento nacional como o bicentenário da Independência.

## Europa sem gás

### Continente sofre com escassez de energia devido à guerra na Ucrânia e se aproxima da recessão

Um dos desdobramentos econômicos mais dramáticos da guerra na Ucrânia é o baque no fornecimento de gás para a Europa por parte da Rússia. Multiplicou-se por dez o custo da principal fonte de energia para fábricas e residências, o que eleva a probabilidade de uma recessão nos próximos meses.

O impacto no continente é brutal, a começar pela escalada da inflação, que chega a dois dígitos em vários países. As contas de luz em alta têm provocado protestos populares, uma aposta de Vladimir Putin para erodir a unidade do apoio ocidental à Ucrânia.

Nas últimas semanas, contudo, os sinais de progresso militar da Ucrânia parecem reforçar o alinhamento. Até agora, a carestia não alterou substancialmente a posição popular —pesquisa recente na Alemanha indica que 70% são favoráveis ao apoio ao país agredido.

Diante desse fato, Putin não hesitou em radicalizar o uso do gás como arma, chegando a ponto de descontinuar o fluxo por meio dos gasodutos como represália às sanções adotadas pelos europeus.

Nas últimas décadas, a orientação geopolítica, sob liderança da Alemanha, foi ancorar a produção industrial no fornecimento de gás russo barato. A dependência se tornou perigosa, atingindo mais de 40% das importações —a parcela caiu a 9% nos últimos meses.

A dificuldade na busca de opções é óbvia. Nos primeiros meses da guerra, gás e petróleo russos continuaram a chegar, mesmo com sanções, a preços mais altos ocasionados pelo próprio conflito, financiando a máquina de guerra de Putin. Estima-se que neste ano a receita com exportações tenha chegado a cerca de US$ 140 bilhões.

A decisão política de descontinuar a dependência da Rússia está tomada, mas não será indolor. A União Europeia tem adotado medidas de economia, e até racionamento, de modo a armazenar o máximo de gás antes do inverno.

Buscam-se fontes alternativas, como o gás liquefeito importado do Oriente Médio e dos Estados Unidos. Para tanto, porém, será necessário grande investimento em terminais de armazenamento.

Em outra frente, além do apoio dos governos às empresas e famílias, financiado em parte por impostos sobre ganhos extraordinários de empresas fornecedoras de energia, estuda-se a adoção de limites para o preço do gás.

Tudo sugere que a economia europeia enfrentará duros desafios, com efeitos no restante do mundo.

## A ética da ciência

**Hélio Schwartsman**

Cientistas são responsáveis pelo uso que se faz de suas descobertas? Colocando a coisa de forma bastante concreta, físicos deveriam ter renunciado a desvendar os segredos dos átomos porque esse conhecimento poderia levar às bombas nucleares? Puxando a brasa para as humanidades, devemos pôr na conta de Marx atrocidades que ditaduras comunistas cometeram evocando suas ideias?

Faço essas perguntas por causa de um editorial recente da "Nature Human Behaviour" que está causando polêmica. Resumindo muito o argumento, a peça afirma que as diretrizes éticas estabelecidas, notadamente aquelas relativas a raça, gênero e orientação sexual, se aplicam não só às pessoas que serviram como sujeitos de pesquisa mas também a indivíduos e grupos que não tiveram participação direta. A implicação, claramente expressa pelos editores, é que artigos poderão ser recusados e até anulados, se se considerar que suas conclusões, ainda que involuntariamente, estigmatizam grupos ou enfraquecem direitos.

Esse me parece um passo epistemologicamente complicado. Podemos e devemos restringir nossas ações por diretrizes éticas, mas daí não se segue que a natureza tenha de ser politicamente correta. Se houver alguma verdade inconveniente atuando no mundo natural, é melhor descobrir isso e lidar com as consequências no plano ético, não censurar a busca do conhecimento.

No mais, a ética é sempre local e temporalmente circunstanciada. Segundo as diretrizes éticas firmemente estabelecidas no século 19, a homossexualidade era inaceitável. Pela lógica da Nature, uma pesquisa de 200 anos atrás que concluísse não haver nada de errado com o sexo entre iguais deveria ser vetada.

O bonito da ciência é que ela é imprevisível. O mesmo conhecimento que criou as destrutivas bombas atômicas permite gerar eletricidade sem $CO_2$ como subproduto, o que poderá ser a salvação da civilização diante do aquecimento global.

helio@uol.com.br

## A conta de chegada de Ciro Gomes

**Bruno Boghossian**

Jair Bolsonaro foi até o púlpito em que estava Ciro Gomes pouco antes do debate entre os presidenciáveis, há duas semanas. Depois de um cumprimento, o presidente perguntou ao adversário: "Ô, Ciro, vai deixar o Lula voltar?". Aos risos, o pedetista retrucou: "Isso é problema seu. Renuncia que eu derroto ele".

O relato, feito por Ciro para explicar uma foto em que Bolsonaro cochicha em seu ouvido, mostra que o pedetista conhece o bloqueio matemático que o ameaça. Ainda que ele consiga melhorar seus números, a trajetória de recuperação de Bolsonaro torna reduzidas as chances de qualquer outro candidato enfrentar Lula num segundo turno.

Reviravoltas na reta final da campanha não são impossíveis, mas dificilmente ocorrem na dimensão que seria necessária para mexer na corrida deste ano. Nas últimas cinco eleições, nenhum candidato que ostentava apenas um dígito nas pesquisas a três semanas da votação conseguiu uma vaga no segundo turno.

A principal mudança foi registrada em 2014. Na segunda semana de setembro, Dilma Rousseff liderava a disputa (36%), seguida de perto por Marina Silva (33%), com Aécio Neves em terceiro lugar (15%). O tucano drenou os votos de Marina e foi ao segundo turno com 11 pontos de vantagem sobre a ex-senadora.

Em 2018, o próprio Ciro dividia a vice-liderança com Fernando Haddad a três semanas da votação. Ambos apareciam com 13%, atrás de Jair Bolsonaro (26%), mas o petista travou o crescimento de Ciro e foi ao segundo turno com o capitão. O pedetista chegou às urnas com 11%.

Nos dois casos, o cenário favoreceu aquele que era visto como principal desafiante de quem liderava as pesquisas. Como em 2018, pesa contra Ciro o fato de que ele não ocupa esse papel na cabeça do eleitor.

O pedetista ainda insiste nesse caminho ao manter Lula na mira. É provável que ele ajude a aumentar a rejeição ao ex-presidente, mas não consiga reduzir a diferença de 27 pontos para ultrapassar Bolsonaro e enfrentar o petista.

## Wayuri, voz coletiva da Amazônia

**Denise Mota**

Sobre a Amazônia, costuma-se falar "de acordo com" ou para "dar voz a". Mas a rede de comunicadores indígenas Wayuri —que nasceu com 18 integrantes e hoje tem 55, de 15 etnias— vem falando em primeira pessoa, com língua própria, sobre a terra em que nasceram, cresceram e lutam para seguir habitando.

Vinculados à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, que reúne 23 povos, há cinco anos produzem, traduzem e levam notícias muitas vezes essenciais para a sobrevivência a lugares recônditos do Brasil.

O foco é a "defesa territorial, cultural e dos direitos desses povos", resumiu Claudia Wanano, editora e produtora da Wayuri, em nossas conversas durante e depois do festival Fala, que reuniu em Salvador representantes de meios alternativos de várias regiões do país. Atenção à diversidade na prática e capacidade de adaptação são indispensáveis nesse processo, que atinge 750 comunidades.

Votações sobre pautas indígenas, campanhas de saúde, anúncios de ameaças que se avizinham ou já se instalaram no território são alguns dos componentes, por exemplo, do programa de rádio semanal Papo da Maloca, com alcance em São Gabriel da Cachoeira e arredores, onde a rede está sediada.

Também de um boletim de áudio que pode ser ouvido em português nos tocadores de podcast e que é vertido, com circulação local, para as quatro línguas co-oficiais da região: nheengatu, tukano, baniwa e yanomami.

Apesar de dificuldades, como a instabilidade da internet e a carência de equipamentos, eles continuam a se expandir e a tecer alianças, além de promover oficinas de formação de lideranças indígenas e de mulheres com foco em comunicação e incidência política. "Temos vários sonhos, sempre compartilhando com todo mundo", diz Wanano, com comovente entusiasmo e serenidade.

É esse compromisso que compõe a essência da rede: "wayuri" significa "trabalho coletivo" em nheengatu.

## O crime perfeito

**Muniz Sodré**

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

"Eu poderia ficar parado na Quinta Avenida, atirar em alguém e ainda assim não perderia um eleitor."

Essa frase recente de Donald Trump, perdida em meio à sua verborragia incivil, pode ser tomada como sinal forte da neobarbárie americana. Isso existe em larga escala e comprova-se em qualquer exame da cultura dos "rednecks" ou dos grupos de terrorismo interno. Mas a frase tem conotações que se irradiam para além dos EUA, quando se presta atenção às entranhas do neofascismo emergente em outras partes do mundo.

O teor cru e grosseiro da afirmação esconde uma artimanha de sentido: ele não está dizendo que deixaria de ser preso ou eventualmente condenado, e sim que nenhum de seus eleitores se incomodaria com o crime.

De fato, num país de leis realmente aplicáveis, como é o caso dos Estados Unidos, ninguém escapa às mãos lavadas do arcabouço legal: ex-presidente ou não, ele seria arrastado aos tribunais. Ele afirma, porém, que fora do escopo formal da República, mas ainda na prática cotidiana da democracia, um assassinato aleatório daqueles seria assimilado por seus seguidores.

Emerge assim um tópico da alta reflexão, que é a diferença entre a lei e a regra. Lei é uma forma abstrata ou vazia, mas independente de seus conteúdos, de sua letra, ela envolve e coage o cidadão. É o que mostra "O Processo", de Kafka: o protagonista, intimado e condenado por um crime que desconhece, cai absurdamente na trama legal. No limite, é indiferente conhecer ou desconhecer a lei, já que o imperativo é a obediência à forma.

A regra, ao contrário, é familiar aos parceiros do jogo social (como, aliás, em qualquer jogo) e sua eficácia depende do reconhecimento comum. A lei proíbe matar, mas isso só funciona quando corroborado pela regra comunitária.

A frase de Trump implica uma supressão da regra em que se apoia na vida concreta o respeito aos princípios humanos. Claro, isso pode estar nas leis, mas sua prática depende de uma educação, ao mesmo tempo privada e pública, capaz de levar a um consenso positivo. A afirmação de um ex-dirigente nacional é perturbadora porque pode ser verdadeira: o fascismo, seja o antigo ou o emergente, traz no bojo a violação continuada (legal, moral, humana) do comum.

Isso pode lançar alguma luz sobre o fato obscuro de que, em outros países, personagens similares comunguem do espírito daquela frase, isto é, da aderência psíquica e política à violência impune. A arma e o gozo do assassinato constituem o móvel da busca de uma regra à margem da lei.

Afinal, o sonho de todo e qualquer fascismo é o crime perfeito.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *As rosas não falam*

Por favor, ministra, coloque ordem no Supremo

**Joaquim Falcão**

Membro da Academia Brasileira de Letras, professor de direito constitucional e conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)

"As rosas não falam", diria o sambista maior, Cartola. Sobretudo a ministra Rosa Weber. A partir de segunda-feira (12), presidente do Supremo Tribunal Federal.

Indicada por Dilma Rousseff (PT) em 2011, quase nada fala. Não dá entrevista. Não vai à rádio ou televisão. Nem tem rede social. Não posta no Twitter. Não fala fora dos autos. Em outubro de 2023, cairá na compulsória e sairá. Mandato curto. O que fará neste período? Qual seu projeto? Qual contribuição para a democracia?

O Supremo está sob ataque externo. Sobretudo dos Poderes Executivo e Legislativo. E milícias. Bolsonaristas ou não.

Mas não se entra em batalha com casa desarrumada. O Supremo está desarrumado.

Mais do que nunca, o país precisa do Supremo unido. Previsível e célere na maneira de decidir: quem, como e quando. O mal-estar é palpável.

A insegurança jurídica, a incerteza econômica e a imprevisibilidade de política são alimentadas diariamente não por suas decisões. Mas pela maneira como são tomadas.

Não precisamos do irrealismo mágico de teorias importadas para explicar. Nem se desiludir com o Estado democrático de Direito.

O Supremo deixou de ser instituição convergente. Passou a ser um "intra-brigante".

É detentor da palavra final, como rezava o ministro Celso de Mello. Mas, hoje, a palavra final não é do colegiado. Foi privatizada pelo individualismo e posições de alguns ministros. O Brasil ficou temporário. Em suspense judicial.

O cerne do mal-estar é a simbiose entre a privatização monocrática e o "pedido de vista-bloqueio".

Faz 359 dias que o ministro Kassio Nunes Marques pediu vista no processo que avaliaria decretos de Jair Bolsonaro (PL) sobre armas para a população. Provavelmente esperava passarem as eleições com um Brasil armado. Mesmo com a votação parcial de 3 a 0, paralisou o processo. Vista de conveniência.

O relator, ministro Edson Fachin, tinha que esperar a devolução dos autos. Marques não devolveu. Abuso de autoridade. Com impaciência democrática, nesta semana, Fachin agiu. Suspendeu parte dos decretos. Argumentou: a matéria era urgente ante o risco de violência política na campanha eleitoral.

Foi autodefesa do colegiado, dos demais ministros, do Supremo e da democracia. Criou precedente.

Não mais inércia diante de "pedidos de vista-bloqueio".

A nova lei de abuso de autoridade, de 2019, diz que é crime, sob pena de detenção de seis meses a dois anos e multa, "demorar demasiada e injustificadamente no exame de processo de que tenha requerido vista em órgão colegiado, com o intuito de procrastinar seu andamento ou retardar o julgamento".

O regimento interno do Supremo dá prazo máximo de 30 dias para devolver o processo. O Código de Processo Civil, dez dias. Depois o presidente coloca na pauta. Com ou sem o voto. Simples assim.

Por favor, ministra Rosa Weber, coloque ordem. Ministro não é supremo. Em nenhuma nação do mundo. A instituição tem que ser previsível. Ter prazos decisórios, segurança jurídica.

O devido processo legal pede que não se frequente palácios. Nem almoços com autoridades. Não se negocie. Sobretudo com partes processuais e interessadas. Não conversar em "on" ou "off" com a mídia. Que se queixem às rosas.

Não se expor festivamente aos lobbies judiciais e da advocacia. Agenda transparente.

Gilberto Freyre dizia que os juristas, por formalismo exagerado, se isolaram da realidade brasileira. Precisariam de psicanálise para reencontrá-la.

Talvez não tanto. Mas Sócrates dizia que o mais importante da vida era o "conhece-te a ti mesmo".

Restaurar, dentro do Supremo, a maneira de decidir poderá ser seu maior legado para o Estado democrático de Direito. E assim, bate outra vez, com esperanças, o coração da Justiça.

KOVENSKY

?

Martin Kovensky

## *As regras do jogo eleitoral e a várzea dos dados*

Grande teste é saber se normas inibirão uso ilegal

**Rafael A. F. Zanatta, Pedro Saliba e Gabriela Vergili**

Respectivamente, diretor, líder de projeto e pesquisadora da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa

Em outubro de 2018, a repórter Patrícia Campos Mello, desta **Folha**, revelou detalhes da operação de empresas de disparos automáticos de mensagens que ofereciam serviços para mobilizar eleitores pelo WhatsApp. Por trás da engrenagem de desinformação, estava a utilização ilícita de bases de dados, provavelmente vendidas por ex-funcionários de grandes empresas.

As companhias citadas eram Quickmobile, Yacows, Croc Services e SMS Market. Por R$ 0,10, era possível disparar uma mensagem da própria base do candidato. Se fosse uma base fornecida pela agência, o preço subiria para R$ 0,40. Em 2020, a SallApp foi proibida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo de distribuir, promover, operar e vender serviços de mensagens em massa pelo WhatsApp. No ano seguinte, as empresas Kiplix, Deep Marketing, Yacows e Maut foram proibidas de usar a imagem do WhatsApp e vender pacotes de disparos.

Hoje, um dos desafios da Justiça Eleitoral é fazer valer a Lei Geral de Proteção de Dados no contexto de campanhas eleitorais. Autoridades públicas chegaram a elaborar um guia sobre o assunto. Um dos problemas é como garantir propagandas lícitas na internet, especialmente quando há uso de nossos dados.

A propaganda eleitoral na internet é regulada pela legislação de cinco formas. A primeira é por sítio do candidato, com endereço eletrônico comunicado à Justiça Eleitoral e hospedado em provedor brasileiro. A segunda é por sítio do partido político, federação ou coligação hospedado no Brasil e comunicado à Justiça Eleitoral.

A terceira é por meio de mensagem eletrônica para endereços cadastrados gratuitamente pelo candidato, partido, federação ou coligação, desde que exista uma "base legal" para tratamento de dados pessoais nos termos da LGPD —como consentimento. Nesses casos, o cidadão tem direito a informações sobre o tratamento de seus dados e um canal de comunicação para obter a confirmação da existência do tratamento e formular pedidos de eliminação de dados ou descadastramento.

A quarta é por meio de blogs, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, sendo que o conteúdo deve ser gerado ou editado pelos candidatos, partidos, federações ou coligações, desde que não contratem disparos em massa; ou pessoa natural, vedada a contratação de impulsionamento e disparo em massa de conteúdo.

A quinta é o impulsionamento feito com aplicações como Instagram e Facebook, mediante CPF do responsável, CNPJ e menção expressa à "propaganda eleitoral" no momento em que a informação chega ao público-alvo. Somente empresas cadastradas na Justiça Eleitoral podem oferecer tais serviços.

Mesmo com regras claras, há notícias de vendas de bases de dados em grupos de Telegram e empresas que insistem em oferecer serviços de disparos em massa, ambos negócios ilegais. Nesses casos, só há uma alternativa: a ação rápida da Justiça Eleitoral para barrar essas empresas e evitar que ilícitos se perpetuem durante o período eleitoral.

As regras do jogo para 2022 são distintas das de 2018. O problema não está na ausência de normas eleitorais focadas na proteção de dados pessoais. O grande teste será avaliarmos se essas regras são para valer ou se nosso jogo eleitoral, o mais importante para a democracia, virou uma várzea apoiada nos usos ilegais de nossos dados.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### Inflação

Até agora não tem diferença nenhuma nos supermercados, que é o que realmente importa ("IPCA cai em agosto, e inflação em 12 meses fica abaixo de 10%", Mercado, 10/9).
**Jailson de Bezerra** (Brasília, DF)

### Polícia e jogo do bicho

Diga-me com quem andas e lhe direi quem és. Não falha nunca ("Ex-chefe de Polícia Civil do RJ é preso sob suspeita de envolvimento com jogo do bicho", Cotidiano, 10/9).
**Maria Aparecida de Carvalho Dias** (Uberlândia, MG)

*

Eu me surpreenderia se a manchete afirmasse que não está envolvido na contravenção...
**Maria Helena Firmbach Annes** (Porto Alegre, RS)

### Fortuna da rainha

Supera o dinheiro da corrupção no Brasil ("Saiba de quanto é a fortuna acumulada pela rainha Elizabeth 2ª", Mundo, 9/9)?
**Geraldo Antonio Marcuz** (Tietê, SP)

*

Monarquia é coisa de amador. Muito melhor são os barões do Orçamento secreto, os monarcotraficantes nacionais, os duques da grilagem de terras e os condes togados dos privilégios e super salários.
**Daisia Soares Dutra** (São Paulo, SP)

### Desmatamento

Querem aproveitar o pouco tempo que resta de impunidade com Bolsonaro no governo para desmatar o máximo possível e queimar tudo ("Desmatamento na Amazônia explode em agosto e alcança 2ª maior marca para o mês já registrada", Ambiente, 10/9)! A despolítica ambiental deste governo foi e está sendo um desastre para o país!
**Vilarino Escobar da Costa** (Viamão, RS)

*

É incrível como tudo de ruim é possível neste país.
**Jenny Gonzales** (São Paulo, SP)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**COTIDIANO** (10.SET, PÁG. B4) Em parte dos exemplares, foi publicado incorretamente na reportagem "Samu de SP leva pacientes sem maca na ambulância" que a Secretaria Municipal da Saúde não comentou os relatos de ameaças feitos por profissionais do Samu. Este foi o posicionamento da pasta: "O Samu de São Paulo, que tem como prioridade o socorro à população, desconhece as supostas 'ameaças', respeita seus colaboradores e zela por um ambiente de trabalho pautado pelo respeito mútuo e a ética".

**Temas mais comentados pelos leitores no site**
De 3 a 9.set - Total de comentários: **15.639**

| | | |
|---|---|---|
| 523 | Bolsonarista é preso em MT após matar apoiador de Lula em discussão política (Política) | **9.set** |
| 344 | Discurso de Lula sobre corrupção cambaleia após se ajustar a cada momento político (Política) | **4.set** |
| 325 | Justiça Eleitoral determina busca e apreensão na casa de Sergio Moro (Mônica Bergamo) | **3.set** |

### ASSUNTO EM SUA OPINIÃO, EM QUAIS MOMENTOS O ROTEIRISTA DO BRASIL EXAGEROU?

O roteirista devia estar em transe quando mostrou o presidente em campanha eleitoral e mentirosa nas festividades da Independência. Estava em surto psicótico quando descreve o presidente exaltando o próprio pênis, em alusão a valores de sociedade machista e cafona!
**Maria Cristina Ramon** (Rio de Janeiro, RJ)

*

1 - A renúncia inusitada e despreparada do ex-presidente Jânio Quadros; 2 - O suicídio de Getúlio Vargas; 3 - A eleição do Collor.
**Raphael Rocha Campos Weick Pogliese** (São Paulo, SP)

*

Na história moderna, o país sediar dois enormes eventos esportivos em dois anos renderia sequência de cenas especiais, mas convenha-se pelo auto exagero o país amargar derrota por sete gols no seu esporte mais apaixonante. O roteirista, talvez, fosse mais afeito à primeira medalha do que à possível sexta taça.
**Lucas Eugênio de A. Silva** (Itaúna, MG)

*

O roteirista enlouqueceu de verdade. Qual roteirista em sã consciência poderia criar personagens como o general Heleno, Weintraub, Pazuello, Damares e Sérgio Camargo? Só um híbrido deformado de Ionesco, Kafka e Buñuel imaginaria personagens tão caricaturalmente bizarros, grotescamente absurdos como estes e seu líder.
**Rodrigo Strasburg Toni** (São Paulo, SP)

*

Getúlio Vargas se apoiar numa "fake news" chamada de plano Cohen para amedrontar a população sobre suposta tentativa de se instaurar uma ditadura comunista no Brasil e, com base nesta fake, ele próprio inaugurar a ditadura.
**Richard Negreiros de Paula** (Rio de Janeiro, RJ)

*

Quando um presidente puxa coro de imbrochável num feriado cívico.
**Elaine Leoni** (Ribeirão Preto, SP)

A lei 3.353, de 13/5/1888, declarou em duas linhas 'extincta' a escravidão. Só. Após séculos de transferência forçada de milhões de pessoas de um continente a outro, num dos casos mais perversos da humanidade, os negros foram entregues à própria sorte, sem direito à indenização e a políticas compensatórias, nem a pedido de desculpas pelo Estado.
**Aulo R. Kiyoto Matsushitak** (Jundiaí, SP)

*

Além da desgraça da escravidão e do racismo, o nosso roteirista passou dos limites ao permitir a construção de uma sociedade que considera natural e insolúvel a existência das várias cracolândias pelo país...
**Cassio Chamy Farkuh** (São Paulo, SP)

*

O roteirista do Brasil exagerou em relação à construção de nova capital, no meio do nada, em tempo recorde e dentro do cronograma.
**Rodrigo Cassio M. da Silva** (Cuiabá, MT)

*

1 - Duração da ditadura militar.
**Felipe Andre Chagas Gomes** (Natal, RN)

*

Na ditadura, houve dois momentos ruins: (1) quando o vice Pedro Aleixo cedeu aos militares; em vez de ir para MG e lá tomar posse após o impedimento de Costa e Silva. Foi para o Rio, ali deposto, entregou o cargo para a Junta Militar, que "brindou" o país com Médici. (2) Na morte de Tancredo Neves, o presidente da Câmara, Ulisses Guimarães, podendo assumir como presidente, preferiu empossar José Sarney.
**Eduardo V. N. Coelho** (Belo Horizonte, MG)

*

O momento mais bizarro foi a Independência. O filho se proclamou independente do pai, o que talvez não seja incomum. Anos depois foi suceder o pai e ser rei do país que ele tinha declarado ser independente e deixou seu filho, menor de idade, como imperador do Brasil.
**Guilherme Zambrana Toledo** (São Bernardo do Campo, SP)

PAINEL

*Fábio Zanini*
painel@grupofolha.com.br

## Boi e Bíblia

A pesquisa Datafolha divulgada nesta sexta-feira (9) mostra avanço de Jair Bolsonaro (PL) em dois eleitorados prioritários para sua campanha, o agronegócio e os evangélicos. O presidente cresceu no Centro-Oeste, região onde se concentram grandes ruralistas: foi de 37% para 47% e agora está 17 pontos à frente de Lula (PT), que caiu de 39% para 30%. Já entre os evangélicos a diferença que era de 16 pontos percentuais passou para 23: de 48% a 32% para 51% a 28%.

**GANGORRA** Em maio deste ano havia empate técnico entre evangélicos, Bolsonaro com 39% e Lula, 36%.

**FAMÍLIA** Representantes do agronegócio se fizeram presentes no desfile de 7 de Setembro e enviaram tratores à parada oficial. Lula, por outro lado, se indispôs com o setor por ter chamado parte dele de "fascista e direitista".

**TRUNFO** A campanha de Márcio França (PSB) ao Senado de São Paulo diz que a subida do adversário Astronauta Marcos Pontes (PL) em algumas pesquisas não assusta.

**FOGUETE** O cálculo é o de que França subirá quando passar a vincular sua campanha mais diretamente à de Lula. Até agora, o candidato tem procurado fixar sua imagem pessoal junto ao eleitorado.

**BOCA...** Durante entrevista para uma rádio de Guaratinguetá (SP) no último dia 1º, Lu Alckmin evitou responder sobre as decisões de seu marido, Geraldo, de trocar o PSDB pelo PSB e de desistir de disputar o Governo de SP e se tornar vice de Lula.

**...DE SIRI** Ao ouvir a pergunta, ela fez menção de responder, mas interrompeu subitamente a fala e sorriu. Os entrevistadores então reformularam a questão e ela disse apenas que, quando o marido a consultou, afirmou que estaria sempre ao lado dele.

**REPETIDA** A assessoria de Lu afirma que a ex-primeira-dama já havia respondido à pergunta antes.

**FUI** Prefeito de Marília (SP), Daniel Alonso anunciou que deixará o PSDB e migrará para o PL, deixando assim de apoiar o governador tucano Rodrigo Garcia e migrando para o lado do ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos).

**BAIXA** Em comício, ele disse que o PSDB de hoje não o representa mais. A defecção é sinal negativo para Garcia, que tem no apoio de prefeitos um dos pilares da perspectiva de crescimento da campanha.

**NÓS** Presidente do PSDB-SP, Marco Vinholi diz que a saída de Alonso deriva de decisão do partido, que, segundo ele, preferiu filiar Vinicius Camarinha e colocá-lo para conduzir o partido em Marília.

**LIMPA** A campanha de Lula já obteve no TSE 15 vitórias para retirada do ar de fake news contra ele. As publicações, a maioria em redes sociais, são de autoria de bolsonaristas. Dentre elas, estão tuítes do próprio presidente Bolsonaro, associando Lula ao PCC.

**PHOTOSHOP** O tribunal também determinou, por exemplo, a remoção de fotomontagem em que Suzane von Richthofen, condenada pelo assassinato dos pais, é posta ao lado de Lula. Foi retirada ainda publicação em que um homem é falsamente identificado como irmão de Adélio Bispo, autor da facada contra Bolsonaro.

**NADA FEITO** A campanha petista diz ter sido alvo de 23 representações da coligação do presidente. Algumas foram indeferidas, como as que pediam proibição do uso da expressão "Bolsonaro Genocida" e suspensão de propaganda da campanha de Lula na TV sobre imóveis comprados pela família dele com dinheiro vivo.

**BIBLIOGRAFIA** Na ação que protocolou contra Lula por ter comparado o 7 de Setembro a uma reunião da Ku Klux Klan, a campanha de Bolsonaro menciona "Como as Democracias Morrem", livro de 2018 rotineiramente citado por opositores do presidente para alertar para os riscos de uma guinada autoritária.

**PREOCUPADO** "Como bem descreve a aclamada obra de Levitsky e Ziblatt, a polarização é uma perigosa arma contra a democracia, notadamente quando líderes extremistas, sob a alegação de defendê-la, atacam a elite política e seus opositores", diz a ação.

**ENGORDA** O PSOL projeta igualar os 10 deputados federais que fez em 2018 apenas com o desempenho no Rio e em SP. No país todo, o partido prevê chegar a no mínimo 15 parlamentares, com eleitos em estados como RS, MG, AP, PA e CE.

**MÉTODO** O uso das redes sociais por Bolsonaro desde 2018 é o tema de "Democracia Sequestrada" (ed. Media XXI), livro que o jornalista e pesquisador Ricardo Ribeiro Ferreira está lançando. Doutorando em Política na Universidade de Edimburgo (Escócia), ele discute também a desinformação em diversos países e os desafios na regulação do fenômeno mundialmente.

**com Guilherme Seto e Juliana Braga**

# Para eleitores, Bolsonaro é quem mais mente e ataca mulheres, diz Datafolha

### Segundo pesquisa, presidente também é visto como o candidato que mais ataca a democracia e o que tem mais respeito por cristãos

**Felipe Bächtold**

**SÃO PAULO** Em desvantagem nas pesquisas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) é visto como o candidato que mais ataca as mulheres e a democracia e o que mais mente na campanha, segundo o Datafolha.

Segundo o levantamento, 40% dos eleitores apontam Bolsonaro como o mais mentiroso, ante 31% que indicaram Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Citaram "todos" 14%.

O pior resultado para Bolsonaro foi na pergunta sobre quem mais ataca as mulheres, segmento do eleitorado com menos adesão à sua candidatura. O candidato foi citado por 51% dos entrevistados, enquanto o ex-presidente recebeu 12% das respostas. Não souberam 24%. Considerando apenas as mulheres, 54% disseram que Bolsonaro é quem mais as ataca.

Nos eventos de 7 de Setembro, o mandatário voltou a fazer declarações de teor machista e entoou gritos de "imbrochável" para apoiadores, em modo de celebração.

Também nesses atos, voltou a falar em tom de ameaça contra instituições, como ao afirmar: "Esperem uma reeleição para verem se todos vão jogar dentro das quatro linhas da Constituição".

Para 45% dos eleitores, ele é o presidenciável que mais ataca a democracia. Outros 26% consideram que Lula é quem mais a ameaça.

Apesar do foco do presidente Bolsonaro em discursos religiosos na campanha, o eleitor o vê como um dos candidatos que mais atacam os cristãos. De acordo com o Datafolha, 29% dos entrevistados dizem isso do presidente, mesma porcentagem que aponta Lula como o que mais tem essa atitude.

Ao se levar em conta apenas o eleitorado evangélico, a avaliação negativa de Lula dispara nesse quesito. Nesse segmento, o petista é visto como quem mais ataca os cristãos por 49%, ante 13% de menções a Bolsonaro.

Já no eleitorado católico, o atual presidente tem avaliação negativa nesse questionamento —é citado por 38%.

O eleitorado evangélico, que corresponde a cerca de 25% do total da mostra, é uma das bases políticas do bolsonarismo.

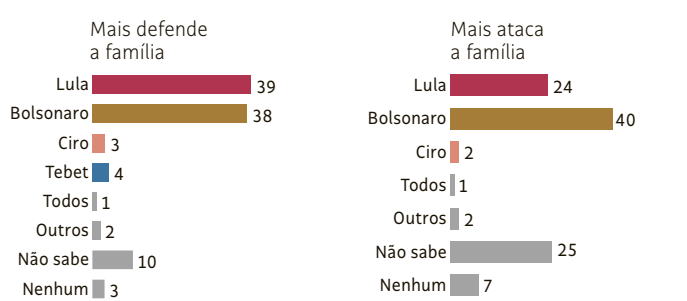
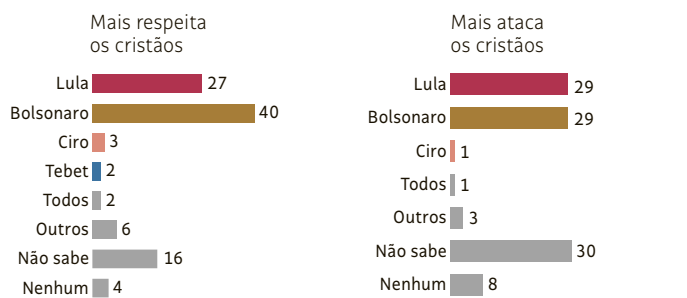
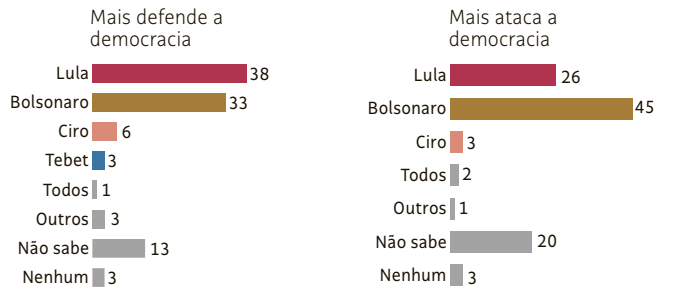
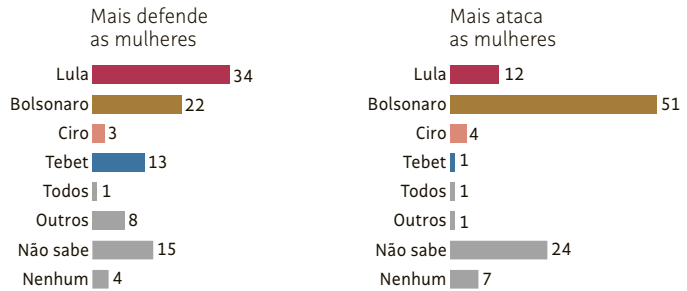
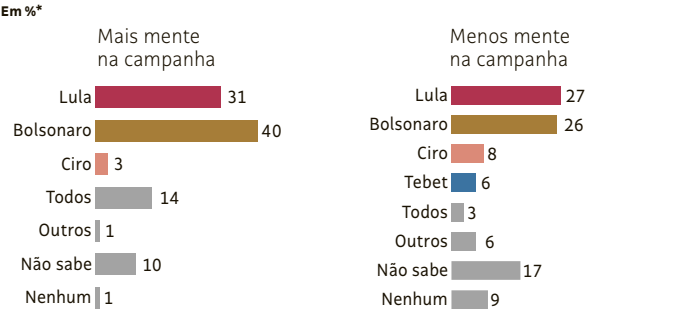
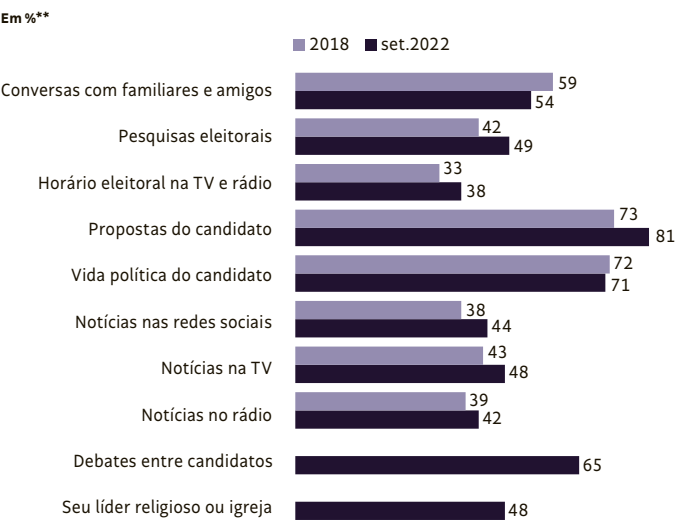
"O Estado é laico, mas o seu presidente é cristão", disse o presidente em ato no Rio de Janeiro, durante a semana.

Na pergunta sobre qual dos candidatos à Presidência da República mais respeita os cristãos, o atual presidente foi o mais citado pelos entrevistados na pesquisa, com 40%, ante 27% de Lula.

O levantamento também incluiu questionamentos sobre quem mais defende e quem mais ataca a família, tema frequente dos discursos do candidato à reeleição.

Nas respostas sobre quem mais defende, os dois candidatos que vêm liderando as pesquisas estão tecnicamente empatados: o petista foi citado por 39%, e seu principal rival por 38%.

Já no item sobre quem mais ataca a família, o atual mandatário foi citado por 40% dos entrevistados, e o ex-presidente por 24%. Também nesses itens a avaliação negativa de Lula tem um salto ao se levar em conta apenas os eleitores evangélicos.

*Continua na pág. A6*

O que tem muita importância na decisão do seu voto para presidente?

*Nem todos os candidatos foram citados em algumas perguntas. **Soma do 1º, 2º e 3º mais citados
Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.676 pessoas de 16 anos ou mais em 191 municípios em 8 e 9.set; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-07422/2022

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 6 | R$ 9 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 7 | R$ 10 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 7,50 | R$ 11 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE, TO | R$ 11,50 | R$ 14 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 12 | R$ 15 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
349.464 exemplares (julho de 2022)

Saiba mais sobre o Instituto Cultural Vale

# Museu do Ipiranga e Museu Nacional. A Vale se orgulha de apoiar a reconstrução do nosso patrimônio cultural.

Na semana do bicentenário da Independência do Brasil, celebramos a inauguração do Museu do Ipiranga/USP, em São Paulo, e o avanço da restauração do Museu Nacional/UFRJ, no Rio de Janeiro. A Vale, por meio do Instituto Cultural Vale, tem orgulho de ser parte da reconstrução desses dois patrimônios históricos e culturais únicos do Brasil. Valorizando a cultura, crescemos e evoluímos juntos.

**Transformar a mineração hoje é transformar o amanhã de todos.**

A Vale apoia os projetos Museu Nacional Vive e Museu do Ipiranga com recursos próprios, complementados com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Para eleitores, Bolsonaro é quem mais mente e ataca mulheres, diz Datafolha

*Continuação da pág. A4*

Essa parte da pesquisa é composta por uma sequência de dez perguntas sobre a percepção do eleitor acerca dos presidenciáveis. Os resultados reforçam a tendência de polarização da campanha, com Lula e Bolsonaro sendo os mais citados em todas elas. Outros nomes desta eleição, como Ciro Gomes (PDT), são pouco mencionados.

O instituto ouviu no levantamento 2.676 eleitores na quinta (8) e na sexta-feira (9). A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. O trabalho foi encomendado pela **Folha** e pela TV Globo sob o número BR-07422/2022 no Tribunal Superior Eleitoral.

## 48% dizem dar muita importância a religião no voto

Quase metade do eleitorado diz que dará muita importância a fatores religiosos na hora de definir o voto para presidente, de acordo com o Datafolha.

Pesquisa do instituto feita na quinta (8) e na sexta-feira (9) aponta que 48% dos eleitores afirmam que seu líder religioso ou sua igreja terá alta relevância na hora de escolher o candidato, ante 34% que dizem que não haverá influência deles na decisão.

Disseram que darão "um pouco de importância" 16% dos entrevistados ouvidos. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Ao se considerar apenas os evangélicos, que correspondem a cerca de um quarto do eleitorado, a taxa de respostas de alta importância a esse fator sobe, atingindo 56%. Entre católicos, o índice vai a 52%.

O segmento evangélico é uma das bases políticas de Jair Bolsonaro (PL). Entre eleitores do presidente, mais entrevistados dão importância a esse fator na definição do voto: 54%.

No levantamento, o Datafolha também questionou os entrevistados sobre outros fatores que levam à definição do voto.

O item mais citado pelos eleitores foram "propostas do candidato de um modo geral", com 81% dando muita importância para elas.

Disseram dar muita importância para "a vida política de seu candidato" 71%.

A pesquisa ouviu 2.676 eleitores e foi encomendado pela **Folha** e pela TV Globo sob o número BR-07422/2022 no Tribunal Superior Eleitoral.

### Importância do jornalismo para definir voto aumenta

A quantidade de eleitores que dão muita importância para o trabalho jornalístico no momento de definir o voto para presidente aumentou de 2018 a 2022, de acordo com o Datafolha. Segundo pesquisa feita na quinta (8) e na sexta (9), consideram altamente relevante para a escolha do candidato as notícias na TV 48% dos entrevistados. Em 2018, eram 43%. Questionados sobre notícias nas redes sociais, 44% dos entrevistados disseram que elas são altamente relevantes para a escolha do voto. Há quatro anos, eram 38%. Já em relação a notícias no rádio, as respostas positivas foram de 42% —eram 39% em 2018.

# Veja como se dividem eleitores voláteis de Ciro Gomes e de Simone Tebet

Presidenciável do PDT lidera como segunda opção de voto entre aqueles que admitem mudar de candidato

**Carolina Linhares**

SÃO PAULO Os eleitores de Ciro Gomes (PDT) e de Simone Tebet (MDB) são mais propensos a mudar de voto do que os de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL). Segundo pesquisa Datafolha, 54% dos eleitores do pedetista e da emedebista admitem votar em outro candidato no dia 2 de outubro.

Entre os apoiadores de Ciro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é o que mais aparece como segunda opção, já entre os emedebistas indecisos, a divisão é mais equilibrada entre Lula, Bolsonaro e Ciro como "Plano B".

A repartição da segunda opção de voto para eleitores de Ciro Gomes é de 33% para Lula, 30% para Bolsonaro, 14% para Simone Tebet, 9% para Soraya Thronicke (União Brasil), 8% brancos e nulos e 6% que não sabem.

Em 1º de setembro, essas parcelas eram de 35% para Lula e 24% para Bolsonaro. Em 18 de agosto, 34% a 20%.

Os eleitores voláteis de Tebet cogitam Lula (23%), Ciro (21%) e Bolsonaro (19%) como segunda opção de voto para presidente da República. Outros 10% preferem Soraya, enquanto brancos e nulos somam 18% e 7% não sabem.

Num eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro, os eleitores de Ciro Gomes afirmam que votariam no petista em sua maioria (48%), ante 26% no atual presidente da República e 22% iram votar em branco ou nulo.

Os eleitores de Tebet também preferem Lula (41%) a Bolsonaro (22%), enquanto 33% declaram branco ou nulo no segundo turno.

O contingente de eleitores de Lula e Bolsonaro disposto a mudar de voto é menor —14% e 17% respectivamente.

Entre os eleitores de Lula que poderiam votar em outro candidato, 34% escolhem Ciro como "plano B", enquanto 21% migrariam para Bolsonaro, 15% para Tebet e 7% para Soraya —9% votariam branco/nulo e 10% não sabem.

Também entre os bolsonaristas, Ciro é a principal segunda opção. Os eleitores incertos de Bolsonaro tendem para Ciro (39%), Lula (26%) e Tebet (8%). Outros 5% declararam branco ou nulo, enquanto 6% não sabem.

Quando a pergunta é, de modo geral, sobre quem seria a segunda opção de voto do eleitor não convicto, Ciro lidera com 25%, ainda de acordo com a pesquisa Datafolha divulgada nesta sexta-feira (9).

O mesmo levantamento mostra, porém, que a minoria do eleitorado admite mudar de candidato —77% dizem estar decididos sobre sua escolha e 22% ainda podem trocar sua intenção de voto.

O alto índice de eleitores convictos explica a estabilidade na corrida presidencial, que até agora teve Lula em primeiro lugar e Bolsonaro em segundo. Nesta rodada, o petista marcou 45% contra 34% do atual presidente. Ciro está em terceiro, com 7%.

Ciro lidera como "plano B", seguido de Lula (18%) e Bolsonaro (17%), que estão empatados na margem de erro.

A lista de segunda opção de voto segue com Tebet, com 11%; Soraya, com 6%; Vera Lúcia (PSTU), com 2%; Pablo Marçal (Pros), com 2%; Sofia Manzano (PCB), com 1%; Felipe d'Avila (Novo), com 1%; e Padre Kelmon (PTB), com 1%. Os demais não pontuaram.

O TSE (Tribunal Superior Eleitoral), porém, rejeitou a candidatura de Marçal na última terça-feira (6).

Outros 8% declararam branco ou nulo como segunda opção de voto, enquanto 6% não souberam responder.

Na pesquisa anterior, de 1º de setembro, Ciro era a segunda opção de voto para 23%, ante 18% de Bolsonaro e 17% de Lula.

O novo levantamento do Datafolha foi feito na quinta (8) e nesta sexta-feira. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos. A pesquisa, contratada pela **Folha** e pela TV Globo, ouviu 2.676 eleitores em 191 municípios e está registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número BR-07422/2022.

**Ciro segue liderando como segunda opção de voto**

Entre os eleitores de cada candidato, em %

Tebet e Soraya ficaram mais conhecidas nas últimas semanas

% dos entrevistados que conhecem os nomes

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.676 pessoas de 16 anos ou mais em 191 municípios em 8 e 9.set; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-07422/2022

**29% dos eleitores não sabem o número do candidato em que pretendem votar**

Em %

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.676 pessoas de 16 anos ou mais em 191 municípios em 8 e 9.set; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-07422/2022

# Orgulho de ser brasileiro sobe e volta ao patamar pré-pandemia de Covid-19

SÃO PAULO Na semana do aniversário de 200 anos da Independência, mais brasileiros se dizem orgulhosos do país, de acordo com o Datafolha.

Pesquisa feita na quinta (8) e na sexta(9) aponta que 77% dos entrevistados dizem ter mais orgulho do que vergonha do Brasil, ante 21% de respostas na direção oposta. Não soube 1%. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

O resultado representa uma alta em relação à pesquisa anterior nesse quesito, feita em 2021, quando o índice estava em 70%. Antes, em maio de 2020, os orgulhosos tinham recuado e eram 67%.

O país à época enfrentava a primeira onda de mortes da pandemia da Covid-19, com o fechamento de comércio, escritórios e serviços públicos.

No fim de 2019, a resposta positiva estava em 76%. Na série histórica do Datafolha, o índice mais alto de respostas falando em vergonha ocorreu em junho de 2017, quando 47% dos entrevistados responderam nesse sentido.

Naquele período, o país vivia o auge da Operação Lava Jato e testemunhava a repercussão de denúncias de corrupção que quase custaram o mandato do então presidente Michel Temer (MDB).

As taxas passaram por oscilações e quedas ao longo da última década, em meio a crises políticas e econômicas.

Na mais recente pesquisa, o índice de orgulhosos do país é mais elevado entre homens do que entre mulheres (80% a 74%). Também sobe no Centro-Oeste (83%) em relação ao Nordeste e Sudeste (75%).

Ao se cruzar os dados com as intenções de voto na eleição presidencial, é possível notar que os eleitores de Jair Bolsonaro (PL) são mais otimistas.

Entre o eleitorado do presidente, os orgulhosos do país somam 91%. No segmento específico de eleitores do ex-presidente Lula (PT), que lidera a disputa eleitoral, a taxa cai para 70%.

Bolsonaro usou as festividades do bicentenário, na última semana, para promover politicamente sua candidatura, com atos em Brasília e no Rio de Janeiro.

O presidente também tem tentado usar a favor de sua campanha os símbolos nacionais, como a bandeira brasileira. A camisa da seleção nacional virou uma das marcas de seus apoiadores já desde a sua primeira eleição, em 2018.

**Como se sente em relação a ser brasileiro?**

Em %

Sente mais orgulho ou vergonha de ser brasileiro?

Em %

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.676 pessoas de 16 anos ou mais em 191 municípios em 8 e 9.set; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-07422/2022

# Correligionários ignoram Ciro Gomes nas redes

Candidatos do Sul e Sudeste se associam mais e, no Nordeste, favorito no Maranhão não menciona pedetista em postagens

**Danielle Brant e Mariana Zylberkan**

BRASÍLIA E SÃO PAULO Candidatos do PDT têm ignorado o nome de Ciro Gomes nas redes sociais, com destaque para aqueles que disputam vagas no Congresso ou o governo de estados no Norte e no Nordeste.

A **Folha** analisou os perfis no Instagram e no Facebook dos candidatos do partido nas 27 unidades federativas, do início oficial da campanha, em 16 de agosto, até o início deste mês.

Um dos casos mais exemplares é o do Maranhão, onde o favorito nas pesquisas, o senador Weverton (PDT), ignora Ciro em suas postagens.

Em 24 de agosto, Weverton postou um vídeo no qual aparece de mãos dadas com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), um dos principais alvos de críticas de Ciro.

"E se Lula for presidente? É claro que vamos trabalhar juntos para mudar o Maranhão."

Weverton tem como vice em sua chapa Hélio Soares, presidente estadual do PL, partido de Jair Bolsonaro. O candidato ao Senado é Roberto Rocha, do PTB de Roberto Jefferson.

Em suas redes, Rocha posta fotos ao lado de Bolsonaro, incluindo as de motociatas.

O descolamento de Ciro também é observado nas candidaturas à Câmara dos Deputados, em relação às quais não há menção ao presidenciável ou às suas propostas. A opção é por associação a Weverton e, em menor escala, a Roberto Rocha.

Procurado, Weverton afirmou já ter dito em inserção que o candidato do PDT é Ciro Gomes. "E o PDT do Maranhão tem feito movimentação em favor do Ciro. Mas meu foco é encontrar soluções para o meu estado, que sofre com a falta de emprego e baixos indicadores sociais", disse.

"Não me apego a padrinhos políticos, mas ao diálogo com todas as bases sociais que querem virar a chave para um novo momento de desenvolvimento no Maranhão. E na minha base há partidos e movimentos sociais que apoiam outros candidatos a presidentes e eles farão o palanque para os candidatos deles."

O candidato Ciro Gomes (PDT) faz campanha em Passo Fundo (RS) Keiny Andrade/Divulgação

O presidente do PDT, Carlos Lupi, disse que não acompanha a rede social de todos os candidatos do partido devido ao ritmo intenso de campanha, mas afirmou que vai questionar Weverton sobre a falta de apoio a Ciro. Ele ressalta que a aliança do partido no Maranhão é ampla.

A polarização eleitoral entre Lula e Bolsonaro restringiu bastante a possibilidade de alianças na pré-campanha de Ciro, que sempre enfrentou resistências internas à sua candidatura.

A dificuldade se refletiu nos limitados palanques nos quais o PDT tem candidatura própria a governo —10 estados— ou que compõe chapa como vice —4.

Mesmo no Ceará, base política de Ciro, ele encontra resistência —ainda que em escala bem menor que em outros estados. A dificuldade, em parte, é originada na disputa que se deu para a escolha do nome do partido ao governo.

Uma ala defendia o nome da atual vice-governadora, Izolda Cela —ela teria apoio do PT. Aliados do presidenciável, no entanto, optaram por Roberto Cláudio, que acabou escolhido, criando um racha que levou o PT a romper aliança com o PDT no estado.

A divisão levou alguns nomes que concorrem à Câmara dos Deputados a se afastar da candidatura de Ciro. Ianna Brandão, por exemplo, cita Roberto Cláudio em sua campanha, mas desconsidera o presidenciável. Idilvan defende Izolda —que se desfiliou do PDT— e ignora Ciro.

Diante da falta de alianças em nível nacional, Ciro acabou escolhendo como vice um quadro do partido, Ana Paula Matos, vice-prefeita de Salvador. A decisão buscou ampliar o apoio ao pedetista na Bahia, quarto maior colégio eleitoral do Brasil. No estado, a associação dos candidatos à Câmara é majoritariamente com o candidato ao governo, ACM Neto, da União Brasil, e com a própria Ana Paula. Alguns também postam vídeos e hashtags aludindo a Ciro.

No Norte, o PDT montou chapas puras no Amazonas e em Roraima, estados onde Ciro aparece com frequência nas redes de candidatos aos governos e também dos que tentam uma vaga na Câmara.

Em estados como o Acre, a associação é rara, enquanto no Amapá é inexistente.

Sempre que questionado sobre a falta de apoio, Ciro costuma usar o argumento de que é um abolicionista em meio a escravistas no sentido de que prega mudanças profundas nos modelos políticos e econômicos do país o que causa incômodo à maioria dos partidos.

Na pesquisa Datafolha divulgada nesta sexta (9), Ciro Gomes teve 7% das intenções de voto, uma oscilação de dois pontos para baixo em relação ao levantamento anterior.

A variação ocorreu após Ciro vir de um bom desempenho na sabatina realizada pelo Jornal Nacional em 23 de agosto. Além disso, em alguns lugares houve um movimento de candidatos do PDT de se associar à imagem ao pedetista após a entrevista e depois do debate organizado por **Folha**, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura, em 28 de agosto.

No Paraná, a escultora Amanda Gallego começou a divulgar sua pré-campanha a deputada federal em uma rede social em 28 de junho, sem mencionar o candidato do partido à Presidência. A primeira menção a Ciro só é feita em 24 de agosto, um dia após a sabatina no Jornal Nacional e durante visita dele a Curitiba, quando ela postou foto com o candidato e com Ricardo Gomyde, nome do PDT ao governo paranaense.

No Centro-Oeste, o Distrito Federal é um dos palanques mais sólidos do pedetista. A senadora Leila tem chances de ir ao segundo turno contra o atual governador, Ibaneis Rocha (MDB). Ela e a maioria dos nomes à Câmara postam material de campanha, fotos e vídeos com o presidenciável.

No maior colégio eleitoral do país, São Paulo, Ciro tem como palanque a candidatura ao governo do ex-prefeito de Santana de Parnaíba Elvis Cezar, que faz uma associação intensa de seu nome ao do candidato à Presidência, mas ele tem apenas 1% das intenções de voto.

O estado concentrou a maior parte da agenda de Ciro no país até agora e foi para onde o pedetista se mudou para facilitar a campanha. Ele participou de atos ao lado de Aldo Rebelo, candidato do PDT ao Senado, e Antonio Neto, dirigente do partido e postulante a deputado federal.

No estado, há um certo equilíbrio entre os candidatos a deputado que optam por associar a imagem ao presidenciável e os que omitem a ligação.

No segundo maior colégio eleitoral, Minas Gerais, o PDT costurou aliança com a candidatura de Marcus Pestana (PSDB) ao governo na esperança de obter o apoio dos tucanos em São Paulo, o que não ocorreu.

Pestana e Bruno Miranda (PDT), ex-vereador de Belo Horizonte e candidato ao Senado, costumam postar fotos e santinhos de Ciro em suas páginas. A grande maioria dos candidatos a deputado pelo estado, entretanto, omite o nome do seu presidenciável.

No Rio de Janeiro, o PDT apostou no ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves para o governo, em uma aliança com o PSD de Gilberto Kassab. Há uma associação forte dos principais candidatos do estado a Ciro, entre eles o ex-candidato à Presidência Cabo Daciolo, que disputa o Senado.

## Campanha do pedetista diz que bolsonarista tentou agredir o candidato no RS

**Priscila Camazano e João Pedro Pitombo**

SÃO PAULO E SALVADOR A campanha de Ciro Gomes (PDT) divulgou uma nota neste sábado (10) afirmando que um bolsonarista tentou agredir o candidato durante a passagem da comitiva do presidenciável em Porto Alegre.

Segundo a nota, o homem, identificado como Lisandro Vargas Vila Nova, foi retirado do Acampamento Farroupilha por agentes da Polícia Federal que fazem a segurança do candidato após tentar agredir Ciro e sua equipe. Ele foi revistado e, embora tenha dito estar armado, nenhuma arma foi encontrada, segundo a equipe do candidato.

Um boletim de ocorrência foi registrado pela equipe jurídica de Ciro Gomes.

Em entrevista à **Folha**, o advogado Lisandro Vargas Vila Nova afirmou que não tentou agredir Ciro. Ele disse que estava no parque acompanhado da filha, de 10 anos, se aproximou do pedetista e gritou o nome presidente Jair Bolsonaro, de quem é apoiador.

Depois disso, Lisandro diz que foi agredido por aliados do pedetista: "Foram eles que vieram para cima de mim e me agrediram, fiquei com uma lesão no olho", disse Lisandro, que afirmou que irá registrar um boletim de ocorrência.

Questionado sobre o motivo de ter provocado o pedetista, o advogado foi sucinto: "Estamos em uma democracia".

Em nota, a PF informou que um dos assessores de Ciro "teria se desentendido com um manifestante contrário, tendo chegado a vias de fato".

Em live nas suas redes sociais, Ciro Gomes comentou o episódio: "Está tudo bem, não aconteceu nada comigo".

"Chegou um bolsonarista desses que infestam a vida brasileira, entrou ali e fez uma provocação. Eu nem prestei atenção porque não quis interromper a cantoria que estava boa. Mas aí o cara, talvez para se defender, covardes que são, disse que estava armado", afirmou. "Bolsonarista, além de frouxo e covarde, é mentiroso também", disse.

A também candidata à Presidência Simone Tebet (MDB) cobrou um posicionamento de Bolsonaro sobre o envolvimento de seus apoiadores em casos de violência política.

"Bolsonaro, que foi vítima de um lobo solitário, não pode assistir em silêncio essa escalada de violência política. É uma omissão covarde", afirmou a emedebista no Twitter.

# Lula atribui morte em MT a Bolsonaro e diz buscar família

Ex-presidente participou de comício em Taboão da Serra (SP) no sábado (10)

**Victoria Azevedo**

TABOÃO DA SERRA O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) atribuiu ao presidente Jair Bolsonaro (PL) a responsabilidade pela morte de um apoiador do petista em Mato Grosso, na quinta-feira (8).

Ele disse que tentou localizar a família de Benedito Cardoso dos Santos na manhã deste sábado (10), mas que não conseguiu. Afirmou também que pediu ao senador Paulo Rocha (PT-PA) para buscar informações sobre os familiares da vítima.

"O PT tem a obrigação de saber todas as coisas para ajudar essa família que foi vítima do genocida chamado Bolsonaro", disse Lula durante comício em Taboão da Serra (SP).

Nesta quinta, em Confresa, a 1.160 km de Cuiabá (Mato Grosso), um homem que defendia o ex-presidente Lula foi morto por um bolsonarista após uma discussão.

Autor do crime, Rafael de Oliveira, 24, passou por audiência de custódia, e a Justiça de Mato Grosso o manteve em prisão preventiva. Segundo a polícia, ele confessou ter matado a facadas o colega de trabalho depois de uma discussão política. Ainda de acordo com as autoridades, o autor tentou decapitar a vítima e, após o crime, filmou o corpo.

Lula já havia comentado o assassinato de Benedito, na sexta, usando termos como intolerância, ódio e selvageria.

"É com muita tristeza que soube da notícia do assassinato de Benedito Cardoso dos Santos, na zona rural de Confresa. A intolerância tirou mais uma vida. O Brasil não merece o ódio que se instaurou nesse país. Meus sentimentos à família e aos amigos de Benedito", escreveu o petista em uma rede social.

No evento deste sábado, Lula comentou pesquisa Datafolha divulgada nesta sexta-feira (9) e afirmou que Bolsonaro "não dormiu" após o resultado. O levantamento mostrou o ex-presidente liderando a corrida de primeiro turno com 45% das intenções de voto, ante 34% de Bolsonaro.

"A quantidade de dinheiro que ele está gastando, quantidade de coisa que ele está tentando fazer com medo que a gente ganhe lá. Quero que ele saiba que ele pode dar o dinheiro do mundo que ele não vai comprar a consciência de 215 milhões de brasileiros."

O petista voltou a citar a compra de imóveis em dinheiro pela família de Bolsonaro.

"Toda a minha família, quando foi denunciada, a gente permitiu que a Polícia Federal investigasse, que fosse investigar, porque quem não deve não teme. Eles foram na minha casa, foram na casa dos meus filhos e não acharam nada e não tiveram vergonha de mostrar na televisão que não acharam nada", disse.

"Pois eu quero que vá na casa do Bolsonaro para ele explicar como é que ele comprou aquela quantidade de casa com R$ 26 milhões pago em dinheiro. De onde veio esse dinheiro? Não foi de salário de deputado, não foi salário de senador. Eu só quero que ele explique. Eu nem estou dizendo que ele fez maldade. Eu só quero que ele explique", continuou o petista.

Lula disse ainda que Bolsonaro não tem "autoridade moral" para chamar outras pessoas de ladrão.

Ele voltou a comparar os atos bolsonaristas de 7 de Setembro a uma reunião da Ku Klux Kan, grupo americano de supremacistas brancos.

"Ele agora tá me processando porque disse que o caminhão dele estava na supremacia branca. Não tinha negro, pensei que era quase a Ku Kux Klan, da supremacia branca que não gosta de pobre, de preto, de pardo, de índio, de quilombola, de mulher, de doméstica. É essa gente que está dizendo que vai destruir o PT."

Lula também ironizou as declarações de Bolsonaro sobre ser "imbrochável".

"O Brasil não pode aceitar um presidente da República que vai no 7 de Setembro dizer: 'eu sou imbrochável'. Ora, ele estava falando para quem? Para a mulher dele, porque ninguém quer saber o que ele é. Ninguém quer saber se ele é brocha ou se ele não é brocha. Isso é problema dele, não é problema nosso. A gente quer saber se vai ter emprego, se vai ter salário, se vai ter educação."

Lula estava acompanhado de seu vice, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), do candidato do PT ao Governo de São Paulo, Fernando Haddad, e do ex-governador Márcio França (PSB), candidato ao Senado na chapa encabeçada por Haddad.

O ex-ministro Aloizio Mercadante, o presidente do PSOL, Juliano Medeiros, o líder sem-teto Guilherme Boulos (PSOL), o deputado federal Márcio Macedo (PT-SE) e o prefeito de Taboão da Serra, Aprígio (Podemos), também participaram do ato.

Alckmin também teceu críticas a Bolsonaro. "Um presidente que tem saudade da ditadura não pode pedir voto para o povo, porque não acredita na democracia", disse.

Haddad também citou os casos de violência política em seu discurso e disse que apoiadores de Bolsonaro "partiram para a ignorância total", lembrando do assassinato de Marcelo Arruda, em Foz do Iguaçu (PR)

Em julho, um policial penal federal bolsonarista invadiu uma festa de aniversário e matou a tiros o guarda municipal e militante petista Marcelo de Arruda.

Haddad afirmou ainda que é preciso encerrar as eleições logo no primeiro turno. "Não é por medo de debate. Queremos dar fim a esse regime opressor de intolerância e violência que estamos vivendo. Faltam dois pontinhos."

Lula ao lado de Márcio França, Haddad e Alckmin em Taboão da Serra Mathilde Missioneiro/Folhapress

### PT abre ação no TSE contra Bolsonaro por 7/9

A campanha de Lula (PT) apresentou ação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) contra Jair Bolsonaro (PL) por abuso de poder econômico e político e desvio de meios de comunicação na promoção dos atos do 7 de Setembro. A ação requer que sejam investigados o vice na chapa, Walter Braga Netto, e outras 16 pessoas. A Ação de Investigação Judicial Eleitoral pede que a Justiça, de maneira liminar, impeça o presidente de usar na campanha material "gráfico ou audiovisual" dos atos. Também solicita a remoção do vídeo da TV Brasil com a transmissão do desfile do Bicentenário da Independência e requer informações sobre a organização dos atos ao governo e à prefeitura do Rio e a quebra de sigilo bancário, telefônico e telemático de 12 alvos, entre eles o pastor Silas Malafaia e Antônio Galvan, do movimento Brasil Verde e Amarelo.

# PT vê resiliência, e PL, margem de alta, após pesquisa Datafolha

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO Apesar da oscilação positiva do presidente Jair Bolsonaro (PL) na nova pesquisa Datafolha, a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avalia que o levantamento expressa resiliência do petista e mostra dificuldade do atual chefe do Executivo de registrar um crescimento significativo nas pesquisas até o fim da disputa da eleição para a Presidência.

Em outra frente, aliados de Bolsonaro afirmam que a tendência de alta demonstrada ao longo das últimas semanas e os atos do 7 de Setembro apontam que existe margem para o atual presidente da República avançar nos próximos levantamentos e se aproximar ainda mais de seu principal adversário até 2 de outubro, quando ocorrerá o a votação do primeiro turno.

A pesquisa divulgada na última sexta (9) mostra o petista estacionado em 45% e Bolsonaro oscilando positivamente dois pontos, dentro da margem de erro, chegando a 34% das intenções de voto. Trata-se da menor distância entre os dois desde maio de 2021.

A oscilação de Bolsonaro é lida por integrantes da campanha de Lula como fruto de uma sensação de melhora na economia e da exposição nas manifestações no Bicentenário da Independência.

Segundo um integrante do comando da campanha petista, embora o ideal fosse que os números não se alterassem, já havia a expectativa de que o chefe do Executivo se beneficiasse eleitoralmente do pacote que levou à redução de preço dos combustíveis e ao aumento no valor do Auxílio Brasil para R$ 600.

O receio ficou ainda maior depois do ambiente gerado pelos atos do 7 de Setembro, com apoiadores de Bolsonaro mobilizados nas principais cidades do país.

Para um membro da campanha de Lula, os efeitos das medidas econômicas estão chegando ao limite.

A aposta entre conselheiros de Lula é que o voto do segmento de renda mais baixa —hoje favorável ao petista— tende a não variar mais até o dia do pleito.

Aliados do ex-presidente veem os apoiadores do atual chefe do Executivo mais engajados e temem que o avanço de Bolsonaro, apesar de gradual e lento, desestimule a militância.

O secretário de Comunicação do PT, Jilmar Tatto, disse que a pesquisa é ruim para Ciro Gomes (PDT) e pode antecipar um movimento de voto útil da população na tentativa de garantir a eleição de Lula no primeiro turno.

No Datafolha, Ciro oscilou negativamente de 9% para 7%. Simone Tebet (MDB) aparece empacada nos mesmos 5% do levantamento anterior.

Apesar do discurso do voto útil, a possibilidade de vitória nesta etapa da eleição para Lula segue mais distante, segundo a pesquisa.

Já aliados de Bolsonaro insistem na tese apelidada por eles de "Datapovo": contrapor as pesquisas de opinião às manifestações .

A campanha de Simone Tebet minimizou o resultado do Datafolha. O argumento é que esse levantamento refletiu as mobilizações em torno do 7 de Setembro, que teve Bolsonaro como protagonista.

Procurado para comentar o desempenho de Ciro Gomes na pesquisa Datafolha, o presidente do PDT, Carlos Lupi, não respondeu à reportagem.

**Julia Chaib, Catia Seabra, Marianna Holanda e Renato Machado**

Andre Borges/AFP

### BOLSONARO ENFATIZA PAUTA DE COSTUMES EM ATO COM EVANGÉLICOS

O presidente Jair Bolsonaro (PL) baixou o tom nas críticas ao PT que marcaram os seus últimos pronunciamentos e enfatizou a pauta de costumes em reunião com evangélicos neste sábado (10), no Rio de Janeiro. Em convenção de Assembleias de Deus, Bolsonaro repetiu falas contra o aborto, a legalização das drogas, ao que ele chama de ideologia de gênero e criticou países como Venezuela e Nicarágua. Sem citar seus oponentes, voltou a comparar as mulheres dos candidatos a presidente, enaltecendo Michelle Bolsonaro. "Eu falei há poucos dias, comparem as primeiras-damas. Não foi no tocante à estética, à maquiagem, à altura ou a outro atributo qualquer apenas visualizado. Eu quis levar em conta o que está no coração da primeira-dama." Pela manhã, Bolsonaro participou de uma revista naval promovida pela Marinha do Brasil na baía de Guanabara (foto).

O caminhoneiro Jaedson Santos, adepto de Bolsonaro, em Garanhuns (PE) Luara Olivia/Folhapress

# Voto guia opinião sobre auxílios em Garanhuns, de Lula

Na terra natal do petista, seus eleitores acusam Bolsonaro de compra de apoio; já bolsonaristas defendem auxílios

**RAÍZES PRESIDENCIAIS**

**José Matheus Santos**

GARANHUNS (PE) "Compra de voto. Mais nada. Se Lula ganhar, no outro dia a gasolina já estará mais cara. É coronelismo."

Enquanto espera para abastecer o carro em Garanhuns (PE), terra natal do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a professora Jaciara Alves, eleitora do petista, destila críticas à gestão Jair Bolsonaro (PL) pelas políticas na área. Para ela, a queda no preço dos combustíveis desde julho é uma medida eleitoreira.

Já a avaliação de Elias Peixoto, 45, colide com a de Alves, reproduzindo a polarização nos discursos sobre as medidas do governo às portas do pleito. Sem poupar elogios ao presidente, o advogado vê Bolsonaro como o responsável pela queda no preço da gasolina, cujo litro oscila de R$ 4,95 a R$ 5,33 ali.

"Atribuo ao nosso mito, Bolsonaro. Chegou na hora certa a unificação dos impostos dos combustíveis. Estava um absurdo, chegou a quase R$ 9 aqui. O preço estava alto antes graças aos absurdos que existem nos estados. E vai baixar mais", afirma Peixoto, em alusão ao teto para o ICMS dos estados.

A **Folha** ouviu em Garanhuns parcelas afetadas por ações na área econômica, como caminhoneiros, taxistas e condutores de carros e motos. Uma série de reportagens acompanha desdobramentos da corrida presidencial na cidade pernambucana e em Eldorado (SP), onde Bolsonaro tem raízes.

De maneira geral, quem apoia Lula classifica o expediente do governo como tentativa de compra de voto, enquanto eleitores do rival pregam que o atual mandatário fez o que era possível em meio à pandemia e à Guerra da Ucrânia —ainda que alguns bolsonaristas tenham ressalvas sobre os auxílios.

Entre os caminhoneiros, categoria favorecida por parcelas mensais de R$ 1.000 até dezembro, o benefício é visto de forma positiva. No entanto, há controvérsia sobre o momento escolhido.

Apoiador de Lula, o caminhoneiro Álvaro Putu, 62, dirige nas estradas brasileiras há cerca de 30 anos. A admiração pelo ex-presidente vem, segundo ele, por um crédito de governos do petista à categoria. Foi por meio do benefício que Putu diz ter conseguido comprar um caminhão melhor para trabalhar.

O caminhoneiro reclama que foram mais de três anos de aperto no preço do diesel e que apenas na reta final o atual governo prestou assistência. O litro desse combustível custa na casa de R$ 6,60 em Garanhuns. "Isso foi para que o pessoal vote nele, para depois seguir na miséria que está. [Após a eleição] aumenta, ele fala por ele mesmo. É até o dia 31 de dezembro", diz Putu sobre Bolsonaro.

Do lado bolsonarista, Jaedson Lima, 31, que também é caminhoneiro, tem ressalvas à queda dos preços. Mesmo apoiando a reeleição, ele entende que a diminuição se deu em razão da disputa.

"Os preços estão voltando ao normal, mas ainda não está [tudo] normal. Eu creio que, quando passar a eleição, o preço vai dobrar. Pode ter certeza, [é] só por causa das eleições, para não prejudicar", afirma.

Lima diz que ainda apoia Bolsonaro, mesmo em meio às dificuldades econômicas, porque, para ele, o presidente é boicotado pela estrutura de poder. "Ele tenta botar no acerto, mas todo mundo quer tirá-lo. Ele foi uma das pessoas que mais descobriram lavagem de dinheiro, essas coisas, aí ninguém quer."

Reproduzindo a sensação de bolhas no entorno dos dois lados da polarização, os caminhoneiros ouvidos pela reportagem dizem ver maioria a favor do seu candidato entre colegas de profissão.

O taxista Antônio de Barros Araújo, 77, recebeu em agosto a primeira das cinco parcelas mensais do auxílio de R$ 1.000 para a categoria. Ele, contudo, tem ponderações: "Para que R$ 1.000 nas mãos de taxista? Não era melhor investir na saúde e na educação?"

> Isso foi para que o pessoal vote nele [Bolsonaro], para depois seguir na miséria que está. [Após a eleição] aumenta, ele fala por ele mesmo. É até o dia 31 de dezembro
>
> **Álvaro Putu**
> Caminhoneiro

Outro taxista, que não quis se identificar, celebra o benefício, mas diz que o auxílio veio tarde, já que a fase mais difícil foi o auge da pandemia. Ambos são eleitores do PT. "A vida toda votei em Lula", diz Araújo.

Na mesma praça, o representante comercial Paulo Ricardo Lima, 25, eleitor de Bolsonaro, diverge do entendimento de que os auxílios têm cunho eleitoreiro. "Seja na política municipal, estadual ou nacional, quando chega perto da eleição tem coisas que [políticos] fazem para ter a base de votos ampliada. Se foi [eleitoreiro], não sei. Mas não só por isso, tem uma questão de necessidade", afirma.

A aprendiz Istherfany Pereira, 18, ecoa o discurso presidencial de que a pandemia foi um dos fatores que atrapalharam o governo. "Foi muito conturbado, infelizmente, em razão da Covid", diz ela, que é evangélica. A família de Pereira é uma das 25.953 em Garanhuns contempladas com o Auxílio Brasil.

Em Eldorado, no interior de São Paulo, os indícios são de que os benefícios não interferem na decisão de voto. Igualmente, as respostas sobre o tema se moldam conforme a preferência eleitoral.

O taxista Augusto Vieira Soares, 61, usou os R$ 2.000 que recebeu —uma parcela nova e uma retroativa— na reforma que estava fazendo em sua casa. Fiel da Assembleia de Deus Ministério do Belém, ele já votaria em Bolsonaro devido à bandeira da defesa da família e não vincula os benefícios à eleição.

"[A liberação] é por causa da crise, da alta dos combustíveis e da situação, né? Todo mundo passando por dificuldades", diz. Ele vê na pecha de compra de votos um desejo de criticar Bolsonaro, mas contemporiza: "Não é só ele. Todo governo na época política dá um jeitinho de querer ajudar mais o povo, né?".

O município tem 27 taxistas aptos a sacar o auxílio e 1.390 famílias atendidas pelo Auxílio Brasil.

Beneficiária do programa, a desempregada Carina Moreira de Lima Camargo, 27, nunca votou no PT nem cogita escolher Lula desta vez. Ela, que faz bicos de faxineira, não descarta Bolsonaro, mas ainda estuda as candidaturas e admite a chance de anular ou votar em branco.

Darwin e Zuleide, petistas declarados, são exceção em Eldorado (SP) Henrique Santana/Folhapress

# Bolsonaro é 'rei' em Eldorado, e voto em petista é silencioso

Apoio a Lula é tímido na cidade onde presidente passou a juventude, e adeptos relativizam falas do mandatário

**RAÍZES PRESIDENCIAIS**

**Joelmir Tavares**

ELDORADO (SP) Darwin de Castro, 76, um aposentado de barba e cabelos brancos que faz bicos de Papai Noel, começou a usar roupa vermelha mais cedo neste ano. É como ele expressa o voto em Luiz Inácio Lula da Silva (PT), algo incomum em Eldorado (SP), onde Jair Bolsonaro (PL) cresceu e tem uma legião de admiradores.

Um deles mora a poucos passos do casal Darwin e Zuleide de Castro, 74. É o professor aposentado Claudinei Passos, 66, que adornou sua fachada com bandeiras do Brasil, estandartes de "mito 2022" e uma toalha com a foto dele em uma motociata. "Eu idolatro esse homem", diz.

As brigas por política que apartam conhecidos e parentes são algo distante do cotidiano no município, onde a militância ostensiva de bolsonaristas contrasta com o apoio contido da maioria dos lulistas.

Darwin é exceção —a pinta de bom velhinho, supõe ele, inibe eventuais afrontas. Rindo, o aposentado lembra que no dia da vitória de Bolsonaro, em 2018, circulou pela praça "de propósito" com camisa vermelha e que ninguém no meio da multidão de verde e amarelo o incomodou.

"Onde estiver falando de política, eu digo abertamente: sou Lula e fim de papo", afirma ele, que encara a divergência com o vizinho com bom humor. Faz piadas "só para encher o saco", por achar que não o fará mudar de voto. "Ele [Claudinei] é meu amigo desde criança, eu gosto muito dele", comenta Zuleide.

Dinei, como é conhecido, devolve a cordialidade com o casal de lulistas da rua. "Não tem treta", ressalta ele, para quem discutir por política é besteira. Em sua casa, contudo, pede que o nome de Lula nem seja pronunciado. Ele repete que "o Brasil vai virar um país comunista" se o ex-presidente voltar.

A **Folha**, que em uma série de reportagens acompanha a eleição presidencial em Eldorado e Garanhuns (PE), terra natal de Lula, teve ao menos 15 pedidos de entrevista negados por apoiadores do petista na cidade onde Bolsonaro passou a juventude e mantém ainda hoje parentes e amigos.

As razões para a recusa vão desde questões profissionais —a elite financeira eldoradense, que emprega parte da população, tende ao bolsonarismo— até o receio de constrangimentos. Para um morador, o empresariado, ligado sobretudo à bananicultura, perpetua uma espécie de coronelismo.

Nas ruas do núcleo urbano, até se ouve um ou outro cogitando voto em Ciro Gomes (PDT) ou Simone Tebet (MDB), mas são os dois protagonistas da corrida que concentram as atenções.

Grupos de WhatsApp da cidade criados originalmente para trocas de avisos hoje são palanque para a postagem frenética de propagandas do presidente e críticas a Lula, a maior parte baseada em mentiras.

Entre os membros há alguns anti-Bolsonaro que de vez em quando rebatem mensagens ou fake news, sem entrar em confronto. Um deles contou, sob condição de anonimato, que não ultrapassa a fronteira da ironia para evitar inimizades. Na cidade de 15 mil habitantes, muitos se conhecem.

O cenário é diferente na zona rural e em suas 13 comunidades quilombolas, com ampla adesão ao petista. Na localidade de Ivaporunduva, desde agosto se veem adesivos das campanhas de Lula a presidente e de Fernando Haddad (PT) a governador. A preferência nesses territórios é mais declarada.

Moradora do quilombo São Pedro, a universitária Letícia Esther de França, 24, diz que omite seu apoio ao ex-presidente ao andar pelas ruas. "Questão política é difícil, né?" Para ela, "lidar com a opinião diferente de cada um" é ainda mais complicado em uma terra tão ligada a Bolsonaro —ele teve 54% dos votos válidos no município no segundo turno de 2018, índice próximo ao nacional.

> Falam que a gente idolatra o Bolsonaro. A gente não idolatra, a gente gosta da luta dele. Agora, o Lula, a forma de ele falar é medonha, é uma pessoa ultrapassada para a política
>
> **Vania Brisola**
> Professora

Na visão dos quilombolas, parte da zona urbana desmerece o apoio histórico deles ao PT por racismo.

"A gente sabe, vê, presencia atos racistas na cidade, mas a gente não bate de frente", afirma França. A jovem justifica o voto em Lula pelas políticas para a educação e para os pequenos agricultores, como os pais dela. A fala de Bolsonaro em 2018 que usou termos relacionados a animais e citou peso em arrobas para descrever quilombolas de Eldorado jamais foi esquecida por ela.

Já entusiastas do atual chefe do Executivo relativizam problemas de seu governo e suas afirmações mais agressivas. Homossexual, Dinei diz que nunca se sentiu ofendido pelo político. "Todo mundo tem seu momento de fraqueza, né? Mas... tudo bem."

Bolsonaristas enxergam no presidente o jeito falastrão e direto dos eldoradenses. "Nós somos estourados, a gente mete a boca mesmo. Esse jeitão dele não nos assusta", afirma a professora Vania Brisola, 60.

"Falam que a gente idolatra o Bolsonaro. A gente não idolatra, a gente gosta da luta dele. Agora, o Lula, a forma de ele falar é medonha, é uma pessoa ultrapassada para a política."

Raro caso de comerciante local que apoia abertamente o ex-presidente, o dono de postos de combustíveis Antônio Carlos Menezes, 59, diz que evita misturar política e negócios em razão das vendas e em nome da convivência. "Quando você toma um lado, às vezes as pessoas podem achar que você é inimigo, né?", diz Menezes, que acrescenta ter "o maior respeito" por quem pensa de maneira diferente.

Um exemplo dessa separação, conta, é que ele não se furta a trocar moedas para um sobrinho de Bolsonaro que administra a única casa lotérica de Eldorado. "É respeitar para ser respeitado."

Lógica parecida vigora em Garanhuns (PE). A nítida maioria pró-Lula na cidade contribui para o clima ameno nas relações, mas há relatos de discussões e temor diante da violência política no país.

A cuidadora Gabrielly dos Santos, 19, eleitora do petista, considera a disseminação de notícias falsas um combustível para os atritos "Continuam propagando fake news mesmo já tendo sido mostrado que é mentira."

# OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

## *O primeiro golpe de Bolsonaro*

No 7/9, mídia cede muito espaço para o candidato que finge ser presidente

**José Henrique Mariante**

*Quarta-feira, 7 de setembro. O presidente Jair Bolsonaro deu um golpe, mas não aquele que todo mundo temia. Do início da manhã à noite, seu nome, sua imagem, seus argumentos e preconceitos e até sua capacidade sexual dominaram as redes sociais e as conversas no país. Foi a maior exposição que conseguiu em muito tempo, em pleno período eleitoral, ao arrepio da legislação e do equilíbrio exigido da mídia profissional. Algum veículo está preparado para compensar os rivais com 12 horas de atenção?*

*Na GloboNews, Fernando Gabeira não se conteve e fez uma autocrítica que serve a toda a categoria: "Cobrir exaustivamente a fala de Bolsonaro como candidato só é razoável se nós cobrirmos exaustivamente também a fala dos outros. Porque quem falou foi o candidato. Ele falou algumas barbaridades exatamente para nós comentarmos". A receita é conhecida, Bolsonaro choca para manter microfones e câmeras nele. Seus anos de baixo clero e os últimos como presidente não foram suficientes para a imprensa aprender como escapar dessa arapuca. Eliane Cantanhêde em O Estado de S. Paulo e Reinaldo Azevedo na **Folha**, entre outros, ressaltaram a relativa facilidade com que a mídia se deixou sequestrar nesta última semana. Leitores, em mensagens ao ombudsman, foram além, questionando até se não havia uma espécie de síndrome de Estocolmo em curso.*

*Não é um problema novo nem uma jaboticaba. Donald Trump é modelo acabado para autocratas no mundo inteiro. A última capa da revista The Economist, com a sombra de Bolsonaro delineada como se fosse o americano, ilustra bem o fato. Não há solução à vista, o jornalismo navega em águas desconhecidas. O que existe, por enquanto, é mitigação: checar fatos, expor mentiras e dizer tudo de novo, por mais cansativo que pareça. E não baixar a guarda, é óbvio.*

*Se restou generalizada a falta por não apresentar alternativas à cobertura incondicional do candidato que finge ser presidente, a **Folha** cometeu alguns pecados particulares. O principal foi demonstrar certa soberba ao não evidenciar o ataque explícito às pesquisas eleitorais. Bolsonaro trocou as urnas eletrônicas pelos institutos de pesquisa. O único nome relacionado à mídia nos discursos de Brasília e do Rio foi o do Datafolha. No início da noite, a manchete do UOL era precisa: "Bolsonaro sequestra bicentenário, pede votos e ataca Lula e pesquisas". O golpismo não se escondeu, apenas mudou de instância.*

*Contrapor levantamentos sérios com a lenda do "datapovo" é preparar terreno para contestação do resultado. Começa em forma de piada, tática comum da extrema direita, como Carlos Bolsonaro dizer no Twitter que o instituto só vê girassóis na foto da Esplanada cheia de gente. Termina em confusão. O que estaria acontecendo agora se o Datafolha não tivesse aferido que o presidente oscilou dois pontos na pesquisa de sexta-feira (9)? O que acontecerá se o Ipec, na segunda-feira (12), mostrar que era fogo de palha? O que será do país se na boca do primeiro turno pesquisas indicarem que o voto útil liquida a fatura?*

*Como escreveu The Economist em editorial, Bolsonaro, por princípio, não é um defensor da democracia. O presidente finge ser candidato. Partir dessa premissa ajudaria a driblar as armadilhas.*

***É com X ou com CH?***

*O Brasil completou 200 anos de Independência apenas para ver seu presidente repetir que é "imbrochável". Depois de terem tido enorme trabalho para traduzir "tchutchuca do centrão", correspondentes internacionais desta vez puderam ir direto ao ponto. A **Folha** cravou machismo em sua manchete. Lembrou também dos tantos episódios de misoginia do mandatário. Quase ninguém se lembrou do "aquilo roxo" de Fernando Collor. Ou se deu ao trabalho de tentar entender a obtusa lógica de Bolsonaro. Muitos projetaram danos nas intenções de voto. Não se confirmou, diz o último Datafolha. O voto feminino continua como antes, escasso. O evangélico segue em ascensão.*

*Bolsonaro falou de princesas e que os homens solteiros deveriam achar as suas para serem felizes como ele, que tem a primeira-dama incomparável, "mulher de Deus, família e ativa". Ao seu lado, a primeira-princesa mostrou o rosto para a multidão e sorriu. Disse amém após frases nada religiosas do marido, dias depois da nora ter sublinhado as virtudes da mulher que é submissa. **Folha** e boa parte dos jornais partiram para cima do conhecido Bolsonaro grosseiro, sexista e cheio de recalques. Essa é a parte fácil.*

*A difícil é encarar a nova chance de explorar o endereço evidente da pregação, a massa evangélica de muitas formas, em sua maioria distante da grande mídia. A que integra um "Brasil novo", como bem descrito por Vinicius Torres Freire, formada enquanto elites de Rio e São Paulo fantasiavam outro país.*

# Rodas de conversa ajudam eleitor a manter saúde mental

Pleito de 2018 gerou projetos que contribuíram para a redução de danos

**BEM-ESTAR ELEITORAL**

**Géssica Brandino**

Silvis

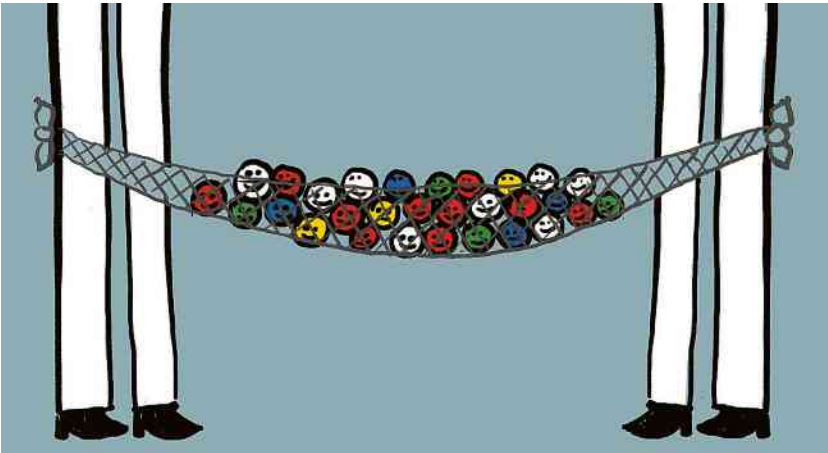
**MOGI DAS CRUZES (SP)** Foi numa roda de conversa com pouco mais de dez participantes que Valdecir Carvalho, 65, encontrou um acolhimento para a angústia que sentia no início de 2019, após a eleição de Jair Bolsonaro (PL).

Próximo do PT, partido ao qual já foi filiado, ele diz que se via como "um cidadão à deriva". Quando soube da iniciativa, foi ao local esperando encontrar um auditório lotado de indignados com a situação do país.

O grupo era pequeno, mas nos encontros do Escuta Sedes, no bairro de Perdizes, em São Paulo, Valdecir notou que compartilhava os sentimentos de muitos. "Eu, que me sentia isolado e ensimesmado nos meus problemas, percebi que havia consonância com o que as pessoas sentiam."

Criado por profissionais do Instituto Sedes Sapientiae preocupados com os reflexos na saúde mental gerados por conflitos políticos, o projeto surgiu depois do primeiro turno do pleito de 2018.

"A situação política atual tem mexido com você? Com suas relações familiares e de amizade? Você se sente desamparado(a), ameaçado(a), preocupado(a)? Tem tido pesadelos ou perdeu o sono? Venha participar das Rodas de Conversa - Escuta Sedes, lugar de acolhimento e troca de experiências."

Naquele primeiro momento, as reuniões eram presenciais, de segunda a sábado, em vários horários. Bastava escolher um lugar na roda, na qual os participantes compartilhavam experiências.

A psicanalista Sílvia Nogueira de Carvalho, integrante do coletivo, conta que a ansiedade diante do contexto político do país se manifestava nos relatos dos participantes de diferentes formas: pesadelos, insônia, falta de apetite ou compulsão alimentar, além de alergias, melancolia, isolamento e paranoia.

Durante a pandemia de coronavírus, os encontros passaram a ser realizados online —e assim seguem até hoje. A atividade é gratuita, tem duas horas de duração e permite a participação de maiores de 16 anos. Para tal, basta preencher um formulário de inscrição disponibilizado no site e nas redes do instituto.

Sílvia afirma que, nas últimas semanas, a preocupação com os atos do 7 de Setembro, convocados por bolsonaristas como uma espécie de "tudo ou nada", marcaram as reuniões. "A roda gira e as perspectivas muitas vezes mudam, mas em geral as eleições se fazem presentes nos encontros."

Outro tema que deve gerar ansiedade aos participantes das rodas de conversa é a perspectiva de novos episódios de violência com motivação política, como o do bolsonarista que matou a facadas um apoiador de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em Mato Grosso. De acordo com a polícia, o agressor ainda tentou decapitar a vítima com um machado e, após o crime, filmou o cadáver.

A psicanalista diz que o projeto não é partidário e que pessoas de perfil conservador já o procuraram, devido a conflitos por divergência política. Como exemplo, cita um casal: a mulher havia ido aos atos anti-Bolsonaro do "Ele não", em 2018, e seguiu nos encontros, enquanto o marido, que discordava dela, não.

A coordenação do projeto estima que ao menos 800 pessoas estiveram nos encontros em 2020 e 2021 —algumas se tornaram membros frequentes, como Valdecir, e outras foram apenas uma ou poucas vezes às reuniões. "As rodas são espaços para uma palavra que está sem lugar. Ao ser dita a quem está disposto a escutar, essa palavra recupera sua força e ajuda a orientar novos movimentos", diz Sílvia.

Com o projeto, Valdecir diz ter aprendido a ouvir o outro e a si, percebendo a necessidade de fazer terapia, tratamento que retomou e concilia com os encontros. "Cheguei lá em frangalhos e hoje estou bem mais equilibrado em relação a essas questões. A roda induz você a prestar atenção a você mesmo."

Outra iniciativa inspirada em quadros de ansiedade pós-eleições de 2018 foi criada no Rio, com foco em pessoas LGBTQIA+, e tem contribuído na prevenção do suicídio. Com encontros gratuitos, o Vozes e Cores é realizado no Instituto de Psicologia da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no Maracanã.

O projeto é vinculado à pesquisa de pós-doutorado do professor Mário Felipe de Lima Carvalho sobre casos de sofrimentos entre pessoas desse grupo no Brasil. O psicólogo afirma que a ideia veio após a vitória de Bolsonaro, quando seus alunos LGBTQIA+ na UFRJ, onde lecionava à época, faltaram às aulas com medo de sair de casa e sofrer agressões. O episódio motivou uma roda, que atraiu professores e profissionais de saúde que tentavam aprender a lidar com o cenário.

Os encontros começaram em março de 2020, com duração de uma hora e meia. Para participar, é preciso preencher um formulário de inscrição, e menores de 16 anos têm de apresentar autorização dos responsáveis.

Embora não haja um tema para os encontros, o professor conta que política virou assunto frequente e, num primeiro momento, era identificada como agravante em quadros de fobia social, pânico e depressão.

A adoção do formato online em 2020 e 2021 permitiu a participação de pessoas de outros estados. Na fase aguda da pandemia, relatos de pensamentos e até mesmo tentativas de suicídio se tornaram comuns, o que reforçou o trabalho de prevenção.

Assim como a iniciativa realizada em São Paulo, o grupo atrai em sua grande maioria pessoas de esquerda, embora visões conservadoras sobre outros assuntos já tenham aparecido nos encontros.

"Pode ser que alguém com essa posição não tenha se sentido à vontade para se expressar no grupo", diz o psicólogo. Ele conta que já atendeu no consultório pessoas de direita, mas que os relatos de sofrimento devido à política tinham perspectiva mais individual, enquanto os no grupo refletem um temor coletivo.

"O processo se torna muito individual, por isso acho que dificilmente esse tipo de sofrimento chega em projetos que fazem atendimento de forma coletiva", afirma.

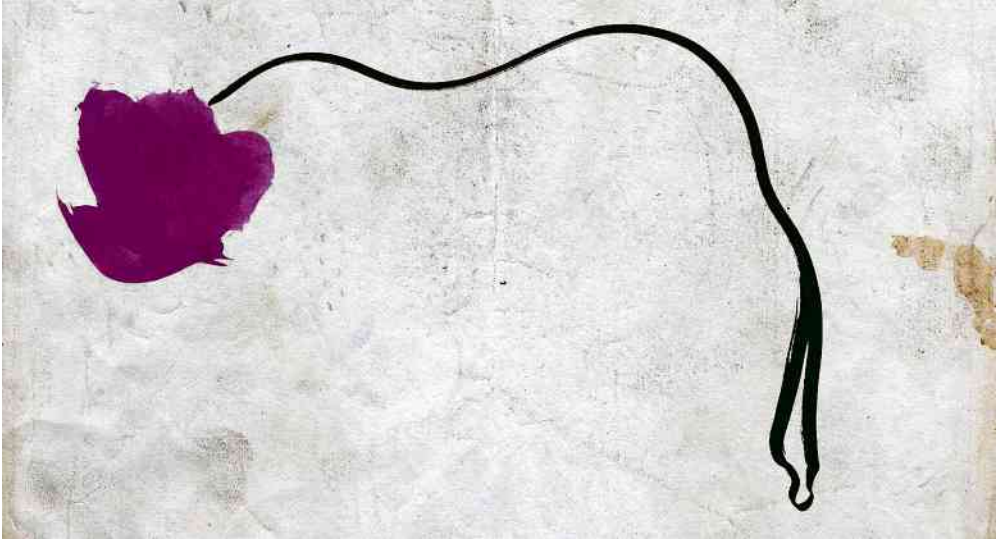
Até hoje, mais de 250 pessoas já frequentaram as rodas, e, para Mário, uma dificuldade é a falta de um trabalho conjunto entre diferentes áreas, o que permitiria o encaminhamento de participantes para a psiquiatria ou para a assistência social, embora o inverso por vezes aconteça.

Nessas eleições, o professor diz que há clima de esperança e otimismo entre os participantes, mas cita o caso de uma pessoa trans que, com receio de que Bolsonaro seja reeleito, comprou uma passagem para outro país com a data do dia da eleição, com a intenção de deixar o Brasil caso o temor se confirme.

Wallace Nascimento, 33, conheceu a iniciativa pelas redes sociais e passou a frequentar os encontros no começo do ano para lidar com a ansiedade. Gay, negro e morador da periferia da zona norte do Rio, ele diz que racismo e homofobia, assim como a incerteza sobre o futuro, são gatilhos que afetam a saúde mental.

"Estão chegando as eleições, daí volta aquele pânico: será que ele [Bolsonaro] vai [ser eleito] de novo? Daí a ansiedade vem, e o seu estado mental já desequilibra. Óbvio que a política acaba te abalando psicologicamente, porque a ansiedade é um acúmulo do passado com o medo do futuro."

Sem conseguir uma vaga para fazer terapia pelo SUS (Sistema Único de Saúde), Nascimento diz que o grupo o ajudou por meio da escuta dos outros. "A roda acaba fazendo um trabalho de autoestima, de escuta e fala. É um desenvolvimento de um trabalho de prevenção ao suicídio, algo que é silenciado."

Para Sílvia, do Escuta Sedes, e Mário, do Vozes e Cores, os projetos têm sido bem-sucedidos em oferecer um espaço de elaboração coletiva, mas uma dificuldade é chegar a mais pessoas. Apesar disso, eles destacam que a metodologia pode ser replicada em outras localidades para diferentes perfis.

Juliana Freire

# A Inglaterra de 1952 a 2022

O gênio foi de criminoso a ícone

**Elio Gaspari**
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

*Elizabeth 2ª morreu na quinta-feira. No dia 6 de fevereiro de 1952 ela era apenas princesa e estava no Quênia. Subiu no mirante de uma árvore e, ao descer, soube que o rei George 6º, seu pai, morrera no Palácio de Buckingham enquanto dormia. Aos 26 anos, ela era a rainha da Inglaterra.*

*Muitas mudanças aconteceram durante seu longo reinado. Aqui vai uma, para quem manuseia uma nota de 50 libras.*

*Um mês antes da morte de George 6º, a casa do professor Alan Turing havia sido assaltada. Ele tinha 39 anos e era um notável matemático, inglês de vitrine. Haviam levado roupas, uma bússola e algumas facas. Coisa de 50 libras. Turing deu queixa à polícia, e as impressões digitais deixadas num copo confirmaram sua suspeita. No roubo estava um jovem com quem mantinha eventuais relações homossexuais. Ele ameaçava contar tudo e tudo contou.*

*Enquanto os sinos tocavam pela morte de George 6º, o caso mudou de aspecto. Havia um roubo, mas havia também a violação de uma lei de 1855, que previa penas de até dois anos de prisão para quem praticava "atos indecentes". Em 1951, 174 ingleses foram condenados por violar essa lei. Em geral, pegaram menos de seis meses de cadeia. Inglês de vitrine, o próprio Turing havia contado à polícia sua relação com o jovem.*

*Dias depois do funeral do rei, o rapaz foi para a cadeia. Turing voltou para casa depois de pagar uma fiança. Em março de 1952, ele foi julgado e condenado a se submeter a "tratamento médico qualificado".*

**A Inglaterra pediu desculpas**

*Nos anos 50 do século passado, a homossexualidade era considerada uma doença, e Turing submeteu-se a um tratamento hormonal. Achava-se que injeções de hormônios femininos reduziriam a libido dos homossexuais. (Nos Estados Unidos, outra vertente médica havia prevalecido e em 11 estados castravam-se os "doentes".)*

*O professor ficou impotente e cresceram-lhe seios.*

*No dia 7 de junho de 1954, um ano depois da coroação de Elizabeth 2ª, Turing foi encontrado morto em casa. No seu organismo havia cianeto de potássio e até hoje prevalece a hipótese do suicídio.*

*(No ano anterior, a princesa Margaret, irmã da rainha, foi proibida de casar com o piloto Peter Townsend. Durante a guerra ele havia derrubado nove aviões alemães, mas era divorciado. Deve ocorrer no ano que vem a coroação do rei Charles 3º, um divorciado que enviuvou e casou-se com a divorciada Camila ex-Shand e ex-Parker Bowles, sua amante por décadas e neta da namorada de Eduardo 7º, avô do monarca.)*

*A Inglaterra devia a Alan Turing uma de suas maiores vitórias militares durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1939 ele foi recrutado para trabalhar nas instalações secretas do governo inglês que tentavam decifrar os códigos militares alemães. A criptografia do Reich embaralhava as letras do alfabeto em sopas de 105 mil possibilidades. Mais tarde, as possibilidades chegaram a 1,3 trilhão.*

*Turing concebeu um equipamento com cerca de 20 quilômetros de fios e mais de um milhão de circuitos, chamado inicialmente de A Bomba e, depois, de Colossus. O supergrampo começou a funcionar em meados de 1940. Dois anos depois, os movimentos das tropas do marechal alemão Rommel no norte da África eram ouvidos por 50 máquinas inglesas. Em 1943, elas decifravam cerca de 3.000 mensagens por dia.*

*Turing não foi o único autor da proeza, mas sem ele talvez a criptografia alemã não tivesse sido violada. Esse era um tempo em que o primeiro computador americano pesava mais de quatro toneladas e custava algo como US$ 8,5 milhões em dinheiro de hoje. Hoje, qualquer iPhone é 5.000 vezes mais poderoso.*

*Na operação dos ingleses chegaram a trabalhar umas 10 mil pessoas, na maioria mulheres. Em 1945, o primeiro-ministro Winston Churchill mandou destruir todas as máquinas e vestígios do Colossus, o que atrasou em alguns anos o progresso da indústria de computadores da Inglaterra. Anos antes, depois de uma carta de cientistas (inclusive Turing), Churchill mandara destravar a burocracia que atrapalhava o serviço. Era coisa tão secreta que sua existência só foi conhecida décadas depois. (Uma avó de Kate Middleton, atual duquesa de Cambridge, trabalhou lá, mas não contava o que fazia.)*

*Em 1990 o governo inglês desculpou-se pelo que fez a Turing e, em 2013, Elizabeth 2ª perdoou-o. A lei de 1855 virou poeira e, em 2014, foram exoneradas retroativamente todas as pessoas condenadas com base nela.*

*No ano passado, quando um retrato de Alan Turing passou a ilustrar a nota de 50 libras, a princesa de 1952 já tinha comemorado seus 70 anos de reinado com o jubileu de diamante.*

***O valor da memória***

*Em 1936, aos 24 anos, Alan Turing publicou numa revista acadêmica seu artigo "On Computable Numbers", prenunciando o que seria uma "máquina universal". Ele se tornaria um marco na história dos computadores.*

*Os sábios da época acharam no muito teórico, e a revista recebeu apenas dois pedidos de cópias do texto. Em 2013 o único exemplar em mãos privadas desse artigo foi vendido por 205 mil libras, equivalentes a R$ 1,2 milhão de hoje.*

***A lição chilena***

*Os chilenos mandaram para o arquivo o projeto de Constituição votado por uma assembleia que havia incorporado quase todos os temas da agenda de centro-esquerda do século 21. Em outro referendo, em 1988, os mesmos chilenos mostraram a porta de saída à ditadura do general Augusto Pinochet.*

*Os plebiscitos chilenos resolveram pacificamente as divergências da sociedade. Em 1973, outra grande divergência foi resolvida pela força das armas e desembocou numa sangrenta ditadura.*

*O presidente Gabriel Boric absorveu a derrota, reconhecendo a expressão da vontade popular e reorientou seu governo.*

*É sempre bom lembrar que em dezembro do ano passado, no primeiro turno da eleição, Boric teve 25,8% dos votos. No segundo, prevaleceu com uma maioria de 56%. A Constituição foi rejeitada por 62% da população num pleito em que o voto era obrigatório.*

*A professora Maria Hermínia Tavares disse tudo:*

*"O desfecho do plebiscito mostra que a parcela organizada e politicamente ativa da sociedade não se confunde com as preferências da maioria, tampouco a exprime, mesmo quando se enxerga como a sua tradução mais legítima e generosa."*

*Agendas políticas são como árvores de Natal. Elas precisam de enfeites, mas se forem sobrecarregadas, caem. Sobrecarregada, a Constituição chilena foi rejeitada.*

*No Brasil, até mesmo alguns dirigentes petistas já reconheceram que a queda da presidente Dilma Rousseff e a ascensão de Jair Bolsonaro deveram-se, em parte, à incorporação de um excesso de temas divisivos à agenda de coligação de centro-esquerda.*

# Violência política impede mais negros em disputas eleitorais, mostra estudo

Levantamento da Uerj indica que casos aumentaram devido à ascensão recente da extrema direita

**Tayguara Ribeiro e Priscila Camazano**

SÃO PAULO A violência política é um dos principais obstáculos para a participação de pessoas negras na política, indica pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

O levantamento, que conta com o apoio do Instituto de Referência Negra Peregum, identificou que o medo de sofrer esse tipo de violência aumentou entre pessoas negras que atuam politicamente devido à ascensão recente da direita mais radical no país.

Entre as ameaças descritas estão riscos físicos e de morte, além de agressões na internet, o que afeta a saúde mental dos candidatos e de seus apoiadores. O estudo foi realizado nos meses de abril e maio, em formato que combina as metodologias quantitativa e qualitativa.

A análise quantitativa foi baseada nos dados dos candidatos a cargos proporcionais nas eleições de 2014 e 2018, disponibilizados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Na parte qualitativa, a pesquisa utilizou a técnica de entrevistas em profundidade com 27 pessoas com idades de 24 a 60 anos.

"Há relatos de pessoas já eleitas que sofreram violência política dentro das suas próprias Câmaras Legislativas. Mas não só isso. Há casos de ameaça física durante atos de campanha e de cyberbullying, que é outra maneira de constranger", diz João Feres, cientista político que liderou a pesquisa.

Para Feres, que também é coordenador do Gemaa (Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa), da Uerj, "o fato de a extrema direita ter saído do armário no Brasil e manifestar sua intolerância abertamente faz com que as pessoas que são alvo desse ódio sintam-se inseguras".

A avaliação de Feres leva em conta as entrevistas realizadas no levantamento. Ainda segundo a pesquisa, para cada pessoa negra que diz se preocupar pouco com violência política, 2,5 afirmam se preocupar muito com o problema. Quase metade dos entrevistados relatou espontaneamente casos de sofrimento psicológico provocados por ameaças constantes, o que leva pessoas negras a não se sentirem capazes de disputar espaços na política. Esse cenário é potencializado pelo medo de morrer.

Uma das entrevistadas relatou sofrer com pânico e paranoia, o que a faz evitar lugares cotidianos. O assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL), em 2018, também foi citado por participantes.

A sensação de insegurança é amplificada pela pequena representação negra nas Câmaras Legislativas, dominadas por homens brancos. Ao se verem sozinhos ou em número reduzido nos espaços de poder, parlamentares negros são alvo mais frequentes de ataques ou preteridos em atividades cotidianas.

Segundo dados do TSE, foram eleitos 124 deputados negros em 2018, classificação que inclui pretos e pardos. Reportagem da **Folha**, porém, mostra que esse número é menor. Registros irregulares na identificação racial inflam artificialmente a quantidade de negros entre os 513 membros da Câmara.

O problema ocorre também nas Assembleias estaduais. Em alguns casos, como o de Santa Catarina, o único deputado estadual registrado como negro é, na verdade, branco, como admite o próprio parlamentar. Após a reportagem da **Folha**, o Ministério Público Eleitoral notificou os diretórios de todos os partidos em SP e cobrou explicações sobre erros nos dados raciais no registro de candidatos a deputado federal.

"A violência é multicausal, pois é atribuída ao racismo, ao sexismo e ao etos da sociedade brasileira como um todo. Várias entrevistadas acusaram o aumento da violência trazido pela ascensão do bolsonarismo a partir de 2018", afirma Vanessa Nascimento, diretora-executiva do Instituto de Referência Negra Peregum.

Outros pontos levantados pelo estudo sobre os motivos que levam pessoas negras a desistirem de se candidatar são a falta de apoio partidário e de recursos financeiros para a campanha.

Segundo o estudo, o racismo é percebido não apenas na interação social, dentro e fora dos partidos, mas também como motivo determinante para as escolhas ao longo do processo de competição eleitoral. Para Feres, a falta de dinheiro para as campanhas está ligada às regras de distribuição de recursos, que, devido à nova legislação, são em grande parte monopolizadas pelos partidos políticos.

> A violência é multicausal, pois é atribuída ao racismo, ao sexismo e ao etos da sociedade brasileira como um todo. Várias entrevistadas acusaram o aumento da violência trazido pela ascensão do bolsonarismo a partir de 2018
>
> **Vanessa Nascimento**
> Diretora-executiva do Instituto de Referência Negra Peregum

"Esse problema espelha o nosso sistema político, que não tem um conjunto de regras para atacar a sub-representação de negros e mulheres na política. Há um esforço sendo feito a trancos e barrancos, mas as regras em vigor hoje ainda não são suficientes", afirma o cientista político.

Dentro dos partidos a situação tampouco é simples, e a discriminação nem sempre ocorre de maneira pronunciada. Um exemplo, segundo ele, é a decisão de legendas de priorizar nas campanhas seguintes candidatos à reeleição, dando a elas mais apoio, estrutura e financiamento.

"Se você já tem uma sub-representação [de negros] na política, favorecer quem busca a reeleição só reforça o status quo e acaba excluindo os negros da possibilidade de eleição", afirma Feres.

Ele explica que a lógica vale também para as mulheres, já que a maioria dos espaços de poder é dominada por homens brancos. "Ao aplicar critérios que na superfície são neutros em relação a desigualdades, o resultado será enviesado porque o status quo está sendo reproduzido, o que é muito desigual."

# Bolsonaro impotente

Em práticas eleitorais legítimas, não tem muito o que fazer

**Janio de Freitas**
Jornalista

*Logo em seguida a dois grandes atos de campanha com transmissão nacional de TV —o de Brasília e o do Rio— e já em plena propaganda eleitoral de TV e rádio, Bolsonaro não colheu no Datafolha mais do que dois pontinhos presos na margem de erro. Duvidosos, portanto. São números positivos de um fracasso, ao contrário do que numerosas interpretações lhes atribuíram. Mais aproximam Lula do êxito no primeiro turno. Mas preservam ou aumentam as incertezas sobre as possíveis condutas dos militares em derrota de Bolsonaro.*

*Contradição aparente, o ganho de Bolsonaro não alterou a vantagem de Lula. Como Ciro perdeu dois pontos e os demais continuam estáticos, esses dois pontos fugidios compensaram os dois novatos de Bolsonaro. Mais dois, menos, a soma de todos os candidatos exceto Lula não aumentou. E só o aumento real dessa soma ou quedas de Lula podem distanciá-lo mais da decisão no primeiro turno.*

*Mantidos os seus 45 pontos percentuais, em estabilidade e pontos que a pesquisa Ipec confirma com repetidos 44, Lula manteve também, inalterado, o apoio quase maior que a soma de todos os outros —superioridade determinante de vitória no primeiro turno. Outro dado faz a mesma indicação: descartados os votos nulos e brancos, a subida de Bolsonaro não afastou Lula da distância de apenas dois pontos para chegar aos 50% dos votos válidos.*

*A esta altura, os números que afirmam a estabilidade real entre os candidatos não são fator único. Há o tempo até à votação, por exemplo. Sem sobressaltos, três semanas são prazo difícil para subidas de Bolsonaro que detenham Lula. Situação oposta à dos dois pontos faltantes para a decisão lulista já na primeira rodada. Nem por isso, no entanto, o jogo eleitoral está em vésperas seguras dos seus momentos culminantes.*

*Bolsonaro está impotente. Em práticas eleitorais legítimas, não tem muito o que fazer. O fiasco do 7 de Setembro, com 100 mil presentes em cada um dos eventos, no lugar do milhão esperado em Brasília e outro tanto no Rio, sugerem não estar distante do seu limite de aderentes. O filho Carlos, voz mais influente, propõe táticas que os marqueteiros não aceitam, e vice-versa. O próprio Bolsonaro acredita em indisciplina de militares, não em escolhas pelos eleitores.*

*Além do mais, o quadro da disputa recai sobre outra situação complexa: a denunciatória movimentação imobiliária e de dinheiro "em espécie e na moeda corrente" feita pela família enriquecida. A vice-procuradora Lindôra Araujo, a quem se espera ver um dia respondendo por improbidade, prevaricação e outros hábitos, tem se associado a Augusto Aras em pretendidas impugnações de investigação dos Bolsonaro e de empresários golpistas. Mas o Supremo, por Alexandre de Moraes, mantém os riscos para a corrupção sem piso e sem teto. Por trás dela há o quase inimaginável*

*Entende-se que Bolsonaro já tenha lançado seu novo bordão: "Em eleição limpa, Lula não ganha". Ao que parece, também a essa ideia o bolsonarismo militar adere, vendo-se a infantaria de coronéis que o Ministério da Defesa quer em "fiscalização" das operações eleitorais. Ali onde não faltam condições para pretextos.*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes, Juliano Spyer | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

O ministro Luiz Fux em sessão de encerramento do 1º semestre Rosinei Coutinho/Divulgação STF

# Fux deixa presidência do STF com promessas não cumpridas

Ministro tem sua gestão na corte marcada por acenos corporativistas

**José Marques e Matheus Teixeira**

BRASÍLIA Em balanço apresentado na sua última sessão como presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), o ministro Luiz Fux destacou como parte do seu legado o avanço na digitalização dos serviços da corte e exaltou que as despesas com o Judiciário caíram no último ano.

Mas, apesar do discurso de austeridade, o ministro vem atuando em prol de questões corporativistas que levaram, no encerramento da sua gestão, à aprovação de um aumento de 18% que deve incidir nos salários de magistrados e de servidores.

Em seu biênio à frente da corte, Fux também fez uma série de acenos a associações de magistrados e a demandas de tribunais. Além de defender pautas classistas, ele evitou colocar em votação julgamentos que desagradam entidades da magistratura.

A resistência em pautar alguns desses casos acabou levando o presidente do STF a não conseguir avançar em acordos com outros ministros para tocar temas considerados prioritários para ele, a exemplo da restrição de decisões individuais na corte. Com isso, promessas feitas, mesmo que de forma reservada, acabaram não cumpridas.

Esse viés a favor de demandas de classe marca a atuação de Fux desde que ele chegou ao Supremo, em 2011, e foi mantido após ele tomar posse como presidente da corte.

Na segunda-feira (12), a ministra Rosa Weber tomará posse como presidente do tribunal, sucedendo a Fux.

Em 10 de agosto, um mês antes do fim da gestão, o presidente da corte pautou uma sessão administrativa que aprovou o envio ao Poder Legislativo de uma proposta que resulta na elevação dos salários da magistratura em 18% até julho de 2024.

Essa proposta prevê o reajuste do salário de um ministro do Supremo, teto do funcionalismo, de R$ 39,3 mil mensais para R$ 46,3 mil. Caso também seja aprovada pelo Congresso, essa elevação provocaria um efeito cascata que elevaria os demais salários dos magistrados do país.

Mas antes da aprovação desse aumento, Fux tentou convencer senadores a colocarem na pauta do Legislativo uma proposta de emenda à Constituição que prevê reajuste de 5% no vencimento de juízes e promotores a cada cinco anos de serviço.

O quinquênio é uma demanda antiga de associações de magistrados e de integrantes do Ministério Público.

Além da questão do quinquênio, o magistrado atuou em outras frentes para garantir penduricalhos financeiros à magistratura.

Primeiro, negou-se a levar a julgamento, assim como seus antecessores, a ação que discute a uniformização dos benefícios pagos a toda magistratura, o que poderia impactar também no Ministério Público, uma vez que existe a previsão de paridade entre as carreiras.

Fux também não pautou a análise de uma ação contra lei do Rio de Janeiro que beneficiou os magistrados do tribunal estadual fluminense, entre eles sua filha, a desembargadora Marianna Fux.

O processo foi movido pela Procuradoria-Geral da República em 2010 e contesta trechos de uma legislação da gestão do ex-governador Sérgio Cabral sobre remuneração, promoção e ingressos de juízes na carreira.

A lei foi questionada pela PGR porque, em tese, afronta a Constituição, que prevê, em seu artigo 93, que mudanças na Lei Orgânica da Magistratura só podem ser realizadas por meio de lei de iniciativa do Supremo.

O tribunal iniciou a análise do tema em 2012, com o voto do então ministro Ayres Britto pela derrubada da norma. À época, porém, Fux pediu vista e só liberou o caso para retomada de julgamento cinco anos depois, em 2017. Em 2019, o magistrado assumiu a presidência do STF e nunca pautou o assunto no plenário.

Outra decisão de Fux que serviu como aceno às associações de magistrados foi a suspensão da lei que instituiu o juiz de garantias no país. Apesar de ter sido aprovada por ampla maioria no Congresso, a medida foi suspensa por Fux e nunca foi levada a plenário.

Esse tema, inclusive, dificultou que ele conseguisse concretizar a mudança regimental no STF que visava acabar com as decisões monocráticas na corte.

Em junho, após um encontro de Fux com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a assessoria do presidente do Supremo disse que ele manifestou "apoio à aprovação da PEC do quinquênio".

"A proposta é um pleito das associações da magistratura e que teve origem no próprio Congresso. Na avaliação do ministro, a proposta pode reestruturar a carreira da magistratura e evitar que um juiz recém-empossado, por exemplo, receba o mesmo salário de um juiz com mais de 30 anos de exercício na magistratura", disse.

O magistrado também afirmou que "a aprovação está condicionada à extinção de auxílios pagos pelos tribunais, também chamados de 'penduricalhos', com a proposta que limita ganhos acima do teto constitucional".

Em meio à crise institucional agravada por impulsos golpistas do presidente Jair Bolsonaro (PL), o ministro também tem postergado indefinidamente o julgamento de ações que poderiam colocar o Supremo em conflito com o STM (Superior Tribunal Militar).

Essas ações tratam dos limites da Justiça Militar e têm apoio de diversas entidades de defesa dos direitos humanos.

Duas delas foram apresentadas há nove anos ao Supremo pela PGR, mas ainda estão pendentes de julgamento.

O próprio Fux havia sinalizado a intenção de que as ações fossem julgadas antes do fim do seu mandato à frente da corte, mas isso não aconteceu.

Nos últimos anos, cada uma dessas ações constou na pauta da corte em mais de uma ocasião, sem terem julgamento concluído ou nem sequer iniciado.

Tanto no STM como no MPM (Ministério Público Militar) há resistência sobre a possibilidade de implementação das mudanças propostas pela PGR.

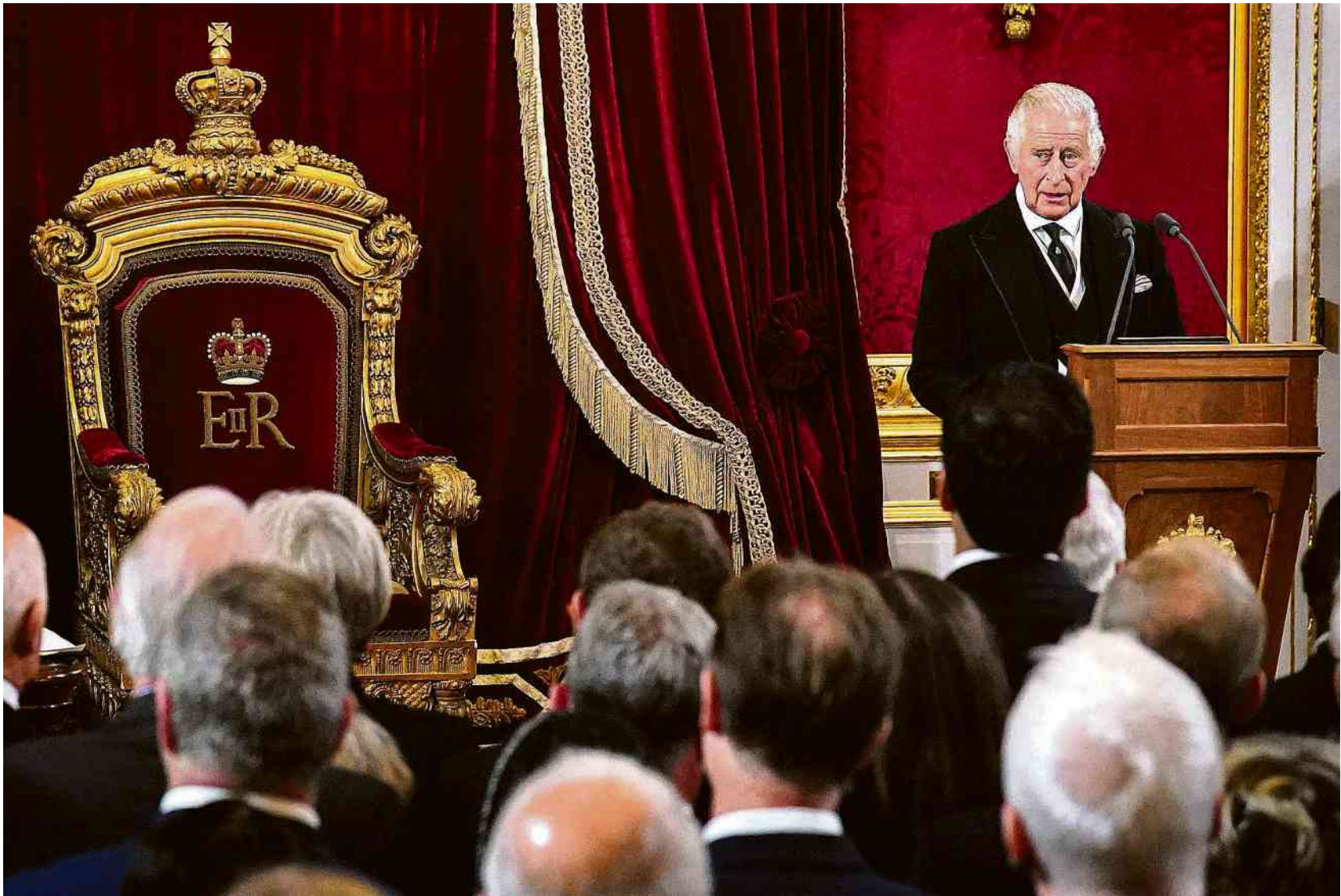
Ambos os órgãos têm divulgado em suas páginas artigos acadêmicos e palestras de especialistas contrários às ações e em defesa da manutenção do atual status da Justiça Militar. O STM é composto por 15 magistrados, sendo apenas cinco de origem civil.

Uma das ações que aguarda decisão do STF, relatada pelo ministro Gilmar Mendes, questiona a possibilidade de civis serem julgados pela Justiça Militar em tempos de paz.

A hipótese consta no Código Penal Militar de 1969 —auge da ditadura— e permite que civis sejam julgados por um tribunal militar até em casos de calúnia ou desacato de militares.

Há caso, por exemplo, de civil que por críticas a militares acabou condenado por desacato em tribunal militar.

"A base institucional das Forças Armadas é formada pela hierarquia e disciplina", diz a PGR em seu pedido ao Supremo. "Normas específicas do regime jurídico-constitucional especial devem ser aplicadas somente aos militares, não cabendo qualquer interpretação que pretenda estender sua aplicação a civis em tempo de paz."

O processo foi colocado na pauta do STF em outubro do ano passado, após as falas de Bolsonaro nas manifestações de raiz golpista de 7 de Setembro. Acabou sendo retirado, porém, sem ser levado a votação.

O novo rei britânico, Charles 3º, discursa ao Conselho de Ascensão em ato no Palácio de Saint James, em Londres Jonathan Brady/AFP

# Charles 3º é proclamado em cerimônia tradicional mostrada na TV pela 1ª vez

## Novo monarca do Reino Unido reforça compromisso de continuidade com reinado de Elizabeth 2ª

**Ivan Finotti**

**LONDRES** Charles 3º, 73, foi proclamado novo rei na manhã deste sábado (10), em cerimônia no Palácio de Saint James, em Londres. A proclamação foi lida pouco depois das 10h no horário local (6h em Brasília), em um evento transmitido na TV pela primeira vez na história. "Se a véspera foi de luto e tristeza por todo o Reino Unido, hoje foi o dia em que a nação ergueu novamente a cabeça com orgulho", resumiu um apresentador.

"É meu triste dever anunciar a vocês a morte de minha amada mãe, a rainha", começou Charles em seu discurso —uma frase surpreendente, dado que vivemos em um mundo conectado à internet e com notícias em tempo real, mas trata-se de tradição arraigada.

"Eu sei como vocês, a nação, e acho que posso dizer o mundo inteiro, lamentam profundamente comigo a perda irreparável que sofremos. O reinado de minha mãe foi inigualável em sua duração, dedicação e devoção", disse o novo rei. "Tenho total compreensão do tamanho desse dever e das difíceis responsabilidades da soberania que agora passaram para mim. Devo me esforçar para seguir o exemplo inspirador que me foi dado ao defender o governo constitucional e buscar a paz, a harmonia e a prosperidade dos povos dos reinos e territórios da comunidade britânica."

Sem a imponência do vizinho Buckingham, o Palácio de Saint James recebeu a nata da realeza, como o príncipe William (sem a esposa, Kate) e a nova rainha consorte Camilla, e da política britânica, incluindo a nova primeira-ministra, Liz Truss, e seus antecessores no cargo Boris Johnson, Theresa May, David Cameron, Gordon Brown, Tony Blair e John Major.

Na primeira parte da cerimônia, da qual o rei não participou, a presidente do chamado Conselho de Ascensão também anunciou a morte da rainha Elizabeth 2ª e proclamou o novo monarca. O colegiado é formado por deputados, o prefeito de Londres, Sadiq Khan, funcionários públicos, altos comissários dos países da Commonwealth (56 nações de alguma forma ligadas ao Império Britânico), a primeira-ministra e uma série de lideranças religiosas, como o arcebispo de Canterbury, Justin Welby.

Como a imprensa destacou, nenhum dos integrantes do órgão estava presente na última proclamação, 70 anos atrás, de Elizabeth 2ª.

Depois da cerimônia interna houve um momento em certa medida medieval, quando o escriturário do conselho apareceu na varanda do Saint James e leu a proclamação para "o povo" —na verdade apenas algumas dezenas de pessoas puderam acompanhar o momento, do lado de fora do palácio e atrás de grades. Com roupa de veludo cor de vinho e detalhes dourados, chapéu com plumas brancas e um cetro na mão, o escriturário foi acompanhado de um grupo de corneteiros com longas roupas douradas.

Além do povo, com smartphones em punho a lembrar que afinal estamos no século 21, os famosos guardas de túnica vermelha com chapéu felpudo preto acompanhavam a declaração. Eles depuseram as armas no chão, tiraram os chapéus e, a uma ordem, gritaram "hip hip hurra!" três vezes. Tiros de canhão foram disparados pela cidade.

Os eventos não ficaram restritos a Saint James. Uma procissão percorreu as ruas de Londres e, cerca de uma hora após a proclamação, o texto foi lido novamente no Royal Exchange, no centro financeiro de Londres. O rito foi seguido de gritos "Deus salve o rei". Depois, o primeiro verso do hino nacional britânico foi tocado e a multidão aplaudiu o novo monarca.

Charles assumiu o trono automaticamente após a morte da mãe, Elizabeth 2ª, na última quinta (8). A cerimônia deste sábado faz parte de uma série de eventos que antecedem o funeral da rainha —marcado para o dia 19, que será um feriado nacional.

Não há data para a coroação do novo rei, que pode demorar mais de um ano —como se deu com Elizabeth, cuja coroação só aconteceu 16 meses depois de ter virado rainha.

Charles é o monarca mais velho a assumir o trono britânico na história. Ele deve fazer de seu reinado um período de transição entre o da mãe, venerada pela dedicação ao serviço público, e o do filho William, 40, visto como a modernização da realeza.

Os príncipes Harry e William, acompanhados de suas esposas Meghan e Kate, observam flores deixadas por admiradores de Elizabeth 2ª no Castelo de Windsor Kirsty O'Connor/AFP

### Realeza confirma funeral no dia 19

**DOMINGO (11)**

**6h** O caixão com o corpo de Elizabeth 2ª será transportado de Balmoral para Edimburgo, capital da Escócia. A viagem, de carro, deve durar seis horas. Lá, o caixão será levado ao Palácio de Holyrood

**SEGUNDA-FEIRA (12)**

O corpo será levado em procissão até à Catedral de St Giles. Haverá uma cerimônia, com visitação do público durante 24 horas

**TERÇA-FEIRA (13)**

**13h** De Edimburgo, o caixão faz um voo de 55 minutos para Londres. Guardas de honra saudarão a partida da Escócia e a chegada à Inglaterra

**a partir das 14h** Na capital inglesa, o corpo da rainha será levado ao Palácio de Buckingham, onde haverá orações com a presença de membros da família real

**QUARTA-FEIRA (14)**

A Coroa Imperial do Estado e uma coroa de flores serão colocadas sobre o caixão

**10h22** Procissão com membros da família real levará o caixão ao Palácio de Westminster, sede do Parlamento

**11h** Em Westminster, o corpo será recebido pelo arcebispo de Canterbury; o local será aberto para visita, mas não se confirmou a partir de quando

**SEGUNDA (19)**

Caixão será levado até a abadia, onde acontecerá o funeral. O trajeto a pé será acompanhado pela família real. Após o serviço, a rainha será enterrada no Castelo de Windsor, a oeste de Londres

*Horários de Brasília

O rei jurou neste sábado fidelidade à Igreja da Escócia, seguindo uma tradição do início do século 18, uma vez que há divisão de poderes entre Igreja e Estado no país que integra o Reino Unido. Antes, afirmou que lhe foi confiada uma tarefa pesada —"à qual agora dedico o que me resta de minha vida, e oro pela orientação e ajuda de Deus todo poderoso".

Ao assinar os documentos, Charles acenou a um assessor, de forma atrapalhadamente disfarçada, para que retirasse da mesa um estojo de canetas. O gesto de pouco protocolo real talvez não entrasse na história caso a cerimônia não estivesse sendo transmitida ao vivo. Depois, o novo rei teve uma série de eventos fechados, com o arcebispo e políticos.

Ao mesmo tempo que a proclamação foi lida no palácio, eventos em homenagem a Elizabeth 2ª e ao novo rei aconteceram em cidades na Escócia, na Irlanda do Norte, no País de Gales e em Estados associados ao Reino Unido, como o Canadá. Em Londres, multidões se aglomeraram em frente ao Palácio de Buckingham para manifestar carinho com a rainha, mas só os súditos que estavam nos castelos de Balmoral e Windsor puderam fazê-lo diretamente à família real.

É que na propriedade escocesa onde Elizabeth morreu, dois de seus filhos, Andrew e Anne, além de netos e outros parentes, saíram ao portão para observar as flores ali deixadas e agradecer aos presentes. Em Windsor, quem o fez foram os filhos do novo rei. William e Harry falaram com os súditos acompanhados das esposas, Kate e Meghan —reunião que não era vista há ao menos dois anos.

Os dois príncipes estariam com a relação estremecida desde o afastamento do caçula. Harry hoje vive nos EUA e, no ano passado, deu uma arrasadora entrevista com a mulher, em que Meghan fez acusações de racismo na realeza. Parte da imprensa viu no fato de William ter, segundo a versão dele, convidado o irmão na tarde deste sábado uma possibilidade de reaproximação.

O agora primeiro na linha sucessória do trono emitiu uma nota mais cedo dizendo que pretende honrar a memória da avó apoiando o pai, "o rei, de todas as formas possíveis".

# Maior risco para a monarquia serão pressões sobre família

## Analista vê desafio em fato de instituição hoje integrar indústria de celebridades

**Pablo Uchoa**

LONDRES Por 70 anos e 214 dias, os britânicos despertaram, trabalharam, festejaram e descansaram sob a presença discreta, porém constante, de Elizabeth 2ª. Para muitos, ela personificou o senso de continuidade num mundo em plena mudança, como definiu o arcebispo de Canterbury e chefe da Igreja Anglicana, Justin Welby. Sua maior contribuição para a instituição da monarquia, porém, foi, mais do que a estabilidade, certa capacidade de mudança.

É essa faceta talvez o principal desafio para a missão de continuidade a que se atribuiu o agora rei Charles 3º, proclamado neste sábado (10).

Quando a rainha subiu ao trono, em 1952, os britânicos ainda enfrentavam privações da Segunda Guerra Mundial. O NHS, sistema de saúde que hoje orgulha os britânicos, dava os primeiros passos. Mais de 70 territórios ultramarinos ainda faziam parte do império britânico —que já estava em pleno processo de dissolução.

De lá para cá, o Reino Unido transformou-se radicalmente. Potência menos global, mas ainda a sexta economia do mundo, virou uma sociedade multicultural e multiétnica. Nesse contexto, como descreveu o jornal The Guardian, Elizabeth 2ª soube "se adaptar, cautelosa e pragmaticamente, para mudar".

"O segredo da continuidade da monarquia é que ela representa estabilidade, continuidade e tradição, mas também a nação para si mesma", diz à **Folha** Robert Hazell, professor na University College London. "Por isso, ela tem que se manter atualizada." O analista chama a atenção para as mudanças no próprio falar da rainha, cujo sotaque foi perdendo um pouco de pompa à medida que a sociedade evoluía.

No contexto de desmembramento do império, Elizabeth 2ª fez da aparente manutenção da boa relação com ex-colônias uma prioridade do reinado —em que pese uma série de traumas aqui e ali— e seguiu à risca a lição de que monarcas bem-sucedidos, ao menos na Europa Ocidental, devem permanecer estritamente neutros em questões políticas.

Internamente, contudo, os escândalos reforçaram os críticos do sistema. O fundo do poço veio em 1992, quando três casamentos reais implodiram aos olhos da opinião pública. Ao usar o termo "annus horribilis", Elizabeth buscou demonstrar que compreendera os riscos que falhas de reputação representavam para a instituição que chefiava.

"O principal risco para a monarquia hoje não é o republicanismo, mas as pressões de expectativas conflitantes sobre o que é exigido das famílias reais, amplificadas pela associação entre realeza e celebridades", diz Hazell.

"Em uma época em que a personalidade e o comportamento mais do que nunca estão sob escrutínio, a inadequação pode facilmente trazer descrédito à monarquia."

Daí a direção adotada pela instituição para transformar sua imagem: de "monarquia" para "família real", com diferentes gerações da realeza apelando a cada setor da sociedade.

Segundo Hazell, levar o simbolismo da família para a vida nacional é uma das maiores vantagens da monarquia sobre as repúblicas. Nestas últimas, a família dos mandatários raramente tem poder aglutinador, enquanto a Casa de Windsor elevou, por exemplo, o papel de cerimônias familiares, como casamentos.

Elizabeth 2ª também surfou essa onda pop. Em 2012, contracenou com Daniel Craig em uma paródia de 007, que terminava com uma dublê pulando de paraquedas sobre o estádio olímpico. Em maio último, se sentou à mesa com o urso Paddington em outro esquete para o Jubileu de Platina.

**15**
países têm o rei como chefe de Estado: Antígua e Barbuda, Austrália, Bahamas, Belize, Canadá, Granada, Jamaica, Ilhas Salomão, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Reino Unido, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, Tuvalu

**100 milhões**
de libras é o custo anual de manutenção da monarquia, aproximadamente

Tessa Clarke, autora de um livro sobre a família real, diz à **Folha** que a rainha conseguiu manobrar para unificar a sociedade "em todos os matizes da opinião cultural, tradicional, moderna e política". Pesquisa do instituto YouGov na época do Jubileu mostrou que 81% tinha uma boa impressão da soberana; mesmo entre os mais jovens (18 a 24 anos), a aprovação chegava a 60%.

Agora cabe ao rei Charles 3º encabeçar a monarquia. Segundo o YouGov, em maio sua popularidade era de 54% —e 35% não tinham boa impressão do então futuro monarca.

Clarke afirma que Charles passa a impressão de ser um integrante "bastante antiquado da aristocracia", em contraste com as famílias reais europeias que viajam de bicicleta. "Relatos de que seu mordomo coloca a pasta na sua escova de dentes não caem bem nos tempos atuais", diz.

Curiosamente, as pautas pelas quais o agora rei ficou conhecido por encampar, como a proteção do meio ambiente e uma monarquia mais enxuta e menos dependente do dinheiro público, são populares.

Charles 3º inicia seu reinado em um país que pede mudanças profundas, muitas vezes em conflito com a monarquia que ele representa. Movimentos como o Black Lives Matter demandam a revisão do passado colonialista e questionam o papel da aristocracia.

Outro fator que corroeu a monarquia foi a decisão do príncipe Harry e de sua esposa, Meghan Markle, de abandonar as funções da monarquia e se mudarem para os EUA em meio a acusações de racismo dentro do Palácio.

Passado o luto, essas tensões podem voltar à superfície e reacender a chama de antimonarquistas, acredita Clarke. Em editorial, o Guardian realçou que a monarquia, "construída sobre um sistema de privilégio hereditário, é um anacronismo" e que uma "reflexão polêmica sobre o lugar contínuo da monarquia [...] virá, e deverá vir, em breve".

Em suas primeiras declarações, Charles 3º fez acenos a alguns dos desafios que enfrentará. Indicou entender que as "novas responsabilidades" como monarca requerem estrita imparcialidade em certos temas e sublinhou o papel dos herdeiros, William e Harry —a este ofereceu um ramo de oliveira "enquanto ele [e Meghan Markle] continua construindo sua vida" nos EUA.

É cedo para avaliar se isso será suficiente para neutralizar as antipatias à monarquia e o impulso republicano. "[A monarquia] é uma instituição popular nesse momento, mas todos estamos curiosos para ver se isso mudará", disse Peter Harris, que leciona relações internacionais na Universidade Estadual do Colorado.

"Era fácil tratar Elizabeth 2ª com deferência. Ela era como a avó da nação, enquanto Charles, e William depois dele, serão 'pais'. As pessoas se rebelam contra o pai, mas não contra a avó." Especialmente se ela pula de paraquedas.

Britânicos e turistas se esticam para fazer fotos de guardas durante cerimônia de proclamação de Charles 3º no Palácio St. James, em Londres Kirsty Wigglesworth/Pool/Reuters

# Movimento pró-república tenta ganhar tração com transição

**Michele Oliveira**

MILÃO No fim de maio, grandes cidades do Reino Unido amanheceram com outdoors que nada tinham a ver com o clima de festa organizado para os dias seguintes, com desfiles, shows e pubs operando até de madrugada. Sob fotos do então príncipe Charles, seu filho William e seu irmão Andrew, o painel tinha apenas uma frase como destaque: "Faça de Elizabeth a última".

A campanha, às vésperas dos 70 anos do reinado de Elizabeth 2ª, foi uma iniciativa do grupo antimonarquia Republic, antevendo um debate que deve ganhar novo fôlego após a morte da rainha.

Com alta popularidade entre os britânicos, Elizabeth se tornou um obstáculo para o avanço da discussão sobre a transformação do Reino Unido em um regime republicano —ou seja, com a escolha do chefe de Estado por meio de eleições diretas. Se imediatamente após a morte da rainha o grupo optou por uma mensagem sóbria, afirmando que não era a hora de falar sobre o futuro da monarquia, neste sábado (10), diante da cerimônia que oficializou Charles 3º, o tom voltou a subir.

"A proclamação de um novo rei é uma afronta à democracia", declarou o Republic. "O país tem um novo chefe de Estado sem nenhuma discussão ou o consentimento da população, alguém determinado a desempenhar um papel muito diferente do da sua mãe." O novo rei, em seus pronunciamentos oficiais, mais destacou o legado de continuidade do que indicou uma guinada.

"Acreditamos que a Grã-Bretanha precisa avançar para uma alternativa democrática à monarquia hereditária e que esse debate deve começar agora", finalizou o grupo.

A transmissão de mãe para filho é um combustível para reavivar o tema, que vem sendo alimentado há décadas por escândalos da família real, pelo custo anual de 100 milhões de libras (R$ 597 milhões) para manter a monarquia, pela pressão de integrantes do reino de 15 países e por uma crise que afeta o custo de vida no Reino Unido, que enfrenta a pior inflação em 40 anos.

Segundo pesquisa YouGov da época do Jubileu de Platina, a rainha era aprovada por 81% dos britânicos, enquanto Charles, ainda príncipe, tinha 54%, atrás do filho William, que, com 75%, se aproximava da popularidade da avó.

Na época, as comemorações fizeram crescer o percentual de apoiadores da monarquia. Segundo levantamento do Ipsos, o sistema era defendido por 68%, um número que oscilou entre 60% e 80% ao longo das últimas três décadas, mas que entre os mais jovens, de 18 a 34 anos, cai para 51%.

Quando questionada sobre a longevidade da monarquia, só 29% da população disse acreditar que o regime ainda estará em vigor em cem anos.

A movimentação antimonarquia tem mais chance de se acelerar nos demais 14 países que passam a ter Charles 3º como chefe de Estado .

Não posso lamentar o líder de um império racista construído sobre vidas roubadas, terras e riquezas de povos colonizados

**Mehreen Faruqi**
senadora australiana de origem paquistanesa

Uma amostra desse sentimento foi expressa pela senadora australiana Mehreen Faruqi, nascida no Paquistão, onde a monarquia britânica foi abolida nos anos 1950. "Condolências para aqueles que conheciam a rainha. Eu não posso lamentar o líder de um império racista construído sobre vidas roubadas, terras e riquezas de povos colonizados", disse, nesta sexta (9).

No país, onde há um ressonante movimento antimonarquia, a discussão é bem vista pelo premiê Anthony Albanese. Autodeclarado republicano e defensor dos povos nativos, ele criou um órgão ligado ao gabinete para acompanhar o processo de transição para o regime republicano.

Em grande parte das ex-colônias, é o passado de escravidão a motivação principal para os ativistas contra a monarquia. Na Jamaica, um dos principais jornais, The Gleaner, estampou na manchete da primeira página desta sexta a análise de que, com a morte da rainha, o rompimento com a Coroa ficará mais fácil.

Por lá ainda repercute a desastrosa viagem de William e Kate, em março, em que enfrentaram protestos e viram críticas pels cenas da princesa cumprimentando crianças negras atrás de uma cerca.

No Caribe, a ruptura já tinha sido impulsionada em novembro de 2021, quando Barbados oficialmente se tornou uma república. Na ocasião, Charles, presente na cerimônia, disse em discurso considerado histórico que a "atrocidade da escravidão" era uma marca indelével da história britânica.

Se o movimento republicano pode crescer por ali, envolvendo também Belize e Bahamas, o caminho ainda requer pressão popular. No que depender do grupo Republic, ela tem chances de aumentar.

Militares ucranianos caminham em meio a veículos destruídos em estrada em Balaklia, na região de Kharkiv Juan Barreto/AFP

# Ucrânia diz ter tomado Izium, e Rússia fala em reorganização de tropa

'Avanço extraordinário' anunciado por Kiev com retomada de polo ferroviário estratégico coroa nova fase no conflito

GUERRA DA UCRÂNIA

KIEV | REUTERS E AFP Numa aparente intensificação da contraofensiva ucraniana no conflito contra a Rússia, Kiev reivindicou neste sábado (10) o que seriam avanços significativos de suas forças nas regiões leste e nordeste do país para recapturar territórios tomados ainda nos primeiros dias da invasão.

O Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia classificou as ações de extraordinárias. O prefeito de Izium, Valeri Martchenko, disse ao jornal The New York Times que a cidade estava livre das tropas de Moscou, com as forças de segurança agindo para eliminar possíveis armadilhas antes da reconquista da cidade na região de Kharkiv.

A fala se deu horas depois de a chancelaria afirmar que militares do país entraram em Kupiansk, outro entreposto ferroviário que estava sob controle russo havia meses e pelo qual passavam suprimentos enviados de Moscou para o foco principal de sua ação, os combates no Donbass. "As tropas ucranianas estão avançando no leste, liberando mais cidades e vilarejos. Sua bravura, juntamente com o apoio militar ocidental, está produzindo resultados extraordinários", disse o porta-voz Oleg Nikolenko em comunicado.

Embora as informações ainda não possam ser verificadas de maneira independente, sinais emitidos por Moscou indicam que a nova fase da guerra está mesmo se consolidando. Citando o Ministério da Defesa, a agência estatal russa TASS confirmou o deslocamento de tropas de Izium para outros pontos do Donbass.

Segundo a versão do Kremlin, trata-se de movimento já planejado para reorganizar as forças de defesa no leste. Meios ocidentais, porém, viram a retirada como um aparente colapso das forças russas em um dos principais fronts do conflito, com função logística importante.

Mas o entusiasmo de Kiev também é visto com cautela por analistas militares —além dos combates em si, a guerra de narrativas permeia o conflito. Tão logo divulgou os avanços sobre esses bastiões de Moscou, o governo ucraniano solicitou ao Ocidente o envio de novas armas, afirmando que derrotar os invasores "significa uma vitória para a paz".

A Defesa russa havia anunciado o envio de reforços à região de Kharkiv e divulgado um vídeo com imagens de caminhões militares transportando canhões e veículos blindados. Neste sábado, porém, os sinais foram trocados, com o anúncio de reagrupamento de forças. Já na sexta, em uma rara admissão feita por um dos administradores indicados pelo Kremlin para a área, Vitali Gantchev, Moscou oficializou o avanço ucraniano.

O presidente Volodimir Zelenski, que na sexta-feira (9) anunciou que suas tropas haviam retomado cerca de 30 cidades na região de Kharkiv, neste sábado reforçou a retórica dizendo que os russos estão "exibindo o que sabem fazer de melhor: recuar". Pode até ser, mas depois a Ucrânia relatou um bombardeio russo em Kharkiv, que matou ao menos uma pessoa e destruiu uma série de residências.

Em Izium, o chefe local da administração de Moscou, Vladislav Sokolov, havia afirmado à agência Ria Novosti que a situação era muito difícil. "Nas últimas duas semanas, a cidade foi bombardeada por forças ucranianas, o que está causando séria destruição e muitas mortes." O representante russo em Kharkiv orientou compatriotas a deixarem a província, e testemunhas disseram à Reuters que engarrafamentos foram registrados depois da mensagem.

Se reconquistada, Izium será a principal vitória da contraofensiva ucraniana desde o recuo das tropas do Kremlin de Kiev, nos primeiros dias do conflito. Até aqui, a maior cidade retomada é Balaklia, onde cerca de 30 mil pessoas viviam antes da guerra. Alguns relatórios sugerem que as forças de Zelenski avançaram ainda mais para leste.

A tomada de centros urbanos como Kupiansk —onde militares publicaram fotos

nas redes sociais reinstalando a bandeira ucraniana na prefeitura— e Izium pode ser um duro golpe para a capacidade da Rússia de manter suas posições na linha de frente oriental. Representa ainda o risco de perdas materiais, com soldados abandonando armas e munição nas operações de retirada.

Diante de ameaças ucranianas, Moscou passou cerca de um mês se reforçando ao sul, enquanto mantém sua ofensiva, embora com avanços lentos, para completar a tomada da região de Donetsk ainda sob controle ucraniano.

Em Grakove, localidade recapturada por Kiev, foram derrubados postes e cabos de energia. Nas casas abandonadas, cães e gatos de rua tentavam encontrar comida. "Foi aterrorizante, havia bombardeios e explosões em todos os lugares", disse Anatoli Vasiliev, 61, um dos poucos moradores que permaneceram no vilarejo, à agência de notícias AFP.

Tropas ucranianas também teriam avançado na região sul. Agências russas relataram seis explosões em Nova Kakhovka, cidade controlada pelos russos na região de Kherson.

Em meio ao acirramento da tensão na guerra, a ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, chegou neste sábado à capital ucraniana em uma visita surpresa. É a segunda vez que ela visita o país desde o início do conflito, em 24 de fevereiro. "Viajei para mostrar que eles podem continuar a contar conosco", disse Baerbock em comunicado, assegurando que Berlim continuará apoiando Kiev "pelo tempo que for necessário, com suprimentos de armas, apoio humanitário e financeiro".

Nas últimas semanas, a Alemanha enviou obuses, lançadores de foguetes e mísseis antiaéreos para a Ucrânia. Os equipamentos reforçam o arsenal fornecido pelo Ocidente que, segundo observadores, pode ter prejudicado as capacidades militares da Rússia.

Desde o começo da semana, surgiram relatos de que Kiev estava pressionando Moscou com a abertura de uma frente no norte do país, enquanto sua contraofensiva em Kherson (sul) enfrentava resistência.

Resta saber se os russos, que já tinham desviado forças para conter o ataque em Kherson, têm de onde tirar homens para proteger as áreas ocupadas de Kharkiv, cuja capital não chegaram a tomar, apesar de intensos ataques à cidade, segunda maior da Ucrânia.

# Aumento de ações de Israel na Cisjordânia eleva tensão com EUA

Diogo Bercito

WASHINGTON O reforço no número de incursões militares de Israel na Cisjordânia, em ações classificadas pelas forças do país como de combate ao terrorismo, tem elevado a pressão de observadores internacionais sobre o governo israelense. Mesmo os tradicionais aliados Estados Unidos subiram o tom nesta semana.

Os palestinos afirmam que vivem hoje um dos períodos mais violentos dos últimos anos, com óbitos contados às dezenas. Segundo Israel, o incremento se deu em resposta a uma onda de ataques contra cidadãos do país que deixou ao menos 18 mortos.

Em um raro gesto diplomático, um porta-voz do Departamento de Estado americano afirmou na terça-feira (6) que Washington vai continuar a pressionar Israel para que o país reveja suas regras de combate na Cisjordânia e reduza o risco à vida de civis palestinos e de jornalistas. A pressão vai ser exercida, segundo afirmou Vedant Patel durante um encontro com a imprensa, também nos mais altos escalões do governo.

Antony Blinken, secretário de Estado americano, já vinha fazendo esse pedido em conversas com as autoridades israelenses, mas a fala do porta-voz trouxe a discussão ao debate público —o que gerou fortes reações de Israel. "Ninguém vai ditar as nossas regras de combate, quando somos nós que estamos lutando para defender nossas vidas", afirmou o primeiro-ministro Yair Lapid ao responder às falas vindas de Washington.

Eytan Gilboa, professor de relações internacionais na Universidade Bar-Ilan, em Israel, disse à **Folha** que os comentários americanos foram "ridículos" e "ultrajantes". "Criou-se uma crise. Os EUA estão agora tentando voltar atrás. Mas é uma crise, e espero que ela se resolva logo."

O porta-voz da diplomacia de Washington citou as regras de combate ao comentar a morte da jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh, da rede de TV Al Jazeera, em maio. O caso se tornou um dos maiores desafios recentes do governo israelense em termos de sua imagem pública. Nome quase mítico entre os árabes por suas coberturas e figura frequente nas telas da emissora qatari, a repórter foi morta na cidade de Jenin, na Cisjordânia, enquanto acompanhava uma ação militar israelense.

Investigações de jornais de prestígio, de organizações internacionais de defesa dos direitos humanos e mesmo dos EUA e da ONU culparam Israel pelo disparo que matou Abu Akleh. Durante meses, o país negou ter responsabilidade e sugeriu que o tiro era na verdade obra dos palestinos.

Nesta semana, o governo admitiu que provavelmente um de seus soldados foi responsável pela morte da repórter, ainda que de modo acidental.

O Ministério Público Militar, por sua vez, anunciou que não encontrou suspeitas de um ato criminoso "que justificasse uma investigação penal".

A morte de Abu Akleh, porém, não deve sair do radar dos ativistas pró-Palestina, que consideram que o caso engrossa uma lista de fatores que endureceram a visão sobre Israel nos últimos anos. As críticas focam ataques aéreos na Faixa de Gaza, o impacto de ações militares de contraterrorismo em civis e o fato de as forças israelenses terem agredido, com golpes de cassetete e bombas de efeito moral, homens que carregavam o caixão da jornalista em seu funeral, em maio passado.

Israel afirma que suas incursões na Cisjordânia, território que ocupa desde 1967, foram intensificadas como reação a uma recente onda de ataques contra israelenses que deixou 18 mortos. Muitas das operações ocorrem justamente na cidade de Jenin, tida como um bastião militante —e onde Abu Akleh foi morta.

O Ministério da Saúde palestino afirma que cerca de cem palestinos já morreram na mais recente campanha israelense, incluindo militantes e civis. Não há sinais de que a tensão na região vá diminuir. O Exército israelense informou, em nota recente, que pode até aumentar seu escopo.

Ecoando a narrativa oficial, Gilboa diz que o país tem sido forçado a agir porque as autoridades palestinas têm sido incapazes de controlar a população. O fato de Israel se preparar para ir às urnas em novembro —o quinto pleito em três anos— também tem seu peso. "A oposição acusa o governo de não fazer o bastante para prevenir o terrorismo."

# Ricardo Lagos

# Gabriel Boric não pode esperar nova Carta para governar

Para ex-presidente de esquerda do Chile, atual líder deve se atentar a demandas sociais urgentes enquanto país debate processo constituinte

**ENTREVISTA**

**Sylvia Colombo**

SANTIAGO Ainda que seja muito associada à ditadura militar, por ter sido promulgada por Augusto Pinochet, a Constituição em vigor hoje no Chile recebeu uma série de emendas ao longo do tempo e tem a assinatura também, por exemplo, de Ricardo Lagos, que governou entre 2000 e 2006.

O governo do socialista fez mais de 50 modificações no texto, diminuindo a presença dos militares e atribuindo mais poderes ao Congresso. Lagos é agora partidário de uma nova Carta, mas considera que a Assembleia Constituinte responsável pela proposta levada a plebiscito na semana passada não ouviu os cidadãos e produziu um texto parcial e ideologizado.

O ex-presidente, 84, falou à **Folha** em seu escritório, em Santiago, para comentar os resultados da consulta popular, que rejeitou o novo texto por maiúsculos 62% dos votos, e os impactos no governo do esquerdista Gabriel Boric. Nos dias seguintes o atual presidente já fez uma reforma ministerial, promovendo nomes mais experientes e ao centro.

*

**Após o plebiscito de 2020, que aprovou a redação da nova Constituição, o sr. afirmou à Folha que o processo poderia ser exemplar para a América Latina. Depois, fez críticas a ele. O que mudou?** Como todo processo longo, não houve apenas avanços, mas também contratempos, retrocessos e erros. A ideia inicial era que tudo ocorreria na gestão anterior, de Sebastián Piñera. Só com isso já teríamos um plebiscito diferente. Houve atraso na eleição para os constituintes devido à pandemia e, com isso, um atraso no início dos trabalhos.

Assim, a votação agora, seis meses depois do início da gestão de Gabriel Boric, acabou sendo um plebiscito sobre o governo dele —que acaba de começar e, com seis meses, tem muitas dificuldades. Era inevitável que as pessoas votassem pensando num julgamento de Boric, não só avaliando o conteúdo da Carta.

**Ricardo Lagos, 84**

Primeiro presidente socialista do Chile depois de Salvador Allende (1908-1973), governou de 2000 a 2006. Advogado e economista, anunciou candidatura para as eleições de 2017, mas desistiu pouco depois por falta de apoio dentro de sua coalizão

**Mas se a novíssima que for redigida agora for à votação em um ano, não crê que as pessoas votarão também pensando em julgar o governo?** Sim, e é por isso que Boric precisa mudar. Se quer ver um novo texto aprovado, precisa ter um olho nas negociações do novo processo constitucional e outro focado na administração, em fortalecer políticas públicas que atendam às reclamações daqueles que sentem que sua vida está pior. Ele não pode esperar uma nova Carta para governar.

O presidente agora será muito mais exigido e precisa realizar as reformas necessárias —como a tributária, para que o Estado tenha mais recursos para atender a essas demandas. E terá de negociar de modo muito hábil o encaminhamento do próximo processo.

É o momento de mostrar liderança, de entender que tem um país complexo para administrar e que as melhoras das últimas décadas o fizeram ainda mais complexo.

**A Assembleia Constituinte errou?** Sim, porque não ouviu Boric. Logo depois de eleito, ele foi à Constituinte e disse que não queria que fizessem uma Carta partidária. E o que se fez? Uma carta partidária. Pensaram que, ao ter dois terços da Assembleia para aprovar uma lei, iam representar a maioria dos chilenos, mas isso foi um equívoco.

**Por que tanto incômodo com o conceito de plurinacionalidade?** Esse artigo está equivocado. Ele diz que o Chile "é um Estado social e democrático de direito. É plurinacional, intelectual e ecológico". Eu sempre achei que aí faltavam três palavras: "em sua origem". Porque há 200 anos expulsamos os espanhóis e decidimos que todos os povos que aqui estavam fundariam um Estado soberano.

É verdade que no começo éramos muitos, mas a partir desse momento viramos uma nação. O que não significa que não se deve incluir no novo texto os direitos desses povos originários, mas atendendo ao que eles necessitam. Hoje, 60% dos mapuches vivem em grandes cidades; é preciso atender a esses mapuches, não os de 200 anos atrás. Na província de Araucanía, onde está a maior parte deles, a rejeição foi de 74%. Portanto, algo se fez de errado aí.

**Que impacto o resultado terá na região? O presidente da Colômbia afirmou que, com a derrota da Carta, o pinochetismo estava de volta. Em um mês, haverá eleições no Brasil.** [Gustavo] Petro se equivocou. Creio que temos um problema de diálogo entre os países da região hoje. Quando eu era presidente, falava por telefone duas, três vezes por semana com outros da região. No caso do Brasil, meu diálogo foi primeiro com FHC, depois com Lula, sempre com cordialidade e abertura. Isso não existe mais. Os presidentes não conversam, fazem políticas por meio de redes sociais, muitas vezes com retórica eleitoral.

A América Latina precisa de outro método de integração. Em política externa, não vale muito que estejamos debatendo quem são os mais vermelhos, verdes ou seja qual for a cor política. É preciso sintonizar os interesses e dialogar mais. Petro quer estabelecer a paz na Colômbia e a partir daí olhar para o mundo. Parece um bom ponto de partida, mas será que ele não quer dialogar mais com o presidente do México, com o do Brasil, o do Chile? Todos temos problemas relacionados à segurança e ao narcotráfico.

**O que o sr. tira desse processo chileno?** Tenho muito orgulho de ter visto a institucionalidade funcionando. O Chile foi o país de sempre: fomos votar com grandes diferenças, mas, uma hora e meia depois, tivemos o resultado e ninguém saiu a reclamar que pudesse estar errado ou falar de fraude. Assim tem de ser uma democracia republicana.

**Como viu o ataque a Cristina Kirchner na Argentina? A polarização na América Latina está chegando a um nível em que podemos esperar mais episódios de violência?** Não podemos ter polarizações tão extremas. Outros episódios assim podem ocorrer devido a esse ambiente de enfrentamento político —e são inadmissíveis. Calar-se ou relativizar a gravidade desse episódio é ser cúmplice.

**ARGENTINA REGISTRA NOVOS ATOS EM APOIO A CRISTINA KIRCHNER APÓS ATAQUE**
O presidente Alberto Fernández compareceu a missa em apoio a sua vice na Basílica de Luján no sábado (10), e grupos kirchneristas foram às ruas em Buenos Aires; Cristina evita aparições públicas Divulgação Casa Rosada

No alto, Laura Poitras e, acima, Cate Blanchett seguram as estatuetas de melhor filme e atriz Fotos Guglielmo Mangiapane/Reuters

# Veneza dá Leão de Ouro a zebra e coroa figurões de Hollywood

Documentário 'All the Beauty and the Bloodshed' é vencedor da 79ª edição, com história da fotógrafa Nan Goldin

**Bruno Ghetti**

VENEZA (ITÁLIA) O longa "All the Beauty and the Bloodshed", da americana Laura Poitras, foi o grande vencedor do Festival de Veneza de 2022. Foi a premiação menos previsível em anos —o documentário conta a história da fotógrafa americana Nan Goldin, grande nome do underground nova-iorquino nos anos 1970 e 1980.

Mais recentemente, ela tem se dedicado a uma campanha contra a família Sackler, de bilionários que patrocinam museus importantes em todo o mundo, mas que são donos de um laboratório que há décadas vende remédios altamente viciantes e mortais.

O prêmio de melhor direção foi para Luca Guadagnino, por "Bones and All", que também levou o troféu Marcello Mastroianni, de melhor ator ou atriz em início de carreira, para a jovem Taylor Russell.

Cate Blanchett foi eleita a melhor atriz, por sua brilhante performance como uma tirânica regente de orquestra, em "Tár", de Todd Field, enquanto o troféu de melhor ator foi para Colin Farrell, pelo papel de um homem que inicia uma briga contra o melhor amigo, em "The Banshees of Inisherin", de Martin McDonagh. Ambos já aparecem como nomes fortes para a disputa do Oscar do ano que vem nessas mesmas categorias.

Martin McDonagh, aliás, também levou o prêmio de melhor roteiro por "Banshees", configurando uma rara ocasião em que um mesmo filme levou mais de um prêmio no festival italiano de cinema.

O Grande Prêmio do Júri, o segundo mais importante, foi para "Saint Omer", da franco-senegalesa Alice Diop. O Prêmio Especial do Júri foi para "No Bears", do iraniano Jafar Panahi —o cineasta não compareceu a Veneza porque está preso em seu país, cumprindo pena por protestar contra a prisão de colegas de profissão que haviam se pronunciado publicamente contra o governo do Irã.

O Brasil não teve produções em Veneza neste ano, mas o gaúcho Pedro Harres ganhou o Grande Prêmio do Júri na mostra paralela Venice Immersive, pelo curta de animação produzido na Alemanha "From the Main Square". Em seu discurso, criticou o governo Bolsonaro, dizendo que a administração "não apenas é contra a democracia como também é contra o cinema".

Canteiro de obras do Metrô no Jardim Têxtil, na zona leste de São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

# Investimento se recupera com recursos privados

Patamar, no entanto, ainda é inferior ao de 2013; construção é destaque

**Eduardo Cucolo**

SÃO PAULO Apesar do crescimento da taxa de investimentos no segundo trimestre de 2022, o setor produtivo ainda vê restrições para que o país se recupere do colapso verificado a partir de 2013.

Uma das questões em discussão, inclusive entre os candidatos à Presidência da República, é qual será a contribuição do setor público para que o país consiga suprir todas as suas necessidades de investimentos em infraestrutura produtiva e social.

Puxada pelo setor privado, a taxa de investimento da economia brasileira passou de 14,3% do PIB (Produto Interno Bruto) no segundo trimestre de 2017 para 18,7% no mesmo período de 2022. Apesar da recuperação, o número está há nove anos abaixo do recorde de 21,5% verificado em 2013, época em que o desempenho do indicador era puxado pelo governo federal e pelas empresas estatais.

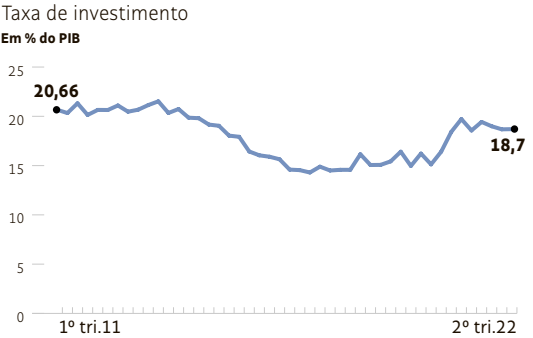
Naquela época, os investimentos em infraestrutura públicos e privados chegaram ao equivalente a R$ 208 bilhões (a preços de 2021). No ano passado, foram R$ 148 bilhões, aquém da necessidade anual de R$ 374 bilhões para os próximos dez anos, segundo estimativa da Abdib (Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base).

Para a entidade, não será possível alcançar tal cifra apenas contando com recursos privados, uma vez que muitos projetos não têm retorno econômico —caso de boa parte da malha rodoviária que ainda não foi privatizada.

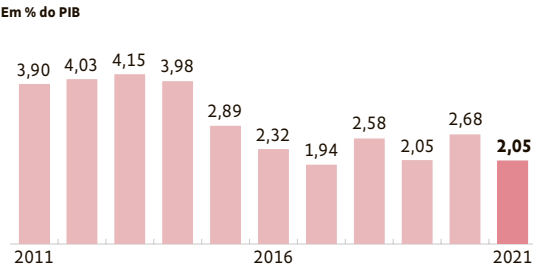
"Não adianta querer jogar tudo para o setor privado, porque o setor privado não tem apetite, em função de rentabilidade e risco, para todas as necessidades. O mercado de capitais privado sozinho não é suficiente. Vai precisar do BNDES", afirma Roberto Figueiredo Guimarães, diretor de planejamento e economia da Abdib.

Ele cita ainda dados do IBGE que mostram que o investimento total no segundo trimestre deste ano apresentou queda em relação ao quarto trimestre do ano passado. Guimarães diz que o indicador deve ficar estável no segundo semestre, diante de muitas incertezas que estão levando ao adiamento de projetos.

"Muitas decisões de investimento estão sendo postergadas. A gente não acredita que seja por questões políticas. É mais pela questão econômica: crise mundial, crise brasileira, taxa de juros muito alta, preços de insumos", afirma.

**Investimentos no Brasil se recuperam**

Fontes: Ipea Data e IBGE

**Investimentos de governos e estatais federais recuam***

Em % do PIB

*Três níveis de governo mais estatais federais
Fonte: Elaborado pelo Observatório de Política Fiscal do FGV Ibre.

Grande parte da contração do investimento durante a recessão de 2014-2016 está ligada ao setor de construção civil, principal componente desse indicador. O setor perdeu participação no investimento de 52% (2014) para 44% (2019, último dado do IBGE disponível).

Com isso, cresceu o peso de itens como máquinas e equipamentos (de 37% para 41%) e investimentos de propriedade intelectual (de 10% para 13%), como criação de softwares e pesquisa e desenvolvimento.

Na divulgação do segundo trimestre de 2022, ainda sem números consolidados, o IBGE destacou o crescimento da construção e softwares.

A abertura desses dados feita pelo Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da FGV) mostra que o crescimento acumulado em 12 meses da construção foi de 6,8% até junho deste ano, enquanto o item máquinas e equipamentos encolheu 0,8% —em uma tendência de desaceleração vista desde setembro do ano passado.

"Máquinas e equipamentos deram um salto em 2021. Houve investimento naquele momento, tanto de nacionais como de importadas, mostrando que entraram novas tecnologias. No período mais recente, voltou a ficar negativo", afirma Claudio Considera, coordenador de Contas Nacionais do FGV Ibre.

"O que aconteceu agora foi graças à construção, que subiu um pouco no período mais recente."

Considera afirma que ainda não vê uma clara recuperação do investimento no Brasil. Segundo ele, os períodos em que houve recorde na formação bruta de capital fixo foram aqueles em que havia grandes obras feitas pelo governo. Agora, há uma expectativa de que mudanças regulatórias e concessões ajudem a melhorar o indicador.

"Provavelmente vai ter investimento agora em função do marco do saneamento e das concessões de aeroportos. São coisas que poderão vir, não significa que já temos isso."

## Candidatos discordam sobre papel do Estado

Em um momento em que o investimento público alcança os menores patamares desde o fim da hiperinflação, os candidatos à Presidência da República têm dado atenção especial ao tema, mas com propostas divergentes sobre o papel do governo federal e dos bancos públicos.

O investimento público federal caiu 65% na comparação entre 2010 e 2021, descontada a inflação, segundo a Abdib. Os valores apontados no Orçamento indicam novas quedas em 2022 e 2023, quando deve chegar ao piso de R$ 22,4 bilhões.

Dados do Observatório de Política Fiscal da FGV mostram que o total passou de 1,94% do PIB em 2017 para 2,05% no ano passado, os menores valores da série histórica iniciada em 1947, considerando também estados, municípios e estatais federais. Desde 2016, os gastos não têm sido suficientes nem para repor a depreciação dos ativos, como a manutenção de pontes e rodovias. No ano passado, essa perda foi de R$ 31 bilhões.

O programa de governo do candidato Jair Bolsonaro (PL) destaca o papel do governo de ampliar o processo de desestatização e de concessões da infraestrutura e garantir segurança jurídica, por meio da implementação de marcos legais. Também fala em melhorar a infraestrutura nas regiões menos desenvolvidas. O BNDES não é citado no documento entregue ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O ex-presidente Lula (PT) defende em seu programa um "vigoroso programa de investimentos públicos", com o fortalecimento do BNDES na oferta de crédito e garantias em projetos e a retomada de obras importantes que foram paralisadas. Também fala em elevar a taxa de investimentos públicos e privados —este último, estimulado por meio de crédito, concessões, parcerias e garantias.

O candidato Ciro Gomes (PDT) defende o papel do BNDES como financiador e estruturador de projetos e propõe a criação de um fundo para investimento em infraestrutura. O programa fala em estimular o setor privado a investir fortemente no país, ampliar o investimento público, com impulso à construção civil, e retomar 14 mil obras licitadas paralisadas ou não iniciadas.

A equipe da candidata Simone Tebet (MDB) calcula que a modernização da infraestrutura brasileira demandará um aumento nos investimentos públicos, "corretamente priorizados e executados", dentro dos limites de responsabilidade fiscal, de 0,5% para estimados 0,9% do PIB, e dos investimentos privados de 1% para ao menos 2,8% do PIB. Também deve manter o programa de concessões e privatizações, ampliar a participação dos mercados de capitais no financiamento e utilizar o BNDES como estruturador de projetos.

# Reforma do teto de gastos é meta de todos os presidenciáveis

**Alexa Salomão**

BRASÍLIA Não importa quem vença a eleição presidencial, a regra do teto de gastos (que impede as despesas federais de crescerem além da inflação) dificilmente será a mesma a partir de 2023.

Os quatro candidatos à Presidência com melhor desempenho nas pesquisas eleitorais avaliam mudanças na estrutura que rege o gasto público. A leitura geral é que o teto, como foi criado, já não existe.

Um de seus pais, o economista Marcos Mendes, colunista da **Folha**, avalia que a norma foi eficiente para deter a pressão por gastos no curto prazo. Quando apareceu alguma demanda inusitada por recursos, foi possível justificar que ela não cabia no teto. No entanto, a regra não resistiu às mudanças nas relações de poder.

Na avaliação de Mendes, houve, nos últimos quatro anos, uma forte deterioração das condições políticas que determinam o gasto público —com o Congresso ganhando poder em detrimento do Executivo e aprovando aumentos de gastos sem estabelecer fontes de receitas, por exemplo.

Para piorar, diz ele, o presidente Jair Bolsonaro (PL) virou sócio do expansionismo fiscal, fragilizando quem quer segurar as despesas no governo.

Um exemplo disso foi aprovação, a toque de caixa, da PEC (proposta de emenda à Constituição) que abriu espaço para elevar o Auxílio Brasil e conceder outros benefícios em plena campanha à reeleição.

Nesse aspecto, o teto deixou de ser um instrumento de ancoragem das expectativas de médio e longo prazo e, segundo Mendes, nenhuma outra regra de gasto sobreviverá muito tempo nesse ambiente.

"Fica muito difícil controlar gastos se não mudar isso. No regime presidencialista, quem tem poder sobre o Orçamento é o Executivo, e ponto final. Não há no mundo um Congresso que possa incluir tantas emendas e mexer com tal nível de detalhamento em um Orçamento como o nosso. Não se vê isso nem em países parlamentaristas."

O economista Edmar Bacha, um dos pais do Plano Real, e que atua na campanha da candidata a presidente Simone Tebet (MDB), identifica outro desafio relacionado aos limites do Orçamento. Ele se declara "horrorizado" com o conteúdo do PLOA (Projeto de Lei Orçamentária Anual) de 2023.

Nas contas dele, o déficit primário deve ser de pelo menos 2% do PIB (Produto Interno Bruto) em 2023, o que representa um resultado de quase R$ 200 bilhões no vermelho.

Descontado o período da pandemia, que levou o déficit primário a 10% em 2020, a última vez que se viu um déficit desse tamanho foi em 2015 e 2016, respectivamente de 2% e de 2,6%.

"Na proposta orçamentária, falam que vão manter o Auxílio Brasil em R$ 600, mas colocam na conta previsão para R$ 400. Falam que vão reajustar a tabela do Imposto de Renda, mas também não tem recurso previsto para isso. Fazem uma compressão das despesas não obrigatórias que é irrealista —simplesmente, metade do que gastaram neste ano", diz Bacha.

"Não dá para o governo funcionar com a previsão de dinheiro que está lá. Será preciso retirá-la do Congresso e refazê-la até 31 dezembro", afirma o economista.

O líder nas pesquisas, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), foi o primeiro a deixar claro que vai abolir o teto de gastos, considerado muito restritivo especialmente para a política social.

"Vamos tirar o teto que está aí e construir um novo arcabouço fiscal", diz o economista Guilherme Mello, um dos responsáveis pelo programa de governo do PT. "Apresentamos as diretrizes no programa, mas a nova regra para o fiscal terá de ser negociada porque toda mudança depende de uma PEC e de um debate maior com a sociedade e o Congresso."

O programa de governo de Lula também trabalha com a perspectiva de revisão de limites da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal), que estabelece regras para o planejamento, o controle, a transparência do gasto público) e da chamada Regra de Ouro (que proíbe endividamento para pagar despesas correntes, como salários e aposentadorias).

Nas discussões internas há quem defenda uma meta de crescimento real para o gasto primário, deixando o resultado do primário flutuar dentro de certo intervalo —em um funcionamento similar ao das metas de inflação. Já se discutiu também metas específicas para crescimento do gasto com investimento, com saúde, com educação, com folha de pagamentos, entre outros itens.

Existe também quem considere estabelecer a possibilidade de abatimento de algumas despesas da meta de resultado primário (conta de receitas menos despesas que o governo deve perseguir anualmente), como foi no período petista com os investimentos do PAC (Plano de Aceleração de Crescimento).

Continua na pág. 18

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

# Lawrence Pih

## Com alta taxa de rejeição, perspectiva de vitória de Bolsonaro é zero

**SÃO PAULO** Um dos primeiros empresários a apoiar o PT nos anos 1980 e também um dos primeiros a criticar o governo Dilma Rousseff publicamente, Lawrence Pih não vê qualquer chance de vitória de Bolsonaro, mas diz ter preocupação com o risco de conflitos. "Com nítida disposição autoritária, o candidato à reeleição vem insinuando que não aceitará um resultado que não lhe seja favorável. O povo e as instituições devem permanecer vigilantes e monitorar cada passo, não lhe permitindo incendiar o país", afirma.

Para Pih, o 7 de Setembro, com a declaração de que Bolsonaro é imbrochável, foi uma exibição de vulgaridade.

*

**O senhor, que apoiou o PT na década de 80 e foi um dos primeiros a criticar o governo Dilma, o que está achando do momento atual?** Os dois mandatos do presidente Lula trouxeram robusto crescimento econômico, redução da desigualdade, distribuição de renda, inclusão social e investimento em educação e saúde. O Brasil era respeitado mundo afora e era visto como um dos países líderes do G-20.

Hoje, o país está envolto em crise econômica, aumento da fome, discórdia social. Um governo com vocação autoritária, repleto de terraplanistas desqualificados, desprovidos de competência, de ética, de moral, de pudor e dignidade. Internacionalmente, somos vistos como pária.

**Que balanço o senhor faz do 7 de Setembro?** Foi uma exibição de vulgaridade explícita. O presidente sequestrou um evento cívico histórico, do qual a nação devia se orgulhar, transformando-o em comício eleitoral chulo. E em um gesto acabadiço, colocou uma figura circense e estrambótica como braço direito. Há evidente carência cognitiva de entender o peso e a importância da instituição da Presidência. Um momento tão solene não é ocasião de fazer marketing para Viagra. O que ocorreu foi um insulto à nossa história, ao país e ao nosso povo.

**Na sua opinião, quais são os reais riscos na retórica de ameaça ao resultado das urnas feita por Bolsonaro?** O presidente disse que a história pode se repetir e que temos pela frente uma luta do bem contra o mal. Nessas frases, está explícita a vontade dele de não aceitar a vontade do povo. Ele se equivoca e inverte o bem e o mal.

**O que achou do caso dos empresários bolsonaristas no grupo de Whatsapp que trocou mensagens a favor do golpe?** Traz à memória a Operação Bandeirante dos anos 1960, quando empresários arquitetavam e apoiavam a implantação de uma ditadura que maculou por mais de duas décadas a história do país. São indivíduos do mesmo nível, e o peso da Constituição deve recair sobre eles.

**E a reação do ministro do STF Alexandre de Moraes, que desencadeou a operação da Polícia Federal?** A resposta do ministro foi à altura da proposição de insurreição. Hoje, há poucos homens públicos com essa coragem.

**O que prevê para a economia em 2023, seja quem for o presidente?** A nossa economia está em frangalhos. A inflação vai superar o teto estabelecido pelo terceiro ano consecutivo por absoluta incompetência, populismo barato, medidas eleitoreiras sem fim.

Os juros permanecem na estratosfera, o poder de compra, corroído, e as falências no setor privado aumentarão. O atual governo não executou reforma tributária ou administrativa, porém, reduziu verbas para ciência, tecnologia, educação e investimentos em infraestrutura, e foi extraordinariamente generoso com o balcão transacional do orçamento secreto.

O próximo presidente herdará um país falido e em recessão, desunido, com um abismo de desigualdade, carência na saúde, na educação e na infraestrutura. Para piorar, estamos à beira de uma recessão global. O que o governo Bolsonaro criou foi uma bomba-relógio para explodir em 2023.

A maior ameaça ao país não é pandemia, desastre climático, Amazônia em chamas, colapso econômico ou guerra global, mas o fascismo totalitário em construção. Com a história na mão, o povo saberá fazer a hora e não esperar o fascismo varrer o país.

**Qual é o seu grau de preocupação com a violência política?** Quando um presidente prega a violência, o confronto, o nós contra eles, a inversão do bem contra o mal, ele instila ódio na sociedade. Destilar machismo com arma na mão não significa coragem, pelo contrário, coragem vem daqueles que pregam e lutam por pacificação e harmonia, é aceitar ponto de vista contrário. A violência que varre o país é consequência direta da conduta do presidente.

Nessa trajetória de assassinato de quem se diverge aumentará o risco de confronto generalizado. As instituições precisam mostrar que são sólidas e cercear voluntarismo.

**Como avalia o resultado do Datafolha de sexta-feira?** A pesquisa Datafolha mostra um quadro estável e consolidado. Com 51% de rejeição, que também permanece estável, a perspectiva de uma vitória do presidente Bolsonaro é zero.

O grande risco reside no intervalo entre o primeiro e o segundo turno. Com nítida disposição autoritária, o candidato à reeleição vem insinuando que não aceitará um resultado que não lhe seja favorável.

O povo e as instituições devem permanecer vigilantes e monitorar cada passo, não lhe permitindo incendiar o país. Torço para que se conclua a eleição no dia 2 de outubro.

**Raio-X**
Graduado em filosofia pelo Lafayette College, nos EUA, mestre em filosofia pelo Four-College PhD Program, pela Universidade de Massachusetts, foi presidente do Grupo Pacífico, de processamento de trigo, que vendeu para a Bunge em 2015, e hoje é investidor. Também é autor de "Réquiem para um Capitalismo em Agonia".

## Reforma no teto de gastos é meta de todos os presidenciáveis

*Continuação da pág. A17*

Existe um certo consenso de que, seja qual for a regra de curto prazo, é recomendável que ela considere cenários de longo prazo para evolução da dívida líquida e bruta.

O economista Nelson Barbosa, colunista da **Folha** e ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, não faz parte dos grupos que elaboram o programa, mas está entre os pestistas que defendem a necessidade haver alguma regra para controle de gastos.

"Previsibilidade, transparência e eficiência recomendam metas de crescimento do gasto", diz Barbosa.

"Sinalizar a evolução do gasto, mesmo que seja para aumentá-lo, evita corrida por criação de receitas, estimula o debate sobre eficiência da alocação dos recursos públicos e evita política fiscal pró-cíclica, que acaba desestabilizando em vez de estabilizar a economia."

Na gestão bolsonarista, não se fala em desistir do teto, mas o próprio Bolsonaro já deu entrevista dizendo que a regra pode ser alterada em um eventual segundo mandato. O ministro Paulo Guedes (Economia) também já declarou que a regra atual tem imperfeições e que é preciso aprimorá-la.

Um exemplo recorrente de problema citado por Guedes é o caso da cessão onerosa. A União entendeu que teria de transferir parte dos ganhos a estados e municípios. Apesar de ser uma transferência pontual, era vetada pelo teto. Foi feita, então, a primeira alteração na regra, por meio de uma PEC.

No final de agosto, o Tesouro Nacional anunciou que já colocou em discussão um novo modelo de controle dos gastos considerado mais flexível, conforme mostrou a **Folha**. A despesa poderia crescer mais a depender do nível de endividamento e do PIB.

O crescimento do gasto poderia superar a inflação quando a dívida estivesse abaixo de determinado patamar desde que o percentual acima do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, indicador de inflação) ficasse abaixo do crescimento do PIB.

A cúpula do Ministério da Economia fala em um sistema de metas para o endividamento. Não foram apresentados números oficialmente, mas envolvidos nas discussões chegam a mencionar que o objetivo seria aproximar o endividamento brasileiro do patamar de países emergentes — em torno de 60% do PIB. Hoje, a dívida bruta representa 77,6% do PIB brasileiro.

O ex-ministro Ciro Gomes (PDT) é outro presidenciável que fala abertamente em revogar o teto atual. Na manifestação mais recente, na sexta-feira (9), ele mencionou que a revisão da norma beneficiaria a educação.

O economista Nelson Marconi, que está na coordenação do programa de governo do candidato pedetista, diz que está em estudo uma regra de limite para o gasto associada ao PIB.

"Da forma como ele está, o teto virou uma obra de ficção", diz Marconi. "Estamos avaliando uma regra que inclua um adicional além da inflação, atrelado ao PIB, mas com caráter contracíclico."

Ou seja, que permita elevação de gasto em momentos de retração econômica, especialmente para que o Estado possa ter uma política social eficiente em períodos mais críticos.

De certo, até agora, é que o investimento vai ficar fora dessa nova regra de controle de gastos.

**O TETO**

Regra que limita as despesas do governo federal ao IPCA (índice de inflação) do ano anterior. Inicialmente, aplicava-se o IPCA dos 12 meses encerrados em junho, depois alterado para janeiro a dezembro

**O que está dentro do teto**
- Despesas obrigatórias da máquina pública (como salários) e as despesas discricionárias, que podem ser cortadas (como investimento)

**O que está fora do teto**
- Despesas financeiras, como juros da dívida pública, crédito extraordinário, transferências constitucionais para estados, municípios e DF, capitalização de estatais, despesas com eleições da Justiça Eleitoral e complementação do Fundeb

"Entendemos que investimentos precisam ser excluídos do teto, porque esse gasto tem um efeito multiplicador na economia, ajuda a melhorar a produtividade e reduzir desigualdades sociais", afirma Marconi.

As despesas correntes seriam atreladas ao PIB, com crescimento mais limitado. Já os investimentos seriam corrigidos com base na expansão real da arrecadação federal, que proporcionaria uma expansão maior, uma vez que, normalmente, a receita cresce mais do que o PIB.

A equipe econômica de Simone Tebet (MDB) também pretende fazer alterações na regra do teto, mas para resgatá-lo, afirma.

"A importância do teto no controle da despesa é inegável. A gente viu como ele foi importante para derrubar a taxa de juros de dois para um dígito e para reduzir a inflação", diz a economista Elena Landau, coordenadora do programa econômico de Tebet.

"A gente precisa deixar bem explícito que qualquer flexibilização de despesa precisa estar vinculada a ganhos com reformas, e não é aquela reforma para o cara dizer que fez porque é liberal, é fiscalista, mas aquela reforma que gera recursos para economia verde, para novas tecnologias, para a recuperação do aprendizado e valorização do professor."

No grupo de Tebet, a discussão do teto é um pedaço de um debate maior que vai buscar a reorganização da estrutura orçamentária.

Toda e qualquer economia, afirma a econimista, será canalizada para as áreas de educação, saúde, ciência e tecnologia, consideradas as bases de um crescimento sustentável de longo prazo.

### O que pensam os candidatos

**LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** (PT)

- Equipe de Lula avalia várias alternativas. Há quem defenda, por exemplo, meta de crescimento real do gasto primário, atrelada a um intervalo de flutuação para o resultado primário, como ocorre com a inflação. Mas também se discute possível abatimento de algumas despesas do cálculo da meta fiscal. Há um certo consenso na criação de cenário de longo prazo para evolução da dívida líquida e bruta para fixar objetivos fiscais de curto prazo

**JAIR BOLSONARO** (PL)

- A equipe econômica de Bolsonaro argumenta que teve de corrigir imperfeições do teto, como restrição à transferência de recursos da cessão onerosa a estados e municípios. Em um segundo mandato, pode rever restrições a outras transferências não recorrentes que não incham o gasto. Ao mesmo tempo, avalia associar o limite de gasto a uma meta para dívida, com sistema de bandas. Pelo estudo, o gasto poderia superar a inflação desde que ficasse abaixo do crescimento do PIB nominal quando a dívida estivesse na banda

**CIRO GOMES** (PDT)

- O novo instrumento de controle de gastos, ainda em discussão na equipe de Ciro Gomes, também seria reajustado pela inflação como o teto, mas teria um adicional, que poderia ser o desempenho do PIB. O importante é que a regra tenha caráter contracíclico para que a política fiscal permita ao Estado injetar mais recursos na economia em momentos de piora do ambiente, sempre mantendo o equilíbrio fiscal. Não haveria limite para gastos com investimento

**SIMONE TEBET** (MDB)

- Regra fiscal, ainda em análise na equipe de Simone Tebet, prevê a manutenção do teto, mas resgatando tanto a fórmula original de reajuste, o IPCA nos 12 meses até junho do ano anterior, quanto o espírito da medida, que previa reformas para reestruturar a relação entre receita e despesa. Em paralelo, seria enviada ao Congresso uma nova proposta orçamentária para 2023. A prioridade seria o gasto de caráter social, como saúde, educação, ciência, tecnologia e benefícios capazes de criar as bases para um crescimento de longo prazo

## Santander melhora projeção para PIB e inflação

**REUTERS** O Santander melhorou seus prognósticos para o desempenho do PIB neste ano e no próximo, além de baixar as perspectivas de inflação para ambos e reduzir a projeção para a taxa Selic.

O PIB do Brasil deve crescer 2,6% neste ano, segundo as novas estimativas, contra projeção anterior de 1,9%. Essa melhora foi justificada por desempenho "animador" da atividade no primeiro semestre, disse o Santander em relatório desta sexta (9). No início deste mês, o IBGE informou que o PIB teve alta de 1,2% no segundo trimestre, resultado acima do esperado.

No entanto, o banco disse esperar que a atividade perca força no segundo semestre, "uma vez que os efeitos contracionistas da política monetária restritiva comecem a aparecer".

Mesmo assim, um mercado de trabalho resiliente e uma expansão da renda podem amortecer o impacto, e o Santander melhorou seu prognóstico para o PIB do ano que vem para uma variação negativa de 0,2%, contra queda de 0,6% estimada antes.

Na frente da inflação, o banco adotou visão mais otimista, reduzindo a perspectiva de alta do IPCA em 2022 para 6,3%, de 7,9% anteriormente, citando alívio temporário de medidas de redução das pressões de preços, como cortes de impostos.

**2,6%** é a projeção do Santander de alta do PIB do Brasil neste ano

**-0,2%** é a estimativa do banco de retração da economia no ano que vem

# Fome e inflação são desafios a fala de Bolsonaro sobre 'economia pujante'

Apesar de alta de preços ter voltado a um dígito, brasileiro viu seu poder de compra diminuir

Nathalia Garcia
e Pedro Ladeira

Fotos Pedro Ladeira/Folhapress

1 Caio Cardoso perdeu o emprego com carteira assinada e vive de bicos 2 Francisca do Nascimento recolhe material reciclável com sua bicicleta e vive em ocupação em Brasília; ela diz que às vezes come carne que encontra no lixo 3 Flávio Console está decidido a vender o caminhão que tem há 12 anos 4 Elis Regina é servidora pública e reduziu o consumo de carne vermelha

**BRASÍLIA** Fome, precariedade no trabalho e corrosão do poder de compra provocada pela inflação ainda desafiam o discurso do presidente Jair Bolsonaro (PL), em campanha pela reeleição, sobre o Brasil ressurgir com uma economia pujante.

Apesar de dois meses seguidos de deflação (queda de preços) puxada pela redução das alíquotas de ICMS sobre combustíveis e energia elétrica, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) acumula a alta de 8,73% em 12 meses.

O aumento no custo da alimentação no mesmo período chegou a 13,43%.

Comida cara castiga sobretudo os mais pobres. Nem sempre o cardápio vai além de arroz e feijão na casa de Francisca Maria do Nascimento Bezerra, a Dona Caçula.

"Às vezes, a gente acha [carne] na lixeira e come, mas quando é para comprar, só de mês em mês, compra um frango, toucinho. Carne vermelha não dá para comprar, não", conta a mulher, que vive em situação de vulnerabilidade e desinfeta o alimento tirado do lixo com limão e vinagre.

Caçula paga R$ 200 mensais em um apartamento em um conjunto de baixa renda em Brasília. Para trabalhar como catadora de materiais recicláveis, no entanto, acaba vivendo com o marido ao lado de outras famílias em uma ocupação no Noroeste.

Aos 55 anos, ela ganha até R$ 350 por mês com o que recolhe de bicicleta pelas ruas. Como seu marido recebe o BPC (Benefício de Prestação Continuada), que paga um salário mínimo a idosos de baixa renda e pessoas com deficiência —caso do marido de Caçula—, ela não tem direito ao Auxílio Brasil.

A história de Caçula mostra uma realidade diferente da expressa por Bolsonaro, que disse que não existe "fome para valer" no Brasil.

Em discurso nas comemorações do dia 7 de Setembro, o presidente chegou a dizer: "Quando parecia que tudo estaria perdido para o mundo, eis que o Brasil ressurge, com uma economia pujante, com uma gasolina das mais baratas do mundo, com um dos programas sociais mais abrangentes do mundo, que é o Auxílio Brasil, com recorde na criação de empregos, com inflação despencando".

O 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional), indicou que 33 milhões de pessoas passam fome no país.

"A insegurança alimentar, que é um problema de saúde pública e compromete o futuro da sociedade, está relacionada a diversas causas. O desemprego, a queda do rendimento médio das famílias e a inflação estão entre elas", afirmou o sociólogo Rogério Baptistini, professor do CCSA (Centro de Ciências Sociais e Aplicadas) da Universidade Mackenzie.

A comida cara tem levado a classe média a mudar seus hábitos de compra.

Elis Regina Dias de Assis, servidora pública, está sempre atenta a promoções e não se apega a marcas na hora de escolher os produtos. Ela diminuiu o consumo de carne vermelha, tem evitado comprar feijão e passou a fazer pão caseiro. Vez ou outra, leva para casa uma caixa de leite.

O orçamento mais apertado levou Elis Regina a mudar o plano na academia, a deixar o carro próprio encostado na garagem e ir ao trabalho de transporte público. Buscou um apartamento com aluguel mais barato, ainda que mais distante.

"Seis salários mínimos antigamente era algo bom, já não é mais. Meu padrão de vida diminuiu, sim. Agora, a gente tem de pensar bem antes de comprar muita coisa", afirma.

O economista Heron do Carmo, professor da FEA-USP (Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo), ressalta que, "mesmo que a inflação dê um certo alívio daqui por diante, não dá para [o consumidor] esquecer o saldo dos aumentos anteriores".

Flávio Console, no ramo de transporte de cargas desde 1994, sofre com a queda da sua margem de lucro nos últimos meses. Está decidido a vender sua "segunda casa", um caminhão que o acompanha há 12 anos.

"Tempos atrás, o nosso custo de combustível por viagem era em torno de 40%. Só de combustível, hoje chega a 60% do valor do frete", disse o motorista, ao preparar-se para pegar a estrada rumo a Araguari (MG).

Em média, ele faz duas viagens por semana. "Uma viagem de R$ 4.400 de frete, ida e volta são 740 km, o custo é na faixa de R$ 2.600 só de óleo [diesel]", detalhou. "Isso sem contar pneu, desgaste de veículo, trabalho do motorista, comida, pedágio. Está ficando difícil trabalhar nesse ramo."

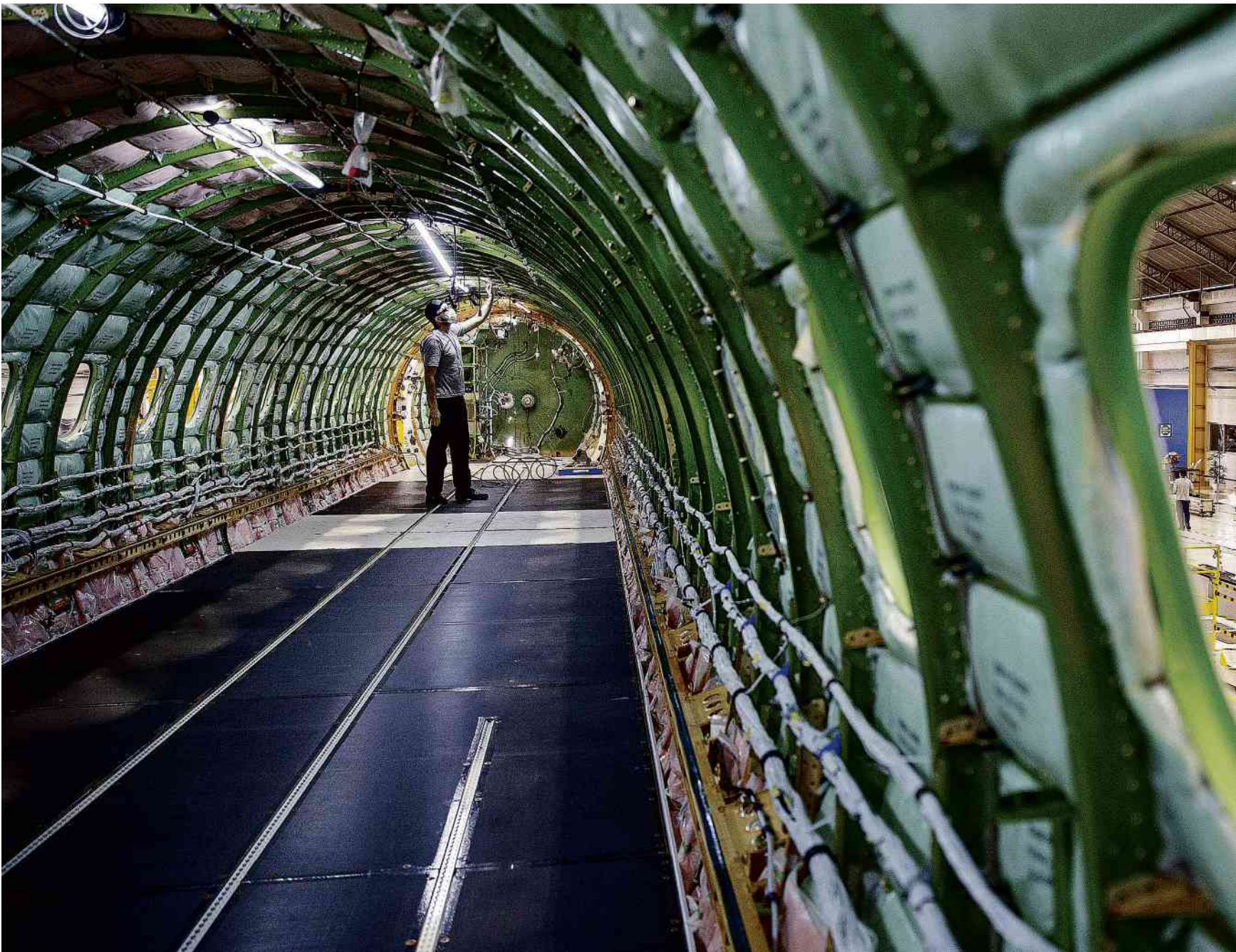
O auxílio distribuído pelo governo aos caminhoneiros em seis parcelas de R$ 1.000 mensais não é suficiente para fazer Console desistir de abandonar as estradas.

Na visão de especialistas, outro ponto sensível politicamente para Bolsonaro é a precarização do trabalho.

Embora a taxa de desemprego tenha recuado para 9,1% no trimestre encerrado em julho, o número de trabalhadores informais chegou a 39,3 milhões, de acordo com o IBGE.

Caio Cardoso, nos últimos meses, tem feito bicos de pintor ao lado do pai, atuado como ajudante de pedreiro e participado da montagem de tendas para eventos, serviço que lhe rende R$ 120 por dia.

"A gente vai fazendo o que aparece no momento enquanto não vem o trabalho fichado", diz o morador de Ceilândia. Ele trabalhou durante três anos na limpeza e mais um na jardinagem, como operador de micro trator, em uma empresa de serviços gerais. Viu a carga de trabalho aumentar após corte de 50% do pessoal durante a pandemia até ter seu contrato rescindido.

"Moro de aluguel, tenho minha esposa, meu filho. A gente vai fazendo do jeito que consegue", afirma. Em agosto, recebeu a última parcela do seguro-desemprego de R$ 1.200. A queda da renda nos próximos meses preocupa Cardoso, pai de um menino de 2 anos.

Técnico vistoria detalhe da construção de aeronave em hangar da Embraer, em São José dos Campos, em São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

# Empresas

## Privatização ajudou ex-estatais a crescer e a enfrentar crises

Companhias como Vale, Embraer e CSN ganharam eficiência após troca de dono

Ricardo Balthazar

SÃO PAULO Fernando Henrique Cardoso começou a pensar na privatização da Companhia Vale do Rio Doce em fevereiro de 1995, quando ainda não tinha completado dois meses no cargo de presidente da República, e demorou mais de dois anos para finalmente vendê-la.

"Não quero ir contra a maré, mas vejo com certa preocupação essa questão, que não está totalmente clara para mim", disse em outubro daquele ano, após meses de hesitação, ao ditar para o gravador as reflexões reunidas nos diários que registram o dia a dia do seu governo.

O tucano temia perder controle sobre os investimentos da empresa e chegou a cogitar a criação de um fundo com recursos da Vale para financiar obras de infraestrutura. "Não podemos abrir mão de que o Estado tenha capacidade de definir rumos", anotou em janeiro de 1996.

FHC considerava frágeis os grupos nacionais interessados na companhia e via com suspeição sua articulação com fundos de pensão de funcionários de estatais. Não queria que a empresa ficasse sob controle estrangeiro, nem que os novos donos se desfizessem de seus ativos.

Em maio de 1997, num leilão na antiga Bolsa de Valores do Rio, um consórcio organizado pelo empresário Benjamin Steinbruch com bancos e fundos de pensão arrematou por US$ 3,3 bilhões o bloco de ações que garantia o controle da Vale e abriu um novo capítulo na sua trajetória.

Criada pelo presidente Getúlio Vargas em 1942, nos estertores da ditadura do Estado Novo, a Vale era a joia da coroa entre as dezenas de empresas que o governo brasileiro colocou à venda a partir de 1991, quando Fernando Collor lançou o Programa Nacional de Desestatização.

Passadas três décadas, a mineradora é a maior empresa privada brasileira, e uma das maiores do mundo no seu setor. Em julho, o valor de suas ações nas bolsas era equivalente, em dólares, a vinte vezes a quantia arrecadada no leilão em que a companhia foi vendida.

A Vale já era um gigante quando foi oferecida ao setor privado. Exportava ferro e outros minérios para vários países, financiava a maior parte dos seus investimentos com recursos próprios e era mais lucrativa do que as outras estatais que haviam sido leiloadas nos anos anteriores.

Ela, porém, foi mais longe depois que se livrou das amarras que tinha quando era controlada pelo governo, ampliando seu acesso ao mercado de capitais e ganhando flexibilidade para explorar oportunidades que surgiram com o crescimento da China e a valorização das commodities.

O governo manteve ações especiais conhecidas como golden shares, que lhe dão direito de veto se a empresa quiser deixar a atividade principal, se desfazer de portos e ferrovias ou mudar de nome, o que ocorreu em 2009, quando passou a se chamar simplesmente Vale.

Mas a companhia deixou vários negócios da fase estatal, como indústrias de fertilizantes, papel e celulose, e assim pôde se concentrar na mineração e adquirir concorrentes no Brasil e no exterior, como a canadense Inco, uma das maiores produtoras de níquel do mundo.

Na primeira década do programa de privatizações, sua fase mais intensa, o governo federal vendeu ações que tinha em 119 empresas. Conforme um balanço feito em 2002, ele arrecadou US$ 87 bilhões e transferiu aos novos controladores dívidas equivalentes a US$ 18 bilhões.

Embora o programa tenha nascido da preocupação com os desequilíbrios econômicos acumulados pelo país nos anos 1980, alguns de seus objetivos prioritários não foram alcançados —a dívida pública, por exemplo, continuou crescendo, apesar do alívio com a venda das estatais.

Mas estudos feitos por economistas do governo e instituições independentes apontaram outros benefícios, como a atração de investidores estrangeiros, a modernização das indústrias de vários setores e melhorias nos serviços de telecomunicações, transportes e outras áreas.

Um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo contratado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para estudar o assunto em 2003 encontrou ganhos de eficiência significativos ao analisar a evolução de 102 empresas privatizadas na década anterior.

Segundo o trabalho, elas aumentaram suas vendas e conseguiram uma redução de 33% em seus custos, em média, nos primeiros dois anos após a troca de dono. Seus resultados operacionais aumentaram 5,6% no mesmo período, sem contar impostos e despesas financeiras.

"O setor público teve grande mérito ao criar algumas dessas empresas, mas chegou uma hora em que seu envolvimento não fazia mais sentido e elas tinham melhores condições de se desenvolver no setor privado", diz Antonio Gledson de Carvalho, um dos autores do estudo.

Continua na pág. A21

### 30 anos de privatização

A **Folha** publica uma série de reportagens especiais em seis capítulos para detalhar o que mudou no Brasil em três décadas de privatizações e concessões de atividades públicas à iniciativa privada. Em todos os setores, os investimentos se multiplicaram, assim como o contingente de brasileiros atendidos por mais e melhores serviços. Próximo capítulo: bancos estaduais.

Carlos Nogueira - 15.abr.11/Tribuna de Santos/Folhapress

Usiminas, primeira empresa a entrar no programa de desestatização

Continuação da pág. A20

A primeira empresa vendida pelo programa foi a siderúrgica Usiminas, líder na produção de aços planos para a indústria automobilística e fabricantes de eletrodomésticos. Manifestantes contrários à privatização agrediram investidores que foram até a Bolsa no dia do leilão.

Nos anos seguintes, o governo vendeu outras sete empresas do setor, inclusive a maior de todas, a Companhia Siderúrgica Nacional, criada por Getúlio Vargas em 1941. A Siderbrás, que controlava os investimentos estatais na siderurgia, foi extinta no governo Fernando Collor.

Poucos empresários foram tão agressivos nesse processo como Benjamin Steinbruch, dono do grupo Vicunha, com origem na indústria têxtil. Ele liderou o consórcio que arrematou o controle da CSN em 1993 e depois os que compraram a distribuidora de energia Light e a Vale.

Mais tarde, o acúmulo de dívidas e conflitos com outros investidores obrigaram Steinbruch a se afastar das duas companhias para se concentrar na CSN, que preside até hoje. No ano passado, o empresário anunciou planos para dobrar o tamanho da siderúrgica em três anos.

"Nas primeiras privatizações, os ganhos eram óbvios e os resultados tornaram o acerto evidente", diz o economista Sérgio Lazzarini, do Insper. "No caso de empresas ainda sob controle estatal, como a Petrobras, a Caixa e os Correios, os benefícios nem sempre são tão óbvios."

A Embraer, criada em 1969, foi bem-sucedida ao produzir e comercializar seu primeiro avião, o turboélice Bandeirante, desenvolvido pela Aeronáutica. Mas acumulava prejuízos no início da década de 1990, o que comprometia sua capacidade de financiar novos projetos.

Em 1994, quando investidores liderados pelo banco Bozano, Simonsen compraram a empresa, ela ganhou a agilidade necessária para o salto que deu na década seguinte, quando uma nova linha de jatos a transformou no terceiro maior fabricante de aeronaves comerciais do mundo.

"A Embraer já tinha uma cultura de excelência na engenharia, muito forte, mas não teria sobrevivido se não tivesse sido privatizada e tornado sua gestão mais profissional", afirma o professor Roberto Carlos Bernardes, da FEI, autor de um livro sobre a trajetória da empresa.

Após a troca de dono, a companhia negociou parcerias com fornecedores estrangeiros que dividiram os riscos do desenvolvimento dos novos aviões e depois a produção de várias partes. O modelo deu acesso a novas tecnologias e permitiu o desenvolvimento de jatos maiores depois.

O governo deixou de ser sócio da empresa, mas reteve uma ação especial que lhe dá direito de vetar certas decisões, incluindo mudanças no controle acionário da companhia e medidas que afetem programas militares como o cargueiro C-390, desenvolvido para a Aeronáutica.

Os subsídios do Programa de Financiamento às Exportações (Proex) foram decisivos para o sucesso comercial da Embraer, criando condições para que competisse com seus maiores rivais, no início a canadense Bombardier, que saiu do mercado de jatos regionais, e hoje a Airbus.

A Embraer voltou a ter prejuízos com o impacto da pandemia na aviação e o cancelamento de um acordo bilionário para venda de sua divisão de aviões comerciais para a gigante americana Boeing, mas se recuperou rapidamente e tem hoje US$ 17 bilhões em pedidos para entregar.

Em 2006, a Embraer se tornou uma companhia de capital pulverizado e adotou regras de governança que restringem o poder dos maiores acionistas. Ninguém tem mais do que 5% dos votos nas assembleias, mesmo que tenha mais ações, e a empresa não tem um controlador.

A Vale adotou modelo parecido há dois anos, com o fim de um acordo que amarrava os acionistas que arremataram o controle da mineradora na privatização. O braço de participações do BNDES, que fazia parte do antigo bloco controlador, não tem mais nenhuma ação na empresa.

A presença do governo no centro das decisões da Vale mesmo depois da privatização foi por muitos anos uma fonte de tensões, como as que levaram à substituição de Roger Agnelli na presidência da mineradora em 2011, após um prolongado desgaste na relação com Brasília.

Durante a gestão de Agnelli, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou a empresa por fazer demissões para enfrentar a crise internacional de 2008 e por contratar estaleiros estrangeiros para aumentar sua frota de navios, e cobrou que fizesse investimentos no Brasil.

Críticos da privatização voltaram à carga por causa do rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho, que causaram 289 mortes e desastres ambientais de grandes proporções. A reparação dos danos custará pelo menos R$ 38 bilhões à Vale e ainda está longe de terminar.

"A ação dos órgãos ambientais é mais incisiva hoje", diz o economista Armando Castelar Pinheiro, da Fundação Getúlio Vargas no Rio. "É mais fácil cobrar a Vale como empresa privada que deve prestar contas à sociedade e aos acionistas do que na época em que era estatal."

VEJA ESPECIAL EM folha.com/privatizacao

**+ Principais privatizações e concessões**

**Fernando Collor**
- Usiminas

**Itamar Franco**
- CSN
- Embraer

**Fernando Henrique Cardoso**
- Telebras
- Vale do Rio Doce
- Bancos Banerj, Banespa e Banestado, entre outros

**Luiz Inácio Lula da SIlva**
- Leilões para construção das usinas de Santo Antônio e Jirau
- Concessão das rodovias Régis Bittencourt e Fernão Dias, entre outras

**Dilma Rousseff**
- Instituto de Resseguros do Brasil
- Concessões dos aeroportos de Guarulhos, Viracopos, São Gonçalo do Amarante e Galeão
- Concessão da BR-101, entre outras

**Michel Temer**
- Distribuidoras de energia
- Linhas de transmissão
- Concessões na área de transporte

**Jair Bolsonaro**
- Eletrobras
- BR Distribuidora
- Transportadora Associada de Gás
- Refinaria Landulpho Alves
- Concessão da Ferrovia Norte-Sul (trechos central e sul)

## CSN

| | |
|---|---|
| Negócios | Siderurgia, mineração, cimento, energia e logística |
| Perfil | Maior usina siderúrgica integrada do Brasil |
| Fundação | 1941 |
| Privatização | 2.abr.1993 |
| Valor da venda, US$ milhões* | 1.495 |
| Dívida transferida, US$ milhões | 533 |
| Compradores | Vicunha, bancos, fundos de pensão, Docenave e empregados |
| Principais acionistas hoje, em % das ações com direito a voto | Vicunha 51,24; Rio Iaco 3,45 |
| Participação do governo hoje | BNDESpar, com 0,63% |

Desempenho financeiro
R$ milhões, em 2021

| | |
|---|---|
| Receita líquida | 47.912 |
| Resultado operacional** | 20.540 |
| Resultado líquido | 13.596 |
| Número de empregados | 24.660 |

*Incluindo receita obtida em leilões para venda de participações remanescentes após transferência de controle da empresa
**Sem despesas financeiras e impostos
Fontes: Relatórios do Programa Nacional de Desestatização e das empresas

## Usiminas

| | |
|---|---|
| Negócios | Siderurgia, mineração |
| Perfil | Líder na produção de aços planos para carros e eletrodomésticos |
| Fundação | 1956 |
| Privatização | 24.out.1991 |
| Valor da venda, US$ milhões* | 1.941 |
| Dívida transferida, US$ milhões | 369 |
| Compradores | Companhia Vale do Rio Doce, Nippon, bancos, fundos de pensão e empregados |
| Principais acionistas hoje, em % das ações com direito a voto | Techint 32,3; Nippon 31,5; Empregados 4,84 |
| Participação do governo hoje | Nenhuma |

Desempenho financeiro
R$ milhões, em 2021

| | |
|---|---|
| Receita líquida | 33.737 |
| Resultado operacional** | 11.490 |
| Resultado líquido | 10.060 |
| Número de empregados | 14.125 |

*Incluindo receita obtida em leilões para venda de participações remanescentes após transferência de controle da empresa
**Sem despesas financeiras e impostos
Fontes: Relatórios do Programa Nacional de Desestatização e das empresas

## Vale

| | |
|---|---|
| Negócios | Mineração, logística, siderurgia e energia |
| Perfil | Maior produtora de minério de ferro e níquel do mundo |
| Fundação | 1942 |
| Privatização | 6.mai.1997 |
| Valor da venda, US$ milhões | 3.302 |
| Dívida transferida, US$ milhões | 3.473 |
| Compradores | CSN, bancos, fundos de pensão, BNDESpar e empregados |
| Principais acionistas hoje, em % das ações com direito a voto | Previ 8,25; Capital World Investors 6,39; Blackrock 6,05; Mitsui 5,73 |
| Participação do governo hoje | Golden shares com direito a veto em certas decisões |

Desempenho financeiro
R$ milhões, em 2021

| | |
|---|---|
| Receita líquida | 293.524 |
| Resultado operacional* | 148.282 |
| Resultado líquido | 121.228 |
| Número de empregados | 72.266 |

*Sem despesas financeiras e impostos
Fontes: Relatórios do Programa Nacional de Desestatização e das empresas

## Embraer

| | |
|---|---|
| Negócios | Aviões |
| Perfil | Terceiro maior fabricante de jatos comerciais do mundo |
| Fundação | 1969 |
| Privatização | 7.dez.1994 |
| Valor da venda, US$ milhões | 192 |
| Dívida transferida, US$ milhões | 263 |
| Compradores | Bozano Simonsen, fundos de pensão e empregados |
| Principais acionistas hoje, em % das ações com direito a voto | Brandes 15,1; BNDESpar 5,4; Blackrock 5,1 |
| Participação do governo hoje | Golden share com direito a veto em certas decisões |

Desempenho financeiro
R$ milhões, em 2021

| | |
|---|---|
| Receita líquida | 22.670 |
| Resultado operacional* | 891 |
| Resultado líquido | -275 |
| Número de empregados | 15.427 |

*Sem despesas financeiras e impostos
Fontes: Relatórios do Programa Nacional de Desestatização e das empresas

# Lula, por um punhado de votos

Em cenário apertado, nichos de eleitorado podem decidir a eleição no dia 2

**Vinicius Torres Freire**
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

*Faz mês e meio, as diferenças nas pesquisas Datafolha sobre a eleição presidencial têm sido pequenas. Seria possível até dizer que, em caso extremo, improvável, a diferença entre Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) praticamente não se alterou nessas semanas. Não parece ser o caso, dado o conjunto das estatísticas, como a diminuição da vantagem petista também no segundo turno ou a melhora discreta da avaliação do governo. Mas a eleição pode se decidir em detalhes, nichos, em punhados de votos.*

*Antes de continuar, três lembretes: 1) Lula tem 48% dos votos válidos no primeiro turno (já teve quase 52%, em fins de julho); 2) Eleitores não muito decididos de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) podem render dois pontos para Lula, no limite; 3) Parece ninharia, mas recorde-se: Lula passou para o segundo turno da eleição para presidente de 1989 com uma vantagem de 0,67% dos votos sobre Leonel Brizola (1922-2004), do PDT.*

*O que ainda pode ser decisivo, como uma definição em primeiro turno ou meios de Bolsonaro reduzir a grande distância para Lula em uma segunda rodada?*

*Primeiro, sobram cada vez menos votos no poço de indecisos, nulos e brancos e há menos gente declaradamente propensa a mudar de ideia. No conjunto do eleitorado, 77% dizem estar decididos; são 86% entre os eleitores de Lula, 83% entre os de Bolsonaro.*

*Pode haver votos a explorar no balaio de Ciro e Simone, ressalte-se: 54% dos eleitores de cada um dizem que podem mudar de voto. No limite, na ponta do lápis, dariam hoje uma vitória a Lula na primeira rodada, tudo mais constante.*

*Segundo, o avanço de Bolsonaro indica o sucesso relativo de uma estratégia: depredar Lula, recuperar votos em seus nichos e se aproveitar da discreta melhora socioeconômica. Se dá para tomar os números ao pé da letra (as diferenças são pequenas), Bolsonaro retomou votos entre homens, evangélicos e, aparentemente, no interior do Sudeste.*

*Lula parece não ter estratégia a não ser esperar que a rejeição a Bolsonaro continue majoritária e que a campanha bolsonarista não faça mais estrago na imagem do petista. "Jogar parado", como se diz.*

*Terceiro, Lula bate Bolsonaro por 58% a 42% em um segundo turno. A se repetirem abstenções, nulos e brancos de 2018, Bolsonaro precisaria tirar uns 9 milhões de votos de Lula a fim de empatar o jogo. É muito ou é possível?*

*A rejeição a Bolsonaro entre os eleitores de Ciro (65%) e de Simone (73%) continua muito maior que sua rejeição média (51%). Para que esse jogo vire, Lula tem de fazer alguma bobagem grande e/ou Bolsonaro provocar uma convulsão nas quatro semanas de campanha de um segundo turno. Por que Bolsonaro não o faria?*

*De interesse mais imediato, o encerramento da eleição no primeiro turno ainda é uma hipótese sobre a mesa, embora caindo pelas beiras. A estratégia bolsonariana dá algum resultado e a melhoria econômica ainda deve render pontos. Ainda assim, há votos úteis a pescar nos laguinhos de Ciro e Simone. Mas o lulismo não tem novidades ou inspiração, quando não parece desnorteado, como na relação com evangélicos. Terá algo a dizer a cristas ou aos nichos de eleitores com os quais poderia conversar nas redes ou nas mensagens de celular? Sabe fazê-lo?*

*Para prestar atenção: uma abstenção mais extensa de certos eleitorados pode decidir a eleição, por ninharias de votos. Engajar o eleitor até o fim, para que vá votar, pode ser decisivo. Pode ser até que décimos de porcentagem da votação de candidaturas de PSTU ou PCB façam diferença em eleição apertada (e o Pros, que ainda apareceu nesta pesquisa, não terá mais candidato e vai apoiar Lula).*

# Brasileiros fazem sucesso contando 'vida real' nos EUA

Trabalhadores da construção civil e limpeza somam centenas de milhares de seguidores nas redes sociais

**Thiago Amâncio**

WASHINGTON Desde 2009 trabalhando na construção civil nos Estados Unidos, o mineiro Junior Pena, 37, estava "de saco cheio de abrir o Instagram e ver os influenciadores aqui da região postando a casa, o carro, o ônibus escolar amarelo", diz. "Então resolvi mostrar a realidade."

E a realidade que mostra é a de imigrantes que se machucam no trabalho braçal pesado, que passaram semanas em um centro de detenção após entrarem no país cruzando o deserto na fronteira com o México, que prosperaram e amam os Estados Unidos ou que estão contando os dias para voltar ao Brasil.

Com uma série de entrevistas curtas com a comunidade brasileira no país, Junior, que trabalha como lixador de piso de madeira em Long Branch, Nova Jersey, acumulou mais de 500 mil seguidores no Tik Tok, mais de 40 mil no Instagram e acaba de lançar um podcast, transmitido pelo YouTube —todas as contas nessas plataformas levam seu nome, Junior Pena.

Ele faz parte de um fenômeno cada vez mais comum nas redes sociais de expatriados brasileiros: os influencers de vida real, que mostram como é a rotina de quem emigrou para os Estados Unidos para trabalhar como faxineiro, babá ou na construção civil, entre outras funções.

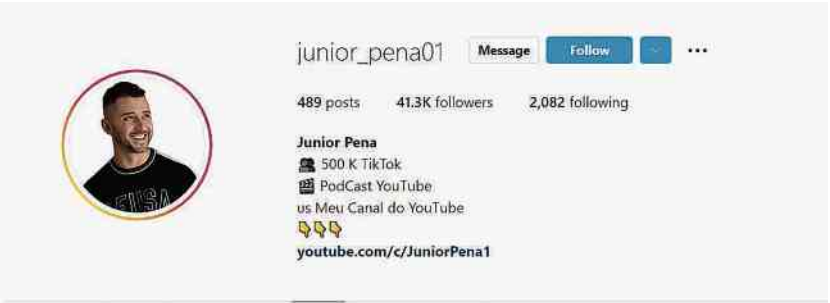
É tudo feito de forma amadora, basta um celular na mão e pouca ou nenhuma edição. Junior diz que já consegue fazer algum dinheiro com o hobby, cerca de US$ 500 por semana (R$ 2.600), menos do que ganha trabalhando com piso, mas ainda assim um bom complemento na renda.

"A construção é o que paga minhas contas, mas o trabalho na internet está andando, eu estou no caminho. Às vezes as pessoas tiram foto comigo na rua, é até engraçado", conta.

Luziane Crispim, 43, resolveu abrir sua conta no Instagram quando precisou voltar a fazer faxina apenas um mês após a filha nascer. Ela, que engravidou depois de um único encontro com um rapaz que conheceu assim que chegou ao país, se viu sozinha quando o pai não quis assumir a criança, nascida nos EUA.

"Eu nunca tinha contado pra ninguém que trabalhava de faxineira. Aí decidi usar meu perfil para mostrar como era minha vida, a rotina no trabalho e como mãe solo", conta a dona do perfil @luh.maedaalice.

O ponto de virada foi quando um seguidor comentou uma publicação dizendo "Nunca vi tanta alegria de ir para outro país limpar privada". Luziane gravou um vídeo em resposta mostrando um maço de notas de US$ 100 (R$ 525) que ganha com o serviço e justificando que assim consegue criar sua filha de forma honesta.

O vídeo viralizou e em um só dia ela ganhou 40 mil seguidores. Aí não parou mais, e hoje, só no Instagram, soma 187 mil seguidores, mostrando os produtos de limpeza que usa no país, como é lavar um banheiro sem ralo no chão, como está a adaptação da filha e do sobrinho e a vida confortável que consegue levar com o trabalho.

Não que seja fácil, ela faz questão de deixar claro. Primeiro, há os problemas do trabalho em si e da vida de imigrante, sem saber falar inglês. "A sorte que dei foi que consegui emprego rápido. Mas eu nunca tinha trabalhado de faxineira, no começo doía tudo, o corpo ficava dormente, não sentia as mãos. Eu saía de casa às 7h e voltava às 21h."

Outro problema foi a vida de mãe solo de Alice, hoje com 3 anos —ela conta que trabalhou até os nove meses de gestação sem contar para nenhum empregador que estava grávida, com medo de não encontrar mais serviço.

E hoje, depois de já ter prosperado e sustentar, além da filha, a irmã (que trata de um câncer) e o sobrinho, precisa lidar ainda com o julgamento alheio. Isso porque Luziane estudou engenharia ambiental no Brasil, mas trabalhava como técnica em segurança no trabalho e se mudou aos EUA em 2017 para juntar dinheiro e pagar a dívida do apartamento que tinha em Vila Velha (ES), onde morava.

"Até hoje as pessoas dizem 'fez engenharia e está limpando privada', 'tá se achando limpando banheiro de americano'. Todo dia tem gente tentando me humilhar nos comentários dos meus vídeos", diz.

"O pior aqui é trabalhar em casa de brasileiro. Eles têm certeza que é um trabalho inferior, tratam mal. Eu evito o máximo possível porque o brasileiro não tem respeito pelo serviço de faxina", conta. O plano inicial era ficar só três anos nos EUA, mas agora diz que não tem planos de voltar ao Brasil. "Só depois que eu ficar famosa e me chamarem para o Big Brother", brinca.

Com 110 mil seguidores no Instagram, Jaqueline Costa (@jaquelinecostausa) já tem feito algumas parcerias com empresas, mas diz que a renda que ganha na internet ainda mal chega a 5% do que recebe trabalhando com faxina nos Estados Unidos.

"Meu perfil era fechado, mas eu recebia muita pergunta de gente querendo saber como era morar aqui e pedindo ajuda para vir", diz ela, que saiu do Brasil com o marido e filhos após o restaurante que tinham em Belo Horizonte falir.

Hoje ela já toca um negócio próprio contratando faxineiras no país, e na rede social mostra curiosidades como quanto cobrou para limpar a casa mais suja que já viu (US$ 600, ou R$ 3.140, por quatro horas de trabalho, divididos em três pessoas), quanto custa uma pizza na Domino's (US$ 41 por quatro pizzas) e qual o custo de vida para uma família com quatro pessoas em Nova Jersey (US$ 3.500).

> "Até hoje as pessoas dizem 'fez engenharia e está limpando privada', 'tá se achando limpando banheiro de americano'. Todo dia tem gente tentando me humilhar nos comentários dos meus vídeos
>
> **Luziane Crispim**
> brasileira que trabalha como faxineira nos EUA e conta com 187 mil seguidores no Instagram

Junior Pena, 37, é lixador de piso em Long Branch; ele acumula mais de 500 mil seguidores

Luziane Crispim conta em suas redes como é ser faxineira e mãe solo nos Estados Unidos

Jaqueline Costa abriu seu perfil após receber muitas perguntas sobre morar nos EUA

# Sinais de desaceleração na China

Sem melhorar bem-estar, país pode 'japonizar' prematuramente

**Samuel Pessôa**
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

*A China representa um capítulo adicional do modelo de crescimento asiático. A associação de economia de mercado com muito esforço de acumulação —longas jornadas de trabalho, elevadíssima qualidade da educação pública e muita parcimônia no consumo— gera economias que conseguem em algumas décadas transitarem da pobreza para a renda elevada.*

*Marx chamaria esse modelo de acumulação primitiva. Uma ou duas gerações pagam um custo imenso em contenção de consumo, esforço de trabalho e estudo, para legar a seus netos um país de primeiro mundo.*

*O modelo asiático de crescimento consegue gerar níveis de produtividade do trabalho de no máximo 80% da produtividade americana. A partir desse nível as economias perdem dinamismo e passam a crescer no mesmo ritmo da economia líder. Note que esse desempenho está longe de ser ruim.*

*Sempre achei que o crescimento da China tem fôlego longo e que os primeiros sinais de perda de desempenho ocorreriam mais à frente. Hoje a produtividade do trabalho é da ordem de um terço da americana.*

*Também nunca acreditei que uma crise de crédito pudesse dificultar a trajetória chinesa. Em um governo ditatorial, os formuladores de política econômica têm instrumentos e discricionariedade para responder rapidamente a uma crise de crédito e evitar que se torne sistêmica.*

*Assim, o único limitador para a continuidade do crescimento chinês seria que o processo, a partir de algum momento, apresentasse sinais de queda do crescimento da produtividade. Devido à elevada qualidade do sistema público de educação, sempre me pareceu que esse momento ficaria para daqui algumas décadas.*

*No entanto, há sinais de que a capacidade de crescimento da China se reduziu. Como sempre, em momentos de possível mudança de regime é muito difícil separar a conjuntura de dinâmicas estruturais.*

*Parte apreciável da desaceleração da China deve-se à dificuldade do governo chinês em criar uma nova estratégia para conviver com a Covid. De certa forma, sequestrado pelo enorme sucesso que teve no período mais agudo da epidemia, o governo insiste em uma política de Covid zero. Está com muita dificuldade em reconhecer que a epidemia virou endêmica.*

*Adicionalmente, desde setembro do ano passado, em resposta ao aperto regulatório em setembro de 2020, o setor imobiliário tem representado forte vento de proa para a atividade chinesa.*

*No entanto, parece haver sinais de que a demanda não se recupera. Os indicadores de confiança dos consumidores estão nas mínimas desde pelo menos 2006. Desde 2008 a confiança dos consumidores com relação a ganhos de renda futura tem decrescido e, consequentemente, o desejo de aumentar as poupanças tem crescido.*

*Todos esses fatos desaguam em baixíssimo crescimento do varejo. Tem rodado no mesmo nível de dezembro de 2019.*

*A resposta da política monetária, fruto da carência de demanda, tem sido rápida. As taxas de juros estão nas mínimas históricas. Em torno de 1,4% nominal e pouco abaixo de -1% real.*

*Assim, talvez a China esteja em meio a um equilíbrio com carência de demanda agregada e será necessário que os formuladores de política econômica revejam seus modelos mentais. É necessário que os benefícios do Estado de bem-estar, principalmente a aposentadoria, sejam muito menos avarentos.*

*Esse passo a economia japonesa ainda não conseguiu dar. Parece que a China vai pelo mesmo caminho, de forma prematura em comparação ao Japão.*

# Congressistas dos EUA querem impedir Apple de usar chip chinês

**WASHINGTON E SAN FRANCISCO | FINANCIAL TIMES** Congressistas republicanos dos EUA alertaram a Apple que a empresa enfrentará intenso escrutínio se adquirir chips de um fabricante chinês para o novo iPhone 14.

Os republicanos Marco Rubio, vice-presidente do Comitê de Inteligência do Senado, e Michael McCaul, líder do Comitê de Relações Exteriores da Câmara, disseram estar alarmados depois que uma reportagem afirmou que a Apple incluirá a Yangtze Memory Technologies Co (YMTC) em sua lista de fornecedores.

"A Apple está brincando com fogo", disse Rubio ao Financial Times. "Ela conhece os riscos de segurança representados pela YMTC. Se seguir adiante, estará sujeita a um escrutínio sem precedentes do governo federal. Não podemos permitir que empresas chinesas ligadas ao Partido Comunista entrem em nossas redes de telecomunicações e em milhões de iPhones de americanos."

Questionada, a Apple disse que não usa chips YMTC em nenhum produto, mas que está "avaliando terceirizar para a YMTC chips Nand a serem usados em alguns iPhones vendidos na China".

A empresa afirmou que não está considerando o uso de chips YMTC em telefones comercializados fora do país asiático, acrescentando que todos os dados de usuários armazenados nos chips Nand usados por ela foram "totalmente criptografados".

O FT informou em abril que a Casa Branca e o Departamento de Comércio estavam investigando denúncias de que a YMTC estaria violando as regras de controle de exportação dos EUA ao fornecer chips para a chinesa Huawei.

"A YMTC tem extensos laços com o Partido Comunista Chinês e militares", disse McCaul ao FT. "A Apple efetivamente transferirá conhecimento e know-how para a YMTC, o que aumentará suas capacidades e ajudará o PCC a atingir suas metas nacionais."

Chuck Schumer, líder da maioria democrata no Senado, também levantou preocupações sobre a empresa, de acordo com uma fonte.

A YMTC não respondeu a um pedido de comentário.

Em julho, um grupo bipartidário de senadores instou o governo Biden a colocar a YMTC numa lista de exclusão, que efetivamente impediria empresas dos EUA de fornecer tecnologia ao grupo.

Os senadores também acusam Pequim de subsidiar a YMTC de maneiras que ajudariam a colocar a "campeã nacional" no caminho para dominar o setor vendendo chips abaixo do custo.

Uma pessoa familiarizada com a posição do Departamento de Comércio disse que o órgão prepara uma resposta aos senadores.

"Os subsídios maciços do PCC à YMTC significam que a empresa vai solapar o mercado. Isso provavelmente poderia devastar o mercado de chips de memória e dar à China ainda mais controle sobre essa tecnologia crítica de segurança nacional", disse McCaul. "Como os dados do mundo podem estar seguros se armazenados num chip feito por um 'campeão nacional' do PCC?", questionou.

As críticas à Apple surgem no momento em que o governo Biden intensifica os esforços para dificultar o acesso da China à tecnologia de ponta. Autoridades dos EUA disseram recentemente à Nvidia e à Advanced Micro Devices —duas fabricantes de chips dos EUA— que teriam que obter licenças especiais para vender a empresas chinesas processadores avançados usados em aplicações de inteligência artificial.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL e ON-LINE
1º Leilão: dia 19/09/2022 às 14h 2º Leilão: dia 29/09/2022 às 14h

... foi construída a casa 01 de planta, atual nº 371, da Rua Abdias Pedrosa, da mesma forma pelo lado direito confronta também o lote 03; pelo lado esquerdo com uma parte remanescente do lote 02, e nos fundos confronta também com parte remanescente do mesmo lote, onde foi construída a casa 03 da planta, atual nº 379, da Rua Abdias Pedrosa, e nos fundos confronta com o loteamento Balneário Itapoan, distando à esquerda 5,00m do lote 24. No terreno foi construída uma CASA RESIDENCIAL térrea geminada, com a área de 45,05 m², que recebeu o nº 375, da Rua Abdias Pedrosa. Matrícula nº 114.629 do Registro de Imóveis de Praia Grande/SP. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia 29 de setembro de 2022, às 14:00 horas, no mesmo local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 148.990,01 (Cento e quarenta e oito mil, novecentos e noventa reais e um centavo). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL e ON-LINE
1º Leilão: dia 19/09/2022 às 14h 2º Leilão: dia 29/09/2022 às 14h

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL e ON-LINE
1º Leilão: dia 19/09/2022 às 14h 2º Leilão: dia 29/09/2022 às 14h

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

Polícia Judiciária – Delegacia Seccional de Taboão da Serra – SP (Itapecerica da Serra - SP) - Pátio Global - Leilão On Line – Dia 15 de setembro de 2022.

A POLÍCIA JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO-SP, faz saber que se acha aberto o Leilão n° 04/2022 tendo por objeto o leilão de veículo automotor, sucata removida e apreendida pela Polícia Civil, o qual se realizará a partir da data de liberação no site, para lances on-line, que terá encerramento dia 15 de setembro de 2022. A partir das 11:00 horas pelo site: www.savoyleiloes.com.br, no Escritório da Savoy Leilões, localizado na Rua Joaquim Pinto Seabra, 405 – Vila Everest - Campos do Jordão- SP, pelo Leiloeiro Oficial – Arnold Strass, matriculado na JUCESP sob o número 384. Cópias deste Edital poderão ser obtidas pelos interessados na Delegacia Seccional de Polícia de Taboão da Serra – SP (Itapecerica da Serra - SP), ou através do site www.savoyleiloes.com.br. Pátio Global, localizado na Estrada João Rodrigues de Morais, n° 1305, Lagoa, Itapecerica da Serra - SP, o veículo não estará disponível para visitação. O objeto deste processo de Leilão é veículo apreendido e removido para depósito, discriminado individualmente neste Edital, onde também, consta a sua condição de sucata. Informações adicionais poderão ser obtidas diretamente com a Comissão de Leilão da Delegacia Seccional Polícia de Taboão da Serra – SP (Itapecerica da Serra - SP).

000003 Marca: FORD/ Modelo: VERONA 18 LX/ Placa: HRC0391/ Municipio: CAMPO GRANDE/ Chassi: 9BFZZZ54ZRB438142/ Motor: UTB025140/ Ano: 19941994/ Cor: AZUL/ Proprietário: JOSE RUBENS FIGUEIRA/ CPF: 54445558834/

Obs: O veículo arrematado será vendido como sucata, sem direito a documento. No caso de motor sem identificação, é vedada a utilização para montagem, somente poderão ser aproveitadas as peças internas. No ato da arrematação os senhores compradores pagarão 100% do valor do arremate e mais 5% de comissão do leiloeiro. O não cumprimento do pagamento no prazo estipulado, incidira na emissão de um título de cobrança, no valor de 30% do valor ofertado em favor do Comitente Delegacia Seccional de Polícia de Taboão da Serra – SP (Itapecerica da Serra - SP), de acordo com o artigo 39 do Decreto Federal 21.981. A comissão de leilão reservara o direito de liberar ou não o veículo cujo lance não alcançar o preço mínimo estabelecido. O veículo arrematado que contenha qualquer tipo de restrição judicial, ou que não tenha identificação, ou esteja danificado, não será baixado. Eventual taxa cobrada pelo pátio será de responsabilidade do arrematante, a retirada do veículo será de responsabilidade do comprador, o veículo vendido será entregue em 60 dias úteis. Caso não seja feita a retirada dentro deste prazo, será cobrado a estadia do mesmo.

ARNOLD STRASS – LEILOEIRO OFICIAL – JUCESP 384 -

E para que chegue ao conhecimento dos interessados e no futuro não aleguem ignorância, expediu-se o presente Edital de Leilão, que será publicado e afixado na Delegacia Seccional de Polícia de Taboão da Serra – SP (Itapecerica da Serra - SP) e publicado na forma da Lei.

Edson Ikê

# A cartelização da política e da economia

A velha política dos coronéis fortalece o patrimonialismo na economia

**Marcos Lisboa**
Presidente do Insper, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia

*Os indicadores da economia dão sinais de alívio depois da grave recessão iniciada no governo Dilma Rousseff e de dois anos de pandemia. O emprego e a produção voltaram a crescer. A inflação elevada contribuiu para o ajuste das contas públicas, mas em boa medida essa melhora decorre das reformas iniciadas em 2016.*

*Não foi obra de pouca monta. Houve a reforma da legislação trabalhista, da Previdência, da regulação do setor de saneamento, da governança das empresas estatais, entre outras.*

*Como ocorre com frequência na nossa história, porém, essa melhora da economia foi seguida por novas medidas de captura da política pública por grupos de interesse. Esse é o dilema brasileiro: basta o cenário se desanuviar para o velho patrimonialismo entrar em ação.*

*Estamos contratando novos problemas estruturais, só que desta vez será mais difícil corrigir as distorções. A política miúda cansou de ser coadjuvante e resolveu conduzir o navio.*

*A lei da capitalização da Eletrobras foi inundada de emendas para transferir recursos para diversas atividades, incluindo a construção de termoelétricas no Centro-Oeste e Norte do país, onde não há gás e não falta energia, obrigando a instalação de uma cara rede de gasodutos, o que vai onerar a conta do consumidor.*

*A denominação "cartéis" é usualmente associada ao conluio de grandes empresas. No Brasil, entretanto, mesmo grupos organizados de pequenos prestadores de serviço são bem-sucedidos em conseguir favores oficiais. A conta dessas benesses é paga pelo restante da sociedade.*

*Foram concedidos auxílios a taxistas e a caminhoneiros. O setor de eventos está isento de tributos federais por cinco anos. Novas desonerações avançam no Congresso para favorecer setores de empresas ou categorias de profissionais.*

*Esse quadro é agravado pelas regras do nosso sistema tributário, com alíquotas e bases de cálculo que variam por tipo de produto, tamanho ou localização da empresa, em meio a muitos regimes especiais de incidência.*

*Essas regras alteram os preços relativos e a rentabilidade dos processos produtivos. As empresas são induzidas a escolher tecnologias ultrapassadas ou a adotar estruturas de negócio ineficientes em razão das distorções ocasionadas pela estrutura tributária. Os ganhos privados das empresas têm como contrapartida a menor produtividade e crescimento do país.*

*A tributação sobre o valor adicionado (IVA), por outro lado, não afeta a rentabilidade relativa dos projetos de investimento ou de produção. Por essa razão, o IVA se disseminou como forma de tributar o consumo nos demais países nos últimos 50 anos.*

*Em vez de reduzir as distorções do sistema tributário, o Congresso tem optado por ampliar as regras especiais e as desonerações. Isso estimula a cartelização do setor privado, pois é a forma de garantir que sua voz seja ouvida nos gabinetes de Brasília.*

*Esse processo não é novo. Sindicatos patronais, como as federações e as confederações da indústria, do comércio e dos serviços, recebem recursos do Sistema S, que é financiado por tributos sobre a folha salarial. Dessa forma, lobbies do setor privado são bancados por recursos do restante da sociedade.*

*Durante o governo FHC e a gestão Temer, foram adotadas reformas que diminuíram a distribuição de benefícios para os grupos organizados. O crédito subsidiado concedido pelo BNDES, por exemplo, foi reduzido com o fim da TJLP.*

*Nos últimos anos, contudo, a concessão de privilégios para grupos organizados foi retomada com vigor e tudo indica que veio para ficar. O Executivo foi conivente com a captura da condução da gestão pública pelo Congresso, que encampou a agenda patrimonialista.*

*Em que outro país os partidos dispõem de quase R$ 5 bilhões de verbas públicas para financiar as suas campanhas eleitorais? As emendas de parlamentares chegam a quase R$ 40 bilhões por ano. Isso sem contar a profusão de leis que distribuem benefícios às corporações de servidores e aos lobbies do setor privado. O próximo presidente terá uma difícil negociação com o Congresso se quiser governar. O controle do Orçamento foi fragmentado entre os parlamentares. Por que eles abririam mão do poder adquirido nos últimos anos? O que o presidente tem a oferecer em troca?*

*A democracia se fortalece com o contraditório, a possibilidade de alternância no poder e a concorrência eleitoral. As emendas de parlamentares e o Fundo Eleitoral, no entanto, garantem tratamento privilegiado aos aliados das cúpulas partidárias. Os demais, em razão das restrições ao financiamento privado das campanhas, ficam a ver navios.*

*O mesmo ocorre com a economia de mercado. Empresas devem ser lucrativas porque possuem melhores métodos de gestão ou inovam, repetidamente, com sucesso. As melhores empresas crescem, enquanto as demais fecham suas portas. Esse processo difícil, de destruição criadora, contribui para o aumento da produtividade e o crescimento econômico.*

*No país dos velhos coronéis e dos novos cartéis, contudo, empresários sobrevivem porque obtêm privilégios nos gabinetes dos congressistas em Brasília. O Palácio do Planalto apequenou-se e foi cúmplice dessa transferência do poder ao Congresso. O presidente vocifera muito, mas manda pouco. Para manter as aparências, ele convida seus amigos para o desfile de 7 de Setembro.*

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# Governo Bolsonaro tira dinheiro de creches

Gasto federal com obras nessa etapa foi de R$ 101 milhões em 2021, uma redução de 80% na comparação com 2018

**Paulo Saldaña**

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) promoveu uma forte redução de investimentos para construção de creches e pré-escolas no país. A postura resultou em diminuição nas matrículas nesta etapa da educação infantil.

A cada ano da atual gestão o gasto efetivo na educação infantil tem sido menor. O MEC (Ministério da Educação) terminou 2021 com R$ 101 milhões pagos para obras de creches em prefeituras.

Trata-se de uma redução de 80% com relação a 2018, último ano do governo Michel Temer (MDB), quando a cifra foi de R$ 495 milhões, em valores atualizados a preços de 2021.

A educação infantil é atribuição dos municípios, mas a União tem obrigação de apoiar financeiramente as prefeituras, sobretudo as mais pobres.

A execução orçamentária de 2022 segue a tendência de enxugamento: foram pagos até agora R$ 93,9 milhões para obras da etapa. Os valores foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação.

Somente 12 creches foram iniciadas e entregues durante o atual governo. Seis delas são reformas ou ampliação de escolas existentes, segundo dados do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), órgão do MEC que faz a gestão dos recursos. O MEC e o FNDE foram questionados mas não responderam.

No programa de governo de Bolsonaro para tentar a reeleição, há a promessa de "construção de novas creches e a manutenção das existentes". A realidade, no entanto, indica um abandono do tema e a previsão orçamentária de 2023 aponta para uma escassez ainda maior de recursos.

O país soma 1.216 obras de educação infantil paradas. Em fevereiro de 2021, eram 859 nessa situação. O FNDE, controlado por políticos do centrão, virou uma espécie de balcão político, com transferências sem critérios, priorização de aliados e corrupção. Investigações sobre a atuação de pastores na negociação de transferências resultou até na prisão do ex-ministro Milton Ribeiro —ele deixou o cargo uma semana depois de a **Folha** revelar áudio em que ele dizia priorizar um dos pastores a pedido de Bolsonaro.

Enquanto o governo liberou dinheiro para aliados, o MEC travou, até abril deste ano, o pagamento de R$ 434 milhões a prefeituras aptas a receber os recursos, deixando paradas das obras da educação.

No orçamento de 2023, a previsão é da retirada de R$ 1 bilhão da educação básica. O cenário negativo para a educação infantil se intensifica: os recursos previstos para a etapa caem 96% com relação ao projeto deste ano. Passa de R$ 151 milhões para apenas R$ 5 milhões, como ressalta análise do Movimento Todos Pela Educação.

Líder de relações governamentais do movimento, Lucas Hoogerbrugge avalia que a situação é um misto de descompromisso com o aumento da fatia direcionada às emendas de relator, controladas pelas lideranças do centrão e distribuídas sem critérios técnicos.

"Há uma falta de capacidade do MEC para operar um tema que é de difícil execução, e aí se vê um monte de obra parada. Mas na falta de conseguir resolver, o governo simplesmente tira orçamento", diz.

A meta do PNE (Plano Nacional de Educação) é ter metade das crianças de até 3 anos matriculada até 2024. Cálculo com dados de 2020 mostra que nem um terço (31%) das crianças dessa faixa etária estava em creches, públicas e privadas, segundo o Comitê Técnico de Educação do IRB (Instituto Rui Barbosa), entidade ligada aos Tribunais de Contas dos Estados. Para alcançar a meta do PNE, o país precisa matricular 2,2 milhões de crianças de até 3 anos.

Sob Bolsonaro, as matrículas em creches públicas sofreram a primeira redução em 20 anos. Em 2020, com dados anteriores ao fechamento das escolas, havia 2,443 milhões de crianças em creches públicas, 0,6% menos do que em 2019. O número de alunos dessas instituições teve queda também em 2021: foi para 2,399 milhões, aponta o Censo Escolar.

Evidências internacionais apontam que a educação na primeira infância provoca efeitos positivos no desenvolvimento das crianças, na redução de desigualdades e na vida adulta. Além disso, a oferta tem papel fundamental para a inclusão e permanência de mulheres no mercado de trabalho.

A auxiliar de limpeza Thalia Ferreira, 25, cuida sozinha da filha Maria, de 10 meses. Desde o início do ano ela está na fila de espera da creche em Brasília, e até agora não tem previsão de conseguir a vaga.

Ela mora em Planaltina, região administrativa da capital federal. Sem creche, precisa sair de casa antes do amanhecer para deixar a criança com uma cuidadora e seguir para o trabalho na região central de Brasília, a uma hora de sua casa. Essa ajuda custa R$ 650 mensais para a mãe. "Moro de aluguel, tem a alimentação, fralda, e não recebo nada do pai dela. Não tenho ideia de quando vamos conseguir a vaga", diz ela, que também se preocupa com o lado educacional.

"A creche não é só um lugar para deixar a criança para a mãe trabalhar, mas tem atividades importantes que ajudam no desenvolvimento. Se ela entrasse o quanto antes, seria muito bom para o seu crescimento."

A presidente do Instituto Articule, Alessandra Gotti, diz que é um fato a dificuldade de os governos locais conseguirem cumprir a demanda, daí a necessidade de apoio da União. "Fica muito claro, e expresso em reais, o quanto a educação infantil não é prioridade do governo federal. A gente sabe, provado por todas as evidências, que a etapa é fundamental para o desenvolvimento infantil", diz ela. "Creche não é gasto, é investimento."

Somente 17% dos municípios brasileiros conseguiram, até 2020, ter vagas em creches para ao menos metade das crianças da faixa etária. Apesar disso, estudo da Atricon (Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil) mostra que 1.471 municípios não alcançaram metas de inclusão em creche e pré-escola, mas gastam com ensino médio ou superior –etapas que, ao contrário da educação infantil, não são de atribuição municipal.

"Os gestores locais devem concentrar suas ações conforme as prioridades estabelecidas constitucional e legalmente", diz o presidente da entidade, Cezar Miola.

Thalia Ferreira e sua filha Maria, de dez meses, em Planaltina (DF) Gabriela Biló/Folhapress

**Gastos federais* com obras de creche e pré-escola**

Em milhões de R$

Matrículas

Em milhões

Creches públicas

Pré-escolas públicas

| 2017 | | | | 2021 |
|---|---|---|---|---|
| 3,9 | 4 | 4 | 4,1 | 4 |

% de crianças de 0 a 3 anos matriculadas nas **creches**

% de crianças de 4 a 5 anos matriculadas na **pré-escola**

**O que são as metas?**

A Constituição não obriga a matrícula em creche, mas o PNE (Plano Nacional de Educação) estipulou que, até 2024, metade das crianças de até 3 anos estivesse na escola. A matrícula a partir de 4 anos é obrigatória. O PNE previu a universalização da pré-escola (4 a 5 anos) até 2016, o que não ocorreu

**2,2 milhões**

de crianças nesta faixa etária estão fora da creche

* Valores atualizados pela inflação até 2021

Fontes: FNDE, Inep e TCEduca/Instituto Rui Barbosa

Há uma falta de capacidade do MEC para operar um tema que é de difícil execução, e aí se vê um monte de obra parada

**Lucas Hoogerbrugge**

do Movimento Todos Pela Educação

# Professora defende tese aos 85 e ignora aposentadoria

'Segui trabalhando para a associação de fibrose cística. Isso dá mais vida'

**VIDA PÚBLICA**

**Emerson Vicente**

SÃO PAULO "A melhor maneira de envelhecer bem é ter gana, desejo, curiosidade. Isso não termina, vai até o último dia de vida." A frase é da antropóloga Mirian Goldenberg, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e colunista da **Folha**.

O pensamento vai ao encontro da realidade da chilena Hilda Angélica Iturriaga Jímenez, professora emérita na UFMG, que acaba de defender o doutorado, aos 85 anos, uma das mais longevas da instituição.

A tese aborda a fibrose cística, doença que afeta múltiplos órgãos, como pulmões, rins, pâncreas, fígado, aparelho digestivo e seios da face, e que tem em setembro seu mês de conscientização.

Ela apresentou a adaptação e avaliação de um questionário que busca respostas que não são abordadas com os pacientes com fibrose cística, como se a pessoa tem determinada doença, se tem vários sintomas e não sabe por que eles ocorrem, por que tem que fazer o tratamento. "Esse questionário dá todas essas respostas", diz Hilda.

A ideia da professora é que esse questionário seja difundido entre pacientes adolescentes com fibrose cística, para ter uma amplitude maior sobre a doença. E isso faz com que ela dê novos voos além da defesa da tese.

"Temos a ferramenta traduzida, agora necessitamos usá-la. Esse é meu segundo passo. Fazer com que isso seja difundido no Brasil para melhorar a abordagem do tratamento no paciente, que seja mais eficiente", diz a professora emérita da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Graduada em cinesiologia —ciência que estuda os movimentos do corpo— e com especialização em fisioterapia respiratória, ambas em universidades do Chile, Hilda iniciou a carreira na UFMG em 1982, quando passou a ser docente do recém-criado curso de fisioterapia.

A professora realizou cursos de aperfeiçoamento e em 1993 concluiu um mestrado em reabilitação no Canadá. Mas só depois de aposentada decidiu pelo doutorado, quando diz ter tido mais tempo para se dedicar.

Marcelo Velloso, titular do Departamento de Fisioterapia da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, foi o coordenador na tese de Hilda.

"Ela se inscreveu em várias disciplinas, nunca teve medo de demonstrar que não sabia ou que não entendia determinado assunto ou disciplina e com isso se aliou aos estudantes mais jovens que a ajudaram, fazendo grupo de estudo. Acho que a presença dela na sala de aula motivou muito os alunos mais jovens do programa, pois ela é muito positiva e motivadora", afirma Velloso.

A professora conta que teve de trabalhar novas tecnologias, pacotes de softwares de estatísticas e toda a demanda de coleta de informações, tabulação e montagem de banco de dados.

Mesmo antes de mergulhar na tese de doutorado, Hilda continuava na ativa após a aposentadoria. Morando sozinha com seus dois cachorros em um sítio, onde diz estar rodeada de plantas e longe da movimentação, a professora continuou fazendo o que mais gosta.

> "Ela se inscreveu em várias disciplinas, nunca teve medo de demonstrar que não entendia determinado assunto. Acho que a presença dela na sala de aula motivou os alunos mais jovens do programa, ela é muito positiva
>
> **Marcelo Velloso**
> coordenador na UFMG da tese de Hilda Angélica Jímenez

"Depois que me aposentei, segui trabalhando de forma voluntária para a associação de fibrose cística e para um grupo de pacientes com câncer de mama. Isso dá mais vida", diz a professora, que tem a companhia de uma funcionária durante o dia.

Hilda atende pacientes de todas as faixas etárias e diz não encontrar resistência por causa da sua idade. Só quando atende crianças que os 85 anos chamam a atenção, afirma.

"É uma coisa divertida. Quando chega criança, ela fala 'olha a vovó'", conta ela, que é mãe de três filhos e avó de oito netos.

Hoje, para a professora, o que incomoda é o afastamento que existe entre paciente e médico por causa da tecnologia, que, segundo ela, ignora o lado humano.

"Estão preocupados com todas as medidas que têm que ser tomadas, mas se esquecem de mobilizar um paciente, de estimular, de falar como esse paciente deve aceitar a doença, quais são os problemas que vão ocorrer", diz.

A professora é um caso pouco comum na educação do Brasil. Segundo os dados de 2020 do Censo da Educação Superior, realizado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o Brasil conta com 30.143 pessoas com 60 anos ou mais no ensino superior, o que não chega a 0,5% dos estudantes no país. E apenas 179 deles têm 80 anos ou mais.

"É muito pouco. Uma das grandes necessidades que os homens e as mulheres têm é de continuar, mesmo depois da aposentadoria, se sentindo úteis, ativos. Mesmo quem tem aposentadoria que dê para viver, tem que querer continuar, ter um propósito", afirma Mirian Goldenberg.

Na avaliação da antropóloga, são praticamente nulas as preocupações das autoridades com as políticas públicas para os idosos. Ele cita a campanha presidencial como exemplo.

"No primeiro debate e nas sabatinas com os candidatos, nenhuma palavra foi dita sobre os mais velhos", afirma Mirian, que ainda aponta uma "velhofobia" por parte das autoridades.

"Teve um ministro que falou que o grande problema do Brasil é que as pessoas querem viver até os 100 anos. A maior conquista é que podemos viver até os 100 anos."

A professora Hilda ainda não pensa em parar. Diz que sempre estará em busca do melhor para os seus pacientes.

"As coisas vão evoluindo com o tempo e você tem que seguir essa evolução para dar o melhor possível do que está sendo dado pela ciência."

# Defensoria vai à Justiça por projeto de palhaço na cracolândia

**Paulo Eduardo Dias**

SÃO PAULO A Defensoria Pública de São Paulo encaminhou ao Tribunal de Justiça um pedido de habeas corpus para o psiquiatra e palhaço Flávio Falcone, 42, para que ele possa continuar a exercer suas ações sociais na cracolândia.

O pedido foi feito depois que Falcone e outros integrantes do projeto Teto, Trampo e Tratamento foram detidos e conduzidos até o 77º DP (Santa Cecília) por perturbação de sossego. Na ocasião, o grupo conduzia uma atividade com usuários de drogas no fluxo —como é chamada a concentração de dependentes químicos na região central de São Paulo—, quando teve início uma operação policial no local.

Os agentes buscavam por dois suspeitos de torturarem um homem na rua Helvétia. A equipe de palhaços ficou cerca de três horas na delegacia, junto a suspeitos de tráfico de drogas.

Durante a ação, duas pessoas ficam feridas por disparos de bala de borracha —uma delas, Ludmila Yajgunovitch Mafra Frateschi, integrante do projeto de Falcone.

O pedido da Defensoria Pública busca garantir que o psiquiatra e sua equipe possam circular e permanecer em locais públicos de uso comum, em qualquer horário, exercendo suas atividades profissionais através do projeto Teto, Trampo e Tratamento, voltado a redução de danos.

O psiquiatra e palhaço Flávio Falcone foi detido em operação policial Danilo Verpa - 1º.set.2022/Folhapress

"O projeto social do jeito que ele é desenvolvido é um projeto de música e cultura, que não configura a prática de nenhum crime", diz a defensora pública Fernanda Balera, do Núcleo Especializado de Cidadania e Direitos Humanos.

Os defensores também pedem a devolução dos bens apreendidos com a trupe de Falcone, incluindo uma bicicleta com sistema de som, lona de circo e cadeiras de praia, usados nas atividades.

"Ele foi criminalizado durante a ação do projeto dele. Eles foram levados para prisão para averiguação, que é ilegal, com a alegação de perturbação de sossego. Embora a coisa aconteça à tarde, durante o dia", disse Fernanda.

Para a Defensoria, Flavio Nastasi Falcone, Evandro Ítalo Marins Ribeiro, Marta Twiaschor Kuczynki, Sávio Muan Oliveira da Silva, Ludmila Yajgunovitch Mafra Frateschi, Danee Alves Amorim, Andrea Cristina Alves, Fabio Moreira de Brito, Aline Cristina de Jesus Rodrigues, todos integrantes do projeto Teto, Trampo e Tratamento, estão sofrendo constrangimento ilegal por parte da Polícia Civil.

"Sei que claramente isso é um ataque ao campo da redução de danos, que estou na ponta da lança aqui no território. Esse campo tem atrapalhado a operação Caronte [nome da ação da polícia na cracolândia]", disse Falcone para a reportagem ao deixar o distrito policial na semana passada.

No dia da detenção, a Polícia Civil informou que um inquérito foi aberto para apurar perturbação de sossego por Falcone e sua equipe, motivo de queixa de moradores da região devido ao barulho produzido durante suas apresentações e atividades no fluxo.

À **Folha**, o delegado Roberto Monteiro, titular da 1ª Delegacia Seccional Centro, afirmou que a Polícia Civil não tem nada contra o trabalho do médico na área social. "O que nós estamos apurando é a perturbação de tranquilidade e da privacidade das pessoas e do bairro. Moradores fizeram várias reclamações do barulho excessivo do aparelho de som. Vários moradores e síndicos foram ouvidos."

Monteiro disse ainda que o barulho estava além do permitido. "Foi realizada perícia pelo Instituto de Criminalística, que constatou que a bicicleta operava em torno de 95 decibéis, o que é considerado crime ambiental."

O delegado também afirmou que, por ser parte de uma investigação policial, os equipamentos apreendidos só poderão ser devolvidos por decisão da Justiça.

## MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

### Era referência na Polícia Civil baiana

**PAULO ROBERTO DA CRUZ PORTELA (1954-2022)**

**Franco Adailton**

SALVADOR O baiano Paulo Roberto da Cruz Portela era apaixonado por três coisas na vida, além da família: a investigação criminal pela Polícia Civil —onde atuou por 44 anos—, assistir aos jogos do Esporte Clube Bahia e comer pratos como feijoada, rabada, moqueca.

Um dos filhos do casal Arlindo e Jaci, Portela, como era mais conhecido, nasceu na cidade de Valença, em 10 de setembro de 1954. Mas foi na capital baiana, Salvador, onde se estabeleceu, quando foi nomeado para o cargo de motorista na polícia, em 1978.

Naquele ano, começou a carreira pela Delegacia de Jogos e Costumes, onde, dois anos depois, foi promovido a agente de polícia.

Passou por diversas unidades, até se firmar na delegacia do Rio Vermelho. Nela, atuou por 13 anos como chefe do Serviço de Investigação.

Ali próximo, era cliente assíduo do Restaurante da Nalvinha, onde costumava se deliciar com pratos como feijoada, rabada e moquecas, conta o terceiro dos seis filhos, Pablo Portela. Também batia ponto no estádio em dias de jogos do Bahia, em Salvador.

Nos últimos três anos, estava lotado na Delegacia de Repressão a Furtos e Roubos de Veículos, depois de ter sido afastado pelo Governo da Bahia, segundo o filho.

"Foi contra a vontade dele, porque ele amava a polícia, amava fazer parte do Serviço de Investigação", lembra ele. "A partir desse afastamento, a saúde dele começou a se deteriorar, teve infarto, ficou depressivo. Não foi mais o mesmo."

Nos últimos dois meses, chegou a ficar internado no Hospital Santa Izabel, em decorrência de complicações cardíacas, mas melhorou na segunda quinzena de agosto, o que rendeu transferência para a Fundação Baiana de Cardiologia.

"Ele apresentou uma melhora no quadro, foi transferido, passou a segunda metade do mês internado, mas não resistiu", lamentou o filho. Portela morreu aos 67 anos, na noite do último dia 2 de setembro, e foi sepultado no dia seguinte, no cemitério Bosque da Paz, em Salvador.

A morte do policial foi lamentada em nota pela delegada-geral da Polícia Civil, Heloísa Brito, e pelo sindicato da categoria, que o considerava "um dos mais experientes investigadores do quadro, com diversos crimes elucidados".

Portela deixou a viúva Juliana, os filhos Alison, Pablo, Beatriz, Paulo e Isabela, além de quatro netos.



**Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:** tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

**Anúncio pago na Folha:** tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

**Aviso gratuito na seção:** folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

# Tinder completa 10 anos após ter transformado a paquera

Para psicóloga, aplicativo deixou pessoas menos dispostas a construir relações

Isabella Menon

SÃO PAULO No meio do trânsito de uma tempestade que caiu em São Paulo em 2014, a consultora Lilian Ribeiro, 37, deu match pelo Tinder com o administrador Rafael Ribeiro, 40, que estava em casa, sem luz e impossibilitado de assistir um jogo de futebol. Em pouco tempo, já estavam morando juntos.

Casados há sete anos, eles têm hoje dois filhos pequenos. "As pessoas se espantam que nos conhecemos pelo aplicativo e deu certo", diz ela.

O aplicativo que conecta casais como Lilian e Rafael completa dez anos nesta segunda-feira (12) e revolucionou a paquera online, antes restrita a sites de namoro —que atraía uma população mais velha.

Nesta última década, especialistas concordam que o Tinder colocou mulheres heterossexuais no controle da procura e gamificou o flerte em meio a uma sociedade cada vez mais individualista.

O primeiro aplicativo de relacionamento a utilizar a lógica do GPS, na verdade, foi o Grindr, em 2009, focado no público gay . Mas, foi depois do Tinder que surgiram outros com a mesma lógica, como o Bumble e o Happn.

Para a psicóloga Lígia Baruch, que estudou o tema no doutorado, os aplicativos mudaram a maneira como as pessoas usam as imagens e como elas se vendem para um relacionamento. "Há uma busca constante por alguém que se encaixe, mas pouca disposição para a construção de relações."

Ronaldo Lemos, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro e colunista da **Folha**, classifica os aplicativos como "revolução feminista". Se nos sites elas recebiam enxurrada de mensagens sem filtros, já nos aplicativos, elas têm que concordar com o match para dar início ao papo.

Uma pesquisa divulgada em 2016 pela Universidade Queen Mary, de Londres, mostra que homens costumam dar mais likes no Tinder que as mulheres. Por outro lado, apenas em 0,6% dos casos eles são correspondidos. Já as mulheres, com um comportamento mais seletivo, têm um retorno de 10%.

Apesar do controle nas mãos delas, os aplicativos não limaram assédios. Outra pesquisa divulgada em 2020 pelo Centro de Pesquisas Pew mostra que 30% dos americanos adultos já usaram sites ou aplicativos. Entre eles, 37% afirmam que foram contatados por um usuário mesmo após manifestarem que não tinham interesse naquela pessoa. E 35% receberam mensagens ou imagens sexualmente explícitas indesejadas.

Lemos considera que o Tinder gamificou a paquera. Ou seja, o aplicativo proporciona aos usuários uma experiência como a de um jogo que embaralha cartas e vai mostrando pouco a pouco, de acordo com o interesse do usuário.

Ou seja, o Tinder mostra várias opções que não são interessantes e, de vez em quando, aparecem alguns com poder de retenção alto. "Há uma preferência por conhecer outras por meio do aplicativo e o desafio não é usar o aplicativo, mas deixar de usá-lo", avalia.

Seja para relacionamentos duradouros, sexo sem compromisso ou passatempo, os aplicativos trouxeram consequências. Ele cita como exemplo o surgimento do termo "ghosting" —quando uma pessoa corta todas as comunicações com a outra sem explicações.

"Temos uma dissolução da vida em comunidade e um individualismo exacerbado. O 'ghosting' se torna não só fácil de ser praticado, como representa uma deterioração de práticas comunitárias."

O casal Lilian e Rafael Ribeiro, que se conheceu pelo Tinder e hoje tem dois filhos Arquivo pessoal

> Antes, as pessoas tinham vontade de se abrirem. Hoje, elas vêm frustradas porque o outro não atende as necessidades. Nos tornamos controladores e o novo é assustador
>
> **Carla Guth**
> psicóloga

A produtora de conteúdo Andrea Diniz, 47, também sente essa fragilidade nas relações. Há quase um ano no Tinder, ela conta que já se apaixonou e já se decepcionou com os homens que conheceu no aplicativo.

Diniz busca um relacionamento sério, mas não tem pressa. "As chances de encontrar homens nessa idade que não seja o 'tio do pavê' são baixíssimas", diz. A maioria dos homens da sua idade, afirma, "procuram por gatinhas" ou não querem nada sério porque vem de relacionamentos longos que se arrastaram.

Ela nota que, nos aplicativos, muitos deles estão em busca de sexting [envio de mensagens digitais de teor erótico], mas não têm vontade para sair e bater papo. "Tenho me dado melhor no ao vivo", resume.

Já a assistente administrativa Mariana Castro, 25, tem um carinho especial pelo aplicativo, pois foi por lá que conheceu a atual namorada Liz Figueiredo, 22, no início de 2021. Elas deram match, mas a conversa não engatou.

Um dia, Liz foi à farmácia e, coincidentemente, a atendente era Mariana. A partir dali, elas começaram a conversar e logo elas passaram a namorar.

"Se tem aplicativo para pedir comida, fazer compras, porque não usar para conhecer alguém?", diz a assistente administrativa, que passou a usar mais o aplicativo durante a pandemia.

Dados divulgados pelo Tinder apontam que as conversas ficaram 33% mais longas durante a crise sanitária. Procurada, a empresa não divulgou o perfil mais detalhado dos usuários e não quis comentar o tema. Disse apenas que mais de 50% de quem usa o aplicativo têm a idade de Mariana e sua namorada, entre 18 e 25 anos.

A psicóloga Carla Guth tem um olhar mais crítico aos aplicativos de paquera. Para ela, os filtros e pré-seleções criadas contribuem para um comportamento cada vez mais controlador da sociedade. "Antes, as pessoas tinham vontade de se abrirem. Hoje, elas vêm frustradas porque o outro não atende as necessidades. Nos tornamos controladores e o novo é assustador."

Já a fisioterapeuta Cybelle Varonos, 53, considera esses filtros positivos. Quem a encontra no Tinder, já lê: "cansada de pessoas rasas, solteira, sem filhos e 9 tatuagens." Como não costuma frequentar festas e bares, o aplicativo ajuda a fazer uma espécie de pré-seleção. "Quem não gosta, nem dá like", diz ela que já se apaixonou, teve relações casuais e fez amigos com o Tinder.

Ela avalia que o preconceito de quem se conhece pelo aplicativo diminuiu, mas conhecidos ainda perguntam se ela não tem medo de cair em algum golpe. "No bar e na academia não tem perigo? Quem não usa é porque tem medo de se envolver."

## Bombeiros acham 6 corpos em casa de repouso em SP após incêndio

Matheus Moreira e Vitoria Pereira

SÃO PAULO Bombeiros foram chamados na manhã deste sábado (10) para combater um incêndio em uma casa de repouso na rua Phobus, em São Mateus, na zona leste de São Paulo, e ao chegarem ao local encontraram seis corpos —de uma cuidadora e cinco pacientes— e o fogo quase extinto.

De acordo com a corporação, cinco vítimas apresentavam rigidez cadavérica, o que pode indicar que suas mortes já teriam ocorrido há algum tempo. Uma das vítimas teve o corpo carbonizado. Outras duas mulheres precisaram ser socorridas após inalarem fumaça. Uma está em estado grave e a outra encontra-se estável.

Segundo o tenente Queiroz, o fogo começou no quarto dos fundos do imóvel em que funcionava —ilegalmente, segundo a polícia— a Casa de Repouso Lar da Vovó. As chamas consumiram o cômodo e a fumaça se espalhou pela residência. O fogo teria começado de madrugada, mas os bombeiros só foram chamados por volta das 7h30.

As vítimas, segundo a polícia, são a cuidadora Adriana dos Santos Souza, 39, que estava em seu primeiro dia de trabalho, e os pacientes Arturo Loureiro Perez (sem idade confirmada), Terezinha Barbosa Ribeiro, 81, Sonia Pinho Silva, 71, Adelson Alexandre Gino, 62, e Luciane Avelina Chaves, 42.

Segundo a delegada, Juliana Rait Barbosa Menezes, do 49º DP (São Mateus), a casa de repouso funcionava ilegalmente no local há cinco meses e os donos já haviam mudado a clínica de endereço pelo menos quatro vezes desde 2020.

A Polícia Civil aguarda os laudos da perícia para apontar se há um responsável pelo incêndio e se alguém será indiciado pelas mortes.

A responsável pela casa de repouso —que não foi identificada— esteve no 49º DP na manhã deste sábado, onde prestou depoimento e saiu sem falar com a imprensa. Seu advogado também não quis se pronunciar.

Parentes de vítimas relataram que não tinham queixas da clínica e que os pacientes eram bem tratados.

Adams Carvalho

# Imbrochável

A todos vocês, minhas mais sinceras desculpas

**Antonio Prata**

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

*Eu, Antonio Prata, brasileiro, branco, heterossexual e cisgênero, venho por meio desta pedir desculpas pelo comportamento de certo colega brasileiro, branco, heterossexual e cisgênero que, por uma série de infelicíssimos acidentes históricos, veio a ser eleito presidente do Brasil.*

*Não que através dos séculos a turma do recorte demográfico supracitado tenha construído um portfólio, digamos assim, respeitável. Da escravidão à pizza de sushi —passando pelo Borba Gato e, pior, pelo monumento do Borba Gato—, foi quase tudo culpa nossa. Mas em algum momento do século 20 parecia que a melhorar. Pega aí um Caetano Veloso, um Carlos Drummond de Andrade, um padre Júlio Lancelotti: são confrades que trazem esperança à infame categoria.*

*Acontece que para ser Caetano, Drummond ou padre Júlio é preciso ter coragem e coragem nunca foi uma virtude na média do homem brasileiro, hétero, branco, cis. Pelo contrário. Apesar de termos dominado a brincadeira do Oiapoque ao Chuí (ou por isso mesmo), das capitanias hereditárias aos 51 imóveis comprados com dinheiro vivo, não fomos capazes de desenvolver nem sequer um grama de segurança ou autoestima. Somos crianças mimadas e medrosas. Canto de Ossanha feito carne. O macho brasileiro é um impotente.*

*Só um impotente —existencialmente impotente, intelectualmente impotente, espiritualmente e fisicamente impotente— é capaz de subir num palanque, diante de uma multidão e gritar "imbrochável! Imbrochável! Imbrochável!".*

*Ostentações de virilidade dão vergonha alheia. É deprimente ver um fortão fazendo o muque diante dos outros. Mais deprimente ainda é ver um fracote tentando o muque. Bolsonaro é isso, sempre foi, um fracote mostrando o muque que não tem. Vira e mexe ele se deita e finge fazer flexões. Os braços ficam parados e a cabeça sobe e desce feito uma galinha ciscando. Suas ameaças golpistas são como a flexão de pescoço. Sem força para governar, ameaça o golpe. Sem força pra erguer o corpo, chacoalha a cabeça. Bota na conta a misoginia, mais os Rider, mais o cercadinho e o choro no banheiro: é toda uma liturgia da impotência.*

*Os estrangeiros talvez não entendam de onde vem tamanha insegurança. Explico. Por estes costados há um mito fundante: a base para uma vida digna é um pau grande. E a família Bolsonaro... Bem, basta dizer que o apelido do Zero Dois é Eduardo Bananinha.*

*Tivessem nascido num país menos maluco, tivessem lido meia dúzia de livros, visto filmes ou feito análise, teriam compreendido melhor as parcas relações entre o tamanho de seus órgãos sexuais e uma caminhada proveitosa na breve passagem pelo cosmos. Mas não. São uns ignorantes atormentados com suas bananinhas. Daí precisam de canos por todos os lados. Cano de pistola, cano de fuzil, cano de escapamento de moto, cano de tanque, cano da arminha de mão. Entre eles, um charuto jamais será somente um charuto.*

*Centenas de milhares de pessoas devem ter morrido na pandemia porque o infeliz é inseguro com o tamanho do pau. Para ele, submeter-se a qualquer restrição, respeitar qualquer lei é uma ameaça à sua fragilíssima virilidade. Não entende que o pacto social é um ato de grandeza, um acordo entre adultos para não cairmos na guerra de todos contra todos. Ele (incapaz de se garantir entre adultos) quer a guerra de todos contra todos, porque só quando segura o fuzil, o fuzil duro, o fuzilzão ereto, a ponto de bala, o pobre diabo se sente consolado na profunda insegurança com o pipizinho. É trágica e patética essa pororoca: a herança de 500 anos somada à ausência de uns cinco centímetros. A todos vocês, minhas mais sinceras desculpas.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Maria Homem** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Colégio aciona Procuradoria contra pais de criança trans em SP

**Dani Avelar**

**SÃO PAULO** Os pais de Luana (nome fictício), criança trans de cinco anos, só queriam que a filha tivesse o nome social respeitado na escola, mas se viram envolvidos em uma batalha judicial após o Porto Seguro, tradicional colégio particular de São Paulo, acionar o Ministério Público.

"A nossa vida virou de cabeça para baixo", diz a mãe de Luana, a jornalista Raquel —o nome também é fictício para preservar a identidade da família. A mãe pediu anonimato por temer se tornar alvo de grupos de ódio. Ela deixou o trabalho para responder à ação na Justiça e para dar apoio à filha, que teve de mudar de escola.

Segundo a mãe, Luana, registrada como sendo do sexo masculino ao nascer, passou a insistir em ser chamada pelo nome social aos dois anos, desejo acolhido pelos pais.

Na escola, Luana tinha a sua identidade de gênero respeitada pelos professores, mas encontrou resistência da coordenação, de acordo com a família. Por isso, em maio, Raquel enviou uma carta e um parecer de uma psicóloga ao Porto Seguro pedindo que Luana fosse tratada pelo nome social e por pronomes femininos.

O Porto Seguro, então, protocolou uma representação no Ministério Público afirmando que atenderia ao pedido da família, mas declarou ser incapaz de confirmar se os direitos da criança estavam sendo assegurados com base na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente —sem, contudo, apresentar indícios de maus-tratos ou abuso parental.

Procurado, o colégio afirmou que "em respeito à cidadania, aos direitos humanos, à diversidade e ao pluralismo, sempre atende à solicitação das famílias e à legislação vigente, inclui o nome social nos registros escolares internos e instrui seus colaboradores para que os alunos sejam tratados da forma requerida".

A instituição disse ainda que não se manifestaria especificamente sobre o caso em razão do sigilo de processos envolvendo menores.

Após receber a representação, a Promotoria da Infância e da Juventude acionou a Justiça contra os pais de Luana para averiguar a necessidade de aplicação de medida de proteção. O objetivo era investigar os sinais de incongruência de gênero que justificassem o uso do nome social.

O Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo ordenou o arquivamento da ação em 26 de agosto a pedido da Promotoria, após os pais apresentarem indícios de que a criança se identificava com o gênero feminino desde os primeiros anos de vida e de que seus direitos estavam sendo devidamente assegurados.

## classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados **11 3224-4000**

**FORMAS DE PAGAMENTO** Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

**EMPREGOS**

PARA ANUNCIAR NOS **CLASSIFICADOS FOLHA** LIGUE AGORA **11/3224-4000**

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**A**

**AUXILIAR VENDAS**
M/F Interno. Dinamismo. Fácil acesso região do Ipiranga. CURRICULOS: curriculosnte@gmail.com Rua Descampado, 64 - Sacomã - CEP 04296-090



**A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:**

**Médico UTI - ICESP:** Graduação em Medicina com Residência concluída em uma das especialidades: Clínica Médica, Cardio, Pneumo, Anestesio, Nefro, Infecto, Medicina de Urgência e Emergência, Neuro, Cirurgia Geral, Cirurgia Torácica, Cirurgia Cardiovascular, Cirurgia do Trauma e Neurocirurgia ou Especialização/Pós Graduação concluída em Terapia Intensiva. Atuar na Unidade de Terapia Intensiva com pacientes oncológicos.

**Técnico em Eletrônica - Engenharia Predial ICESP:** Ensino Médio Completo, Curso concluído em Técnico em Eletroeletrônica ou Técnico em Eletrônica. Desejável conhec. em operação e manutenção de sistemas de áudio e vídeo em auditórios, elaboração e execução de projetos, configuração, programação de sistemas de áudio e vídeo e no Pacote Office.

**Coordenador de Área II - Financeiro ICESP:** Graduação concluída em: Economia, Administração Hospitalar, Ciências Contábeis, Administração de Empresas, Administração Pública, Farmácia, Biomedicina ou Enfermagem. Pós Graduação ou MBA concluído em: Pesquisa Clínica, Administração Hospitalar, Planejamento, Auditoria, Financeira, Controladoria, Empresarial ou Gestão Hospitalar, Economia, Gestão de Saúde, Gestão de Custos Hospitalares, Gestão de Negócios, Gestão de Projetos e Serviços. Excel intermediário. Curso concluído em Tabelas de Saúde Suplementar. Conhecimentos Desejáveis na área financeira de Pesquisa Clínica.

**Os candidatos interessados deverão inscrever-se 11/09 a 16/09/2022 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.**

**A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:**

**Enfermeiro. Requisitos:** Graduação em Enfermagem com Pós-Graduação concluída em Educação Permanente. Conhec. em fundamentos (técnicas) do proc. de enfermagem, planej. e organização das ações, atend. de paciente para exames em Diagnóstico por imagem; competência didática e ferramentas da qualidade. Desejável Pós-Graduação em Diagnóstico por Imagem ou MBA Gestão Hospitalar cursando ou concluído. COREN ativo.

**Médico (Endocrinologista) – Distúrbios do Crescimento e Puberdade. Requisitos:** Graduação em Medicina com Residência Completa em Endocrinologia ou similar e Doutorado completo em Endocrinologia. Conhec. na condução de casos de distúrbios do crescimento e puberdade; genética médica com foco aplicado nos distúrbios do crescimento e puberdade. CRM Ativo.

**Médico (Endocrinologista) – Doenças Osteo Metabólicas. Requisitos:** Graduação em Medicina com Residência e Doutorado Completos em Endocrinologia. Conhec. na condução de casos de doenças osteo metabólicas; genética médica com foco nas doenças osteo metabólicas. CRM Ativo.

**Médico (Psiquiatra). Requisitos:** Graduação em Medicina, c/ Residência completa em Psiquiatria. Conhec. em atend. clínico, emissão de relatórios p/ afastamentos junto ao INSS, avaliação de saúde junto à equipe multidisciplinar. Noções de Medicina do Trabalho, Programas de Qualidade de Vida e Perícias Médicas. CRM Ativo.

**Os candidatos interessados deverão inscrever-se de 11/09/2022 a 17/09/2022 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.**

**IMÓVEIS**

**SÃO PAULO**

**APARTAMENTO** ALUGUEL

**ZONA SUL**

**1 DORMITÓRIO**

**ACLIMAÇÃO**
Alugo apto - R$ 2.800,00. Total mob. ar cond. 1 vg coberta, novo, 1 ste, cond alto padrão , metrô Ana Rosa. Dir prop. 11-97624-2951 /99555-1215.

**NEGÓCIOS**

**ESOTERISMO**

**VOVÓ JOANA**
Amarração p/ amor, trabalhos p/ todos os fins. pagamento após resultado (11) 4114-6358 / WHATS 11-93019-0379 TIM

**LEILÕES**

**EDITAL DE LEILÃO**
JONAS ROSA PEREIRA - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 1060, torna público que realizará leilão acervo pinacoteca europeia (rj) e coleções de artes decorativas EXPOSIÇÃO: 02 a 12/09/2022 = SOMENTE ONLINE Leilão dias 13, 14 e 15 de setembro de 2022 - 20h SOMENTE ONLINE: - site: www.vmescritarteleiloes.com.br

**SERVIÇOS FUNERÁRIOS**

**CONVOCAÇÃO**
Convocamos o Sr. Jose Bragozza ou seus familiares a tratar de exumação dos corpos de Benevenuto Pozzani e Edson Pozzani do Terreno 01 da Quadra 14 do Cemitério da Quarta Parada. Contato Elisabete Pozzani. F:(11)98141-6054

**VENDO DOIS JAZIGOS**
Em área nobre no Cemitério de Alto Padrão Parque Morumby, por R$ 30.900,00 cada um. Mais informações no número (11) 5501-9813 e 9814, em dias úteis das 11h às 13h e das 14h30 às 16h.

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000

**ACOMPANHANTES**

**ACOMPANHANTE /FOTOS**
TRAVESTI/LUXO 11 95483-3875

**ANA**
Furacão+amigas. tx 30 Av. Jabaquara 2604.Mt.S.judas ac cartões seg.sáb.à Sábado.11-2362-8122

**KELLY**
Coroa liberal 11-98279-7305

O diarista e influenciador digital Tiago Haka Danilo Verpa/Folhapress

# Homens buscam ajuda para cuidar da saúde mental

## Taxa de mortalidade por suicídio chega a 10,7 por 100 mil entre eles, segundo o Ministério da Saúde

**Wesley Faraó Klimpel**

FLORIANÓPOLIS Diante de centenas de pessoas e das câmeras, um lutador de UFC, que acabou de vencer o duelo, se emociona. Não só pela conquista, mas por seu amigo ter tirado a própria vida. Num ambiente em que impera a testosterona, o britânico Patrick "Paddy" Pimblett pede para que os homens se abram.

"Existe um estigma neste mundo de que os homens não podem reclamar. Escute, se você é homem e está carregando muito peso nos ombros, e você acha que a única solução é se matando, por favor, fale com alguém. Fale com qualquer pessoa."

O apelo do lutador não é sem fundamento. Quando meninos, ouvimos que homem não chora. Na adolescência, temos a masculinidade colocada em dúvida se demonstramos sentimentos. Adultos, diante de depoimentos sobre como esse tipo de criação é conturbado, escutamos "no meu tempo era assim e estou bem hoje". E, muitas vezes, replicamos esse ciclo ao nos tornarmos pais.

Nos últimos tempos, porém, a saúde mental masculina ganhou destaque em redes sociais, campanhas médicas e lares brasileiros. Para o psicólogo Mário Sabino, isso é reflexo do aumento de informações na internet para que mais homens procurassem ajuda durante a pandemia.

"Foi possível ter algumas mudanças significativas nos estigmas e crenças sociais a respeito da necessidade do espaço psicoterapêutico e no acesso de homens aos espaços de saúde", pontua o profissional, que atua em Salvador.

Ele destaca que não adianta apenas pedir para que os homens se abram, se vulnerabilizem. É necessário entender como acolhê-los. "Cuidar de homens é saber que suas narrativas e queixas não são as mesmas. São diferentes, porque são atravessadas por raça, classe, sexualidades, corpos, regionalidades."

Há um longo caminho a se percorrer quando se trata de saúde mental masculina. Entre homens, a taxa de mortalidade por suicídio foi de 10,7 por 100 mil em 2019, enquanto entre mulheres esse número foi de 2,9, segundo dados do Ministério da Saúde.

De acordo com Diogo Amazonas, gerente hospitalar da Instituição Francisca Júlia - CVV (Centro de Valorização da Vida), que atende pessoas com transtornos mentais, os homens costumam ser mais fechados sobre sentimentos e guardam por mais tempo pensamentos suicidas, o que os torna mais efetivos quando tentam tirar a vida. "Homens buscam ajuda por último, pela questão do preconceito, do machismo. Eles não aceitam se colocar numa posição de vulnerabilidade", explica.

Quando o assunto é a população de menor poder aquisitivo, a saúde mental não costuma ser prioridade, diz o diarista Tiago Haka —e isso não é uma exclusividade dos homens pobres. "Entre comer e fazer terapia, as pessoas vão preferir se alimentar", diz.

Ele já havia feito terapia anos atrás, mas parou quando o posto de saúde perto de sua casa deixou de oferecer acompanhamento. O diarista voltou a contar com ajuda psicológica quando ganhou destaque nas redes sociais ao publicar dicas de faxina e de produtos de limpeza.

Haka diz que, na terapia, aborda questões de sua criação e seu passado que, antes, fingia não existirem. Além do estigma de que o homem não deve demonstrar emoções e fraquezas, há o oposto, de que homens gays são sentimentais. Haka, que é gay, foge desse estereótipo. "Só consigo me sentir à vontade quando sinto que vou ter retribuições afetivas. Tenho dificuldade de dizer 'eu te amo'", explica.

Outro influenciador que tem destaque por abordar tabus da masculinidade tóxica é Fábio Manzoli, responsável pelo @masculinidadesaudavel. Com 135 mil seguidores, ele conta que descobriu que reprimir sentimentos o levava a ser explosivo e a ter vícios em substâncias ilícitas e em pornografia, e que isso influenciava seus relacionamentos amorosos. Hoje ele organiza um retiro para o "desenvolvimento da inteligência emocional e de uma sexualidade mais consciente", segundo seu site.

O psicólogo Sabino destaca que homens que precisam de ajuda ou enfrentam um momento difícil devem recorrer a sua rede de apoio, como amigos e familiares com quem mais se identificam, e também a profissionais especializados. "É importante estarmos atentos aos sintomas. Verifique suas necessidades e, caso não seja possível fazer sozinho, oriente-se e procure o canal mais seguro para te ajudar."

É possível conversar com um voluntário do CVV por meio do telefone 188 (chamada gratuita em todo o território nacional).



# Bolsonaro sanciona projeto que reduz tamanho da Floresta Nacional de Brasília

**Renato Machado**

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro sancionou na sexta (9) o projeto de lei que reduz a Flona (Floresta Nacional de Brasília) para regularizar assentamentos. A floresta perde cerca de 40% do tamanho.

Estão em áreas que integravam a Flona os assentamentos 26 de Setembro, Maranatha e chácaras ao longo dos córregos Capãozinho, Descoberto, Zé Pires e Cortado.

O Planalto diz que esses moradores têm enfrentado obstáculos para ter acesso a serviços públicos de saúde, educação, saneamento e energia, por estarem em área de preservação de domínio público.

**[...] Flona perde cerca de 40% de seus limites para regularizar assentamentos na região**

A autora do projeto é a ex-ministra da Secretaria de Governo de Bolsonaro Flávia Arruda. A aliada disputa vaga no Senado, tendo como principal rival a também ex-ministra Damares Alves. A proposta foi aprovada a jato pelo Senado, em agosto, sendo incluída na pauta um dia após chegar da Câmara. Ela não foi analisada por nenhuma comissão, como costuma acontecer.

A floresta tem atualmente 9.300 hectares. A lei prevê a exclusão das áreas 2 e 3 dos limites da Flona, onde vivem 40 mil pessoas. O texto diz também que a área 1, a mais preservada, vai chegar a 3.700 hectares (um aumento de apenas 400 hectares).

Entidades ambientais criticaram a medida por considerar que a compensação não é proporcional. "É um retrocesso grave, com perda de área protegida e prejuízos ambientais totalmente desnecessários", diz Mauricio Guetta, advogado e membro do ISA (Instituto Socioambiental).

# *Agronegócio do B. é fogo na Amazônia*

## No supermercado e na urna, você decide futuro das florestas tropicais

**Marcelo Leite**

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

*Viajantes no interior dos estados americanos de Washington, Oregon e Califórnia, neste fim de verão, não se preocupam com a previsão do tempo —a possibilidade de chuva é quase zero. Ficam é de olho nos registros de fogo, pois dúzias de incêndios florestais se propagam pelas florestas temperadas de coníferas.*

*Diferentemente do Brasil e de outros países com florestas tropicais, nesse caso a responsabilidade direta da atividade agrícola pelas chamas é desprezível. O ressecamento da mata e os ventos que as insuflam se agravam com o aquecimento global, do qual todos somos culpados, a começar pelo diesel dos descomunais SUVs dos turistas americanos e os trailers que arrastam.*

*Outros 500, no Brasil, são as queimadas intimamente ligadas ao desmatamento, em particular na Amazônia. Aqui, a banda ogra do agronegócio está por trás dos atuais recordes de fogo e fumaça que tornam o uso da terra em maior fonte nacional de gases do efeito estufa.*

*Os mais de 33 mil focos de incêndio registrados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) no Brasil em agosto, grande parte na Amazônia, representaram avanço de 7% sobre o mesmo mês do ano passado. A área calcinada ultrapassou 24 mil km2, com crescimento de 30% sobre 2021, ficando atrás só de 2010, ano de seca ímpar, e 2019, primeiro ano de Bolsonaro.*

*Queimadas não são sinônimo de desmatamento recente, embora sempre ligadas a derrubadas anteriores. Usa-se fogo também para limpar pastos (que um dia foram florestas) e queimar detritos acumulados noutras temporadas. Incêndios florestais como os do noroeste dos EUA não ocorrem na Amazônia, uma floresta úmida.*

*Com a dinâmica presente de desmatamento na região, contudo, não se descarta que a floresta amazônica caminhe nessa direção. Quase 20% da cobertura do bioma já sofreu corte raso, e talvez outro tanto tenha sido degradado pelo garimpo localizado e pela retirada seletiva de madeira e suas estradas clandestinas.*

**[...] Boa parte dos grãos, da carne e da madeira oriundos de desmatamento, afinal, se destina a mercados domésticos, não exportação**

*Prevê-se que o contínuo ressecamento por essas atividades e anos de pouca precipitação com a mudança global do clima possa deflagrar um colapso do ecossistema conhecido como "dieback". Alcançando 25% de devastação, a mata reverteria para algo parecido com uma savana, bem mais inflamável.*

*Quanto dessa espiral destrutiva da floresta tropical pode e deve ser atribuída à atividade agrícola? Não é tarefa trivial determinar a responsabilidade, como discute alentado artigo de revisão publicado sexta-feira (9) no periódico Science.*

*Na penca de autores da equipe está Tasso Azevedo, líder no Brasil da iniciativa MapBiomas. O trabalho colaborativo põe em dúvida uma cifra muito citada na literatura científica, além de organismos internacionais e ONGs: 80% do desmatamento de florestas tropicais no mundo resultaria da atividade agrícola.*

*O artigo conclui que um número mais provável ficaria entre 90% e 99%. Nem toda área derrubada se converte de imediato em campos cultivados com grãos, verdade, mas o agronegócio não está dissociado do desmatamento especulativo, por exemplo, como bem demonstra a grilagem com abertura de pastos no Brasil.*

*Essa influência indireta do agronegócio na devastação das florestas tropicais decerto complica a tarefa de combatê-la. Muito esforço se dedica, no cenário internacional, a restringir o comércio de commodities ligadas a desmatamento, mas o trabalho na Science questiona a eficácia desse foco exclusivo, ainda que sem negar a importância de tais barreiras.*

*Boa parte dos grãos, da carne e da madeira oriundos de desmatamento, afinal, se destina a mercados domésticos, não exportação. É fogo: pense nisso na próxima vez que for ao supermercado e, dentro de três semanas, ao votar.*

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite
| QUA. Atila Iamarino, **Esper Kallás**

# Música brasileira aumenta a voltagem política do Rock in Rio com coros para Lula

Shows de Djavan, Maria Rita, Gilsons e Bala Desejo no penúltimo dia de festival têm cantos a favor do ex-presidente e ofensas a Bolsonaro

**Leonardo Lichote, Lucas Brêda e Marina Lourenço**

RIO DE JANEIRO Num dia que ficou marcado por ventanias de até 70 quilômetros por hora, que paralisaram brinquedos como a roda-gigante, a montanha-russa e a tirolesa, foi a música brasileira que fez o Rock in Rio pulsar e ter alta voltagem política neste sábado, penúltimo dia do festival.

A começar por Djavan, que fez a sua estreia no evento, aos 70 anos, com show recheado de ineditismo no palco Mundo, o principal do Rock in Rio.

Ostentando um estilo mais cool, de óculos escuros, ele preparou uma setlist cheia de sucessos, com "Sina", "Acelerou" e "Eu Te Devoro", que abriram a apresentação.

Do novo disco, "D", lançado no mês passado, veio o single "Num Mundo de Paz", que ali não ficou nada deslocado.

Tanto que o cantor pôs até os funcionários dos bares e outros serviços do festival para cantarolar. Isso sem falar no sambista Jorge Aragão e na cantora Luísa Sonza, flagrados entre o público que vibrou junto às músicas que surgiam em seguida, como "Açaí", "Nem Um Dia", "Se", "Oceano", "Flor de Lis" e outros hits dos anos 1970, 1980, 1990, 2000 e 2020.

"Nosso povo é lindo, maravilhoso, digno de respeito", afirmou Djavan a certa altura. Ele recentemente declarou voto no ex-presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores, na próxima eleição. O público respondeu com xingamentos ao presidente Jair Bolsonaro, do Partido Liberal.

Mas a voltagem política ficou mesmo com as bandas Bala Desejo e Gilsons, herdeiras da estética tropicalista e que abriram este sábado.

Os primeiros, que despontaram no começo deste ano, tocaram canções como "Nesse Sofá", "Clama Floresta" e "Nana del Caballo Grande". O maior sucesso do grupo, "Baile de Máscaras", veio no fim.

O conjunto ainda trouxe "Love Love", dos Gilsons, que tocaram no mesmo local, meia hora depois, já com um público mais numeroso.

Formado pelos músicos Francisco Gil, João Gil e José Gil —filho e netos de Gilberto Gil, nesta ordem—, o trio também reverenciou a Bala Desejo e apresentou "Índia". Houve também faixas como "Proposta" e "Love Love".

Mas um dos momentos que mais alvoroçaram a plateia foi quando o público puxou em coro xingamentos contra Bolsonaro. Os músicos, então, responderam com um arranjo instrumental de "olê, olê, olá, Lula, Lula", além de erguerem um "L" com as mãos, em referência ao candidato do PT.

Da plateia, Rosângela da Silva, a Janja, mulher de Lula, assistia ao show vestindo camisa com uma ilustração do marido. Ela foi recebida com gritos de "primeira-dama".

Mas, enquanto esses shows aqueciam os presentes, os ventos fortes no Rio de Janeiro fizeram com que os brinquedos ficassem desativados das 16h às 18h, aproximadamente.

Segundo nota da produção, o desligamento ocorreu por motivos de segurança.

Mesmo assim, a plateia ficou decepcionada. Os brinquedos, sobretudo a tirolesa, estão entre as atrações mais cobiçadas do festival. As filas costumam demorar horas.

Com as atrações já reestabelecidas, Maria Rita elevou o astral do evento ao mergulhar numa roda de samba, transformando a Cidade do Rock quase num terreiro.

Era a noite mais propícia a isso —além dela e dos Gilsons, a programação nacional deste sábado contou ainda com nomes como Jorge Aragão, Thiaguinho e Ferrugem.

Mas, mais do que uma festa, Maria Rita fez uma celebração política. Seu vestido vermelho acompanhou a cor que predominou nas projeções do telão, que destacou palavras como "democracia" e "luto" e trouxe um mapa do Brasil pintado da cor de sangue.

A plateia acompanhou. Em "Cara Valente", fez um contracanto —ao "ele não é de nada", as pessoas respondiam "ele não". Em "O Bêbado e a Equilibrista", emendada com "O Show Tem que Continuar", mais uma vez foi ouvido o "olê, olê, olê, olá, Lula, Lula".

O repertório passou ainda por "Sorriso Aberto", "Reza", "Ladeira da Preguiça" e "Amor Até o Fim", nesta que foi a sua quarta vez no palco Sunset do Rock in Rio. Maria Rita já havia passado por ali em 2013, 2015 e 2017 —em 2011, esteve ainda numa canja num show em homenagem a Simonal.

No fim, o telão resumiu a voltagem política deste penúltimo dia, quando exibiu o verso de "É", de Gonzaguinha, para êxtase da plateia —"a gente não tem jeito de babaca".

**Djavan em show no palco Mundo, o principal do festival, no qual desfilou hits, neste sábado, no Rock in Rio** Eduardo Anizelli/Folhapress

## Ferrugem recebe Thiaguinho e faz o primeiro grande show de pagode da história do evento

RIO DE JANEIRO Ferrugem recebeu Thiaguinho para fechar o Espaço Favela do Rock in Rio neste sábado, dia 10. Foi o primeiro grande show de pagode da história do festival, que nos últimos anos tem se aberto a ritmos historicamente ausentes ou pouco presentes, como também o funk e o rap.

Foi um show que teve cara de música de barzinho, em que Ferrugem procurou cantar versões de sucessos alheios mesclados aos seus próprios. A primeira parte do repertório, por exemplo, teve "Atrasadinha", faixa do pagodeiro com Felipe Araújo. Contou também com "Aquele Abraço", de Gilberto Gil, "Agamamou", do Art Popular, e Tim Maia, com "Primavera", "Você" e "Gostava Tanto de Você".

Reunindo uma multidão digna de um dos palcos maiores, Ferrugem emendou dois pagodes românticos que são sua marca registrada, "Até que Enfim" e "Tristinha".

O romance ficou no ar com "Pirata e Tesouro" e "Pra Você Acreditar", dois dos maiores sucessos de Ferrugem. E o sertanejo apareceu em "Eu Sei de Cor", de Marília Mendonça.

**Na próxima, no Rock in Rio, a gente se encontra lá no palco Sunset**

**Ferrugem** cantor, numa alfinetada no festival, ao se referir a um dos maiores palcos do evento

Mas o ápice da apresentação veio mesmo com a entrada de Thiaguinho no palco. "Sempre sonhei em estar perto desse cara, assistir a uma gravação dele", disse o pagodeiro.

Antes de sair, o cantor prometeu que na próxima vez encontra o público no palco Sunset, o principal do festival, numa alfinetada no Rock in Rio. Faz sentido, já que o show quebrou aquela impressão de que o público do festival não gosta de pagode. **LB**



**PALMEIRAS VENCE JUVENTUDE POR 2 A 1**
Depois de ser eliminado da Libertadores na terça (6), time alviverde ampliou vantagem na liderança do Brasileiro com vitória sobre a equipe gaúcha, no Allianz; Santos continua em 10º após derrota por 2 a 1 do Ceará Jhony Inacio/Agência O Globo

# *O cardápio do Trio de Ferro*

Os três grandes paulistanos têm agora metas bem claras até o fim da temporada

**Juca Kfouri**
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*Ao Palmeiras restou ganhar o Campeonato Brasileiro, o que não só não é pouco como é muito, diria até que é o mais importante e, sem dúvida, o mais difícil.*

*Abel Ferreira disse aos seus jogadores que daqui para a frente, depois da doida eliminação na Libertadores, faltavam 13 finais.*

*Na verdade, eram 11, porque com sete pontos de dianteira sobre o segundo colocado Flamengo, o alviverde pode dispensar dois jogos.*

*O tricampeonato continental seguido, o tetra inédito para um clube brasileiro, a chance de ganhar, enfim, o Mundial que falta, tudo isso tem de ser esquecido em nome do título brasileiro.*

*As pretensões do rival Corinthians são menores, e uma delas, ganhar a Copa do Brasil, bem menos possível.*

*Porque, se o time passar pelo Fluminense na próxima quinta-feira (15), em Itaquera, osso duro de roer, embora a seu alcance com apoio da Fiel, as finais contra o Flamengo, nos dias 12 e 19 de outubro, vão se apresentar como desafio para o qual o alvinegro não mostrou ser capaz durante o ano todo.*

*Daí ser fundamental permanecer atento à busca de lugar no G4 do Campeonato Brasileiro, meio menos difícil de garantir lugar na Copa Libertadores de 2023.*

*Ao São Paulo sorri a chance de ganhar a Copa Sul-Americana pela segunda vez, agora contra o equatoriano Independiente Del Valle, no dia 1º de outubro, na cidade de Córdoba, na Argentina.*

*Segunda divisão do continente ou não, eis a oportunidade para não passar a temporada em branco e soltar o grito de campeão, assim na base de um passo de cada vez.*

*No ano passado foi o Paulistinha, agora a Sula —quem sabe o que o aguarda em 2023? Mas tem porque tem de vencer o adversário incomparavelmente menor em grandeza.*

*Como precisa assegurar final de campanha sem sobressaltos no Brasileiro, porque só falta ganhar uma taça, assegurar vaga na Libertadores e cair pela primeira vez.*

*Copa do Brasil contra o Flamengo? Esqueça!*

*Em resumo, se o Trio de Ferro se reunir em torno da mesma mesa, cada um olhará para páginas bem diferentes do cardápio apresentado.*

*Os três, no entanto, bem perto de estar na fase de grupos da Libertadores-2023, dois deles, alviverdes e tricolores, próximos de gritar é campeão, e o alvinegro, provavelmente, sem ter tamanho prazer.*

***O majestoso***

*O São Paulo teve apenas dois dias para se recuperar antes de enfrentar neste domingo o seu maior rival.*

*A vantagem do Corinthians é óbvia, mesmo no Morumbi.*

*Que São Paulo teremos?*

*De ressaca, depois da sofrida e desgastante jornada para eliminar o Atlético Goianiense nos pênaltis, ou de moral elevadíssimo, exatamente por ter superado a desvantagem do 3 a 1 com a vitória por 2 a 0?*

*São tantas as teorias em torno do futebol que após o clássico, de acordo com o resultado, as explicações girarão por aí: ganhou porque entrou de peito estufado ou perdeu porque estava no bagaço.*

*Vamos aos números?*

*Será o 354º Majestoso, com 131 vitórias corintianas, 109 são-paulinas e 113 empates.*

*Pelo Campeonato Brasileiro será o 70º clássico: 23 vezes deu Corinthians, e 18, São Paulo. Os empates preponderam, 28.*

*E, finalmente, pasme: no Morumbi o Corinthians também leva vantagem, com 50 vitórias, 43 derrotas e 59 empates.*

*Mas, atenção, desde a triste imposição de torcida única, em 2016, o panorama mudou completamente.*

*O São Paulo ganhou oito vezes, empatou quatro e só perdeu uma, em abril de 2017.*

**ESPORTE AO VIVO** | 10h GP da Itália F1, BAND | 16h São Paulo x Corinthians Brasileiro, GLOBO/PREMIERE | 17h US Open (final masculina) Tênis, SPORTV

# Seneme quer microfone nos árbitros ligado 90 minutos

Chefe dos juízes do Brasil os defende e afirma buscar mais transparência

**Alex Sabino**

RIO DE JANEIRO Não é comum, mas não se trata de algo tão raro assim. O celular de Wilson Luiz Seneme toca no domingo. Ele olha o visor. Se não reconhece o número, não responde. Caso algum dirigente de clube do Campeonato Brasileiro diga ter reclamado para o chefe da comissão de arbitragem da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), desconfie, recomenda o próprio.

"Eu não atendo. Posso falar com qualquer presidente, mas institucionalmente. Manda email, marca um dia, horário, e pode vir aqui que eu recebo sem problemas", afirma ele, responsável pela escala do quarteto de arbitragem e do VAR (quando é o caso) de cerca de 80 jogos por semana durante 11 meses no ano.

"Nos seis meses em que estou aqui [na CBF], nunca conversei com um presidente de clube por telefone."

Ex-árbitro, ele é instrutor da Fifa e integra a comissão de arbitragem da entidade máxima do futebol. Já foi chefe dos árbitros da Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) e hoje desempenha a mesma função na CBF.

Nessa posição, Seneme evita saber o que se fala em redes sociais. "Minha mulher vem comentar algo, e peço para mudar de assunto. Melhor conversar sobre outra coisa."

Ele deixa claro que, quando recebe algum cartola, o tom da conversa usado pelo dirigente é bem diferente do empregado diante de um microfone.

"Existe o mundo da entrevista que ele dá e existe [outro mundo] quando ele se senta aqui para conversar comigo. Apesar de ser uma reclamação, é feita de outra maneira", explica, habituado às críticas.

Ele se acostumou, quando comandava a arbitragem dos torneios sul-americanos, a ouvir Mariano Closs berrar seu nome. A cada marcação duvidosa em campo, aquele que é um dos mais importantes narradores argentinos gritava na transmissão: "Seneme!".

"Eu gostava. Falei com o Mariano sobre isso, dei entrevistas para ele. Quando é algo divertido assim, a gente tem de aceitar com bom humor", diz.

Sem perder o sotaque de quem nasceu no interior de São Paulo, em São Carlos, "Seneme!" tem a missão de tornar mais transparente a tomada de decisões durante as partidas. A CBF já solicitou à Fifa a liberação para que os árbitros usem microfones durante os 90 minutos e que o áudio possa ser transmitido ao vivo pela emissora dona dos direitos de transmissão.

Seneme quer disponibilizar áudio ao vivo para a TV detentora dos direitos de transmissão das partidas Ricardo Stuckert/CBF

"Dissemos até que podemos ser nós [no Brasil] a fazer esse teste. Acho que estamos preparados para isso", afirma.

Na única vez em que algo assim ocorreu no futebol nacional, foi um escândalo. José Roberto Wright aceitou apitar um clássico entre Flamengo e Vasco, em 1982, na final Taça Guanabara, com um microfone acoplado ao uniforme. Era uma ideia da Globo, que depois mostrou os áudios. Wright acabou suspenso.

As conversas dos juízes com os árbitros de vídeo são disponibilizadas em até 24 horas na Série A. São escolhidos os lances que suscitaram dúvidas ou aqueles em que houve intervenção do recurso eletrônico. As partidas da Série B levam 48 horas, prazo diferente por se tratar de outra empresa.

Funcionários do departamento de arbitragem, vários deles ex-árbitros, reúnem-se na sala de Seneme, no terceiro andar da sede da CBF na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio. Na mesa do presidente da comissão estão a tela do computador e um monitor. É onde ele analisa jogadas e atuações de juízes em campo.

Eles formam um grupo unido, que anda junto pelo prédio. Ocupam uma mesa no restaurante da entidade na hora do almoço.

Apesar das críticas, duras e recorrentes, Seneme é um defensor da arbitragem brasileira. Não se irrita com a percepção de que ela seja ruim, nem altera o seu jeito de falar, de quem faz a pergunta para si mesmo, assim pode dar a resposta. Ou termina a frase com "né?". Mas defende a qualidade dos juízes do Brasil com veemência. Insiste que é boa e vai melhorar.

"Por que pode existir essa percepção? Porque o que eu tenho visto é que a arbitragem no Brasil é vista com uma lupa maior e se vê o aspecto negativo muito mais do que em qualquer outro país do mundo. Isso me incentiva a trabalhar, mas dificulta em alguns momentos. Sabe por que dificulta? Há a falta de conhecimento, né? Nos últimos seis anos a regra do jogo mudou mais de 300 vezes, algo que não havia ocorrido nos cem anos anteriores", observa.

Seneme tem otimismo com a melhora porque está empenhado na ideia de que os profissionais da arbitragem, assim como os jogadores, precisam treinar. Devem praticar situações que ocorrem nas partidas. Quanto mais informações tiverem, mais estarão preparados e mais decisões corretas tomarão.

A cada 15 dias, um grupo passa por treinamentos no Rio com jogadores das categorias de base. São simuladas situações de jogo para as quais o presidente da comissão deseja que os juízes estejam preparados. A próxima sessão será com um time amador do Bangu.

O chefe acompanha de perto e age como se fosse um técnico. Dá alertas, avisa como devem proceder, elogia, reclama. Diz que os árbitros devem entender também da tática do futebol, não apenas das regras. Se souberem as tendências das equipes, como costumam jogar, estarão sempre próximos ao lance.

"Conhecer as regras eles aprendem na escola. Eles precisam entender tudo o que envolve uma partida. Nós temos 700 contas em empresas de estatísticas, as mesmas que os clubes também assinam. Mas eu não sou o pai dessa criança. É ideia da Fifa. É tudo o que eu aprendi como instrutor da Fifa, né?", afirma.

Ter informação também serve no momento de montar a escala. Quem faz as designações está obrigado a conhecer as características das equipes e não escalar um juiz que deixa mais o jogo correr em um confronto que promete ser pegado, ou vice-versa.

Ser presidente da comissão não deixa de ser uma aflição. É uma profissão, assim como a de árbitro, sobre a qual ninguém diz nada se tudo dá certo. Não há elogios. Mas o equívoco é exacerbado em um ambiente onde o que vale é a paixão. E Seneme sabe que os erros podem ser minimizados no futebol, não eliminados.

"Se o futebol fosse matemática, não seria um número exato. Teria vírgula. A arbitragem tem situações que são interpretativas e vão continuar sendo interpretativas."

Ele faz a constatação inevitável de que irrita milhões de torcedores todos os finais de semana e dá de ombros.

"Né?"

# Polonesa Iga Swiatek vence US Open e coroa 2022 de vitórias

SÃO PAULO Iga Swiatek é campeã do US Open. Aos 21 anos, a polonesa, número um do ranking mundial, garantiu seu segundo Grand Slam da temporada e sétimo torneio do ano.

A tenista coroou a excelente temporada com vitória neste sábado (10), por 2 sets a 0 (6/2, 7/6), sobre a tunisiana Ons Jabeur, quinta colocada no ranking da WTA (associação das tenistas profissionais), que não conseguiu encaixar seu jogo e cometeu muitos erros não forçados. Swiatek já havia vencido a adversária na final do Aberto da Itália neste ano.

Primeira polonesa a vencer o "major" americano, Swiatek se torna agora a mais jovem a conquistar três Slams na carreira —foi campeã de Roland Garros duas vezes— desde que Maria Sharapova faturou o Australian Open de 2008.

"É Nova York, é uma loucura", disse Swiatek, em discurso depois do jogo. "Preciso voltar para casa e ver [o que a vitória significa para a Polônia]", brinca. "Fico feliz que consigo unir nosso povo com esporte e que o tênis esteja ganhando mais espaço."

Iga Swiatek, 21, líder do ranking mundial, com troféu do US Open Matthew Stockman/Getty Images/AFP

A polonesa também é a primeira a levar o ouro em Roland Garros e no US Open no mesmo ano desde Serena Williams, em 2013. A americana foi a última líder do ranking a vencer o torneio, em 2014.

Swiatek começou o ano em nono lugar no ranking da WTA e, em abril, foi alçada à primeira posição por uma aposentadoria repentina de Ashleigh Barty, australiana que largou o tênis aos 25 anos.

Até agora, além do US Open, ela acumula vitórias em seis campeonatos importantes do ano (Qatar, Indian Wells, Miami, Stuttgart, Itália e o bicampeonato em Roland Garros).

Dos torneios vencidos, quatro foram em quadra dura e quatro no saibro. Ela não teve tanto sucesso na grama. Perdeu na terceira rodada de Wimbledon.

A eliminação passou longe de prejudicar sua posição no ranking. Antes da vitória no US Open ela já tinha quase o dobro de pontos que a então segunda colocada, a estoniana Anett Kontaveit. Com o troféu, acumula mais 2.000 pontos e US$ 2,6 milhões (cerca de R$ 13 milhões). Jabeur, com a prata, passa da quinta posição para a segunda, marca que ela já havia atingido no ano.

Para Swiatek, 2022 foi de títulos, consolidação e recordes: ela chegou a acumular 37 vitórias seguidas, a maior sequência do século 21 —Serena Williams teve, em 2013, 34 partidas de invencibilidade.

# *Ver para crer*

Tudo indica que os ventos vão soprar a favor do Brasil no Qatar

***Tostão***

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

*No meio de semana, tivemos, pela Libertadores, pela Sul-Americana e pela Liga dos Campeões da Europa, várias belas e bem jogadas partidas, com muitas alegrias, tristezas e emoções. É a vida pulsando nos gramados.*

*O Athletico mostrou, mais uma vez, que é um dos grandes do futebol brasileiro. O Palmeiras, que nas duas últimas Libertadores ganhou graças à competência e a alguns detalhes imprevisíveis, como o pênalti perdido por Hulk e o grave erro de Andreas Pereira, foi eliminado por causa da eficiência da equipe paranaense e também por detalhes, como a expulsão de Murilo.*

*O Flamengo está em mais uma final. Talento é tornar claro, simples, o que é complexo, como fez Dorival Júnior ao escalar os melhores nas posições certas. Não confundir com simplificação, com a diminuição da importância do que é grande.*

*O São Paulo, nos pênaltis e com a ajuda da vibração dos atletas e dos torcedores, chegou à final da Sul-Americana.*

*Na Liga dos Campeões, três grandes centroavantes, Haaland, Lewandowski e Richarlison, brilharam nos novos times. Eu, que algumas vezes preciso ver para crer, tinha dúvidas se Haaland e Lewandowski se adaptariam ao Manchester City e ao Barcelona, duas equipes que trocam muitos passes curtos, que enfrentam defesas fechadas e que não tinham o hábito de jogar com um clássico centroavante.*

*Tem acontecido o contrário. Como City e Barcelona pressionam e a bola está sempre perto do gol adversário, os dois, por serem altos e fortes e por se posicionarem muito bem, têm mais chances de fazer gols. Além disso, Haaland possui uma arrancada impressionante, de poucos metros, para chegar aos pequenos espaços e entre os defensores, para finalizar. Lewandowski tem mostrado, no Barcelona, muito mais habilidade e fantasia do que tinha no Bayern.*

*Na onda de ver para crer, temia que Vinicius Junior, pelo que jogou no primeiro ano no Real Madrid, fosse se tornar mais um entre dezenas de pontas dribladores e rápidos, espalhados pelo mundo, que possuem pouca lucidez e técnica para se tornar grandes jogadores. Vinicius está a cada dia melhor. Aprendeu com o colega Benzema e com o técnico Carlo Ancelotti, como disse Tite, a ser também um jogador associativo.*

*Mas o grande lance da semana, apoteótico, foi Neymar parar a bola na intermediária, enfiar o pé por baixo dela, como uma colher, e jogá-la por cima de vários zagueiros, para cair no lugar e no tempo certos, para Mbappé finalizar com precisão.*

*Pela importância que Neymar tem para a seleção brasileira, Tite carrega uma grande dúvida, que também é minha e de todos, se escala Neymar com ou sem um centroavante à frente. A opção muda o posicionamento do jogador e a estrutura e a escalação do meio-campo, pois não há lugar, juntos, para Paquetá, Vinicius Junior, Raphinha ou Antony, Fred, Casemiro, Neymar e mais um centroavante. Alguém teria de ficar fora.*

*Seja qual for a opção de Tite, Neymar deveria jogar da intermediária para o gol, como tem feito no PSG, com o novo treinador, sem recuar para receber a bola no próprio campo, como fazia, nem voltar para marcar pela esquerda, pois isso é feito pela ala do time francês, no esquema com três zagueiros. Na seleção, essa marcação pela lado seria feita por Vinicius Junior. A única participação defensiva de Neymar seria marcar o volante, na saída da bola, como quer Tite.*

*Tudo indica, conspira, que os ventos vão soprar a favor do Brasil no Qatar. Porém preciso ver para crer.*

# NOSSO ESTRANHO AMOR

**Pedro Mairal**
folha.com/nossoestranhoamor

## O meu Golias

O meu Golias anda por aí, dando voltas pela casa. Meu soldado gigante. Já o vejo meio ofuscado, ensombrecido por alguns dias de abstinência que lhe vou impondo com evasivas. Dias em que não quero, e ele quase nem pergunta nada, ele percebe, porque eu, nessas noites, uso o que secretamente chamo de "o pijama dissuasivo". Um pijama de tecido grosso, meio áspero do lado de fora, que comprei numa emergência, em uma viagem na qual fez muito mais frio que o esperado. Esse pijama o dissuade de tentar, de dormir de conchinha, é o pijama do não. Nunca falamos disso abertamente, mas é algo implícito. Lá se vão seis noites assim, e já o vejo como um touro embrutecido, sua cabeça pesa, não sabe o que há de errado com ele.

Ontem consegui fazer com que ele consertasse várias coisas. Aquela porta da despensa que estava frouxa. Quando ele estava saindo do banho, soltei um grito na cozinha. O que aconteceu? Ele veio alarmado. Esfreguei a lateral da minha cabeça. Essa maldita porta da despensa, eu disse. Vou consertá-la, ele disse. Sim, mas quando, amor? Faz semanas que você está dizendo isso. Bem, agora conserto. Então começou a fazer isso, com suas ferramentas. Eu não tinha batido a cabeça coisa nenhuma, mas funcionou. E sei que quando ele pega a caixa de ferramentas tenho que aproveitar. Que sexy o meu handy man, eu disse ao vê-lo atarefado com a chave de fenda, e passei a mão por suas costas, por debaixo da camiseta. Por aquelas costas de animal que ele tem. E ele adorou; o gesto foi pura promessa erótica. E aproveitando, mostrando a ele uns suportes do varal, eu disse: Isso também está frouxo. E assim o fui recrutando para várias coisas que tinham que ser consertadas. Porque é uma energia que cresce dentro dele, puro desejo sexual, como um gerador elétrico que fica aceso. É preciso saber usá-lo. Faço com que a energia se acumule por meio da abstinência, e o gerador se recarrega sozinho.

Ele pesa mais de cem quilos, e eu, 49. Estica o braço e eu consigo passar por debaixo, sem que ele toque a minha cabeça. Trabalha em uma empresa de sistemas de informação, mas em casa ele é o meu jornaleiro, a minha mão de obra qualificada, o meu cuidador, o meu guardião, o meu mordomo. No sábado vou te encher de beijos, eu digo, e é como se duas espirais girassem em seus olhinhos. Ele entra em modo de hipnose, e eu o faço rastelar o jardim, cortar a grama, limpar as canaletas. Falamos de datas de viagens, eu não poderia ficar três noites na casa dos pais dele, e, sim, uma, por causa do trabalho, é melhor que ele vá antes e eu chego depois. E ele cede. Assim negociamos outros programas na agenda, quem dos dois se encarrega do quê e quem vai e quem passa para buscar e quem tem que se lembrar. Vou eu, ele diz, eu posso, não tem problema, passo para buscá-lo. Ele faz suas jogadas de xadrez, mas sempre em curtíssimo espaço de tempo, uma ou duas jogadas, para ver se consegue alguma coisa. E o deixo lançar seu movimento, que eu já tinha previsto completamente. Já tenho a partida inteira na cabeça.

Acho que ele sabe disso, o que o tranquiliza. Confia em meu plano diretor, que não é nenhum segredo: sermos felizes, sem depender de ninguém. Não é nada maquiavélico. Ter uma vida mais ou menos estável, e para isso é preciso se organizar. Nós nos completamos bem. Então no sábado, quando o meu marido já é quase um monstro sofredor, tomamos banho juntos e eu o levo para a cama agarrado à sua virilidade, e ele urra de prazer. Ele me esmaga, parece que vai me matar com seu peso, com seus músculos, com sua insistência pélvica. Toma, ele diz, toma, como se fosse sua grande revanche depois de vários dias de submissão. E eu lhe digo Vem, meu amor, vem com tudo. É um homem forte e bonito. Vem com tudo, minha vida. E ele grunhe, começa a desmoronar, o meu Golias, se choca contra o meu campo de força, vem com tudo, se quebra em mim feito uma onda gigante e depois fica manso, adormecido sob as carícias que faço em seus cabelos.

Tradução Livia Deorsola

Jane Barlow/AFP

## IMAGEM DA SEMANA

**Em seu último dever público antes de morrer, aos 96 anos, na quinta-feira (8), a rainha Elizabeth 2ª se reuniu, na Escócia, com a nova primeira-ministra da Inglaterra, a conservadora Liz Truss, na terça-feira (6). O Parlamento prestou homenagens à rainha Elizabeth 2ª, com um minuto de silêncio. Truss afirmou, depois de conversa com o rei Charles 3º, que, mesmo de luto, ele demonstrou consciência da responsabilidade que assume agora.**

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**
**1.** Criancinha de colo / A de nascimento consta no RG **2.** Grande cidade paulista próxima à capital / Traço que encanta **3.** As iniciais da atriz e cantora norte-americana Streisand / A base do molho para a pizza **4.** Periferia / A atriz gaúcha Lisboa **5.** Momento histórico assinalado por grandes acontecimentos **6.** Personagem folclórico de uma perna só / Cinema, teatro etc. **7.** O D do calendário **8.** 250+750 / Fundador do Islamismo, profeta do povo árabe **9.** Combinar, convencionar **10.** Barrilzinho usado para transportar água / Diários Associados **11.** A primeira carta de cada naipe / Enganar através de artimanhas **12.** Pó vermelho, usado como corante e condimento **13.** Pouco frequentado.

**VERTICAIS**
**1.** Os gases hélio, neônio, argônio, criptônio, xenônio e radônio / Bugio ou mandril **2.** O do Senna é uma curva do circuito de Interlagos, em SP / Gordo **3.** O sódio, entre os químicos / Levantar voo (um Boeing) / O lítio, em química **4.** Elemento deflagrador de uma série de acontecimentos / (Villa-) Compositor, um grande nome da música brasileira **5.** Grupo de pessoas que cantam juntas / Precoce, antecipado **6.** Habilidade especial para fazer algo / Antigo nome do Cabo Kennedy, nos EUA **7.** Qualidade do que tem o sabor áspero como o do quinino / O único satélite natural da Terra **8.** O técnico da seleção brasileira de futebol / A da Bastilha foi um evento crucial na Revolução Francesa (1789) **9.** Oficina de trabalho artístico (pintura, escultura, fotografia etc.) / O estado considerado como administração financeira.

**HORIZONTAIS: 1.** Nenê, Data, **2.** Osasco, It, **3.** BS, Tomate, **4.** Redor, Mel, **5.** Época, **6.** Saci, Arte, **7.** Domingo, **8.** Mil, Maomé, **9.** Apalavrar, **10.** Corote, DA, **11.** As, Burlar, **12.** Colorau, **13.** Isolado.
**VERTICAIS: 1.** Nobres, Macaco, **2.** Esse, Adiposo, **3.** Na, Decolar, Li, **4.** Estopim, Lobos, **5.** Coro, Imaturo, **6.** Dom, Canaveral, **7.** Amargor, Lua, **8.** Tite, Tomada, **9.** Ateliê, Erário.

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

**DIFÍCIL**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | | 6 | 7 | | | | 9 | |
| | | | | | | 2 | 8 | |
| | | | | | 9 | | | 7 |
| 5 | | 1 | 3 | | 2 | | | 9 |
| | 4 | | | 6 | | | 3 | |
| 6 | | | 9 | | 5 | 4 | | 2 |
| 1 | | | 8 | | | | | |
| | 6 | 5 | | | | | | |
| | 7 | | | | 3 | 8 | | 1 |

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 2 | 6 | 7 | 1 | 8 | 3 | 9 | 5 |
| 7 | 1 | 9 | 5 | 3 | 6 | 2 | 8 | 4 |
| 3 | 5 | 8 | 4 | 2 | 9 | 1 | 6 | 7 |
| 5 | 8 | 1 | 3 | 4 | 2 | 6 | 7 | 9 |
| 9 | 4 | 2 | 1 | 6 | 7 | 5 | 3 | 8 |
| 6 | 3 | 7 | 9 | 8 | 5 | 4 | 1 | 2 |
| 1 | 9 | 3 | 8 | 5 | 4 | 7 | 2 | 6 |
| 8 | 6 | 5 | 2 | 7 | 1 | 9 | 4 | 3 |
| 2 | 7 | 4 | 6 | 9 | 3 | 8 | 5 | 1 |

## FRASES DA SEMANA

**7 DE SETEMBRO**

**Jair Bolsonaro**
Na comemoração de 200 anos da Independência do Brasil, na quarta (7), o presidente aproveitou a comemoração de 200 anos da Independência do Brasil para fazer discurso com forte tom eleitoral, presente nas diversas manifestações com apoiadores. O chefe do Executivo não poupou menções à ideia de masculinidade em sua fala

"Imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável"

**Fernando Haddad**
Candidato ao Governo de São Paulo pelo PT fez trocadilhos com tom crítico a Bolsonaro em sua mensagem de Dia da Independência

"200 anos depois do grito da Independência, ninguém vai ameaçar a nossa independência no grito"

**Henrique Gouveia e Melo**
Almirante e chefe do Estado-Maior da Armada portuguesa veio ao Brasil para festejos do bicentenário e lembrou, em entrevista à **Folha**, democratização de Portugal ao defender Forças Armadas distantes de empreitadas golpistas

"As Forças Armadas são essenciais para a democracia. Saímos de um regime ditatorial em 1974. Hoje é impensável para nós, militares portugueses, não defender a democracia. Nunca mais, parece-me, que se possa instalar um regime ditatorial em Portugal com o apoio dos militares"

**ROCK IN RIO**

**Leo Jaime**
Cantor famoso por frases pop reagiu à fala de Bolsonaro no 7 de setembro na área VIP do festival, na quinta (8)

"Só não brocha quem não tem sentimentos"

**João Vicente de Castro**
Ator e apresentador do Papo de Segunda também pegou a deixa da frase do presidente para criticá-lo e apoiar mais sensibilidade

"Sou super brochável [...] A gente tem que aceitar as nossas vulnerabilidades"

**Paolla Oliveira**
Em um Rock in Rio marcado por mensagens críticas ao presidente e em apoio a Lula, a atriz voltou a afirmar que artistas precisam se posicionar

"Não dá para ficar calado. A gente tem que se posicionar, sempre. Se vão concordar ou não com a sua opinião, aí é outra coisa, mas é preciso falar"

**Matuê**
Show do rapper que teve direito a um telão com foto do chefe do Executivo em chamas e um protesto silencioso, feito com dizeres pintados em um skate

"Fora, Bozo"

**RAINHA ELIZABETH 2ª**

**Elton John**
Condecorado pela rainha há mais de 20 anos com o título de Sir, o músico está entre as personalidades que prestaram homenagens à monarca após sua morte na Escócia, na quinta-feira (8)

"Ela foi uma presença inspiradora"

**Rei Charles 3º**
Em seu primeiro pronunciamento oficial à nação como rei, transmitido pela BBC do Salão Azul do Palácio de Buckingham pela, na sexta-feira (9), o filho mais velho da rainha sublinhou a relevância dos próprios herdeiros, os príncipes William e Harry

"Ao longo da vida, a rainha, minha amada mãe, foi uma inspiração e um exemplo para mim e para toda minha família, e temos com ela a dívida mais sincera que qualquer família pode ter com sua mãe"

**Hino Nacional**
Depois de uma missa na Catedral de Saint Paul, em Londres, foi cantado pela primeira vez o hino substituindo a palavra 'rainha' por 'rei'. Alteração é uma das mudanças que marcam a morte da rainha e o reinado de Charles 3º

"Deus salve o rei"

## ACERVO FOLHA

**Há 100 anos** **11.set.1922**

### É lançada a pedra fundamental da futura capital do Brasil em Goiás

No planalto central do Brasil, no estado de Goiás, realizou-se solenemente no dia 7 de setembro o lançamento da pedra fundamental da futura capital da República.

A cerimônia contou com a presença de representantes de altas autoridades federais e estaduais.

Distante oito quilômetros da Vila do Planalto, no morro chamado Centenário, da Serra da Independência, foi levantada uma pirâmide composta de 33 pedras, simbolizando os anos da República.

Também foi colocada a placa de bronze com mensagem informando que a pedra fundamental foi lançada em cumprimento a um decreto.

Folha da Noite
DEPOIS DAS FESTAS
O CENTENARIO

**LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br**

ilustrada

O sexo assusta

Uma onda virginal varre o cinema, que já não filma cenas eróticas por receio de uma geração Z mais casta do que os avós e na ressaca do MeToo

C4 e C5

Saúde ainda enfrenta surtos de doenças do período colonial e falta crônica de recursos C8

Frei Caneca lutou contra Portugal e dom Pedro e acabou fuzilado C10

Ilustração Fe Avila

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

O jornalista Marcos Uchôa na cidade de Nova York, nos Estados Unidos Divulgação

# Marcos Uchôa

# Há uma esquerda que reclama, mas não muda

**[RESUMO]** Aos 64 anos, jornalista fala sobre entrada frustrada na política, faz críticas ao presidente do PSB no Rio, Alessandro Molon, e diz ter se decepcionado com a falta de engajamento de pessoas nestas eleições

Por ***Bianka Vieira***

Foram duas as vezes em que os ventos da política quase definiram o rumo de Marcos Uchôa. Na primeira delas, em 1975, o então jovem de 17 anos estava em uma fila, prestes a se inscrever no vestibular, quando ouviu um sujeito recomendar o curso de ciências sociais. Sem outras opções na manga e, àquela altura, um entusiasta da tentativa de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE), acatou a sugestão. "Era a volta da política, achei interessante", conta.

*

Com cabelos longos que se estendiam para além da linha dos ombros e uma rotina preenchida por partidas de futebol na praia, o carioca destoava de seus colegas de classe —em sua maioria, mais velhos e já empregados. Mas seriam outros os motivos que o fariam desistir da graduação. "A gota d'água foi quando, em uma reunião de estudantes, estavam debatendo se apoiariam ou não a China. Achei de uma pretensão, de um ridículo. Não deu pra mim."

*

A segunda vez ocorreu neste ano, quando se filiou ao PSB e se lançou candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro aos 64 anos. Defendendo bandeiras como a urgência de dar comida aos que passam fome, a criação de uma renda mínima e a ampliação do ensino público integral, nas últimas semanas ele percorreu cidades como Volta Redonda, Rio Bonito, Macaé e Cabo Frio.

*

No dia 30 de agosto, porém, o que parecia ser o início da aventura do jornalista que trocou as telinhas pela política após 34 anos de TV Globo chegou ao fim. Afirmando não ter recebido do presidente do PSB no Rio, Alessandro Molon, as verbas que lhe cabiam para investir em sua campanha, Uchôa renunciou ao pleito.

*

"Desde maio que estou perguntando para o Molon [quanto receberia]. Não para saber o número certo, mas a ordem de grandeza para me planejar. Passou maio, passou junho, passou julho. No dia 28 de agosto, não só não tinha o dinheiro, mas faltava informação [de quando receberia]. Constatei que era tarde demais."

*

A ideia de entrar para a política começou a amadurecer em novembro do ano passado, pouco depois de deixar a maior emissora do país, durante uma festa reservada na capital fluminense. O ex-comentarista Arnaldo Cezar Coelho era o anfitrião, e o ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia (PSDB-RJ), um dos convidados.

*

Após o convescote, surgiu uma oportunidade para que o jornalista se encontrasse com Maia em um hotel, onde o parlamentar estava hospedado. A ideia de Uchôa era saber o que o veterano pensava de seu ensaio para a entrada na política institucional. "O Rodrigo Maia é filho de exilado político, né? A gente tinha um pouco dessa coisa em comum, filhos de exilados. E o Cesar Maia [pai de Rodrigo] lá atrás foi do PDT junto com o meu pai [professor exilado em 1964]. Mas o Rodrigo Maia foi politicamente mais para a direita, e eu fui mais para a esquerda."

*

No mesmo dia em que foi estimulado por Maia a seguir com seus planos e chegou a ser convidado para fazer parte do projeto de ampliação do PSDB no Rio de Janeiro, Marcos Uchôa se dirigiu à casa do deputado federal Marcelo Freixo (PSB-RJ), hoje candidato a governador do Rio, para ter um segundo parecer. Mais uma vez, recebeu apoio.

*

"Eu não queria sair da TV Globo para ir para o PT ou para o PSOL, porque acho que estaria fechando portas para um diálogo que queria ter. Iam falar: 'Ah, é petista, não quero falar com você'. E eu, justamente, acreditava que tinha a capacidade de poder falar com todo mundo. [Naquele dia] achei que o que o Freixo estava falando tinha sentido para mim. E eu achava que ele tinha chance [de se eleger] ali no PSB. A coisa se decidiu muito facilmente."

*

Mas o martelo só foi batido mesmo em casa, após muitas conversas com sua esposa, Tereza. Com ela, está casado desde os 22 anos e tem três filhos, Conrado, Lara e Gustavo. "Não tomo nenhuma decisão dessas sem ser com a Tereza. Ela tem 51% das ações", afirma, rindo.

*

Questionado sobre quais foram as suas motivações para pensar em disputar a Câmara, o jornalista diz que a primeira delas era usar a sua voz e a sua credibilidade para alertar a sociedade de que mais quatro anos de Jair Bolsonaro (PL) na Presidência seria ruim. Em segundo lugar, falar ao Rio de Janeiro que, após sucessivas gestões de governadores presos e cassados, o estado poderia ser comandado por alguém como Freixo. Ser eleito, de fato, era a terceira e a última de suas prioridades.

*

De acordo com o raciocínio de Uchôa, ter transitado entre pessoas de direita, de centro e de esquerda e ser alguém que gosta de dialogar seriam atributos desejáveis em um "momento pós-Bolsonaro", em que todos devem procurar "conversar com o outro lado em vez de se xingar". "Não sou nenhum Felipe Neto ou um cara do Flow [Podcast], mas tenho certo peso. Tem pessoas que gostam do meu trabalho."

*

Antes de entrar de cabeça no universo das campanhas, Marcos Uchôa nem sequer tinha redes sociais. Consigo, carregava as credenciais de correspondente internacional que atuou nas coberturas mais emblemáticas das últimas décadas. No seu currículo há guerras como a do Iraque, terremotos como o do Paquistão, tsunamis como o de Fukushima, múltiplas edições do Fórum Econômico Mundial, dez Olimpíadas, oito Copas do Mundo e estadias de longa duração em cidades como Nova York, Londres e Paris.

*

Por pouco, não foi correspondente da Globo no Oriente Médio, região sobre a qual se diz profundo conhecedor e leitor assíduo. A proposta da emissora era que reportasse a partir de Jerusalém, em Israel. Embora gostasse da ideia, Uchôa afirma ter avaliado que se estabelecer na cidade sagrada poderia dificultar a obtenção de visto para ir a alguns países árabes. Ele, então, propôs outras capitais para fazer residência —mas a chefia não topou.

*

"Na época, a Globo não quis porque achava que, ao tirar [um correspondente] de Jerusalém, receberia uma crítica grande da comunidade judaica, perderia esse lado religioso. Mas eu falei: 'Não quero cobrir o Oriente Médio da calçada', que é uma coisa que sempre fui muito contra."

*

"Por uma questão econômica, a Globo começou a fazer um jornalismo que eu chamo de jornalismo de calçada. Você usa as imagens de agências [de jornalismo] e grava uma passagem de onde estiver. Você fala sobre Hong Kong de NY, mas você não vai [aos lugares]", segue. "E essa é a razão, no final das contas, pela qual eu acabei saindo."

*

No breve período em que foi candidato a deputado federal, Uchôa afirma ter ouvido muitos pedidos de emprego por parte de eleitores. "Mas, neste momento, você entende", contemporiza. Ele se diz surpreso por não ter sido alvo de hostilidade nas ruas, e diz que um dos episódios mais comoventes da campanha se deu durante uma visita a uma ONG na Cidade de Deus, no Rio.

*

A organização visitada se dedica a oferecer psicoterapia gratuita para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. "É uma área em que os pobres estão muito abandonados até pela esquerda. A esquerda pensa em pobre em termos de comida, 'vou dar comida e está tudo certo', mas você ser pobre é foda. É o desemprego, é a violência da polícia e da família também, muitas vezes. E tudo explode na cabeça."

*

"Você nota ali a quantidade de coisa que pode ser feita diretamente com emendas parlamentares. O Estado é muito poderoso, é uma ONG enorme. Nessa hora, você fala: 'Caramba, a gente pode fazer uma diferença muito rápido'."

*

Ao falar sobre as condições colocadas pelo PSB que o levaram a desistir da disputa, Marcos Uchôa afirma que admira Alessandro Molon por seu trabalho no Congresso, mas pondera que "ele não é o presidente que o partido precisa".

*

"A gente não teve nenhuma reunião esse tempo todo. Todos os candidatos federais e estaduais não sabiam o que estava acontecendo. 'Você sabe de alguma coisa, dinheiro, verba?'. Todo mundo falando pelos cantos: 'Não sei de nada'."

*

"Como é que pode não ter nenhuma reunião para apresentar os candidatos? Isso está na conta, no caso do RJ, do Molon. E, a nível nacional, está na conta do Carlos Siqueira [presidente do partido]. Eu vi no PSB uma certa incompetência para lidar com as necessidades do que é da política."

*

E continua: "O Molon, presidente estadual, tem responsabilidade nisso. Por que você não delega? Bota um segundo para cuidar do seu partido? O secretário-geral [do PSB no Rio] era o motorista dele. Não estou fazendo juízo de valor, ele pode ser ótimo. Mas me parece estranho virar presidente estadual e trazer o seu motorista."

*

*Continua na pág. C3*

Continuação da pág. C2

A frustração do neófito na política partidária, contudo, não se restringiu à sua legenda. "Senti até de amigos uma certa decepção, devo confessar", afirma. Divididos entre aqueles que se entusiasmaram com a candidatura e os que disseram que Uchôa estava entrando numa roubada, o jornalista diz que esperava mais proatividade do primeiro grupo. "Quando chegou na hora da campanha, não senti essas pessoas mobilizadas."

*

"O pessoal que está melhor de grana, ao mesmo tempo que reclama, está satisfeito com a vida como está", diz. "E eu acho que o problema do Brasil em grande parte é isso, que as pessoas de bem não se aproximam da política. E não se aproximam da coisa que realmente faz a diferença."

*

"As pessoas basicamente não se interessam nem em reunião de síndico, né?", segue, entre risos. "Acho que isso simplesmente ilustra o momento de paralisia e de anestesia de uma esquerda que está bem profissionalmente, que tem a sua empregada, que tem a sua estrutura, que consegue viajar, que consegue estar bem. E que reclama, mas ao mesmo tempo não quer mudar tanto assim."

*

Até o mês de outubro deste ano, Marcos Uchôa pretende se dedicar à campanha de Marcelo Freixo para governador. Para depois do pleito, diz ter planos de voltar ao jornalismo (ele conta que já recebeu mais de dez propostas desde que deixou a Globo). Qual o balanço que faz de sua empreitada na política? "Acho que tive uma certa inocência adolescente."

*

"Sabe quando você é adolescente e pensa: 'Eu vou ajudar, eu vou mudar'? Obviamente não sou nenhum adolescente político, eu entendo muito bem no que estava entrando. Mas achei que a boa intenção que você sente naquele momento da juventude era importante ter agora, aos 64 anos. Achava que era muito importante a boa intenção, a reclamação e o posicionamento. Denunciar mesmo o que o Bolsonaro representa."

**"**

**A esquerda pensa em pobre em termos de comida, 'vou dar comida e está tudo certo', mas você ser pobre é foda. É o desemprego, é a violência da polícia e da família também, muitas vezes. E tudo explode na cabeça**

### OUTRO LADO

Procurado pela coluna, o deputado federal Alessandro Molon confirma que foi contatado por Marcos Uchôa em diversas ocasiões, mas diz que não tinha como antecipar o valor que seria repassado a sua campanha sem que fosse feita a distribuição pela direção nacional do PSB. "Antes disso, era impossível dar um valor. Seria uma irresponsabilidade."

Molon diz que a legenda no Rio de Janeiro recebeu seu quinhão do fundo partidário apenas em 25 de agosto, da mesma forma como ocorreu em outros estados. "Atingiu todas as candidaturas, inclusive a minha", afirma o parlamentar. O presidente do PSB fluminense ainda afirma que se solidarizar com a reclamação de Uchôa. "Compreendo essa angústia, que também vivi. Lamento profundamente, mas não dependeu de mim."

Molon se defende da acusação de que seria um mau gestor. "Quem não conhece a vida partidária não consegue imaginar a quantidade de desafios e de problemas que um dirigente partidário tem que lidar. Com mais vivência partidária, ele [Uchôa] vai mudar a versão sobre os desafios que são colocados para um dirigente."

E diz torcer para que, em um próximo pleito, o jornalista reconsidere. "O país precisa de pessoas de vários meios, trajetórias e vivências para melhorar a política", finaliza.

# Antevisão do matadouro

## Melancolia de versos de Paulo Henriques Britto rima com nosso atual estado de resistência desencantada

**Bernardo Carvalho**
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'O Último Gozo do Mundo'

*Que poesia pode haver à beira do abismo, encurralada pela barbárie que insiste em arrombar a porta, o banditismo associado ao fanatismo religioso, apossando-se do Estado, comungando da mesma cruzada hipócrita contra a lei e o direito? Que poesia pode haver diante do oportunismo suicida, da normalização da imbecilidade e do horror?*

*"Uma poesia rala e pobre,/ que espelha a mesquinhez do nosso tempo", responde Paulo Henriques Britto no recém-lançado "Fim de Verão" (Companhia das Letras), fazendo paradoxalmente o contrário. Verão, aliás, "que já ninguém aguenta", um calor insuportável que, contradizendo o título, nunca acaba.*

*A melancolia lúcida e lúdica desses versos rima com o atual estado de resistência desencantada, que apesar de tudo ainda supõe a graça, o que faz de Emily Dickinson uma bem-vinda companheira e cúmplice desse livro encantador. É de um poema dela que o autor tira três traduções e 13 variações sobre a fé, pois há coisas que nunca é demais repetir de variadas maneiras.*

*Vão aqui três delas: "A fé é uma ferramenta/ que tem inegável mérito:/ com ela, gastase menos –/ por menos usá-lo – o cérebro." Ou: "O microscópio revela/ o real em sua minúcia./ Contra ele, ergue-se a fé/ com sua estúpida astúcia". Ou ainda: "O prudente, com seu microscópio/ um dia morre, sozinho./ E o cavalheiro da fé?/ – Morre igualzinho".*

*Lá pelo final do poema que dá título ao livro, o poeta faz a pergunta inevitável: "É tempo de colher/ o que ninguém queria ter plantado/ só que plantou, querendo ou não./ Como chegamos a este estado?".*

*A resposta se encontra algumas páginas antes, sob o título "Imunidade de rebanho": "A estupidez é sua própria recompensa". E logo a seguir: "[...] Olhai/ as vacas do campo: não lhes faz falta a ciência,/ pastam em plena bem-aventurança,/ sem que nenhuma antevisão do matadouro/ perturbe a santa paz da ruminança."*

*Está claro que o poeta é avesso não apenas à fé, mas também à metafísica: "Se fosse o Ser quem fala no poema/ eu calaria a boca, e é até possível/ que o escutasse, um pouco. Sem problema"; "há que fingir que se pensa/ o impensável, por mais que custe/ incutir essa incrível crença/ no próprio autor do embuste".*

*Mas é difícil não pensar, pela própria ironia dos versos, que a resposta à pergunta que abre este texto (que poesia à beira do abismo?) esteja justamente no que não faz falta, porque não se vê ou não se conhece ("falta não sente do que nunca soube"); que a poesia seja também isso: o contrário do pasto. Um esforço crítico de pensar o impensável no mundo concreto e físico, expressão do inconcebível no real, antevisão do matadouro, sem perder a graça.*

*Não sei a quantos brasileiros (as pesquisas têm procurado nos dar uma estimativa) falta hoje a antevisão do matadouro e a quantos o matadouro é impensável, simplesmente porque não lhes diz respeito. Acham que essas coisas só afetam os outros, que elas estão demasiado distantes. Sentem-se imunes, não imaginam o matadouro ao virar a esquina. Ou talvez com ele se identifiquem, e ainda esperem tirar alguma vantagem, o que faz deles um caso perdido.*

*Uma das máximas de Bernardo Soares no "Livro do Desassossego" diz que "Ser lúcido é estar indisposto consigo próprio". É o antídoto ao suicídio narcisista e à estupidez. E nunca é demais repetir, em que pese o risco do lugar-comum, que o desassossego é condição tanto da poesia como do pensamento crítico e da verdade.*

*A estupidez pede um sentido único para o mundo, que seja aparentemente tão fácil e simples de reconhecer como o próprio rosto no espelho. Saber cansa, os sentidos são sempre múltiplos, contraditórios e diversos. Melhor não. Foi assim que chegamos a este estado. Pelo caminho mais curto.*

**[...]**

**A poesia aparece onde não é chamada, muitas vezes onde nem bem-vinda é, anunciando o que ninguém perguntou, trazendo o que não se quer saber, o rosto desconhecido no espelho. Está do lado da dúvida, da indisposição; é mais pergunta do que resposta. É o avesso da fé**

*Já a poesia aparece onde não é chamada, muitas vezes onde nem bem-vinda é, anunciando o que ninguém perguntou, trazendo o que não se quer saber, o rosto desconhecido no espelho. Está do lado da dúvida, da indisposição; é mais pergunta do que resposta. É o que não se espera, o que não se prevê, o que não faz falta. Não dá para a doutrina nem para farsa. É o avesso da fé.*

*Paulo Henriques Britto recorre às formas fixas para relatar o mundo físico, concreto e sensorial, só que em decomposição. Vem daí muito da graça e da contradição sem as quais não seria possível descrevê-lo. É assim que o poeta o define num poema chamado "Sobre o real": "Aqui tudo é uma aposta/ mais ou menos às cegas. Sim. Bem-vindo/ ao mundo do que há. Ficou surpreso?/ É estranho? Assustador? Eu acho lindo".*

| **DOM. Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Wilson Gomes

Série de fotografias dos artistas Fe Avila e Helio Siqueira Fotos Reprodução

# O cinema perdeu o tesão

**[RESUMO]** Cenas de sexo e nudez vêm desaparecendo dos filmes, um movimento que reflete, por um lado, a aversão da geração Z ao contato físico e sua falta generalizada de libido e, por outro, o abalo sísmico sofrido por Hollywood na ressaca do MeToo e suas denúncias de assédio

Por **Walter Porto**
Repórter da Ilustrada e colunista do Painel das Letras

Ilustração **Fe Avila e Helio Siqueira**
Artistas visuais

Sexo é um assunto que ainda deixa todo mundo à flor da pele, impregnando o ar de excitação e tabu de maneira que parece que nunca mudará.

Veja só um tuíte que deixou muita gente eriçada há algumas semanas. "Eu apoio 100% a criação de um botão 'pular cena de sexo' em todos os streamings no estilo daquele de 'pular abertura'", disse o autor identificado ali apenas como Tiago.

Bastou. "Isso mostra como essa geração é puritana e não sabe lidar com a sexualidade", diziam uns. "Nem todo mundo enxerga sexo do mesmo jeito e é preciso respeitar", rebatiam outros. "Isso é só uma piada e não significa nada", gritaram ainda outros. Por aí vai.

A princípio, soa esquisito que uma fala que sugere desdém ou desconforto com sexo alcance repercussão em 2022. Mas a reação de choro e o ranger de dentes, ainda que não seja tão rara no Twitter, indica que de fato se tocou num nervo, o que abre margem para discutirmos uma tendência real e virginal no cinema.

Tem ficado cada vez mais raro ver gente ficar nua e transar na tela grande. Como já argumentou um ensaio no jornal The Washington Post de antes da pandemia, "cenas de sexo bem concebidas são capazes de produzir um frisson espontâneo tão catártico —e gratificante— quanto uma boa gargalhada ou choro". "E, agora, isso praticamente acabou."

Será que o público não quer mais ver cenas assim, como o caso do tuiteiro anônimo, ou artistas e produtores as deixaram de lado? Quem ficou mais casto —se é que alguém ficou?

Para começar a responder, é preciso reconhecer que a geração Z, essa que tem hoje até 27 anos, de fato transa menos que suas predecessoras. É o que admite sem pudor a professora Carmita Abdo, coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade da Universidade de São Paulo.

Segundo um levantamento feito por ela em 2016, cerca de 2,5% dos homens e 7,5% das mulheres brasileiras não fazem sexo e não se ressentem disso —ou seja, não são considerados disfuncionais. Isso tem a ver, em parte, com a diminuição do contato pele a pele entre os jovens.

"É uma geração que aderiu tanto ao celular que acabou substituindo sexo como diversão por joguinhos, influenciadores. Assim, mostram menos iniciativa de procurar outras pessoas, só o fazem quando já estão estimuladas sexualmente por elas."

Recorrem mais à autoestimulação, portanto —e não tem absolutamente nada de errado com se masturbar, como diz a professora, mas a atividade solitária não cria experiência para o momento da sintonia erótica com o outro. "Essas pessoas podem então se sentir inábeis, falhas, e assim se voltarem de novo à atividade reclusa de autoerotização, porque é mais recompensadora."

Como nada é simples, todo esse movimento acontece simultâneo a uma maior aceitação, dentro dessa mesma faixa etária, de modelos mais plurais de exercer sua sexualidade. É o que aponta o psicanalista Pedro Ambra, autor do recente "O Ser Sexual e Seus Outros".

"Algo que era inconcebível nos anos 1990, como ter um casal de meninos ou meninas na escola, hoje é comum. Existem outras possibilidades de viver a sexualidade florescendo. Falo também de práticas BDSM, poliamor, bissexualidade."

Dentro dessa diversidade , a letra A da sigla LGBTQIA+ precisa ser negritada. "Há agora a politização de algo que antes era estigmatizado —as pessoas assexuais, que não têm nesse um ponto central de suas vidas e querem ter esse direito respeitado."

Ambra também sugere olhar a experiência erótica da geração Z com matizes, evitando a análise "no atacado". "É preciso ampliar o escopo do que é sexualidade. Talvez o coito entre menino e menina tenha diminuído, mas se pensarmos em produção de nudes, em redes como OnlyFans, se abre um campo que é muito mais intenso nesta geração."

A maneira como nos relacionamos se reflete na cultura, que tanto influencia como é influenciada pelo nosso comportamento, lembra a pesquisadora Carmita Abdo. Pense no filme "Ela", fábula de Spike Jonze sobre um homem apaixonado pela voz de um sistema virtual . Tinha ares de absurdo quando estreou, em 2013, mas hoje soa quase premonitória de relações que existem mais na nuvem que na concretude.

Não faz muito que a juvenil geração Z começou a entender qual é a sua relação com sexo e como querem ser estimulados. "Às vezes achamos, ingenuamente, que há uma progressão linear do que a sociedade considera legítimo que seja mostrado. Mas não é assim", diz Esther Hamburger, professora de audiovisual da Universidade de São Paulo.

A impressão da pesquisadora é que esse universo pictórico foi se fechando ao longo das décadas. Puxando pela memória, ela aponta que, durante um bom tempo, figuraram entre as maiores bilheterias do cinema nacional dois filmes nos quais Sônia Braga exibia o máximo de sua sensualidade —"A Dama do Lotação" e "Dona Flor e Seus Dois Maridos".

A evolução histórica do país também salta aos olhos de Ambra. O Brasil dos anos 1980 e 1990, na sua leitura, estava mais confortável para discutir sexo aos quatro ventos, por hipóteses que ele elenca nos dedos.

Primeiro, o movimento de libertação de um país sufocado por 21 anos de ditadura, cuja abertura serviu para desopilar toda uma nação. Não que antes disso não se falasse de sacanagem, mas a redemocratização foi uma época em que "ninguém queria se associar ao careta, ao conservador", diz o psicólogo. Hoje, a coisa mudou um pouco de figura.

Uma segunda razão foi a epidemia de Aids, que obrigou o país a ter uma conversa franca consigo mesmo sobre como ter relações seguras. Ficou claro para os agentes de saúde que não adiantava pregar abstinência e, para recomendar o uso de camisinha, era preciso tirar algum estigma do sexo.

Ou seja, havia todo um caldo cultural favorável a botar a boca no trombone. Tudo isso junto, porém, representa só um dos lados da questão.

Em paralelo, é preciso observar como foi evoluindo a indústria do cinema —que teve um marco cultural recente e incontornável no MeToo.

Originado como um grito de basta a abusos seriais de poderosos de Hollywood, o movimento se desdobrou numa série de outras demandas.

*Continua na pág. C5*

Continuação da pág. C4

Entre elas, está o desejo de maior controle feminino tanto do dinheiro como da criação cinematográfica, jogando os holofotes em quem detinha o olhar por trás da câmera. Spoiler —quase sempre um homem.

"Talvez o desconforto com cenas de sexo hoje não seja com o conteúdo, mas a forma como elas são realizadas", sugere Isabel Wittmann, crítica de cinema com doutorado na Universidade de São Paulo e fundadora do Feito por Elas, site especializado na cinematografia de mulheres.

"A heteronormatividade, o olhar masculino e a objetificação dos corpos afetam como LGBTs e mulheres se relacionam com o filme. Cinemas feministas e queer, por outro lado, possibilitam experiências diferentes no consumo de imagens de nudez."

É fácil demais dizer que o cinema ficou careta por causa das feministas. "Será que a única forma de realizar uma cena de sexo é tirando a autonomia da atriz e fazendo com que ela passe por situações vexatórias?", rebate a pesquisadora. "Que outros tipos de sexualidade são possíveis?"

O exemplo que vem primeiro à cabeça de Wittmann é "Retrato de uma Jovem em Chamas", em que Céline Sciamma filma uma cena de alta voltagem erótica que explora a axila de uma das protagonistas. E lembra que em "Me Chame pelo Seu Nome", de Luca Guadagnino, o desejo do jovem vivido por Timothée Chalamet, homossexual em descoberta, se concentra num pêssego maduro.

A bem da verdade, é preciso dizer que o sexo jamais saiu de pauta em cinemas dissidentes, de autor, desses que são prestigiados em festivais.

Só para lembrar um caso brasileiro, o curta "Uma Paciência Selvagem me Trouxe Até Aqui", de Érica Sarmet, navega com sensibilidade visceral as relações entre mulheres lésbicas de diferentes gerações —o que levou a jovem a sair premiada do Festival Sundance nos Estados Unidos.

Agora pense no cinema de massas, que reflete os ventos do mercado e aquilo que o público está disposto a pagar para assistir em peso.

**Há uma tendência virginal em curso no cinema. Tem ficado cada vez mais raro ver gente ficar nua e transar na tela grande. Será que o público não quer mais ver cenas assim, ou artistas e produtores as deixaram de lado? Quem ficou mais casto —se é que alguém ficou?**

**Isso tem a ver, em parte, com a diminuição do contato pele a pele entre os jovens da geração Z, mais interessados em joguinhos de celular**

**Também é fácil demais dizer que o cinema ficou careta por causa das feministas, ainda mais no rastro da era MeToo, que nos últimos anos vem condenando os abusos dos poderosos de Hollywood, quase sempre todos homens**

A Marvel, maior fábrica de blockbusters do momento, causou um rebuliço no ano passado ao anunciar que "Eternos" seria seu primeiro filme com sexo. O que se viu na tela, no entanto, foi uma manifestação de sexualidade "implícita e sanitizada, sem desejo", nas palavras de Wittmann, a crítica de cinema.

Compare com os anos 1990, quando "Titanic" se tornou a então maior bilheteria da história desvelando o corpo nu de Kate Winslet num romance tórrido com Leonardo DiCaprio. Época também em que Paul Verhoeven transformava seus filmes atravessados pelo tesão em arrasa-quarteirões, como "Instinto Selvagem" e "O Vingador do Futuro".

Hoje, Verhoeven é um cineasta de nicho. No penúltimo Festival de Cannes, quando apresentou o pequeno e desvairado "Benedetta", consultaram sua opinião sobre a nudez estar se tornando mal vista no cinema. "No geral, quando as pessoas fazem sexo, elas tiram a roupa", respondeu ele com naturalidade. "É muito estranho que nesse período de puritanismo seja normal mostrar violência, assassinatos horríveis, explosões e só o sexo ser questionado", disse alguns meses depois a este jornal.

Nada disso impede críticas à maneira como Verhoeven retrata as mulheres em seus filmes. Uma das maiores ressalvas feitas a "Benedetta" foi quanto à babação sobre a nudez das protagonistas, freiras que descobrem uma atração mútua usando objetos religiosos para se estimularem.

Mas ele não é o único cineasta a manifestar um desconforto assim. A atriz e diretora Olivia Wilde comentou em entrevista recente que foi obrigada a tirar partes picantes do trailer de seu próximo filme, "Não se Preocupe, Querida", que passou no Festival de Veneza e estreia neste mês.

"Ainda vivemos em uma sociedade de muito puritana", disse ela. "Acho que a falta de erotismo no cinema americano é algo novo. E, quando falamos em prazer feminino, é algo que não vemos a não ser que estejamos tratando de um cinema queer."

Além dos filmes autorais, como lembrou Wilde, as explorações mais sofisticadas da sexualidade vicejam em algumas séries de TV de grife —a HBO, por exemplo, ao buscar o padrão ouro para suas produções, sempre achou que devia incluir na conta uma liberdade maior para a nudez.

Um punhado dos melhores roteiros televisivos atuais em torno desses assuntos é voltado, curiosamente, à geração Z. Sucessos como "Euphoria" e "Sex Education" não só mostram corpos nus a rodo como buscam amadurecer discussões sobre a intimidade e a diversidade sexual e de gênero.

Retrocedendo alguns anos, "Game of Thrones" talvez seja o exemplo mais gritante de série que abusou de gente pelada e cenas de estupro —tanto que os responsáveis por sua sucessora, a nova "A Casa do Dragão", ostentam que vão tentar pegar um pouco mais leve.

Foi um incômodo generalizado, que nos faz voltar ao imaginário botão "pular cena de sexo". É claro que a questão muda de figura quando se trata de violência sexual, mas será que toda cena de nudez precisa de uma justificativa particularmente sólida para aparecer numa narrativa?

Segundo Wittmann, a crítica, a resposta é não. "Trabalhar com a nudez é trabalhar com a essência do ser humano. O corpo é a ferramenta por excelência de atrizes e atores."

Há que se ponderar, porém, que há formas e formas de esses corpos serem retratados. "O corpo nu não é necessariamente um objeto. Pensar dessa forma tira a agência desse corpo, tira a possibilidade de ele querer estar nu e desejar ser olhado. Assumir que toda nudez é objetificada é um julgamento moral."

O imaginário libidinoso, afinal, tem que ser cada vez mais livre de amarras, porque tesão não combina bem com limites. A questão é que passamos por tempos conturbados e castradores, em especial o Brasil sob um governo "antissexual", como define o psicólogo Pedro Ambra.

Na visão de Esther Hamburger, a professora de audiovisual, o cinema nacional tem vivido um momento menos criativo que reativo. Mas a tendência é que isso mude, "à medida que nos vemos diante do desafio de inventar novas formas para o mundo, e o desejo é parte disso".

A professora se interrompe ao fim da conversa com o repórter para notar que tem visto muitos cadáveres de mulheres na televisão, desde séries detetivescas até fantasias como "The Handmaid's Tale". "Ali o sexo passa a ser uma tortura. O corpo feminino muitas vezes encarnou o desejo, e é muito significativo que tenha aparecido tantas vezes morto."

É reflexo de uma era que tem sido muito mais distópica do que utópica, afirma Hamburger. "Se não formos capazes de imaginar qual mundo queremos, não vamos ser capazes de criar nada melhor."

Libido é, antes de tudo, energia de vida. Que ela esteja minguando de modo coletivo pode indicar uma geração desmotivada, desiludida —ou simplesmente a manutenção sólida de uma barreira moral que sempre esteve aí, mais ou menos transponível dependendo da época.

Faz séculos que a liberdade sexual é massacrada por proibicionismos, e desfazer dogmas patriarcais pode se parecer com um trabalho de Sísifo. Mesmo quem se acredita progressista, às vezes, teve o inconsciente tão nutrido por discursos conservadores que nem reparam que suas raízes continuam ali.

Desmontar esse quebra-cabeça pode ser estranho, desconfortável, atemorizante. "A pessoa pode até se colocar como desconstruída na rede social", afirma Ambra. "Mas a verdade é que lidar com a sexualidade sempre foi muito difícil."

Sem dúvida é muito mais fácil apertar um botão e pular toda essa discussão. Mas quem faz isso, bem, não sabe o que está perdendo. ←

# Rock, amor e ódio por Elizabeth 2ª

**[RESUMO]** Enquanto Elton John sempre se derramou pela família real, as bandas Sex Pistols e The Smiths exerceram uma crítica incômoda ao reinado da rainha Elizabeth

Por **Gustavo Zeitel**
Repórter da Ilustrada

A rainha Elizabeth 2ª, morta na última quinta-feira, não foi só um símbolo cultural da monarquia, estampado em chaveiros e canecas de suvenir. Para o rock britânico, ela foi alvo da raiva, da depressão e do descontentamento dos jovens com a vida cotidiana da Inglaterra dos anos 1970.

Na visão das bandas que surgiram naquelas cidades industriais de tempo enevoado, Elizabeth 2ª representava tudo o que precisaria ser destruído. Ela era vista como a personificação de uma instituição ultrapassada e tirânica.

As críticas, no entanto, não eram tão pessoais assim. Embora tenha surgido primeiro nos Estados Unidos, o punk tomou contornos definidos na Inglaterra, sendo, por definição, um movimento iconoclasta. Com tanta ira, qualquer monarca seria visto como inimigo de bandas como Buzzcoks ou o The Clash.

Afinal, era uma época em que a Grã-Bretanha vivia um pesadelo econômico. A libra valia pouco e os gastos públicos levaram a uma inflação de dois dígitos. Em 1976, o governo trabalhista chegou a pedir empréstimos ao Fundo Monetário Internacional, o FMI, na tentativa de sanar as dívidas.

Nesse contexto, a juventude britânica sofria com o desemprego, a fome e o frio. Em 1975, Johnny Rotten, Steve Jones, Paul Cook e Glen Matlock se juntaram para formar o Sex Pistols. A banda teria mesmo de durar só dois anos, porque seu único álbum de estúdio, "Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols", de 1977, foi uma descarga revoltosa contra o moralismo do sistema político em vigência.

Num ataque direto à rainha, a faixa "God Save the Queen" foi lançada como segundo single do álbum, perto da data do jubileu de Elizabeth 2ª. "Deus salve a rainha/ o regime fascista/ eles fizeram você de idiota", diziam os primeiros versos da canção. Nesse surto colérico, fascismo e monarquia eram, para os jovens revoltados, dois regimes tirânicos, ambos formados por opressores, que impediam a liberdade revolucionária da juventude e a independência financeira das futuras gerações.

"God Save the Queen" é punk em estado bruto. Violência e beleza estão entrelaçadas num som cru, que se forma em só quatro acordes. "Não há futuro/ nos sonhos da Inglaterra", cantava Rotten.

Ainda que tenha alcançado as paradas de sucesso, a música provocou um escândalo no país, enfurecendo a própria rainha. A BBC se negou a reproduzir a música em todos os meios de comunicação.

No feriado que celebrava o jubileu, a banda fez um show num barco chamado Rainha Elizabeth, que flutuava no rio Tâmisa. Nele, o grupo entoou a canção polêmica. O show foi interrompido pela polícia, que prendeu 11 pessoas, incluindo o lendário produtor do punk Malcolm McLaren. Em maio deste ano, a faixa foi relançada, pensando na ocasião do jubileu de platina da monarca.

Ao longo do tempo, o rock se tornou o termômetro da popularidade da família real. Em 1965, os Beatles, no auge do frenesi em torno dos meninos de Liverpool, foram recebidos por Elizabeth 2ª no Palácio de Buckingham, onde receberam a condecoração da ordem do Império Britânico. Assim, todos eles passaram a ser tratados como "sir".

Em 1969, a banda lançaria "Her Majesty", uma espécie de vinheta incluída no disco "Abbey Road". Em 23 segundos, Paul McCartney toca violão de aço bem ao estilo da música folk e entoa os versinhos "Sua Alteza é uma garota legal/ mas ela não tem muita coisa para dizer." A letra era irônica, mas expressava certa admiração pela jovem que eles viram ser coroada.

Elton John, também "sir", talvez tenha sido o mais próximo da família real. Áulico dos palácios da realeza, ele fez uma interpretação memorável de "Candle in the Wind" no funeral da princesa Diana, morta em 1997. Confidente de Lady Di, ele compôs a obra em 1974, numa homenagem a Marilyn Monroe. Após o pedido da família real, Elton John reescreveu a canção, prestando reverências à amiga. Sobre a morte de Elizabeth 2ª, o cantor registrou seu pesar nas redes sociais, afirmando que sentirá muito a falta da rainha Elizabeth.

Já "sir" Mick Jagger, dos Rolling Stones, teve uma relação instável com a monarca. No dia de sua morte, o cantor classificou a rainha como "a amada avó de uma nação". Mas, em 2003, ela não compareceu à condecoração do artista, provocando rumores na imprensa britânica. Segundo os tabloides da época, Jagger seria visto por Elizabeth 2ª como uma má influência.

Se as décadas a transformaram numa monarca fofa, a banda de pós-punk The Smiths reavivou a iconoclastia roqueira no fim dos anos 1980.

Em 1986, Morrissey, Johnny Marr, Andy Rourke e Mike Joyce lançaram "The Queen Is Dead", ou a rainha está morta, terceiro álbum de estúdio da banda. A canção de mesmo nome abre o disco, mostrando também uma mudança estética em relação à primeira geração punk. Na Inglaterra ultraliberal da primeira-ministra Margaret Thatcher, a raiva deu lugar ao desalento. "A rainha está morta, meninos/ a vida é muito longa quando se está sozinho", cantava Morrissey, com um tom lamurioso.

Sob o aspecto musical, "The Queen Is Dead" tem bateria de pulso firme, marcando os compassos. A letra recorre a mais imagens do que o hit dos Sex Pistols, lembrando uma Inglaterra romântica e melancólica de poetas como William Blake e John Keats.

Em momentos turbulentos, Sex Pistols e Smiths não alvejaram o Parlamento na mesma medida. Segundo eles, era necessário antes dessacralizar a figura de Elizabeth 2ª, um resquício de uma ordem que eles anunciaram já não existir. Nesse vazio, eles falavam mal, mas falavam dela. ←

**O rock se tornou o termômetro da popularidade da família real. Em 1965, os Beatles, no auge do frenesi em torno dos meninos de Liverpool, foram recebidos por Elizabeth 2ª no Palácio de Buckingham. Se as décadas transformaram a rainha numa monarca fofa, a banda de pós-punk The Smiths reavivou a iconoclastia depois com 'The Queen Is Dead'**

# Monarca deixou marca profunda na cultura pop

Por **Leonardo Sanchez**
Repórter da Ilustrada

Arte e política vivem em sinergia. Sempre foi assim. Poucas foram, no entanto, as figuras políticas que se firmaram como onipresentes no cinema, na televisão, no teatro, na música e na literatura do jeito que fez a rainha Elizabeth 2ª, morta nesta quinta-feira.

Políticos eleitos, afinal, vêm e vão. Produtos culturais podem até capturar, direta ou indiretamente, o impacto de suas trajetórias na vida dos personagens sobre os quais se debruçam, mas estes costumam ser retratos efêmeros, de um local e época específicos.

Com a monarca mais duradoura da história, foi diferente. Foram 70 anos no trono, em que foi retratada, parodiada, celebrada, criticada e problematizada nas mais diversas áreas da cultura.

Em parte, isso se deve ao charme inerente da coroa em sua cabeça, num mundo que diminuiu à inexpressividade de boa parte das monarquias, mas não a britânica. Isso também é mérito da força cativante de alguém que cumpriu compromissos oficiais até dois dias antes de morrer.

Esse vigor talvez tenha sido capturado com maior primazia pela franquia "007" — o que é curioso, já que ninguém nunca a interpretou nos filmes do agente. Seu reinado, no entanto, sempre pairou sobre as missões perigosas e por vezes estapafúrdias de James Bond.

Todos os 25 filmes oficiais da saga foram lançados em seu reinado, e um deles até faz alusão a ela no título, "A Serviço Secreto de Sua Majestade", de 1969. Muitos gostam de mensurar a longevidade da monarca pelo número de primeiros-ministros que a acompanharam, mas uma escala igualmente interessante é a de intérpretes de Bond — foram seis os atores que a rainha, provavelmente, viu pedirem um dry martini nas telas.

Continua na pág. C7

A rainha Elizabeth 2ª em série de retratos do artista Andy Warhol
Reprodução

# A moda no arsenal da majestade

[RESUMO] Elizabeth 2ª criou estilo próprio e se tornou a pessoa mais identificável do planeta, vestindo roupas que transmitiam a ideia de estabilidade para os seus súditos

Por **Carolina Casarin**
Escritora, professora e figurinista

Numa trajetória de vida feita por incontáveis ocasiões oficiais, a rainha Elizabeth 2ª nunca deixou de lado os códigos de vestir, sejam as rígidas normas tradicionais, seja o estilo próprio que foi criando.

Sendo ela talvez a mulher mais fotografada da história, Elizabeth consagrou looks combinados, cores blocadas, broches de pedras preciosas, colares de pérolas, bolsas e sapatos coordenados, saltos grossos e quadrados.

Dentre os aspectos cênicos que acompanham a aparência de figuras que desempenham cargos de poder, Elizabeth soube usar traços históricos e tradicionais dos modos de vestir da realeza britânica mesmo com desvios da ordem.

Ela ficou conhecida por seus trajes combinados, muitas vezes em tons fortes e vibrantes —vestidos, chapéus, guarda-chuvas, todos da mesma cor. Cabe destacar que o gosto por cores sólidas também revela a necessidade de a rainha estar sempre visível e ser uma figura rapidamente identificável, para a população ou para seus seguranças.

Quando se casou com o príncipe Philip em 1947, na abadia de Westminster, usou um traje de noiva do estilista inglês Norman Hartnell. Foi um vestido de cetim bordado que seguiu um estilo romântico, com decote em coração, saia rodada, cauda e véu longuíssimos. Na coroação, em 1953, repetiu um design de Hartnell, um vestido espetacular, magnificamente bordado, visto por milhões de pessoas pela televisão ao redor de todo o planeta.

Essas datas da vida da Elizabeth coincidem com momentos importantes da história da moda ocidental. Em 1947, logo após a Segunda Guerra, Christian Dior lançou em Paris sua coleção de primavera, com seu famoso "New Look".

O novo estilo criado por Dior —que, na verdade, pouco tinha de novo, já que fazia referência à cintura apertada e aos volumes das saias dos vestidos do século 19— impulsionou a indústria têxtil e os fabricantes dos muitos acessórios que compunham os looks. Chapéus, luvas, bolsas, sapatos. Acessórios, aliás, fielmente adotados pela rainha.

Já 1952 foi o ano que marcou o término do chamado Esquema Utilitário de Vestuário, resultado da política de restrições materiais ocasionada pela guerra. A chegada de Elizabeth ao trono coincidiu com um momento de maior liberação na criação e investimento na moda inglesa.

O estilo da realeza, no entanto, não privilegiou uma moda de ostentação ou modos de vestir faustosos. Ao contrário. Apesar de ter sido vestida por tradicionais estilistas britânicos, como Hartnell e Hardy Amies, Elizabeth adotou os trajes oficiais que, em alguma medida, se mantiveram distantes da moda de cada época.

A partir do início dos anos 2000, a rainha teve uma pequena equipe para criar seu guarda-roupa, liderada por Angela Kelly, sua figurinista pessoal. No livro "The Other Side of the Coin: The Queen, the Dresser and the Wardrobe", Kelly revelou alguns segredos e curiosidades. Elizabeth, por exemplo, não amaciava os próprios sapatos. Era Kelly quem usava primeiramente os calçados da rainha.

Outro fato curioso é que a aparência da rainha se tornou motivo de aposta na corrida de cavalos Royal Ascot. Elizabeth comparecia anualmente, e os participantes faziam apostas sobre a cor do chapéu que usaria. A propósito, sua paixão por cavalos também fez parte de seu estilo, em traços que denotam simplicidade, praticidade e até certo utilitarismo, elementos que fazem referência à vida campestre e expressam uma atitude tipicamente inglesa.

Elizabeth não foi exatamente uma rainha da moda, mas a construção individual de um modo de vestir colaborou para a mensagem de tradição e estabilidade que a monarquia deveria transmitir. Como disse Anna Wintour, editora da Vogue americana, ao longo de 70 anos de vida pública ela construiu uma "identidade visual poderosa" que a tornou "a pessoa mais imediatamente identificável do planeta".

Seu icônico estilo uniformizado "sugere continuidade e tradição". De fato, a aparência de Elizabeth transmite certa imutabilidade, como se seu estilo absolutamente particular tivesse sido impermeável à passagem do tempo.

É interessante pensar também que a uniformização transmite prestígio e segurança. Ao contrário do que poderíamos esperar de uma monarca da alta estirpe da aristocracia europeia, com trajes de gala luxuosos e excessivamente ornamentados, a rainha pautou seu estilo em formas de distinção mais sutis e ligadas aos códigos culturais da tradição da realeza inglesa. Prova disso é o traje com que foi fotografada em uma de suas últimas aparições públicas, poucos dias antes de morrer.

Seu último compromisso oficial foi a posse da primeira-ministra Liz Truss, em que se manteve fiel ao seu estilo. Nem a bolsa quadrada de couro foi abandonada. A saia xadrez em tons de cinza, preto e vermelho fez referência ao local onde ocorreu a cerimônia, a Escócia. A moda do xadrez na roupa de luxo feminina foi iniciada justamente por causa dos romances de Walter Scott, na primeira metade do século 19. E a rainha Vitória, monarca que também tinha predileção pelo castelo de Balmoral, incentivou o uso dessa estampa pelas mulheres.

O último traje de Elizabeth, de uma harmonia de cores bastante sóbria e tradicional, parece ter seguido seu protocolo de mensagens codificadas. É como se, ao optar por cores frias e tons de cinza esmaecidos, ela tivesse querido transmitir o prenúncio de uma vida que calmamente se apagava. A vida de uma rainha que até o fim se manteve perenemente dona de seu lugar. ←

**Elizabeth não foi uma rainha da moda. Mas a construção de um modo de vestir próprio colaborou para a mensagem de tradição e estabilidade que monarquias devem sempre transmitir. Ela ficou conhecida por seus trajes combinados, em tons fortes e vibrantes. Seus vestidos, guarda-chuvas e chapéus todos da mesma cor forte também alertavam os seus seguranças**

Continuação da pág. C6

Talvez pelo retrato um tanto chapa-branca que "007" faz da monarquia e da sociedade britânica, a relação da família real com a franquia sempre foi de proximidade. Elizabeth esteve em várias estreias dos filmes e, nas Olimpíadas de 2012, chegou à abertura saltando de paraquedas —era um dublê, mas que seguiu uma ponta dela como atriz, num vídeo com Daniel Craig.

Isso não quer dizer que as lentes das câmeras foram completamente bondosas. Basta ver um dos grandes fenômenos do streaming atualmente, a série "The Crown". Não que a rainha seja retratada como vilã, mas os episódios revelam uma figura humana, falha, num olhar que dificilmente se destina a símbolos inalcançáveis como a coroa.

Nas duas primeiras temporadas, Claire Foy interpretou uma rainha insegura e que por vezes soou arrogante. Na terceira e na quarta, Olivia Colman encarnou a frieza e indiferença de uma mãe preocupada mais com o que os filhos transpareciam do que que realmente sentiam.

A partir de novembro, Imelda Staunton assume a personagem e deve navegar por tempos turbulentos e que minaram a popularidade da realeza, como a morte de Diana.

Este, inclusive, foi o objeto de estudo de Stephen Frears no longa "A Rainha", o melhor e mais complexo retrato que Elizabeth 2ª já ganhou nas telas. A trama foi um curioso exercício do que teria se passado nos aposentos e escritórios privados da monarca após o acidente que vitimou a princesa do povo, e a pintou um tanto como megera.

Helen Mirren venceu um Oscar pelo papel, que reprisou na peça "The Audience", que por sua vez rendeu a ela um Tony.

Em "Spencer", outro longa interessado na passagem avassaladora de Diana pela família real, Stella Gonet fez uma rainha igualmente austera e avessa ao humor, mas se permitiu um olhar de delicadeza e, de certa forma, até de sororidade para a princesa interpretada por Kristen Stewart.

Divertidos foram os retratos joviais que "O Discurso do Rei" e "Uma Noite Real" teceram, o primeiro mostrando a monarca na infância, e o segundo, na adolescência, imaginando como teria sido uma suposta fuga de Buckingham para comemorar a vitória na Segunda Guerra Mundial.

Sem nem saber, Elizabeth 2ª ainda fez rir com "Os Simpsons", "Saturday Night Live" e "Austin Powers em O Homem do Membro de Ouro". Conquistou os pequenos nas animações "Carros 2" e "Corgi: Top Dog". E fez a realeza da dramaturgia ir à realeza de fato, com Mirren e também Emma Thompson, num episódio de "Playhouse Presents".

Há mais uma infinidade de filmes e séries que, diretamente ou não, atravessaram a vida de Elizabeth 2ª. Ela encerra seu reinado não apenas como uma figura política, mas também como um símbolo inquestionável da cultura pop dos séculos 20 e 21.

A monarca foi como um personagem muito bem escrito, tão fascinante e atemporal quanto qualquer outro daqueles que entraram para a história de Hollywood. ←

# Saúde enferma

**[RESUMO]** O Brasil chega a seus 200 anos como nação independente ainda lidando com doenças que remontam ao período colonial, muitas delas decorrentes de problemas sanitários e de qualidade de vida históricos, como falta de acesso à rede de esgoto e à água potável. Nas últimas décadas, o SUS expandiu atendimento e propiciou aumento da expectativa de vida, mas é limitado por subfinanciamento e ineficiência na gestão

Por ***Cláudia Collucci***
Repórter especial da **Folha**. Mestre em história da ciência pela PUC-SP e pós-graduada em gestão de saúde pela FGV

O Brasil chega ao bicentenário de sua independência lidando com doenças infecciosas que remontam ao seu passado colonial, como a tuberculose, a sífilis e a varíola, agora em uma versão menos grave, aliadas a problemas ligados ao envelhecimento populacional, como o câncer e as doenças cardiovasculares, tudo isso somado à alta de transtornos mentais e a outras demandas geradas pela pandemia de Covid-19.

O país também enfrenta uma tensão crescente acerca das necessidades de financiamento e sustentabilidade do SUS (Sistema Único de Saúde), que atende a 75% da população e que, nos últimos 30 anos, contribuiu para a queda das taxas de mortalidade infantil e de óbitos por doenças transmissíveis e de causas evitáveis, que levaram a um aumento da expectativa de vida da população.

Desde a sua criação, na Constituição Federal de 1988, o sistema nunca teve recursos suficientes para fazer valer os preceitos que o regem: universalidade (direito de todos, sem discriminação), integralidade (prevenção, tratamento e reabilitação) e equidade (atendimento de acordo com as necessidades de cada paciente).

As consequências do subfinanciamento crônico e da ineficiência na gestão dos recursos são bem conhecidas e traduzidas em dificuldade de acesso, longas filas de espera para consultas e exames especializados, procedimentos e cirurgias, falta de medicamentos, entre outros.

A pandemia encontrou um SUS ainda mais depauperado com os efeitos do teto de gastos de 2016, que limita os gastos federais e tem impedido, na prática, o aumento de recursos para saúde e outras áreas sociais. A medida já retirou quase R$ 37 bilhões do sistema público entre 2018 e 2020.

Com a injeção de recursos extraordinários usados na ampliação de leitos de UTI, compra de equipamentos, contratação de pessoal, vacinação, entre outros, o sistema de saúde conseguiu enfrentar a maior crise sanitária da sua história, que causou mais de 683 mil mortes até o fim de agosto.

Ao mesmo tempo, as fragilidades ficaram expostas. "A pandemia mostrou que não temos política pública para enfrentar futuras epidemias que virão. Governos do Reino Unido e dos Estados Unidos já anunciaram propostas concretas para aumentar os gastos na saúde, mas, por aqui, não há nada ainda. Qual é o projeto de sistema adequado para que as pessoas tenham o mínimo de bem-estar social e não se sintam humilhadas quando precisam de atendimento?", questiona a médica sanitarista Ligia Bahia, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Na última década, os gastos públicos em saúde se mantiveram estáveis, enquanto as famílias brasileiras passaram a gastar mais com planos de saúde, consultas e remédios.

Segundo o IBGE, entre 2010 e 2019, os gastos totais (públicos e privados) em saúde subiram de 8% para 9,6% do PIB. Porém, dos R$ 711,4 bilhões investidos em 2019, R$ 427,8 bilhões foram despesas privadas (5,8% do PIB). Os gastos do governo somaram R$ 283,6 bilhões (3,8%). Em 2010, a fatia das famílias correspondia a 4,4%, e a do governo, a 3,6%.

Na média, em países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), os governos gastaram em 2019 o equivalente a 6,5% do PIB, e as famílias desembolsam só 2,3% do PIB. Os governos de Alemanha, França e Reino Unido investiram 9,9%, 9,3% e 8,0% do PIB, respectivamente.

Até a Constituição de 1988, quando a saúde pública passou a ser um direito de todos e dever do Estado, a área era de responsabilidade do Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) e destinada apenas aos trabalhadores com carteira assinada.

O restante das pessoas participava de programas específicos do Ministério da Saúde ou das secretarias estaduais, como o de vacinação, ou buscava ajuda em instituições filantrópicas, como as Santas Casas. "Vinha carimbado no prontuário 'indigente'. Isso significava que todos os que trabalhavam na cidade sem carteira assinada e toda a população brasileira do campo não tinham direito a nada", lembra o oncologista Drauzio Varella, colunista da **Folha**.

No final dos anos 1980, o Inamps entrou em declínio. Além de inúmeros escândalos de corrupção, a arrecadação não cobria os gastos, e a conta não fechava. Ao mesmo tempo, existia pressão dos movimentos populares por uma reforma sanitária no país.

O artigo 198 da Constituição Federal estabeleceu que os recursos para financiar o SUS viriam do orçamento da seguridade social, entre outras fontes. "Quando a Constituinte permitiu a criação do SUS, colocou nas disposições transitórias que 30% do Fapas [Fundo de Previdência e Assistência Social] iriam para o SUS, mas, na primeira crise da Previdência, em 1992, os recursos deixaram de ir", conta o médico sanitarista Gonzalo Vecina Neto, professor de saúde pública da USP.

Em 1993, a receita de contribuições de empregados e empregadores, que representava um terço do orçamento do Ministério da Saúde, passou a financiar exclusivamente benefícios previdenciários, deixando a Saúde endividada para bancar despesas de custeio.

Em 1996, o cardiologista Adib Jatene, então ministro da Saúde de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), usou do seu prestígio para obter a aprovação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Mas, de novo, os novos recursos não chegaram à saúde, o que levou o médico a pedir demissão.

Continua na pág. C9

Paciente com Covid-19 no Hospital Municipal Moyses Deutsch, em M'Boi Mirim, São Paulo Lalo de Almeida - 4.jun.20/Folhapress

*Continuação da pág. C8*

Durante a década de 1990, as verbas federais eram instáveis, e o setor dependia de medidas emergenciais e provisórias. A emenda constitucional 29, de 2000, foi criada para estabelecer parâmetros do financiamento, mas só em 2012 uma lei complementar definiu que a União passaria a aplicar, anualmente, o montante correspondente ao valor empenhado no exercício financeiro anterior, acrescido de, no mínimo, o percentual correspondente à variação nominal do PIB. Os estados e o Distrito Federal gastariam, no mínimo, 12% e os municípios, 15%.

Porém, os gastos federais em saúde estão em queda. Em 1991, a União contribuía com 73% do financiamento do SUS. Em 2019, entrou com 43%, segundo a Abres (Associação Brasileira de Economia da Saúde). Neste ano, o orçamento do Ministério da Saúde encolheu 20%, passando dos R$ 200,6 bilhões em 2021 para R$ 160,4 bilhões.

Para Ligia Bahia, da UFRJ, o setor econômico se divorciou definitivamente das políticas sociais e, neste ano de eleições presidenciais, são necessárias propostas concretas dos candidatos para o aumento dos gastos públicos em saúde. "Mas os recursos públicos precisam ser alocados na saúde pública."

Na opinião do médico sanitarista Vecina Neto, da USP, o problema de financiamento não se resolverá nos próximos quatro anos, independentemente do resultado das eleições de outubro, mas é possível otimizar os atuais recursos redesenhando o modelo de gestão.

"Grande parte dos atendimentos fica a cargo de prefeituras que não têm capacidade administrativa para entregar todos os serviços de saúde, e, às vezes, nem a atenção primária", diz o cientista político Miguel Lago, diretor do Ieps (Instituto de Estudos de Políticas de Saúde).

Na contramão de outros países, como a Espanha, que no passado descentralizaram os serviços de saúde em direção às comunidades autônomas (com autonomia legislativa e competência jurídicas próprias), o Brasil optou por um processo de descentralização político-administrativa voltado aos municípios.

Se, por um lado, isso possibilitou um SUS com capilaridade no país todo, por outro, dificultou o trabalho em rede. "A gente vê uma quantidade de prefeitos que são rivais entre si e que não têm motivação política para cooperarem", observa o historiador da saúde Carlos Henrique Paiva, pesquisador do Observatório História e Saúde da Casa Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Além do prejuízo à assistência e de drenar os parcos recursos da saúde, a troca de gestores a cada eleição municipal leva à descontinuidade nas ações de prevenção e de controle de epidemias como de dengue, zika e chikungunya, afirma o historiador Luiz Antonio Teixeira, também pesquisador da Fiocruz.

No campo da assistência, alguns estados têm investido em consórcios regionais de saúde para melhorar a oferta de consultas médicas especializadas em áreas como cardiologia, endocrinologia, urologia, ortopedia e neurologia, um dos grandes gargalos do SUS.

A Bahia, por exemplo, criou 22 policlínicas, que atendem hoje 402 municípios —96% das cidades baianas. Os pacientes são deslocados de uma cidade a outra em microônibus e vans. O estado participa com 40% do custeio, e outros 60% são financiados pelos municípios consorciados.

Vecina Neto é um dos defensores da criação de regiões de saúde com base populacional como forma de melhorar a gestão dos recursos do SUS e da assistência. "Os recursos vão para um conjunto de municípios e estados para fazer a gestão conjunta e decidir onde investir", diz. Para ele, parcerias público-privadas podem ajudar nesse processo.

"Precisamos de mais eficiência na capacidade de comprar, contratar e de criar escala. Não interessa quem faz, interessa o que faz e para quem faz. O estado tem fazer a fiscalização. Sem fiscalização, é natural que existam desvios."

A expansão e a melhoria da qualidade da atenção primária à saúde —tendo como pilar a Estratégia Saúde da Família, conectada aos demais níveis de atenção, como ambulatórios de especialidades e hospitais— também são citadas como caminhos que o SUS deveria perseguir.

No entanto, há problemas ainda mais básicos a serem atacados, como as doenças ligadas às condições de vida da população. "As intervenções na tuberculose, sífilis e câncer de colo de útero continuam tão frágeis quanto no passado", afirma o pesquisador Luiz Teixeira, da Fiocruz.

"Se não melhorar a nutrição e a moradia, não vai se reverter a tuberculose. Se não diminuir o machismo na sociedade, não tem como reduzir a sífilis congênita que está relacionada, principalmente, ao fato de os maridos [portadores da doença] não quererem transar com camisinha. Mulheres com menos estudo são as mais afetadas pelo câncer de colo de útero porque não fazem o Papanicolaou."

**Desde a sua criação, na Constituição Federal de 1988, o SUS nunca teve recursos suficientes para fazer valer os preceitos que o regem: universalidade (direito de todos), integralidade (prevenção, tratamento e reabilitação) e equidade (atendimento de acordo com as necessidades de cada paciente)**

**As consequências do subfinanciamento crônico e da ineficiência na gestão dos recursos são bem conhecidas e traduzidas em dificuldade de acesso, longas filas de espera, falta de medicamentos, entre outros**

Sem resolver a falta de saneamento básico, o país continuará reforçando as desigualdades na saúde, de acordo com o historiador André Mota, diretor do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP. Hoje, quase metade dos brasileiros vive sem acesso à rede de esgoto, e 16% não são atendidos pela rede de água. Um novo marco legal do setor estabeleceu que, até 2033, 99% da população tenha água potável e 90% desfrute de coleta e tratamento de esgoto.

Mota lembra que, há mais de um século, já se sabe que as condições de vida estão intrinsecamente ligadas à saúde da população, mas o país ainda patina nessa questão. "Quantas pessoas morreram de Covid por não terem água para lavar as mãos? A assepsia era uma questão nossa no século 19 e continua até hoje."

Uma das razões, segundo ele, é o fato de o Brasil produzir tecnologias de ponta em saúde, mas elas não chegarem às populações de baixa renda. "Por que na Cidade Tiradentes [zona leste de SP] as pessoas morrem, em média, aos 58 anos, e no Alto de Pinheiros [zona oeste], aos 80? Porque esse raio tecnológico não desce, não perpassa a vida do indivíduo como um direito."

### Herdeiro da Era Vargas

O SUS é herdeiro de várias experiências anteriores, principalmente as que ocorreram na Era Vargas, entre 1930 e 1945. Com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública, em 1930, iniciou-se um período de transformações, especialmente na gestão de Gustavo Capanema (1934-1945). A estrutura de saúde passou a estar em todo o país, e uma rede de serviços começou a ser montada.

"A ideia central da reforma Capanema era a de que a saúde deveria ser organizada com base no território. Ou seja, a maneira como respondemos aos problemas de saúde tem que estar relacionada a questões demográficas e epidemiológicas locais. Parece óbvio hoje, mas foi fruto de aprendizado e um investimento imenso em ações nos anos 1930", afirma o pesquisador Carlos Paiva, da Fiocruz.

Segundo ele, pela primeira vez a política de saúde passou a ser pensada em âmbito nacional, o que estava alinhado com o ideal de nação de Getúlio Vargas. Na prática, o território brasileiro foi dividido em grandes regiões e, em cada uma delas, havia uma autoridade de saúde (delegacias federais de saúde).

Dentro dessas regiões, existiam microrregiões, os distritos sanitários, com centros de saúde. "Digamos que ali estava um certo esboço da atenção primária que a gente tem hoje", diz ele, coautor da obra "Atenção Primária: uma História Brasileira Recente".

Também já exista a compreensão de que as instituições de saúde precisavam se articular e estar integradas, de que os problemas de saúde das pessoas são complexos e de que o percurso do usuário no sistema necessitava uma certa racionalidade. "A ideia era não deixar que as pessoas ficassem zanzando, procurando um local de atendimento. Era um problema dos anos 1930 e ainda hoje não foi todo resolvido", afirma o pesquisador.

Também remonta ao governo Vargas a ideia de que as ações preventivas e curativas de saúde devessem estar integradas institucionalmente. Durante a ditadura militar (1964-1985), contudo, houve uma separação dessas ações. A partir de 1975, a medicina curativa ficou a cargo do Ministério da Previdência, e as ações de saúde pública permaneceram no Ministério da Saúde.

"Isso fortalece uma dualidade institucional na saúde brasileira. O Ministério da Previdência fica com muito mais recursos, e míngua o orçamento para as ações de prevenção", afirma Luiz Teixeira, da Fiocruz.

As políticas de saúde dos tempos imperiais até o final da Primeira República (1930) priorizaram basicamente debelar as epidemias, como o cólera, a febre amarela e a peste bubônica. As questões sanitárias, agravadas com a urbanização das capitais e as condições de vida precárias, geravam surtos de infecções gastrointestinais e doenças transmissíveis como a sífilis e a tuberculose.

"A saúde era importante à medida que não atrapalhasse a economia. Só tinha orçamento se tivesse epidemia. As ações de saúde pública não tinham continuidade para evitar novos problemas", diz Teixeira.

Nesse período, São Paulo construía um projeto de saúde à parte do resto do Brasil. Antes mesmo da Proclamação da República, oligarquias cafeeiras começaram a investir em ações para evitar que as epidemias afetassem a economia. Em 1891, por determinação constitucional, estados e municípios passaram a ser responsáveis pelos cuidados da saúde de suas populações.

"São Paulo acaba fazendo um código sanitário independente do Brasil. A fundação Instituto Butantan [em 1901] e a produção de soro antiofídico vêm a socorrer uma demanda gerada pela chegada dos imigrantes nas fazendas de café no interior, pelas picadas de cobras, aranhas, escorpiões", afirma o historiador André Mota, da USP.

O Brasil entrou nos anos 1900 com as epidemias causando muitas mortes, especialmente de imigrantes. A cidade do Rio de Janeiro era conhecida na época como o túmulo dos estrangeiros.

Iniciou-se, no período, um processo de reorganização com uma meta ambiciosa de reverter a imagem da capital do país e transformá-la na "Paris dos trópicos". Sob comando do engenheiro Francisco Pereira Passos, então prefeito do Rio, ruas foram alargadas e cortiços, demolidos. Os mais pobres acabaram expulsos para os extremos, formando as favelas.

O saneamento da cidade ficou a cargo do médico Oswaldo Cruz, que dirigia o Instituto Soroterápico Federal (hoje Fundação Oswaldo Cruz). Em 1903, ele assumiu também a diretoria-geral de Saúde Pública com a meta de enfrentar as doenças epidêmicas, especialmente a febre amarela, a peste bubônica e a varíola.

As campanhas sanitárias ganharam um caráter militar, e, em 1904, foi aprovada a Lei da Vacinação Obrigatória, desencadeando uma grande manifestação popular que ficou conhecida como a Revolta da Vacina.

Para muitos, a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola infringia o direito à privacidade e à autodeterminação, discursos muito parecidos aos atuais negacionistas da vacina contra a Covid-19. No fim, depois de muita briga, Oswaldo Cruz recebeu várias homenagens no exterior e se tornou herói nacional. ←

Esta é a quinta publicação da série Frente e Verso, que pretende discutir erros e acertos na trajetória do país ao longo de seus 200 anos de independência, assim como indicar as perspectivas de futuro. O primeiro texto, em abril, tinha como tema a economia do país. O segundo, em maio, versava sobre o meio ambiente. O terceiro, em julho, tratava da educação. O quarto, em setembro, comentava a política

'Julgamento de Frei Caneca' (1918), óleo sobre tela de Antonio Parreiras Reprodução

# De noviço a revolucionário

[RESUMO] Frei Caneca foi o principal pensador político do processo de emancipação do Brasil que se desenhou a partir de Pernambuco, saltando do convento para as trincheiras na Revolução de 1817 e na Confederação do Equador, de 1824. Em seus escritos e atos práticos, difundiu a ideia de patriotismo, defendeu uma Constituição que abarcasse uma lista de direitos e se opôs ao despotismo de dom Pedro, o que o levou à morte por fuzilamento

Por ***Heloisa Murgel Starling***
Professora do Departamento de História da UFMG. Autora, entre outros livros, de 'Ser Republicano no Brasil Colônia: a História de uma Tradição Esquecida' (Companhia das Letras)

A cabeleira amarelo-avermelhada era inconfundível. "Sou ruivo", disparou frei Caneca, em meio à polêmica que travou com o jornal A Arara Pernambucana em junho de 1823, para confirmar a ascendência paterna portuguesa —aliás, a avó, Francisca Alexandrina, ganhara o apelido de Ruibaca, em Lisboa, em consequência da ruividão.

A origem materna, porém, estava entroncada desde meados do século 17, entre indígenas e escravizados africanos.

O que se conhece sobre as origens de frei Caneca deve-se a ele mesmo, registrou o historiador Evaldo Cabral de Mello na introdução do volume que reúne seus principais escritos políticos. Difícil saber ao certo quando a investigação genealógica teve início, mas ela não tinha nada de inofensivo; servia bem ao debate público.

Desenrascar o enredo de sua ascendência talvez tenha lhe fornecido, ainda em 1822, algumas das respostas de que precisava para concretizar as bases de um projeto alternativo ao processo de Independência como empresado no Rio de Janeiro: federalista, voltado para a garantia do princípio do autogoverno provincial, ancorado na idéia de pátria e na figura de um personagem de inspiração republicana —o "cidadão patriota".

No dia 6 de março de 1817, antes mesmo de se processar a ruptura com Lisboa, a República foi proclamada na cidade do Recife. A Revolução de 1817 contestou o projeto de Império brasileiro encabeçado pela Corte instalada no Rio e abriu o ciclo revolucionário da Independência.

Em julho de 1824, a Confederação do Equador reafirmou a autonomia de Pernambuco, reimplantou a República, conjurou nova revolução e convidou os vizinhos do Norte a aderirem: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Paraíba.

Foi "A Outra Independência", nomeou Evaldo em seu livro, e frei Caneca era seu mais importante pensador político. A "pátria do cidadão não é só o lugar em que ele nasceu como também aquele em que ele fez sua morada e fixou o estabelecimento", escreveu logo nos primeiros dias de 1822.

Em uma província disposta a conceber e liderar um projeto de soberania para escapar ao controle tanto de Lisboa quanto do Rio e que sustentava uma longa história de hostilidade contra os reinóis, ele estava propondo uma solução inédita em termos de Independência para o então Reino do Brasil: articulou a ideia de pátria, a terra onde se nasce, à cidade onde se compartilha uma vida em comum.

Associar pátria à noção de virtude civil permitiu-lhe convocar a sociedade pernambucana para um pacto histórico. "Patriota" identificava uma pessoa capaz de admitir ser possível compatibilizar a existência de um território nativo e ancestral com o reconhecimento de que o convívio entre os homens demanda a construção de um modo próprio de viver livre numa cultura comum.

Como seria típico de seus escritos, o argumento exige uma tomada de posição imediata e concreta diante da conjuntura política: os portugueses domiciliados em Pernambuco e empenhados em seu progresso, onde tinham família e ofício, eram tão patriotas quanto os naturais da terra —não cabia antagonismo entre eles.

Também deixava claro que isso teria consequências frente ao que estava por vir: Pernambuco era a pátria de direito da comunidade reinol, o lugar onde se estabeleceram e por onde deveriam optar, em caso de conflito com Lisboa ou com o Rio.

Joaquim do Amor Divino Rabello, o frei Caneca, nasceu em 1779, no Recife. Era o primogênito de Francisca Alexandrina de Siqueira e Domingos da Silva Rabelo, um tanoeiro que fabricava e consertava pipas, barris, tinas e, naturalmente, canecas, que o filho iria adotar ao nome quando se ordenou frade carmelita, em 1801, com apenas 22 anos.

Como a Ordem do Carmo oferecia ensino aos filhos de imigrantes portugueses e a carreira eclesiástica seria uma via segura de promoção social, Joaquim se fez noviço.

Era um leitor voraz que transitava entre a matemática e a geometria, a teoria literária e a retórica, a história e o pensamento político. Tornou-se um leitor público, anotou o historiador Denis Bernardes, partilhando e espalhando suas leituras e ideias nas salas de aula —na condição de professor de geometria, retórica e filosofia—, no púlpito da igreja e, naturalmente, nas reuniões e assembleias que se repetiam com intensidade cada vez maior no Recife, sobretudo a partir da Revolução de 1817.

**Frei Caneca detalhou cada um dos ingredientes despóticos que Pedro 1º introduziu na Constituição. O Poder Moderador era 'a chave-mestra da opressão da nação', decerto; mas 'a guarda avançada do despotismo' sustentava-se em duas frentes. Uma na concentração de poderes. A outra na renitente disposição das Forças Armadas para se envolverem em política**

Sua formação política, com as leituras republicanas, foi resultado das disciplinas que cursou no Seminário de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, a instituição de ensino mais inovadora do Brasil no período colonial e polo irradiador do Iluminismo no Nordeste.

A carreira eclesiástica deslanchou bem. O problema eram os interesses de frei Caneca que ultrapassavam, e muito, os muros do convento do Carmo. Havia a relação amorosa que manteve com uma mulher que nunca nomeou e com quem teve uma filha.

E havia a política. Na Revolução de 1817, frei Caneca é um insurgente. Conclamou a população a se levantar contra o domínio português, animou grupos de pessoas em exercícios de tiro praticados no quintal do Convento do Carmo e ingressou nas tropas da República que deveriam marchar para o Norte.

Caiu prisioneiro em território pernambucano na batalha do engenho Utinga. Nos anos seguintes, equilibrou-se entre insurgente, agitador, polemista e pensador político.

Em seus escritos, contudo, nunca se sabe onde começa a palavra e termina a ação, registrou o cientista político Vamireh Chacon na introdução ao livro que reúne os artigos publicados no "Typhis Pernambucano", o jornal que frei Caneca editou entre dezembro de 1823 e agosto de 1824.

Às vésperas da Confederação do Equador, ele alinhavou nas páginas desse jornal o formato final do argumento autonomista que Pernambuco estava construindo desde a Revolução de 1817 para sustentar o projeto político dessa outra Independência.

"Nós estamos independentes, mas não constituídos", escreveu, em 1824. "O Brasil, só pelo fato de sua separação de Portugal e proclamação da sua Independência, ficou de fato independente, não só no todo como em cada uma de suas partes ou províncias; e estas independentes umas das outras. Ficou o Brasil soberano, não só no todo, como em cada uma de suas partes ou províncias."

Uma vez desfeita a unidade do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, a soberania revertia às províncias onde, aliás, deveria residir. Cabia a elas negociar um pacto constitucional com a Coroa, no Rio, ou constituir unidades separadamente sobre o sistema que melhor lhes conviesse.

Em 1823, com a reunião da Assembleia Constituinte, frei Caneca avaliava ser possível pactuar com o Rio a aceitação da monarquia —desde que estivesse garantido o princípio da autonomia provincial na Constituição brasileira.

Pedro 1º, contudo, tinha outros planos. Em novembro de 1823, fechou a Constituinte; em 1824, outorgou ao Brasil uma Constituição. Para frei Caneca, não havia mais volta.

A Confederação do Equador eclodiu em julho de 1824, e ele estava na liderança do movimento revolucionário. Era urgente se dirigir aos brasileiros e às províncias do Norte e frei Caneca publicou uma seqüência de artigos com uma análise notável e algo profética sobre o despotismo.

"A soberania reside na Nação. [...] Como sua Majestade Imperial não é nação, não tem soberania, nem comissão da nação brasileira para arranjar esboços de Constituição e apresentá-los, não vem esse projeto de fonte legítima e por isso se deve rejeitar por exceção de incompetência."

Frei Caneca detalhou cada um dos ingredientes despóticos que Pedro 1º introduziu na Constituição. O Poder Moderador era "a chave-mestra da opressão da nação", decerto; mas "a guarda avançada do despotismo", como ele dizia, sustentava-se em duas frentes.

Uma na concentração de poderes: "se S. Majestade há de ser o chefe do Poder Executivo, como há de ter parte na legislação?". A outra frente na renitente disposição das Forças Armadas para se envolverem em política: "Quando [soldados] pretendem influir nos negócios civis e políticos são despóticos, obstruem os vasos vitais da sociedade, empecem o andamento regular das suas molas, são inimigos da pátria e temerosos aos seus cidadãos".

Como antídoto contra o despotismo, frei Caneca propôs, pela primeira vez no Brasil, os termos para uma Constituição livre que incluísse um catálogo de direitos: liberdade de imprensa, liberdade política, igualdade civil.

O Rio de Janeiro reagiu de imediato. O porto do Recife foi bloqueado, e a cidade canhoneada pelos navios de guerra do almirante Cochrane, o mercenário escocês contratado por Pedro 1º para as operações militares que garantiram a centralização do território brasileiro.

No dia 12 de setembro de 1824, o Recife rendeu-se. Comandado por frei Caneca, o Exército da Confederação tentou resistir. Entrou pelo interior rumo à Quixeramobim (CE), onde havia a esperança de unificar a resistência. Mas não deu tempo: as forças confederadas foram cercadas e derrotadas pelas tropas imperiais já em território cearense.

Após julgamento sumário, frei Caneca foi condenado à forca. Nenhum carrasco se dispôs a cumprir a sentença. Foi então fuzilado a tiros de arcabuz, em 13 de janeiro de 1825, na fortaleza das Cinco Pontas, no Recife. ←

Este texto integra a série Perfis da Independência, que destaca nomes relevantes do período da emancipação do Brasil em relação a Portugal. O texto sobre a imperatriz Leopoldina deu início à série em fevereiro deste ano, seguido dos artigos sobre o jornalista Hipólito da Costa, o aventureiro escocês Thomas Cochrane, Bárbara Pereira de Alencar, primeira presa política do Brasil, José Bonifácio, patriarca da Independência, e dom Pedro, entre outros nomes

# Nesta data querida

O Brasil completa o seu bicenterário totalmente gagá

**Ricardo Araújo Pereira**
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

*As celebrações do duplo centenário do Brasil parecem ter revelado o que muitos temiam: aos 200 anos, o país está gagá. Primeiro, o presidente recebeu no Palácio do Planalto uma víscera vinda de outro continente. Depois, discursou perante uma multidão de apoiadores e se gabou de ser "imbrochável".*

*Apesar de falarmos a mesma língua, em Portugal nós não usamos a palavra "imbrochável", por isso tivemos de recorrer ao dicionário. O que significaria? O que poderia um chefe de Estado estar a se vangloriar de ser, no bicentenário do seu país? Corajoso? Responsável? Sensato?*

*Com alguma surpresa, descobrimos que a palavra queria dizer "aquele que não perde a potência sexual".*

*Mais surpreendente ainda foi o fato de a cerimônia não ter prosseguido com um concurso de arrotos. A psicologia alega ter descoberto que a fanfarronice costuma camuflar uma insegurança, mas não me custa a acreditar que Bolsonaro esteja a dizer a verdade.*

*Todo aquele sangue que manifestamente não está a irrigar o cérebro tem de ter ido para algum lugar. Por outro lado, mesmo antes de enco-miar a sua própria potência, Bolsonaro elogiou a pujança da economia brasileira e afirmou que a inflação "está despencando".*

*Sucede que o IPCA está em 10%, no acumulado de 12 meses. O leite aumentou mais de 60% no último ano. A batata inglesa aumentou quase 70%. Talvez ele se tenha equivocado. É possível que, entre a inflação e a sua própria masculinidade, ele tenha confundido o que continua a subir com vigor e o que já está despencando.*

*O mais irônico, no entanto, é que, quando vejo o vídeo em que Bolsonaro proclama a sua potência sexual, eu perco um pouco da minha.*

*Creio que passarei a chamar aquele momento à memória sempre que me achar, digamos, demasiado entusiasmado.*

*Em resumo, os protagonistas do bicentenário do Brasil foram uma víscera do primeiro chefe de Estado do país e uma extremidade do último. Não se pode dizer que tenha sido uma festa tradicional.*

*Festas de aniversário, sobretudo de aniversariantes de idade de vetusta, como era o caso, costumam ter menos referências a miudezas. Parecia mais uma despedida de solteiro.*

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE

**Tony Goes**
tonygoes@uol.com.br

## Starzplay mostra Samantha Morton como Catarina de Médici em série

**The Serpent Queen**
Starzplay, 16 anos
Aos 14 anos de idade, a nobre italiana Catarina de Médici se casa com o príncipe francês Henrique de Orleans. Na noite de núpcias, ela descobre que o marido é amante de uma dama de companhia, Diane de Poitiers. Assim começa esta série sobre uma mulher que se tornou rainha da França e mãe de três reis, exercendo enorme poder durante décadas. A atriz britânica Samantha Morton encarna o papel principal. Um novo episódio todo domingo.

**Elizabeth 2ª: A Rainha do Século**
Band e Band News, 16h, livre
Adriana Araújo e Eduardo Castro comandam este especial, com a participação de correspondentes na Europa. O programa exibe ao vivo a procissão até a catedral de Edimburgo, onde acontece o velório da monarca.

**Atlético de Madri: Um Outro Estilo de Vida**
Amazon Prime Video, 12 anos
Esta série documental em quatro episódios acompanha o dia a dia do clube espanhol durante um ano, destacando o time masculino, o feminino e os seus torcedores.

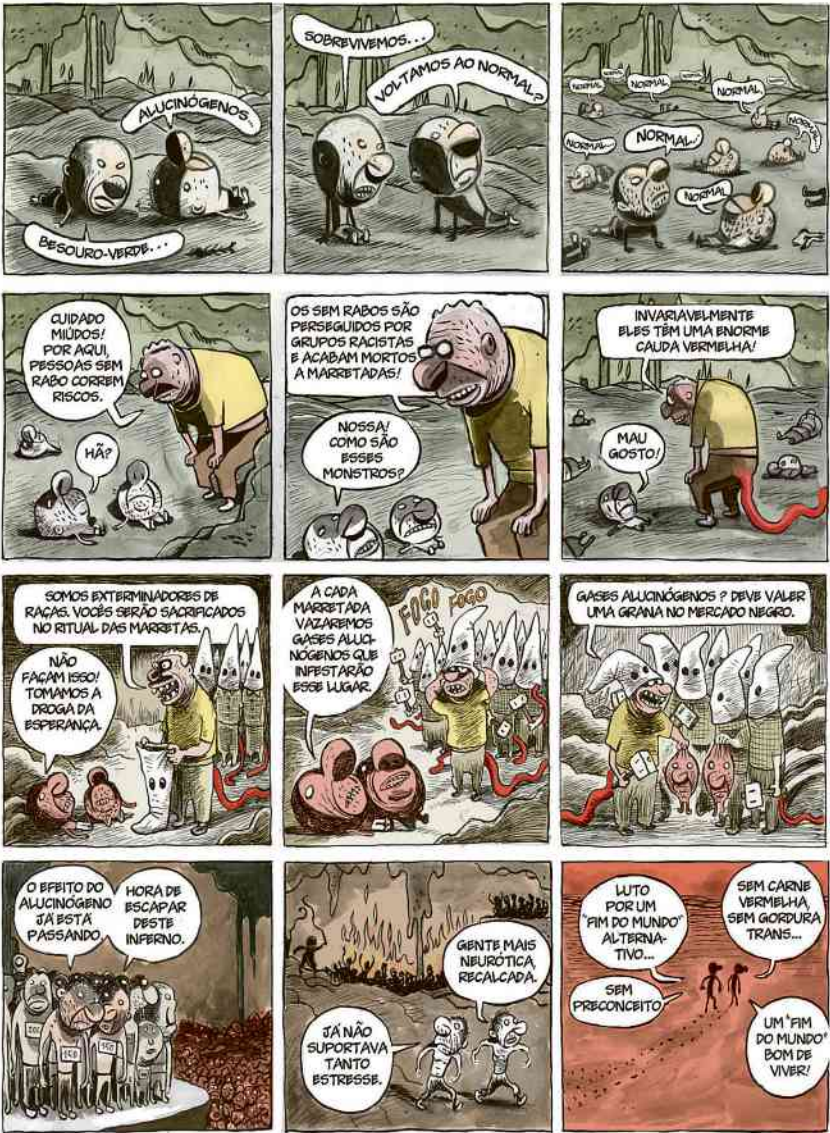
**Chef's Table: Pizza**
Netflix, 16 anos
Ao longo de seis episódios, alguns dos chefs mais renomados do mundo revelam suas inusitadas receitas de pizza.

**Terremoto: a Falha de San Andreas**
Globo, 12h30, 12 anos
Um forte tremor de terra abala a Califórnia, e um bombeiro e sua ex-mulher vão de Los Angeles a São Francisco para resgatar a filha. Com Dwayne Johnson.

**Patrimônio Brasil – Terra e Água**
GloboNews, 21h, livre
Na segunda e última parte do documentário sobre os recursos naturais brasileiros, o jornalista André Trigueiro mostra iniciativas de combate ao desperdício e à escassez de água por todo o país.

**Canal Livre**
Band, 23h30, livre
O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, é entrevistado pelos jornalistas Fernando Mitre e Eduardo Oinegue. O programa conta com apresentação de Rodolfo Schneider.

# QUADRÃO | *Angeli*

KOWALSKI-CODA
ANGELI
9/12

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

## Mika Lins dirige obra premiada de Bosco Brasil

SÃO PAULO Uma leitura do texto "Novas Diretrizes em Tempos de Paz", de Bosco Brasil, com direção de Mika Lins, ocorre no Sesc 24 de Maio nesta terça-feira (13), às 20h. Parte do ciclo 7 Leituras: Verdade?, com direção-geral de Eugênia Thereza de Andrade, a produção terá 60 minutos de duração a entrada é grátis.

A obra, que teve montagem premiada, é uma fábula que homenageia os imigrantes que colaboraram com a formação da cultura brasileira após a Segunda Guerra Mundial.

Para isso, a saga retrata a vida de um polonês que chega ao Brasil disposto a esquecer o horror nazista vivido na terra natal. Decidido a trabalhar como agricultor, ele é barrado na alfândega por um funcionário da imigração.

Apesar de desconfiar do estrangeiro, que chega ao país somente com a roupa do corpo, falando português e sem nenhuma marca nas mãos típica de agricultor, o funcionário propõe um trato: se ele o fizer chorar em dez minutos com sua história, fica. Se não, volta. Dá-se então um embate entre dois.

## Roberto Medina anuncia festival The Town, em SP

RIO DE JANEIRO Responsável pelo Rock in Rio, Roberto Medina recebeu o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, do MDB, para anunciar o lançamento do The Town. Espécie de primo paulista do evento carioca, o festival vai acontecer em setembro de 2023.

Em entrevista coletiva numa estrutura temática do The Town montada no Parque Olímpico, Medina comentou sobre as tensões políticas em curso. Este é o primeiro ano em que o Rock in Rio acontece em período de eleições presidenciais, o que tem se refletido em manifestações do público e de artistas.

"A Cidade do Rock é o Brasil de verdade. A gente é pacífico. No momento difícil que estamos passando, com guerra, estranhamento entre as pessoas, não vamos criar justiça social nesse caminho. A música une."

O The Town terá cinco palcos, um deles dedicado à cultura hip-hop e outro ao jazz, todos inspirados pela arquitetura de São Paulo. O festival será nos dias 2, 3, 7, 9 e 10 de setembro, incluindo dois finais de semana e um feriado. **Lucas Brêda**

INFORME PUBLICITÁRIO

# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

DOMINGO, 11 DE SETEMBRO DE 2022

R$ 9,00